

**A Escala das Coisas – Circulação de Objectos em Redes Migratórias  
Cabo-Verdianas**

**Maria Daniela Filipe Rodrigues**

**Dissertação de Mestrado em Migrações, Interetnicidades e  
Transnacionalismo**

**Março, 2012**

## INTRODUÇÃO

Com este trabalho procuro legitimar uma proposta de análise das migrações contemporâneas através de uma abordagem micro, do quotidiano, incidindo sobre os seus aspectos materiais. Os processos migratórios contemporâneos e os fluxos a eles associados estão inscritos no contexto de um mundo globalizado. Interessa-me analisar as articulações complexas local-global, tendo como estratégia abordagens ao local e à *vida de todos os dias* do migrante transnacional, apresentado como **agente** e veículo de fluxos com base em redes e transacções que envolvem **pessoas, objectos e famílias**.

Estas transacções são enquadradas pelo contexto actual do mundo contemporâneo composto por processos a operar à escala global por onde se movimentam pessoas, mercadorias, capitais, imagens e ideologias que comprimem a noção de espaço e de tempo e intensificam as ligações entre práticas sociais, culturais, políticas e económicas além fronteiras, sustentadas por uma **interacção à distância** (Inda & Rosaldo, 2002). As migrações são indissociáveis das formas hegemónicas desta globalização, sendo resultado de fluxos de capitais, bens e informações centrados no capital económico e em redes hierárquicas de interdependências ao nível do mercado de trabalho. Actualmente, cerca de 214 milhões de pessoas vivem fora do seu local de origem, o que significa que cerca de 3,1% da população mundial é migrante<sup>1</sup>. Não obstante as desigualdades no acesso à conectividade global que implicam a existência de assimetrias ao nível de inputs (Canclini, 2004) ou desvantagens na aquisição de informações, tecnologias e **ítems de consumo**, a ideia binária entre *centros* conectados, geradores, transmissores e receptores de informação e de *periferias* desfasadas destas dinâmicas pode ser complexificada ao admitir a **agencialidade** dos sujeitos e ao perceber as migrações como relações complexas operadas além dos países de origem e de destino. Os migrantes enquadram-se também nos fenómenos da globalização não-hegemónica, enquanto redes complexas de relações que combinam aspectos formais e informais, que ligam a escala micro às forças macro que constroem a acção individual através de fluxos de pessoas, coisas e de capital social

---

<sup>1</sup> De acordo com os dados disponibilizados no site da Organização Internacional das Migrações: <http://www.iom.int/jahia/Jahia/about-migration/facts-and-figures/lang/en> acessado no dia 18.03.2012.

a operar paralelamente. Giddens (2002), que define a globalização como uma intensificação destas relações sociais de alcance mundial, afirma o surgimento de novos agentes sociais na contemporaneidade. Os migrantes transnacionais enquadram-se nesta tipologia pois são agentes de um transnacionalismo que produz uma reconstrução do conceito de lugar agora definido com base nos fluxos dessas pessoas, coisas e famílias (Vertovec, 2009).

A vontade de estudar os mundos migrantes debruçando-me sobre uma componente do seu quotidiano que revele as suas vivências e que os perspetive enquanto agentes activos surgiu durante a minha experiência profissional na área de Migrações e Cooperação para o Desenvolvimento enquanto estagiária numa ONGD, paralela ao início do mestrado de Migrações, Intereticidades e Transnacionalismo em 2009. No âmbito das minhas tarefas diárias enquanto técnica de projectos de cooperação contactei pela primeira vez com literatura sobre migrações orientada para a concepção de projectos candidatos a subvenções da união europeia. Estava a trabalhar no âmbito do projecto Educoddev que se debruçava sobre “a importância dos efeitos positivos que os movimentos migratórios têm para o desenvolvimento do país de origem dos migrantes, do país de destino e dos próprios migrantes”<sup>2</sup>. Aqui constatei que estas abordagens às actividades dos migrantes, na lógica de candidaturas a subvenções e financiamentos, se centravam sobretudo no impacto económico dos migrantes, numa perspectiva de investimento financeiro para o crescimento do país de origem, sendo que grande parte da literatura disponível sobre estes “efeitos positivos” dos migrantes se referia às *remessas* que circulam através destes. Simultaneamente, relatórios do Banco Mundial identificavam necessidades de medir o capital social nas comunidades dos países em desenvolvimento. No entanto, este conceito apresentava-se negligenciado nos estudos sobre o desenvolvimento em geral e sobre as migrações em particular (Harris, 2002)<sup>3</sup>. Nesta altura, ao trabalhar

---

<sup>2</sup> “The Educoddev project started in 2007 with the objective of raising awareness within civil society and immigrant associations about the importance of the positive effects migrational movements have for the development of the migrants’ country of origin, the host country and for the actual migrants. EDUCODEV is carried out in consortium with two other European NGOs: GRDR and GAO. It is funded by the European Union and it is part of INDE’s Migration and Development program.” in [http://www.migration4development.org/content/education-co-%C3%A9veloppement?layout=virtual\\_fair](http://www.migration4development.org/content/education-co-%C3%A9veloppement?layout=virtual_fair)

<sup>3</sup> Autores já referiram a capacidade de aquisição de capital social via envolvimento associativo (Grassi e Melo, 2007) ou as implicações políticas e de integração no país de destino, com ligações entre a

directamente com associações de migrantes na área metropolitana de Lisboa, nomeadamente com a AFAIJE<sup>4</sup>, apercebi-me da frequência do envio de objectos para o país de origem, quer ao nível familiar quer no contexto associativo e comunitário. Percebi que existia uma lacuna de estudos sistemáticos sobre esta dimensão específica das remessas considerada secundária: a da circulação de objectos – no capítulo 1.3 apresento uma síntese do estado da arte do tema em antropologia. Esta dimensão pode ser estudada mais minuciosamente visto ser, como as remessas de dinheiro, produtora e reprodutora de capital social e de redes de relação transnacional das populações migrantes. Do ponto de vista conceptual, a circulação e troca transnacional de objectos aproxima-se mais do conceito da dádiva (no sentido de Mauss, 2001 (1925)) do que o envio de dinheiro. Quando se enviam coisas, há coisas que voltam e relações transnacionais são mantidas ou reconfiguradas. Assim questionei-me se uma investigação à escala micro, com base no método etnográfico centrado nas acções dos sujeitos e seus significados, poderia complementar os estudos sobre as migrações contemporâneas incidindo nas relações entre países de origem e de destino, acrescentando-lhes o espaço transnacional e, como me fui apercebendo ao longo do trabalho de campo, múltiplos países terceiros. Estas relações são mediadas pelo migrante, muitas vezes num contexto familiar, com dimensões simbólicas e estratégicas complexas e abrangentes. As relações transnacionais desenvolvidas através de trocas de objectos podem produzir hierarquizações que avaliem os vários destinos migratórios. Os objectos trocados entre famílias transnacionais contêm em si mensagens sobre a sua origem, manipuladas ou não pelo emissor, compreendidas ou não pelo receptor o que resulta numa avaliação da qualidade de certos nódulos migratórios à distância. As concepções que resultam daqui podem ser motivos de escolha de novos destinos migratórios ou de diferentes expectativas face a familiares consoante o local onde residem.

Constatei que a circulação de objectos nos mundos migratórios não estava sistematizada no âmbito das Ciências Sociais ou estudos em torno das Migrações, embora se assumisse que esta categoria de transferência de recursos é quase universal

---

densidade de redes associativas étnicas e empenho político, bem como a facilidade de contactos com instituições, ONG e partidos políticos no país de destino (Horta e Malheiros, 2005)

<sup>4</sup> Associação dos Filhos e Amigos da Ilha de Jeta AFAIJE - Núcleo de Portugal:  
<http://afaijeportugal.blogs.sapo.pt/>

entre os migrantes. Perante este espaço vazio no estudo das migrações pensei em levar a cabo uma investigação que pudesse desvendar quais as dimensões, na perspectiva do sujeito situado num contexto de transnacionalismo, da circulação destas *coisas*.

Nesse sentido, na parte I deste trabalho apresento uma revisão da literatura sobre o transnacionalismo, perspectivando-o como um conceito central para o estudo dos fenómenos contemporâneos através da análise dos fluxos migratórios das transacções que lhes são inerentes que constroem identidades *from below* e *on the move* (Vertovec, 2003). O transmigrante é apresentado como um agente que contém em si, cria e reproduz fenómenos sociais e culturais nas suas vivências quotidianas transnacionais, nomeadamente no seio familiar. Realço que estas transacções quotidianas dissolvem noções dicotómicas de “sociedades de destino” e “sociedades de origem”, de Local e Global e elenco propostas que afirmam que estas formas complexas de tradução, de recontextualização e de redefinição podem ser abordadas utilizando a noção de *habitus* de Bourdieu (1972, 1979), que permite analisar a produção e reprodução transnacional de cultura, as migrações e a cultura contemporânea. Explanando o conceito, sigo a proposta de Miller (1987) e assumo que o *habitus* pode ser operacionalizado através da observação das suas componentes materiais objectivas. Exponho o processo de “objectificação” e a sua teoria do consumo utilizada para a análise da cultura que encara a *apropriação* de coisas, através da qual objectos e sujeitos se constituem mutuamente, como um processo activo de posicionamento no qual todas as categorias sociais são redefinidas, defendendo assim o consumo de coisas como um indicador objectivo dos padrões do *habitus*. Para utilizar esta estratégia para o estudo do transnacionalismo migrante, ponho-a em diálogo com as ideias de Appadurai (1996) sobre o consumo transcultural realçando o valor circunstancial dos objectos aliado às suas trajectórias. Nesta dimensão, a agencialidade do sujeito é tida como integral para a compreensão da migração de bens, tanto no contexto macro do mercado global, como no contexto micro ao nível familiar e/ ou local, realçando no entanto que ao longo das trajectórias das coisas a distribuição de conhecimentos sobre elas é instável. Enfatizo que o papel dos transmigrantes é central nas reconfigurações de valor contemporâneas. Relembrando que as lógicas de valor contemporâneas estão necessariamente ligadas a

regimes de valor mais amplos definidos por políticas de larga escala, estando os consumos globais integrados em *ethnoscapes* de aspirações globais. Parto assim para a análise dos dados retirados do estudo de caso com o pressuposto que o consumo transcultural é indissociável de outros factores macro aos quais podemos aceder através do estudo da cultura material dos mundos de transmigrantes. Nesse sentido, apresento uma investigação que considera que o estudo das migrações através da sua materialidade e da relação sujeito-objecto enquanto *facto social total* (Mauss, 2001 (1925)) é mutuamente enriquecedor para o dimensionamento de estratégias para a Cultura Material, através da criação de mapas tipológicos de mobilidade de pessoas e coisas, e para o estudo das Migrações perspectivadas pela imersão nas vidas de um conjunto restrito de sujeitos no contexto familiar, tendo em conta as forças macro que as enquadram, propondo uma estratégia de trabalho que interseccione trajectórias de pessoas e coisas.

Assumindo os pressupostos de que os fluxos no contexto globalizado podem ser abordados a uma **escala micro**, através do estudo das migrações e dos modos de vida diaspóricos de um conjunto restrito de pessoas sob o eixo do **transnacionalismo**; que o conceito de **habitus** pode ser útil se operacionalizado para abordar a produção transnacional de cultura com atenção às relações sociais produzidas nas práticas quotidianas onde os **objectos** têm um papel central, elaboro um estudo de caso de cariz etnográfico com um grupo de famílias de migrantes cabo-verdianos a viver na Alta de Lisboa. A parte II deste trabalho explora a metodologia utilizada que, à luz da cultura material como estratégia operacionalizante, procura elaborar um mapeamento dos fluxos transnacionais de pessoas e objectos de forma a revelar dinâmicas e permitir discernir delas significados por entre as grelhas culturais que atravessam, orientando-me pelas questões:

\* **Que objectos** circulam através de e pelos migrantes, por que canais, entre quem, com que motivações, debates, redefinições e constrangimentos?

\* **Sob que critérios** se baseia a *selecção* destes objectos?

\* **De onde vêm e para onde são enviados**, para o país de origem, para outros nódulos diaspóricos?

\* **Quem** está envolvido nestes fluxos?

---

\* **Que consequências** simbólicas e estatutárias resultam do envio destes *objectos transnacionais*?

Neste capítulo justifico ainda a escolha do universo de estudo, aliando o meu conhecimento prévio do terreno à constatação de que as migrações na sociedade cabo-verdiana, com uma grande diversidade interna de experiências consoante o período migratório, nódulos migratórios, ilha de origem, país de destino e diversidade de localidades diaspóricas actuais, são um terreno privilegiado para a abordagem de práticas transnacionais e a Alta de Lisboa um dos centros activos dessas práticas. Neste capítulo teço igualmente considerações metodológicas relativas à especificidade da minha etnografia, contextualizando a forma como acedi aos dados que revelam as múltiplas dimensões de análise dos mundos migrantes através da sua materialidade, apresentadas na terceira parte.

A parte III do trabalho condensa a diversidade de dimensões provenientes da análise dos mundos migrantes em intersecção com os objectos que circulam por entre eles. Começo por apresentar os agentes analisados a partir da história das suas trajectórias individuais e familiares. Procurei fazer, para cada família, um retrato da distribuição da actual rede familiar, entendendo-a como o resultado de um processo cujas narrativas reconstruí. Tive a preocupação de realçar a diversidade de motivações e expectativas face aos projectos migratórios e de retratar as oportunidades e constrangimentos familiares e/ ou sócio-históricos que definiram os seus percursos. Daqui parto para a apresentação dos espaços da etnografia, dando especial relevância às casas. Analiso a casa actual numa relação simultânea com as casas do passado e do futuro, perspectivando-a como um objecto transnacional, por vezes produzida à distância. Através da análise de objectos como televisões, telefones, computadores, fotografias e mesas de jantar com cadeiras à volta demonstro como, para além de um objecto transnacional, estas casas são também tão plásticas quanto a plasticidade das famílias que albergam e têm mecanismos que permitem imprimir na sua materialidade as definições e reconstruções dos laços familiares. A casa é ainda uma arena central para práticas de manutenção de relacionamentos à distância, dado que nela decorrem a maioria das trocas transnacionais. Isto porque os laços familiares à distância estão assentes em trocas de informações, pessoas, coisas e comida que acontecem sobretudo no espaço doméstico. Uma análise da alimentação mostra como nesta

etnografia o “comer em conjunto” está associado ao fazer família e demonstra como esta prática é transposta para o espaço transnacional. A análise da roupa que circula por entre países permite-me fazer reflexões sobre o acesso a uma *ethnoscape* global e a concepções imaginadas dos espaços longínquos. Ao mesmo tempo as informações, também elas imaginadas, mediadas por objectos, podem criar tensões nas relações familiares à distância quando certas expectativas, acerca de objectos, não se concretizam devido a constrangimentos vários. A circulação de medicamentos demonstra a concretização transnacional de cuidados sob o eixo das obrigações associadas a papéis familiares. A circulação de objectos como documentos de identidade, certidões de nascimento e cartas do tribunal demonstra como estratégias, constrangimentos e oportunidades de vivências sob dois ou mais estados nação, com legislações e requisitos específicos, são sustentadas também por fluxos. A circulação destas coisas permite concretizar estratégias de vivências transnacionais de determinados migrantes que oficialmente vivem num estado nação enquanto efectivamente residem e/ ou trabalham noutros países. Ao analisar os canais de envio por onde circulam as coisas da etnografia descrevo condicionamentos específicos para a circulação de objectos relacionados com a sua materialidade, mas também condicionamentos relativos à regulação de fronteiras alfandegárias específicas. Com estes condicionamentos são activadas estratégias como a selecção de objectos enviados com base em critérios como a relação peso/ valor, e ainda práticas de secretismo sobre a circulação de pessoas como forma de evitar situações que possam resultar na solicitação *de outros* para o envio de objectos *para outros*. Termino o trabalho realçando que a troca de coisas na arena transnacional, com as suas características, condicionamentos e estratégias específicas, tem consequências nas práticas de concretização de família e transforma as “famílias” extensas caboverdianas num grupo familiar bem delimitado pelas trocas. Simultaneamente, a manutenção de relações familiares à distância também adquire novas práticas de alargamento, como as relacionadas com a utilização das redes sociais. Percursos migratórios, relacionamentos familiares à distância e circulação de coisas fazem parte de processos dinâmicos em constante transformação. Esta transformação é influenciada por dimensões de escala micro, da vida de todos os dias, que se

relacionam com factores de escala macro como as *ethnoscapes* globais, legislações e regulamentos específicos dos estados nação.

---

## I. Migrações e Materialidade – Análise Micro de Processos Globais

### 1. Migrações e multi-localidade: dinâmicas transnacionais *from below e on the move*.

A grande maioria das abordagens académicas ao estudo das migrações contemporâneas foca as suas dimensões imateriais, tais como normas, atitudes, valores, estratégias, posições e políticas de visibilidade manifestadas no espaço público ou em questões relacionadas com as interações entre os países de origem e as sociedades de destino. Caracterizam destinos e fluxos dos grupos migratórios ou analisam os seus impactos económicos, políticos e demográficos. No entanto, estas dimensões, embora contextualizantes, não permitem perscrutar os impactos mais privados e subjectivos das dinâmicas migratórias (Miller, 2010; Rosales, 2010). As migrações contemporâneas são caracterizadas por diversidades internas. Autores como Appadurai (1996), Portes (1999), Vertovec (2007a, 2007b) e Schiller (2008) contribuíram para a compreensão das migrações enquanto processos contínuos (Gardner 2002) de movimentos e trocas de informações, coisas e pessoas entre localidades múltiplas. O estudo das migrações através de lentes conceptuais que abarquem este transnacionalismo (Vertovec 2007b) passou a analisar não apenas grupos em lugares específicos mas também os processos e práticas que os sujeitos migratórios mantêm além fronteiras, nomeadamente por entre redes familiares. O transnacionalismo é então encarado como “a social process in which migrants establish social fields that across geographic, cultural and political borders” (Glick Schiller, Bash & Blanc-Szanton, 1992) e os transmigrantes, enquanto agentes deste transnacionalismo, são aqueles que “take actions, make decisions, and feel the concerns within a field of social relations that links together their country of origin and their country or countries of settlement (idem)”. Embora esta definição não incorpore necessariamente os não-migrantes com quem os migrantes se relacionam, estes estão necessariamente implicados neste processo (Glick Schiller, Bash & Blanc-Szanton, 1992) que transporta laços familiares, de afinidade, de parentesco e outras obrigações de uma escala local para uma escala global. A proposta de Vertovec para o estudo da complexidade da contemporaneidade passa por uma abordagem aos fluxos

migratórios que lhes são inerentes, revisitando o conceito de diáspora<sup>5</sup> para a compreensão de significados sociais e culturais da multilocalidade e utilizando o transnacionalismo como conceito central para a compreensão de como as identidades globais são afinal construídas *from below* e *on the move*. O transnacionalismo é sustentado por e constitui *as vidas de todos os dias* dos migrantes. Interessa por isso estudar os fenômenos contidos nas práticas transnacionais quotidianas através das quais ligações entre diferentes sociedades são mantidas, renovadas e reconstruídas nos contextos institucionais, económicos ou estatais e nomeadamente nos familiares. O estudo das pessoas em movimento e dos fluxos materiais que circulam através delas pode permitir uma compreensão da contemporaneidade numa abordagem a fenómenos micro, permitindo perscrutar estas dimensões subjectivas, ao mesmo tempo que permite aceder a processos globais. Para o estudo das dinâmicas transnacionais sustentadas por redes de pessoas, mercadorias e famílias, as vivências contemporâneas podem ser alvo de escrutínio incidindo no migrante transnacional enquanto agente que contém em si, cria e reproduz fenómenos sociais e culturais. Um trabalho de proximidade e que aborde quotidianos migratórios dá ainda relevo à “*super-diversidade*” das migrações contemporâneas (Vertovec 2007a) cujos quotidianos, além de condicionados e definidos por perfis étnicos, englobam também diversos perfis etários, de género, diferentes estatutos migratórios, experiências laborais, padrões de distribuição espacial, respostas locais por prestadores de serviços e residentes (Rosales, 2010).

## **2. Como estudar o transnacionalismo migrante: *Habitus* operacionalizado via cultura material.**

O processo migratório e as vivências quotidianas transnacionais incorporam constantemente formas complexas de tradução, de recontextualização e de redefinição. Para isso, a noção de *habitus* de Bourdieu é útil para abordar a produção e reprodução transnacional de cultura, as migrações e a cultura contemporânea. Enquanto uma série de dispositivos e esquemas classificatórios não conscientes que

---

<sup>5</sup> Diáspora enquanto forma social de relação entre grupos étnicos auto-identificados, dispersos globalmente. Identidade diaspórica como dual ou paradoxal, assente em experiências de discriminação, exclusão e identificação como uma herança histórica e consciência da multilocalidade (Vertovec e Cohen, 1999).

peessoas ganham através da experiência que providenciam um repertório para uma acção situada e para a geração de novas práticas, o *habitus* é padronizado historicamente mas estas estruturas não produzem regras mas disposições; não determinações, mas estratégias. É um conceito positivo de estratégia, porque aberto a reajustamentos, e por isso é útil para abordar o sujeito enquanto agente nas práticas transnacionais (Vertovec e Cohen, 1999). Nesta teoria da socialização de Bourdieu (1972, 1979) **as coisas**, sobretudo a ordem silenciosa dos objectos que rodeiam o sujeito ao longo dos seus quotidianos, são um factor chave para a inculcação do *habitus*. Este processo de socialização não é uma aprendizagem passiva de uma grelha de categorizações, embora naturalizada, mas antes um processo activo e rotineiro de constante interacção com objectos. É por isso que para podermos aceder a estes “repertórios de acção” invisíveis, de cariz subjectivo, temos que centrar a nossa observação numa das suas formas físicas, através de uma análise objectiva do mundo das práticas, encarando o mundo material como inseparável dos meios cognitivos da sua apropriação. “O *habitus* permite estabelecer uma relação inteligível e necessária entre determinadas práticas e uma situação, cujo sentido é produzido por ele em função de categorias da percepção e de apreciação; por sua vez, estas são produzidas por uma condição objectivamente observável.” (Bourdieu, 2002 (1972) pág. 96). Metodologicamente podemos **analisar as coisas e a sua apropriação** pela parte dos sujeitos já que “o efeito do modo de apropriação nunca é tão marcante como quanto nas escolhas mais comuns da existência quotidiana, tais como o mobiliário, vestuário ou cardápio, que são particularmente reveladoras das disposições profundas e antigas” (idem, pág. 76). E **situar as escolhas de consumo nas posições valorativas** expressas pelo gosto, enquanto “propensão e aptidão para a apropriação – material e/ ou simbólica – de determinada classe de objectos ou de práticas classificadas e classificantes” (pág. 166). **Enquadrando ainda o objecto apropriado num arsenal de objectos disponíveis susceptível a eventuais mudanças de oferta** via acesso a outros mercados ou vedação a antigos (por exemplo via remessas ou acessos a *scapes* globais) pois “os gostos efectivamente realizados dependem do estado do sistema dos bens oferecidos, de modo que toda a mudança do sistema de bens acarreta uma mudança dos gostos” (idem). No quadro da contemporaneidade, sobretudo no estudo de vivências transnacionais e das migrações, torna-se muito pertinente perscrutar o

que acontece quando entram em jogo novos objectos, quando o acesso a bens é alargado ou restrito ao longo do percurso dos sujeitos. **Que implicações é que novas materialidades incutem nos posicionamentos estratégicos dos sujeitos no espaço social?** Como é que estes objectos transformam e são transformados pelos sujeitos? Adianto para já que depois de uma imersão no terreno reli a *Distinção* de Bourdieu. Foi revelador observar que a maioria dos objectos que circulam através dos migrantes em estudo se enquadram nas tipologias elencadas no livro como as mais susceptíveis a modos de apropriação marcantes: o **mobiliário** (coisas para a casa, para decorar ou construir), **vestuário** (roupa e outros artigos para investimento no corpo) e **cardápio** (bebidas, alimentos, condimentos). Na última parte deste trabalho elaboro uma análise destas categorias associando-as à **manutenção de quotidianos transnacionais**.

### **3. Intersecção de itinerários de pessoas e coisas**

#### **3.1. Cultura material e migrações**

Basu e Coleman (2008) propõem explorar as relações entre mundos migrantes e cultura material, entendendo que estas intersecções permitem repensar abordagens à cultura material e simultaneamente contribuir para estudos mais aprofundados dos fenómenos migratórios. Sendo que a própria natureza da migração é formada em termos de uma materialidade que se refere a mundos e que evoca múltiplas formas de experiência e sensações incorporadas e constituídas pelas interações entre sujeitos e objectos, a intersecção de itinerários de pessoas e coisas é mutuamente constitutiva. Um estudo da materialidade permite **operacionalizar o papel dos artefactos** como *veículos* para o posicionamento social, realçando que o sujeito se posiciona num grupo e se distingue de outro através da apropriação de certas coisas e não de outras, usando o conhecimento que detém sobre elas. As coisas servem e indiciam essa ordem inculcada pelo *habitus* mas podem também originar a sua subversão estratégica. Os objectos e os seus usos revelam hierarquias sociais e em cada contexto leis sumptuárias específicas de regulação, proibição ou de acesso a determinados bens distinguem os sujeitos que os apropriam ou desejam. E através do critério do gosto permitem a criação de relações com outros que partilham os mesmos preconceitos relativamente à natureza “correcta” das coisas. A subtilidade do gosto é central para a definição de práticas e para a descodificação dos significados dos usos. A educação

pode ser uma variável discriminatória, ao que lhe acresce o capital cultural quando a educação se democratiza. Mas podem surgir ambiguidades hierárquicas, sobretudo num contexto de consumo de massas e de acesso aparentemente democrático a um infindável arsenal de bens. E principalmente em territórios transnacionais onde coexistem dois ou mais sistemas de valores e grelhas de significados. Ou quando o mesmo sujeito se relaciona simultaneamente com grupos sociais de capitais culturais diferenciados e transacciona objectos entre estes. Como é que estas ambiguidades subtis são ultrapassadas? Com que estratégias são subvertidas se diferentes signos afastam e denotam pertenças? Assumo assim, na linha de Bourdieu, que os objectos contextualizados têm um papel determinante na reprodução social e são indicadores de diferentes posicionamentos e distinções sociais não estanques e usadas criativa e estrategicamente pelo sujeito na arena social. Realço que ao sujeito migratório contemporâneo é-lhe exigida uma **competência cultural específica**, já que assente em diversas grelhas culturais. A análise dos reajustamentos quotidianos do sujeito transnacional que circula pelas redes de fluxos da globalização pode evidenciar as interpretações criativas do sujeito e as estratégias locais de reposicionamento face aos fenómenos globais.

Uma forma de analisar esta competência cultural específica dos mundos migrantes é operacionalizar o *habitus* objectificado na materialidade das migrações, incidindo numa análise da cultura material e dos consumos, sobretudo nos mais triviais, tendo em mente as ideias de Daniel Miller (1983, 2010), de forma a contribuir com uma ferramenta heurística para o estudo das dimensões subtis e subjectivas das migrações contemporâneas.

### **3.2. Sujeito e Objecto; Materialidade e Cultura**

Daniel Miller (1987) usa o conceito de “objectificação” para construir uma teoria da cultura. Com base hegeliana, permite uma visão processual da cultura, não redutível à análise do sujeito ou objecto mas antes ao produto da relação dialéctica, dinâmica e mutuamente criadora entre estes. A cultura para Miller é a forma retirada de todas as produções sociais. É uma força histórica anterior ao sujeito mas só concretizável por ele, na sua forma de criatividade social e individual. É no concreto do quotidiano, no dia a dia real (objectivo) que os conceitos (subjectivos) ganham sentido

e que a cultura e os sujeitos se recriam mutuamente. A cultura moderna é caracterizada pelo aumento de bens passíveis de serem consumidos, via produção industrial e proliferação dos mercados, mas para Miller os objectos continuam a ser mais do que mercadorias. Marx (1972 (1867)) afirma que a produção em massa é criadora de um estranhamento. Miller segue a proposta Marxista na análise do sistema de produção actual no que toca à alienação provocada pelo afastamento do sujeito da esfera produtiva. Neste sistema, a produção industrializada vê o trabalho como mecanismo de funcionamento de mercado e não como mecanismo de construção de sujeito. Mas enquanto alguns autores, ao analisar o consumo nos parâmetros actuais (por exemplo Baudrillard, 1981, 1988) consideram que o sistema contemporâneo é impossibilitador da criação de identidades, Miller assume que as pessoas continuam a produzir cultura numa relação com a matéria. O autor assume que esta relação é criada através do consumo de objectos adquiridos que permite o uso criativo do produto industrial. Embora nas sociedades capitalistas o sujeito não produza o que consome, recria-se naquilo que escolhe consumir. O consumo de objectos é então factor para o retorno potencial da cultura, única forma de a apropriar. As coisas são apropriadas através do consumo em relação com a materialidade. O consumo é definido pela acção que torna um objecto alienável, isto é, uma mercadoria, num objecto de natureza não alienável, isto é, um artefacto investido de conotações particulares pelo sujeito. E estes criam-se mutuamente. **As coisas em si** são por isso “the visible bit of the iceberg which is the whole social process” (Douglas, e Isherwood, 1996). Isto implica que os objectos têm propriedades sociais e culturais. Enquanto material e indivisível, o objecto em si existe fisicamente, independentemente de qualquer imagem mental formada sobre ele. E possui por isso poder e significado na construção cultural, enquanto ponte entre o mundo mental e o exterior; entre o consciente e o inconsciente. Pese embora a sua forma física permanente, a natureza social do objecto poderá ser, no entanto, constantemente alterada pelo consumo. Os objectos, quando articulados uns com os outros através da pertença (consumo) fazem afirmações físicas e visíveis sobre a hierarquia de valores do sujeito que os apropriou. As coisas são usadas pelo sujeito na construção de universos inteligíveis: “Goods are neutral, their usages are social; they can be used as fences or bridges.” (Douglas e Isherwood, 1996). Mary Douglas, que também inspira o trabalho de Miller, insere o

consumo no âmago do processo social onde os bens materiais actuam enquanto veículos de comunicação. Mas define-o como um acto cuja racionalidade emerge de uma perspectiva que encara o consumo não apenas como uma escolha passiva entre diferentes tipos de bens, mas também entre tipos de relações, entre tipos de sociedades, entre tipos de posições na sociedade, ecoando a *Distinção* de Bourdieu. Assume que os gostos e as preferências dos sujeitos são politizados e têm implicação na definição da identidade, sendo que nesta linha a identidade é considerada “a multiple and contested, discursively constituted through narratives of the self, constructed in relation to socially significant others and articulated through relations with particular people, places and material goods” (Miller, 1998). Através do consumo, o sujeito elabora sínteses continuamente seguindo o conhecimento dos usos dos objectos e a sua adequação aos respectivos contextos, lembrando aqui o *habitus*. Enquadrado no tempo, no espaço, nos recursos e ítems disponíveis, o sujeito usa o consumo para afirmar algo sobre si e sobre as suas pertenças. Estas afirmações podem ser afirmativas, desviantes, resistentes, competitivas, inclusivas ou resultar em exclusão. Consumir é assim um processo activo no qual todas as categorias sociais são constantemente redefinidas, uma produção de diferenciação social que actua sob as directrizes do gosto. O consumo de coisas é por isso indicador dos padrões do *habitus*, devido à forte relação entre o objecto, o seu contexto e o seu lugar no posicionamento e reprodução social. A agencialidade do sujeito coloca o consumo como resultado e ferramenta de um sistema de estratificação social onde os objectos são importantes para o trabalho de dimensão da identidade social, definindo o lugar do sujeito na sociedade em determinado momento. No entanto, uma análise dos objectos em si requer também uma superação de abordagens que os considerem apenas como meramente representativos, de categorização semiótica funcionalista, devido à sua força mutuamente transformadora quando apropriados pelos sujeitos, através do processo de objectificação. Esta forma de pensar o consumo permite aproximar as sociedades contemporâneas das ditas tradicionais ou não capitalistas. No que toca à apropriação de objectos para a produção de identidade, as coisas têm em ambas o mesmo papel do ponto de vista do trabalho social.

Encaro assim o consumo como um fenómeno eminentemente social, relacional e activo (Appadurai, 2003 (1986)). É não só social como implica reciprocidade. O fluxo

de bens de consumo, através de dádivas, contra-dádivas e trocas, pode mostrar um mapa de integração social porque os objectos medeiam relações sociais, sujeitos a julgamentos morais e valorativos, sobre as pessoas que trocam, que dão e que recebem. Esta agência do sujeito é central na análise deste trabalho.

### **3.3. Consumo transcultural: trajectos e significados circunstanciais das coisas**

Ficou claro até aqui que o valor não é uma propriedade intrínseca aos objectos, mas um julgamento feito sobre estes pelos sujeitos. As coisas não têm significados além dos atribuídos pelas transacções, atribuições e motivações humanas. Os significados dos objectos não estão inscritos apenas nas suas formas mas dependem dos seus usos e **trajectórias**. Sejam eles dádivas ou mercadorias, são circunstanciais e por isso mutáveis. Ao circularem no espaço e no tempo, os objectos movem-se por entre diferentes regimes (os códigos ou sistemas, de Baudrillard, 1988 e de Douglas e Isherwood, 1996) de valor. Para Appadurai (1986), o valor e significado do objecto, além da sua componente diacrónica biográfica dependem do seu posicionamento sincrónico conceptual. O objecto rege-se por critérios simbólicos, classificatórios ou morais patentes na grelha cultural em que a coisa se insere e é classificada. Com isto, realça-se a complexidade das transacções que são feitas através de fronteiras culturais, com perspectivas valorativas muito diferentes face aos objectos trocados. Num mundo em que os objectos cruzam e voltam a cruzar fronteiras, a relação entre bens materiais e cultura tem de ser repensada à luz do transnacionalismo. Para a trajectória biográfica das coisas, isto é, para a sua redefinição de significados não estanques, entram em jogo mecanismos de controlo político e estratégico. Leis sumptuárias como o tabu, para a aquisição e consumo de determinado objecto, ou a moda, demarcam discriminações e diferenciação social. Isto significa que a procura é gerada e regulada socialmente e pode ser politizada. Têm grande relevância os agentes da troca e distribuição das coisas. No caso específico do consumo transnacional mediado por sujeitos migrantes, estes influenciam quer o acesso a alguns ítems, os enviados, quer o não acesso a outros que por alguma razão não são remetidos. O **consumo transcultural** implica uma multiplicidade de articulações local-global e é um local por excelência para a transformação do valor, privilegiado para mudanças, desvios estratégicos dos significados e valores dos objectos (Appadurai, 1986). Este

terreno é assim contexto para desvios dos percursos espectáveis das coisas (Munn, 1986; Appadurai, 1986), território privilegiado para a resistência, operacionalização da agencialidade e criatividade. Permitem renegociar políticas de reputação, transformar valores, transmutá-los. Para isto concorre directamente a relação entre conhecimento e mercadorias (realçada por Appadurai, 1986). Se os migrantes são a ponte por onde circulam mercadorias entre sistemas de valor específicos, será muito interessante perceber o seu papel, que é central, no controlo dos *desvios possíveis* e manutenção dos *percursos* através de exclusividades sumptuárias. Relembrando que os consumos estão ao serviço da reprodução social e do estatuto do sujeito e nalguns casos, por extensão, das famílias. Appadurai realça ainda que, embora existam restrições de acesso a algumas coisas, as lógicas de valor de pequenas comunidades estão necessariamente no contexto contemporâneo intimamente ligadas a regimes de valor mais amplos definidos por políticas de larga escala. Os consumos locais estão integrados em *ethnoscapes* de aspirações globais. Nas vivências transnacionais, tal como os sujeitos, os objectos estão em associação contínua com o país de origem e com países terceiros. O migrante vive a sua situação transnacional com o pé em múltiplos sistemas de valor e significados. Os objectos que consome e apreende assumem este carácter mutável e por vezes híbrido. Porque os mesmos objectos, arquitecturas ou paisagens podem actuar enquanto significantes flutuantes, veículos aptos a transportar uma variedade indeterminada de significados, dependendo do contexto em que se inserem ao longo do percurso das coisas e/ou dos sujeitos.

Isto leva-nos a concluir que para compreender como objectos transnacionais são recebidos e apropriados, as relações sociais de consumo têm de ser mapeadas (Howes, 1996). A agencialidade do sujeito é uma dimensão integrante do consumo transcultural e essencial para a compreensão da migração de bens, tanto no contexto macro do mercado global, como no contexto micro ao nível familiar e/ou local. A própria migração implica uma mudança de hábitos corporais e a adaptação a outros lugares com outras materialidades, podendo resultar em novos hábitos de consumo e o acesso a novos nichos económicos (Gardner, 2002) sem no entanto reconhecer de imediato os seus significados nos novos regimes de valor em que estão inseridos. Como salientado acima, o conhecimento sobre os objectos e seus significados é central para que não se criem pertenças ambíguas através do consumo. No consumo em

contextos migratórios encontramos objectos móveis constituídos por pessoas mas também a constituir essas pessoas, enquanto materialidades de performance, onde corpos e objectos se reúnem. (Basu e Coleman, 2008). Enquanto processo, as migrações inserem-se nestes contextos transitórios. E é na materialidade destes mundos móveis *que os sujeitos se modificam*.

#### **4. Migrações e Materialidade – Análise Micro de Processos Globais**

As ideias enumeradas até aqui comportam em si relações entre materialidade e significado, movimento e significado, contexto e cultura. O contexto migratório engloba uma renegociação constante da própria relação entre o material e o não material, através de traduções e justaposições semânticas e performativas que têm sempre uma componente de criatividade. Nesse sentido, o estudo das migrações através da sua materialidade e da relação sujeito-objecto enquanto *facto social total* é mutuamente enriquecedor para o dimensionamento de estratégias para a Cultura Material, através da criação de mapas tipológicos de mobilidade de pessoas e coisas, e para o estudo das Migrações perspectivadas pela imersão nas vidas dos sujeitos no contexto familiar, no detalhe, no nível micro, tendo em conta as forças macro que as enquadram.

## II. Enquadramento Metodológico

### 1. Universo de Estudo

A fase inicial deste projecto implicou pesquisas bibliográficas no que concerne ao seu enquadramento teórico, metodológico e contextual que me levaram a assumir que os fluxos no contexto globalizado podem ser abordados a uma **escala micro**, do local em tensão com o global, do sujeito em articulação com o seu contexto, por entre os fluxos de pessoas, bens e ideias; que a contemporaneidade pode ser abordada através do estudo das migrações e dos modos de vida diaspóricos sob o eixo do **transnacionalismo**; que o conceito de **habitus** pode ser útil se operacionalizado para abordar a produção transnacional de cultura com atenção às relações sociais produzidas nas práticas quotidianas onde os objectos têm um papel central, onde coisas e sujeitos se criam e recriam mutuamente. Perante estas evidências decidi elaborar um estudo de caso de cariz etnográfico. Para empreender uma investigação orientada pelas questões de partida<sup>6</sup> circunscrevi esta investigação ao universo de análise de migrantes cabo-verdianos com práticas transnacionais a residir na Alta de Lisboa. A escolha deste terreno foi um resultado de uma “combination of personal experience and sociological expertise” (Burguess 1984). Para a delimitação do meu universo de estudo comecei por tomar em consideração que as práticas transnacionais “assumem um importante papel de manutenção e intensificação das relações entre os migrantes e o seu país de origem” (Portes 1999) embora a sua concretização varie em intensidade, quantidade e qualidade consoante os migrantes. Podem ser estabelecidas tanto através do contacto físico e comunicacional, como via aquisições simbólicas através do consumo ou através do envio sistemático de remessas e bens, via formal ou informal de forma individual e familiar ou colectiva (associativa/comunitária). E o espaço transnacional dos migrantes pode incluir lugares terceiros ao país de origem e país de destino. Em segundo lugar, dado o curto espaço de tempo disponível para a realização de uma investigação em antropologia no âmbito da tese de mestrado, procurei eleger para análise migrantes com práticas transnacionais regulares e um terreno ao qual eu tivesse um acesso facilitado.

---

<sup>6</sup> Vide pág. 5.

### 1.1. Migrações cabo-verdianas

A complexa história migratória de Cabo-Verde<sup>7</sup> que, além das emigrações forçadas consequentes do regime escravagista, pode ser sistematizada em três fases distintas<sup>8</sup>, resulta com que actualmente grande parte das famílias cabo-verdianas esteja directa ou indirectamente envolvida num processo migratório<sup>9</sup>, com a maioria da população nacional a residir fora do arquipélago, sobretudo na Europa, em países como Portugal, Holanda, França, Luxemburgo, Itália, Espanha e Suíça, nos Estados Unidos e em Angola (Batalha, 2008; Batalha e Carling, 2008, OIM, 2010). Como cada um destes destinos

---

<sup>7</sup> A República de Cabo Verde é um arquipélago constituído por dez ilhas e oito ilhéus que cobrem uma superfície de 4.033 km<sup>2</sup>, localizado a cerca de 500 km da costa do Senegal. As suas ilhas estavam desabitadas até um pequeno grupo de quase exclusivamente homens portugueses, espanhóis e genoveses se instalarem, pouco depois da descoberta do arquipélago em 1456. Estes habitantes e mulheres trazidas da África Ocidental enquanto escravas são a origem da população de Cabo-Verde que ao longo dos 150 após a descoberta foi um importante ponto no trânsito do comércio atlântico de escravos, o que inclui a dispersão forçada pela escravatura de nativos cabo-verdianos. Foi colónia de Portugal até à independência em 1975, altura a partir da qual foi instalado um regime de partido único. Aqui, laços com outras antigas colónias portuguesas na África Ocidental são reforçados, nomeadamente com a Guiné-Bissau, cujas lutas pela independência estiveram intimamente relacionadas. Inicialmente o PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde governou os dois países em simultâneo até em 1980 o partido se nomear PAICV – Partido Africano para a Independência de Cabo-Verde. Este regime de partido único viria a ser substituído pelo multipartidarismo em 1990, com as primeiras eleições em 1991 que elegeram o MpD – Movimento para a Democracia. Esta transição política envolveu uma reorientação da política externa e estratégias para o desenvolvimento. Laços de trocas com Portugal intensificaram-se, realçando uma influência portuguesa em várias esferas da sociedade cabo-verdiana como instituições da sociedade civil e do estado. Foi desenvolvida uma nova identidade regional ao associar-se ao grupo de arquipélagos da Macaronésia, que incluiu os Açores, Madeira, e Ilhas Canárias, estes arquipélagos europeus. Em 2005 foi lançada uma petição à União Europeia para iniciar conversações para a adesão do país à União. Não foi raro, ao longo do trabalho de terreno com imigrantes cabo-verdianos em Lisboa, a evocação destas relações históricas de aproximação ora à África ora à Europa e Estados Unidos como características de uma identidade mestiça específica cabo-verdiana.

<sup>8</sup> (Carreira, 1977) Numa primeira fase, entre 1900 e 1926, o destino foi sobretudo os EUA. Na segunda, de 1927 a 1945, países da América Latina e África, entre os quais o Brasil e a Argentina, por um lado, e por outro, o Senegal, a Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Angola são os principais destinos. Nesta altura Portugal começa a destacar-se como destino migratório. Finalmente, entre 1946-1973, com o declínio da situação económica de Cabo-Verde conjugado com secas graves e o fim do trabalho contratado em S. Tomé e Príncipe, aumenta a pressão migratória e dá-se uma viragem para a Europa que dirige a emigração cabo-verdiana, além de para Portugal, a países como a Holanda, França, Luxemburgo, Itália, Espanha e Suíça.

<sup>9</sup> É também pertinente salientar que Cabo-Verde é actualmente um país de imigração com um stock de imigrantes de cerca de 12.035 indivíduos, correspondendo a 2,4% da população. Dos países de origem dos imigrantes em Cabo-Verde destacam-se Portugal, São Tomé e Príncipe, Angola, Guiné-Bissau, China, Nigéria e Senegal (OIM, 2010).

tem origem em diferentes ilhas do arquipélago<sup>10</sup>, as migrações cabo-verdianas podem ser consideradas como um cruzamento simultâneo de relações entre ilhas-nódulo específicas na origem e cidades-nódulo específicas no destino (Carling, 2001; Góis, 2006). Mas além destas relações por entre pontos localizados, é de acrescentar o aumento de intensidade das migrações internas em Cabo-Verde desde a década de 1990 e o despontar de migrações entre os vários países de destino dos migrantes cabo-verdianos. As migrações cabo-verdianas assumem assim uma transnacionalidade onde outras cidades fora dos países de origem e destino podem ser igualmente centrais. Lisboa, considerando a sua Área Metropolitana<sup>11</sup>, é um dos nódulos mais expressivos deste transnacionalismo<sup>12</sup>, estimando-se<sup>13</sup> que residam em Portugal 22%<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup> A génese das redes migratórias cabo-verdianas actuais dependeu da localização das diferentes ilhas em diferentes rotas das marinhas mercantes europeias e norte-americanas que condicionaram diferentes destinos para a emigração. Rotas específicas conduziram os cabo-verdianos de Brava ou do Fogo para os EUA e os cabo-verdianos de Santo Antão e de São Vicente para a Holanda, por exemplo; A Europa do Norte é um destino frequente para os cabo-verdianos de São Vicente e Santo Antão, Portugal é o destino mais frequente para migrantes de Santiago, os Estados Unidos para as ilhas da Brava e do Fogo, a Itália para as ilhas do Sal, Boavista e São Nicolau.

<sup>11</sup> Desde o século XX que Portugal foi destino para migrantes cabo-verdianos estudarem, viverem ou trabalharem. As migrações cabo-verdianas para Portugal começam a ser significativas na década de 1960. Portugal foi para alguns migrantes um país intermédio de acesso a redes de emigração para outros países. No contexto de trabalhadores convidados, alguns milhares inseriram-se no sector da construção civil, habitando maioritariamente na Área Metropolitana de Lisboa. A partir da década de 1980 a população cabo-verdiana é a mais expressiva dos estrangeiros residentes em Portugal, até 2006 (SEF, 2008). No período da década de 1980 as migrações cabo-verdianas para Portugal são marcadas por processos de reagrupamento familiar ao mesmo tempo que as mudanças referidas no estatuto jurídico-legal transformam trabalhadores convidados em imigrantes laborais, ingressando alguns na clandestinidade (Góis, 2008). Actualmente (dados do SEF de 2009) o stock de estrangeiros residentes em Portugal contabiliza 454.191 indivíduos, dos quais 48.845 são cabo-verdianos.

<sup>12</sup> A par com França (Paris), a Holanda (Roterdão) e os Estados Unidos da América (Nova Inglaterra) e num segundo nível Itália (Roma e Nápoles), Espanha (Léon e Madrid) e o Luxemburgo. (Góis, 2006: 149-151).

<sup>13</sup> Para uma apresentação histórica e demográfica das migrações cabo-verdianas é necessário realçar a fragilidade de dados oficiais sobre a dimensão da população migrante, em particular cabo-verdiana. O cruzamento de dados dificilmente ultrapassa flutuações conceptuais entre estatutos que não são permanentes. Entre outros factores, as mudanças na Lei de Nacionalidade portuguesa, a criação de uma Lei de Nacionalidade cabo-verdiana e o fechamento de fronteiras dos países receptores pós-1973 criaram retroactivamente em Portugal uma comunidade imigrada, tiveram impactos no estatuto de migrantes cabo-verdianos a residir noutros países que não Portugal e impediram a migração legal do arquipélago. Trabalhadores indocumentados, pela sua invisibilidade estratégica, não entram nas estatísticas. Estrategicamente também, muitos cabo-verdianos em Portugal e em países terceiros mantiveram ou adquiriram a nacionalidade portuguesa, contando como portugueses nas estatísticas nacionais e como imigrantes portugueses nas estatísticas de outros países. Outros nacionalizaram-se noutros países de destino. Assim, uma parte significativa de indivíduos que se consideram cabo-verdianos já não tem ou nunca teve a nacionalidade cabo-verdiana (Batalha, 2008; Baganha e Góis, 1999; Góis, 2008; OIM, 2010; SEF, 2009).

dos cabo-verdianos emigrados. Desde o início dos fluxos migratórios cabo-verdianos que lhes estão associadas práticas transnacionais como circulação de bens, dinheiro e informação. A manutenção destas práticas, na sua maioria de **gênese familiar**, varia de acordo com os projectos migratórios e pode depender largamente da existência de capital económico e ser potenciada ou condicionada por mudanças externas ou internas, pelo desenvolvimento de tecnologias de comunicação e transporte. Salienta-se o desenvolvimento da indústria turística no país que diminuiu, por exemplo, o custo das viagens de avião entre Cabo-Verde e a Europa, facilitando actualmente visitas frequentes, por vezes anuais e bianuais, de emigrantes e descendentes residentes neste continente. O desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação implicou que contactos telefónicos diários substituíssem o envio de cartas semanais e de telegramas pontuais (ver figura 1).

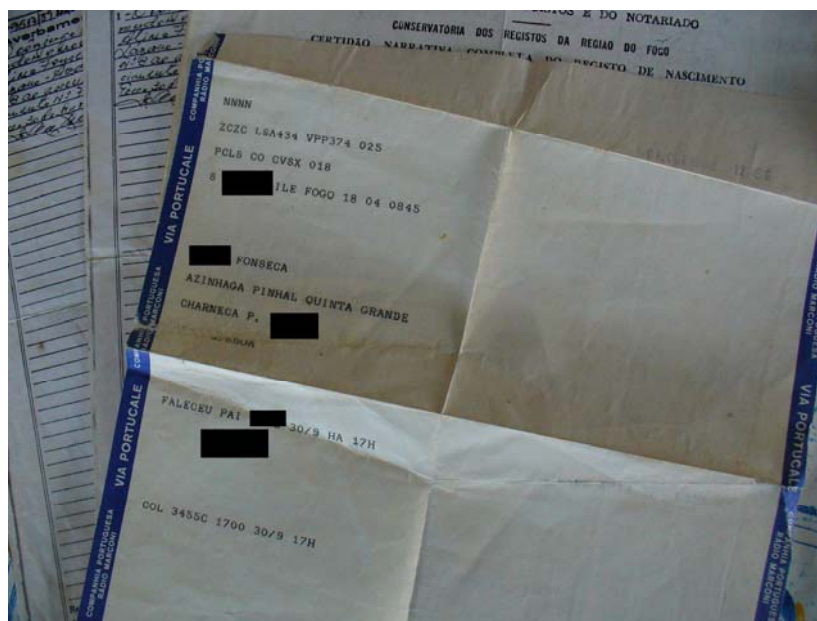


Fig. 1. Telegrama recebido pela Alice, quando Titia na Quinta Grande, enviado pelo irmão Arlindo aquando a morte do pai na Ilha do Fogo. Não se consegue separar do objecto, trouxe-o consigo no período de realojamento juntamente com as certidões do seu nascimento e do casamento dos seus pais.

Ao analisar as histórias da relação dos sujeitos com as tecnologias da comunicação através de uma cartografia das coisas é palpável a mudança diacrónica

<sup>14</sup> Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento em Migrações, Globalização e Pobreza (Development Research Centre on Migration Globalization and Poverty) citado em OIM, 2010.

de relação com a carta, com o telegrama, com o telefone e a forma como estes objectos transformam, recriam ou potenciam a manutenção de relações familiares à distância. A emergência da Internet também transformou as relações transnacionais. Esta foi omnipresente durante o meu trabalho de terreno enquanto veículo de comunicação entre famílias espalhadas por vários países e como recurso para obter informações noticiosas por vezes omitidas pelos *media* portugueses.

A circulação de dinheiro via remessas é tida como a actividade transnacional mais expressiva<sup>15</sup> mas relembro a quase inexistência de estudos debruçados sobre a circulação de objectos que pelo menos ao longo do terreno foi muito mais comum. Como na sua maioria estas práticas transnacionais acontecem no seio familiar<sup>16</sup> não posso deixar de enquadrar as dinâmicas familiares cabo-verdianas.

## 1.2 Dinâmicas familiares cabo-verdianas

O passado colonial de Cabo-Verde assente numa economia escravagista e de plantações e os fluxos migratórios descritos acima deixaram impactos ao nível das práticas familiares actuais. Tal como a família caribenha descrita por Chamberlain (1998), a migração deve ser reconhecida como um elemento central na **cultura familiar** cabo-verdiana que encontrou estratégias para superar a ausência dos seus membros. Em paralelo com a cultura familiar caribenha, a cabo-verdiana tem padrões de conjugalidade múltipla, dá importância às relações de parentesco para o apoio recíproco e hospitalidade e faz reverência aos mais velhos e antepassados. Este sistema reconhece como parentes pessoas com um antepassado comum, do lado materno ou paterno, ainda que resultantes de redes complexas de relacionamentos que muitas vezes incluem relações de compadrio e extensões a amigos próximos da

---

<sup>15</sup> Dado que a emigração faz parte da estratégia governamental para o desenvolvimento económico das ilhas, medidas governamentais cabo-verdianas dirigidas especificamente aos migrantes incluem campanhas de incentivo ao envio de remessas e investimento no arquipélago. Estas medidas potenciam estudos que procuram contabilizar a parte visível desta actividade (as remessas formais) e especulações sobre as formas informais de envio no seio familiar, por vezes desagregadas do país de origem.

<sup>16</sup> Um estudo de Malheiros, 2001 revela que, 74,1% dos cabo-verdianos inquiridos em Lisboa em 1999 e 80% do total dos inquiridos no estudo da Embaixada de Cabo Verde/lese/Geoideia, 1999 declaram possuir parentes no estrangeiro com quem mantinham relações à distância. Os países referidos foram sobretudo os Estados Unidos (17%/ 74% do primeiro estudo; 6,2%/ 80% do segundo), França (55% e 37,4%); e Holanda (23% e 20,9%) mas também o Luxemburgo, Reino Unido, Alemanha, Espanha, Itália, Bélgica, Angola, Austrália, Suíça, Canadá e Brasil. Estes dados são reveladores da existência de redes de base familiar de dimensões transnacionais.

família ou vizinhos. Além das semelhanças com as dinâmicas familiares caribenhas referidas, Trajano Filho (citado em Lobo, 2007) acrescenta que as famílias cabo-verdianas se assemelham também às das sociedades da costa da África Ocidental por ter compartilhado durante muito tempo uma estrutura de reprodução social com os aglomerados mestiços nas margens dos rios da Guiné e por compartilhar atributos estruturais da cultura política das sociedades africanas, ligados à formação e reprodução das unidades sociais. Esta **estrutura familiar flexível** coexiste ainda com um modelo ideal de matizes católicas proveniente da colonização portuguesa.

Estudos que tratam da organização familiar em Cabo-Verde (Lobo, 2007; Évora, 2007; Grassi, 2007; Rodrigues, 2007; Akesson, 2004) salientam como laço fundamental e constituinte do conceito de família cabo-verdiana a relação mãe-filho. Na arena transnacional a este laço é acrescentado um terceiro elemento (Akesson et al, 2012) criando uma lógica transnacional triangular de co-maternidade (“Transnational Fostering Triangle”). Estes exemplos enquadram-se em formas de plasticidade de papéis familiares. Esta plasticidade inclui práticas comuns de co-parentalidade, “*child shifting*” entre avós e tias mas também entre outros familiares ou vizinhos relacionados por apadrinhamento. A movimentação de pessoas, e de crianças em particular, faz parte da dinâmica familiar, por vezes causada pela migração mas muitas vezes anterior a ela. Ao longo do terreno estes exemplos foram encontrados, entre outros, na família da Bia<sup>17</sup>, que enquanto ainda Titia em Cabo-Verde circulava entre a casa da mãe e do tio paterno e quando migrou estabeleceu-se em casa da Tia paterna; na de Cândida, que alojou a sua afilhada em sua casa para lhe garantir acesso à educação em Portugal; na de Joaquim, cujo filho foi dado a cuidar aos seus pais, em Portugal; na de Fábio que quando criança foi dado a criar aos seus avós, ainda em Cabo-Verde.

A plasticidade pré-migratória das famílias cabo-verdianas permite que práticas de co-maternidade transnacional não sejam consideradas desviantes. Ao mesmo tempo, o ideal de “boa-mãe” está relacionado com a capacidade da mãe providenciar aos seus filhos casa, comida, roupas e educação. Estes **aspectos materiais da maternidade** podem ser providenciados à distância através das remessas. Existe, aliás, uma forte pressão moral que garante o envio mais regular de remessas e objectos pela

---

<sup>17</sup> Os nomes dos sujeitos da etnografia foram substituídos por pseudónimos.

parte da mãe ausente. Quando migra, o papel da mãe continua a ser bem claro: “ela escrevia, mandava encomenda, mandava dinheiro e tudo [Graça]”. A oportunidade de providenciar bem-estar material um filho em Cabo-Verde é muitas vezes referida como motivo da migração.

Estas famílias são apontadas como tendencialmente matrifocais assumindo que o homem desempenha um papel marginal na educação dos filhos e na vida familiar. No entanto, ao longo do trabalho de terreno encontrei relatos de exceções a esta tendência. Os homens podem desempenhar papéis centrais na manutenção familiar, ainda que não co-habitem com os seus filhos. A pressão paternal sobre a Bia através de contactos telefónicos a inquirir onde está e com quem – mais do que uma vez por dia – é disso um exemplo contemporâneo. O papel activo que o pai de Graça teve no apoio à sua educação escolar, através de encontros diários para elaboração dos trabalhos de casa e da aquisição de materiais escolares é um exemplo datado no final dos anos 60. Ainda assim, nestes contextos é etnograficamente recorrente (vide estudos citados acima) a observação de mães a criarem filhos dos seus filhos ou irmãs a abrigarem filhos do seu irmão.

Na relação homem-mulher, os parceiros masculinos são tendencialmente considerados como temporários e transitórios, vistos através de concepções culturais de hiper-sexualidade heterossexual biológica cuja masculinidade é construída pela sexualidade activa com múltiplas mulheres. (Rodrigues, 2007). No terreno, alguns discursos de homens e mulheres apontaram este comportamento como mais “de antigamente”. Mas alguns homens, mais novos e mais velhos, confirmaram-me estas práticas sob o chapéu da “natureza” do homem: “homem é como cão, se estiver pleno [Chico]”; “É pá, acho... ó pá, é complicado... não sei se é da cultura mas... é um hábito [risos]. Ou um vício, não sei [Nuno]”. A mesma percepção da masculinidade é partilhada pelas mulheres mais velhas que entrevistei, “é o vício dele [Alice]”. Isto não impede que, aos olhos das mulheres, os seus maridos continuem a ser “bons pais” e “bons maridos”. Encontrei também casos, como os de Jenifer e seu Marido, de Fonseca e mulher, de Amália e do seu marido em que as relações conjugais são baseadas em legitimidade sexual.

Não obstante, muitas mulheres têm mais do que um “*pai d’fidju*”, sem no entanto terem um casamento formal pela igreja ou civil. O casamento é aliás

processual, muitas vezes um casal só se junta passados alguns anos de co-habitação que comprovem que o laço matrimonial, considerado sagrado e com uma cerimónia dispendiosa, não será quebrado no futuro. A Jenifer e o seu marido tiveram esta estratégia, casaram-se 11 anos depois de co-habitarem e de terem 3 filhos. A filha de Maria Júlia, hoje com dois filhos do mesmo pai, ainda está a viver com a sua mãe enquanto pondera com muita calma a possibilidade de se casar com o seu namorado. A relação Mulher - pai de filho pode ser volátil e um grande número de crianças não é educado pelos progenitores. Mas ainda que o contexto seja de volatilidade, atribuições políticas e sociais responsabilizam a mulher pela garantia do futuro dos seus filhos e existem padrões de obrigação dos filhos para com mães, para quem os filhos representam as expectativas de segurança na futura velhice ou respeito social e protecção face a outros homens (Rodrigues, 2007).

As vivências transnacionais por vezes reforçam características da organização familiar referidas – matricentralidade, família extensa como unidade significativa, prioridade dos laços de filiação face à relação conjugal, mobilidade, fluidez da relação com o homem enquanto marido ou pai. Com a migração estas práticas assumem a forma transnacional e a flexibilidade do agregado é reproduzida nos contextos de origem e de destino, onde os agregados podem expandir-se para acolher familiares convidados temporários, migrantes retornados ou parentes que precisam de apoio. (Rodrigues, 2007). Salienta-se como característica das famílias cabo-verdianas a sua componente de mobilidade interna de homens, mulheres e crianças.

### **1.3 Emigração, trocas e formas de fazer família em Cabo-verde**

A migração é muitas vezes um *facto familiar* (Évora, 2007). Segundo Lobo, e como me apercebi ao longo do trabalho de terreno, à primeira vista, não há fronteiras definidas entre aqueles que pertencem à família e os de fora. No entanto, as práticas transnacionais de envio e recepção de objectos delimitam estas pertenças. E permitem observar que existem universos de relações íntimas que acontecem dentro de um grupo bem determinado, apesar de aberto às construções plásticas das práticas quotidianas “porque a família é grande, depois é dividida em bocadinhos. E uns estão cá e outros estão lá. [Telma]” Aqui, o conceito de proximidade, no sentido de “ser relacionado” (“relatedness”) de Carsten (citado em Lobo, 2007), enquanto

perspectiva processual, é útil para caracterizar laços em contínua e estratégica construção pelos actos quotidianos de viver juntos, consumir juntos, conviver no mesmo espaço, trocar. Serve para entender a família cabo-verdiana como ampla por entre espaços de residência comum, vizinhança, amizade, mediada por práticas, onde ser-se parente “é cumprir certos requisitos de solidariedade mútua” (Lobo, 2007). Esta proximidade construída é materializada no dar e receber, em dependências mútuas de trocas materiais, cognitivas e emocionais. Esta autora relaciona directamente a plasticidade das relações familiares cabo-verdianas em contexto de migração com as trocas e consumos. A mobilidade omnipresente – entre casas, povoados, ilhas e países – gera uma situação que denomina de “famílias espalhadas”. Estas famílias espalhadas por vezes por entre espaços transnacionais mantêm práticas de criação de “**proximidade à distância**”. Aqui por vezes a ausência física é mitigada por uma **lógica transnacional de obrigações materiais** (Lobo, 2007). Ao mesmo tempo, os aspectos normativos das relações familiares são decisivos para os tipos e manutenção das transacções entre as migrantes e os familiares (Akesson, 2004). Manter relações através do envio de transacções é uma forma de cumprir as expectativas de “lembrar” quem ficou para trás. Quando estas expectativas não são cumpridas são classificadas como actos de “ingratidão” e relações familiares podem ser esbatidas. O sentimento de pertença está tão ligado à qualidade das relações sociais actualizadas à distância como à permanência num mesmo espaço geográfico. A etnografia de Lobo realça o valor dado à troca de materiais na definição da qualidade da relação. Muitas vezes estas trocas entram na esfera dos **cuidados** à qual está também implicada uma componente de obrigação e reciprocidade e pode ser mediada pelos objectos como veículo de manutenção de proximidade à distância. Nesta esfera, a importância de redes familiares de ajuda mútua tornam-se indispensáveis. **E estas são também actualizadas pela partilha: nas trocas de bens, valores, alimentos, coisas e pessoas.**

A ubiquidade histórica das migrações na sociedade cabo-verdiana, com uma grande diversidade interna de experiências consoante o período migratório, nódulos migratórios, ilha de origem, país de destino e diversidade de localidades diaspóricas actuais, e as especificidades das suas dinâmicas familiares transnacionais intrincadas com a circulação de objectos foi central para a escolha do meu universo de análise,

encarando as migrações cabo-verdianas como um terreno privilegiado para a abordagem de práticas transnacionais e a AML como um dos centros activos dessas práticas<sup>18</sup>. Consciente da minha impossibilidade, dados o tempo e recursos disponíveis, para abarcar toda a AML, e já que, como avanço mais adiante, esta investigação não tem pretensões representativas, circunscrevi o meu terreno a uma área da AML com um número expressivo de residentes migrantes cabo-verdianos e/ou seus descendentes.

## **2. O Terreno: a Alta de Lisboa como circunscrição estratégica**

Nestes parâmetros, o meu “terreno” enquanto “circumscribed area of study which have been the subject of social research” (Burgess, 1984) foi a Alta de Lisboa<sup>19</sup>, contexto a que comecei a ter acesso quando em 2010 integro um projecto<sup>20</sup> na Ameixoeira, território vizinho, que me permitiu ganhar familiaridade com a zona e suas dinâmicas associativas e comunitárias com as quais estive envolvida ao longo de um ano antes do início do trabalho de campo. Conheci o bairro de um ponto de vista

---

<sup>18</sup> Desde o início do fluxo migratório para Portugal que os migrantes cabo-verdianos, tal como a grande maioria da população estrangeira residente, se concentraram sobretudo nos distritos de Lisboa e Setúbal, com cerca de 85% a 90% da população cabo-verdiana total, surgindo o Algarve como segunda região de fixação. Nas décadas de 1970-80 a maior parte estava instalada em bairros de lata na Área Metropolitana de Lisboa. A partir dos anos 90, governo e autarquias, em parte com dinheiro da União Europeia, financiaram a construção de bairros sociais onde vive actualmente a maior parte das famílias de imigrantes cabo-verdianos (Batalha, 2008).

<sup>19</sup> Localizada no sector Norte da cidade, limitada fisicamente pela 2ª Circular, o Aeroporto Internacional de Lisboa e o Eixo Norte-Sul. A Alta de Lisboa não tem divisão administrativa específica. Este território compreende 21 micro-territórios entre as freguesias do Lumiar e da Charneca, separadas pelo Parque Oeste, por entre as quais se verificam trajectórias habitacionais dos residentes ao longo do tempo - devido a programas de realojamento ou aquisição de habitação própria nas zonas de venda livre. Entre estas duas freguesias, as acções dos Contratos Locais de Desenvolvimento são permeáveis e as instituições que integram o Grupo Comunitário da Alta de Lisboa são originárias de ambas, sendo comuns actividades sociais e comunitárias envolverem simultaneamente residentes do Lumiar e da Charneca. A Alta de Lisboa é composta pela área do Plano de Urbanização do Alto do Lumiar que integra os blocos de realojamento construídos ao abrigo do Programa Especial de Realojamento (PER), PER 4, PER 5, PER 6, PER 7, PER 8, PER 9, PER 10, PER 11 e PER 12, dois núcleos de realojamento mais antigos, o Bairro Pedro Queirós Pereira e o Bairro da Cruz Vermelha (PER 1, PER 2, PER 3), o PER 13, que constitui um dos mais recentes núcleos do PER, e uma fracção de edifícios que integram o Bairro Pedro Queirós Pereira e a área denominada de “Charneca Antiga”, composta pelos micro-territórios do Bairro da Cáritas, o Bairro do Reguengo, o Bairro dos Sete Céus, Campo da Amoreiras e parte do Bairro das Galinheiras.

<sup>20</sup> Entre Dezembro de 2010 e Dezembro de 2011 trabalhei com Movimento SOS Racismo enquanto antropóloga e mediadora num projecto que articulava professores, alunos e famílias ciganas da Quinta da Torrinha, com o objectivo de minimizar o insucesso escolar destas crianças ciganas. As famílias com quem trabalhei residiam fora da Alta de Lisboa, mas os seus filhos requentavam escolas e instituições desta área.

institucional o que no entanto foi facilitador para o meu acesso a informantes chave no terreno. Neste período comecei a ter interesse por este contexto e a aperceber-me da sua complexidade, quer nos percursos habitacionais dos residentes quer nas suas origens migratórias. Desde a década de 1960 que este território é alvo de programas de realojamento<sup>21</sup> e no final dos anos 90 constituía a maior área de concentração de barracas e alojamentos precários da cidade de Lisboa até ser aprovado, em 1998, o Plano de Urbanização do Alto do Lumiar<sup>22</sup>. A Alta de Lisboa na sua configuração actual é o resultado de uma operação de regeneração urbana que implicou políticas de realojamento, construção de habitação de venda livre e a integração no tecido urbano e funcional da cidade através de acessos facilitados a transportes colectivos. Esta área é caracterizada por uma heterogeneidade social, com origens geográficas, étnicas e culturais muito diversificadas<sup>23</sup>. Estima-se que 9,6% da população residente tem nacionalidade cabo-verdiana, número que excluiu sujeitos de origem cabo-verdiana nascidos em Portugal e sujeitos nacionalizados portugueses. Aqui, redes familiares e de vizinhança cruzam-se ao longo dos micro-territórios, além das relações transnacionais. Este território permite ainda um prisma sobre a diversidade dos trajectos migratórios cabo-verdianos – um dos objectivos do meu trabalho é um retrato da diversidade, do particular, sem cair em generalismos, embora a sua condição de estudo de caso não tenha, naturalmente, pretensões de representatividade – já que a evolução do tecido urbano da Alta de Lisboa acompanhou o afluxo de redes migratórias provenientes das ex-colónias, nomeadamente de diversas ilhas-nódulo cabo-verdianas, com particular

---

<sup>21</sup> Começa por acolher deslocados da zona de Alcântara, no seguimento da construção das obras da Ponte 25 de Abril. Na década seguinte regista novas fases de realojamento precário de residentes de outras áreas de Lisboa que estão na origem do Bairro Pedro Queirós Pereira (em 1971) e do Bairro da Cruz Vermelha. Acresce-se a concentração no território de população proveniente das ex-colónias que erigiu barracas e habitações precárias nesta área.

<sup>22</sup> A população dos bairros da Musgueira Norte e Musgueira Sul, Quinta Grande, Bairro da Cruz Vermelha, Galinheiras, Quinta da Pailepa e Quinta do Louro sofreu um processo de realojamento que ocorreu maioritariamente entre os anos 2000 e 2001, ao abrigo do qual se registou o total realojamento da população residente em áreas degradadas. Foi neste contexto que foram edificados, de forma faseada, os blocos PER 4, PER 5, PER 6, PER 7, PER 8, PER 9, PER 10, PER 11, PER 12 e PER 13.

<sup>23</sup> A dimensão populacional dos micro-territórios das freguesias da Charneca e do Lumiar compõe um total de 5.033 fogos para uma população residente estimada de 16.994 indivíduos [Fonte: *Alta de Lisboa, Análise da Situação de Partida*, Estudo realizado pelo Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa para o programa k'cidade da fundação Aga-Khan, em 2005. Para este estudo foram inquiridos 25% dos agregados familiares residentes na área de realojamento do Alto do Lumiar (freguesias do Lumiar e da Charneca). Disponível em <http://grupocomunitarioalta.wordpress.com/documentos/>]

expressividade de grupos cabo-verdianos no Bairro da Cruz Vermelha e na Antiga Quinta Grande, condensando no mesmo território narrativas de percursos migratórios com diferentes quadros de condicionalismos histórico-políticos, geográficos e sociais. Ao mesmo tempo, percursos de integração ou trajectórias de exclusão e de demarcação de nível de vida podem ser expressas pelos movimentos habitacionais dos residentes registados por entre os diferentes micro-territórios ao longo do tempo.

Não posso no entanto deixar de frisar que este meu “terreno”, definido estrategicamente por razões operacionais, não deixou de ser fluído. Ao longo do trabalho de campo que procurou observar as relações quotidianas dos meus informantes, não tive constrangimentos metodológicos em acompanhá-los em visitas e reuniões a familiares que aconteceram fora desta zona circunscrita, como em Famões, em Odivelas, ou na Quinta das Conchas.

### 3. Objecto de Estudo: Coisas que circulam

Uma parte considerável dos processos que forjam e sustêm as relações sociais quotidianas transnacionais dos migrantes está objectificada nas **remessas**<sup>24</sup> que circulam além fronteiras. Remessas financeiras, sociais e de **coisas**. A circulação de objectos enquanto remessas nos mundos migratórios não está sistematizada no âmbito das Ciências Sociais ou estudos em torno das Migrações. Existe a constatação que esta categoria de transferência de recursos é quase universal entre os migrantes. Reconhece-se ainda que a complexa relação entre os migrantes e os países de origem dificulta a destriça entre consumo, dádiva e investimento (Tolentino, 2008). Este trabalho propõe-se contribuir para os estudos das migrações e transnacionalismo

---

<sup>24</sup> Na literatura sociológica e económica sobre migrações, as coisas que viajam por intermédio dos migrantes são encaradas como *remessas*. Remessas são definidas pelas Nações Unidas como “ganhos e recursos materiais transferidos por migrantes internacionais para destinatários no seu país de origem” (Meyer, 1998). Podem ser enviadas individualmente, de um migrante para a sua família e amigos ou de forma colectiva, de grupos de migrantes para a mesma comunidade, via associações de migrantes vinculadas à região de origem ou outro tipo de grupos comunitários. Este tipo são mais esporádicas que as contribuições individuais entre familiares e tendem a ser mais baixas (Chimhowu, 2003). *Remessas sociais* também têm de ser tomadas em conta (Levitt: 2001): estruturas normativas, sistemas de prática (incluindo padrões de consumo!) e **capital social**, ou seja, ideias, práticas, valores, atitudes, normas de comportamento, conhecimento, experiência e capacidades mediados pelos migrantes que, consciente ou inconscientemente os transferem dos países de destino para o país de origem. Outra questão implicada nas remessas é a capacidade de, através do envio de dinheiro e de bens, o migrante investir capital financeiro ou simbólico que poderá ser reconvertido em capital social em seu benefício ou das suas redes familiares.

abordando esta prática transnacional inerente aos mundos migrantes, contribuindo com uma descrição densa deste facto social complexo, de dimensões múltiplas mas ainda pouco estudado. Proponho-me analisar esta instância das migrações escrutinando sistematicamente que objectos circulam por entre famílias migrantes com práticas transnacionais, entre quem, com que constrangimentos, debates, expectativas, motivações e impactos.

Nesse sentido, a investigação apresentada incidiu sobre o fluxo de objectos em contexto de transnacionalismo migrante. Procurei abordar a relação sujeito-objecto partindo dos discursos em torno dos objectos e da análise das coisas em si integradas nas suas trajectórias e práticas. Para empreender uma investigação orientada pelas perguntas de partida este estudo de caso debruça-se sobre as coisas enviadas para e recebidas da região de origem e/ou outros nódulos diaspóricos por imigrantes cabo-verdianos com famílias transnacionais residentes na Alta de Lisboa, num dado período de tempo.

#### **4. Considerações metodológicas para o estudo das coisas em antropologia.**

O acto de migrar é indissociável de uma componente física e material, seja a dos “mundos reduzidos a poucos ítems” nas bagagens dos migrantes, a de objectos mnemónicos, da própria materialidade da viagem inscrita no corpo dos migrantes, dos consumos domésticos no país de destino ou origem, à de objectos trazidos e enviados. Na minha investigação vou centrar-me nos **objectos** que circulam através dos migrantes. Para uma análise sociológica das coisas e das suas relações com os sujeitos, Appadurai propõe um “**Fetichismo Metodológico**”, um debruçar sobre as coisas em si, tendo em mente pressupostos teóricos referentes ao carácter circunstancial do valor da materialidade, isto é, um debruçar sobre os seus usos e trajectórias (1986: 3-5). Desde o início da disciplina que os objectos são centrais para a antropologia e já foram apontados como um veículo para os estudos transnacionais: “Studying the transnational mobility of material things is perhaps the oldest genre of transnational anthropology – this, after all, was what diffusionism was in large part about, around the last turn of the century (Hannerz, 1998). Os objectos enquadrados na perspectiva evolucionista do séc. XIX serviam de índices da cultura exótica e “primitiva”, expostos em museus que os descontextualizavam dos seus usos e práticas. Acontece que com a

crítica às posições evolucionistas e a revolução metodológica da observação participante os objectos deixaram de mediar a relação entre o antropólogo e o informante, ao mesmo tempo que o funcionalismo e o estruturalismo declinaram os estudos da cultura material. Miller realça que só uma sub-disciplina da arqueologia, a etno-arqueologia, abordava as relações entre as pessoas e o mundo material. Na década de 1980, Douglas e Isherwood analisaram a função expressiva e simbólica dos bens, mas seguiram premissas durkeimianas pós-estruturalistas ao encarar os objectos apenas como adjuvantes na criação de uma ordem cognitiva baseada em distinções sociais (Miller, 1983). Deixaram para trás **a importância da contextualização das coisas diacronicamente nas suas trajectórias e sincronicamente nos seus usos**<sup>25</sup>. Na etnografia, os relevantes trabalhos de MaLuísowsky (1922) e de Munn (1986) revelam objectos móveis constituídos por e constituintes de pessoas, enquanto materialidades de performance que reúnem corpos e objectos (Miller, 1983). Mas além de esquemas classificatórios museológicos, foram feitas poucas tentativas para tipografar a cultura material, sobretudo quando relacionada com migrações (ver excepção em Cairns, citado em Miller, 1983).

A proposta metodológica de Miller para captar as propriedades sociais dos objectos, consiste, em primeiro lugar, em transcender o relativismo cultural de forma a apreciar o potencial dos objectos, evidenciando o seu cariz objectificante: o mundo material contém em si atributos específicos que não precisam de ser reconhecidos em contextos particulares. É preciso por um lado olhar para **as coisas** em si e elencar as suas propriedades físicas, pois estas, dialecticamente, são partes integrantes do **sujeito**. O sujeito é constituído e constituinte da materialidade. É a relação entre a subjectividade e a objectividade das coisas, via apropriação, que constitui sujeitos e coisas numa relação que é dinâmica e dialéctica. Uma análise centrada nesta relação dialéctica sujeito/ objecto permite aceder a ideais cosmológicos sobre ordem, moral, famílias e as suas relações com a sociedade, num dado contexto, permitindo assim encontrar respostas micro perante factores macro, nomeadamente centradas nos espaços domésticos, um dos lugares de enfoque durante o meu trabalho de campo.

---

<sup>25</sup> Veblen (1899) é a excepção que precocemente articula os usos dos objectos com estratégias de posicionamento de classe em *The theory of the leisure class*, onde o lazer é objectificado pela distância do mundo das necessidades e são os bens materiais que são operacionalizados para enfatizar esse distanciamento.

Sempre reforçando que as coisas têm, além de uma componente comunicacional e simbólica, uma fisicalidade constituinte dos sujeitos que as apropriam.

#### **4.1. Mapeamentos contextualizantes de trajetórias de pessoas e coisas**

Estudos recentes (Burrell 2008; Frykman 2009; Rosales 2009) demonstram que a abordagem etnográfica às relações que migrantes mantêm em redes transnacionais através de objectos constitui uma lente conceptual produtiva. Para a intersecção de itinerários de coisas e de pessoas é necessária uma contextualização precisa, de cariz etnográfico, que permita mediar experiências particulares dos sujeitos migrantes e a sua conjuntura social, económica e política. Com atenção a *grounded perspectives*, perspectivas *emic*, das variedades de materialidades e mobilidades e das relações que existem entre si (Basu e Coleman, 2008). Perante a complexidade de relações sujeito-objecto em contexto de mobilidade, torna-se necessário definir um mapa cuidadoso das tipologias da materialidade e da cultura material, em intersecção com as das migrações, tendo em conta as suas **múltiplas dimensões** enquadradas por factores estruturais económicos, sociais, políticos, mas abordados na perspectiva micro dos migrantes individuais. Empreender uma tipificação e compreensão destes fenómenos requer uma **contextualização densa**, no sentido de Geertz (1989) via um trabalho etnográfico mediador das experiências particulares de sujeitos migrantes e os factores mais vastos que definem as suas acções e disposições. Assim, a componente central da minha investigação é produto de um trabalho de campo de cariz etnográfico para observar as práticas quotidianas, a relação entre sujeitos e as suas coisas, por um lado, ao mesmo tempo que procuro, seguindo um método proposto por Howes (1996), elaborar um **mapeamento de tipologias da materialidade e cultura material enquadradas em tipologias de migração e mobilidade**, encarando a multiplicidade destas dimensões e de interlocutores, intersectando, seguindo Basu e Coleman (2008), as trajetórias dos sujeitos migrantes e as trajetórias das coisas. Perante estas premissas a etnografia realizada foi orientada para a obtenção de descrições dos **sujeitos remetentes e respectiva unidade familiar e trajecto migratório**, com especial enfoque nos seus **discursos**; das **coisas recebidas e enviadas**, a sua materialidade e imaterialidade; dos **canais de envio**, os percursos; dos outros **sujeitos envolvidos nas trocas** contextualizados no grupo familiar.

---

Além disso, para a análise de artefactos é ainda necessário tomar em consideração vários agentes e várias dimensões das coisas, tais como: quais as formas de produção, comércio, lucro, interesses, constrangimentos da manufactura., design, publicidade, interesses e constrangimentos do consumidor que manipula, por sua vez, o significado destas formas através de uma selecção diferencial, usos e associações? (Miller, 1983) Que relações interactivas existem entre forças de produção, distribuição e de consumo? Qual o posicionamento de cada objecto no quadro de uma *ethnoscape global*? Sendo sempre central para a análise, por um lado a aquisição de objectos que são enviados a outros e por outro o consumo de objectos recebidos, os seus usos: quais as relações com os outros objectos e com o sujeito, em que circunstâncias e com que motivações.

#### **2.4.2. Componente simbólica: atenção aos discursos e narrativas**

A atenção aos discursos, aos textos, às narrativas, isto é, às componentes não visíveis da materialidade foi uma estratégia essencial para entender estes fenómenos na sua totalidade (Avery, 2007). Nesse sentido, a **exaustão etnográfica** é complementada com uma **atenção às narrativas** de viagem características das migrações, procurando ouvir os *plots* associados ou não a objectos específicos. Entender as narrativas dos sujeitos e suas relações com as coisas, posicionando-os no seio familiar consoante os seus papéis geracionais e de género, e enquadrando-os no sistema social de classe. Aqui sigo Gardner (2002) e entendo que as narrativas implicam julgamento, organização, transformação e criação de sentidos, ao mesmo tempo que as histórias de vida são expressas através dos corpos e nas performances. Interpretações estas que podem ou não ser expressas em formas particulares, de consequências de visibilidade ou invisibilidade, de consumo público e privado (indumentária, comensalidade). Assim procuro conjugar metodologicamente as dimensões narrativas sobre o mundo, as coisas, o self, do foro linear do consciente, com a análise do material entendendo que a justaposição das coisas é do foro do inconsciente, aprendida de forma metafórica e holística (Miller, 1983, 2010; Douglas e Isherwood, 1979).

#### **5. Escolha dos informantes e o meu papel no terreno**

---

Como adiantei acima ao explicar os porquês da escolha da Alta de Lisboa para fazer trabalho de campo, tinha conhecimentos prévios do terreno, mas estes eram sobretudo ao nível institucional. Reconhecia técnicos das escolas e de algumas ONGs e associações envolvidas com a população do território. Na fase inicial do meu trabalho apoiei-me nestas pessoas para estabelecer os primeiros contactos com informantes chave, solicitando que me apresentassem a cabo-verdianos ou descendentes de cabo-verdianos a residir no território, seguindo o critério de que procurava por sujeitos com um trajecto migratório e com relações familiares mantidas além fronteiras. Ao delinear a investigação como um estudo de caso, não tenho pretensões de que a amostra de informantes seja representativa. No entanto, tive preocupação em contornar reducionismos e evitar generalizações. Assim, procurei ter no grupo de sujeitos pessoas com percursos migratórios, ilhas de origem e composições familiares distintas. Assim entrevistei transmigrantes cujo trajecto migratório está inscrito em diferentes etapas da história das migrações cabo-verdianas, provenientes de diferentes ilhas e com relações transnacionais entre diferentes nódulos migratórios.

Esta diversidade de contextos permitiu-me ter exemplos de dinâmicas a acontecerem por entre os nódulos clássicos das migrações cabo-verdianas, segundo a literatura já citada, mas também apresentar relações com outros contextos particulares, como a Costa Rica ou a Irlanda.

Comecei assim por conhecer, através de técnicos de duas instituições no terreno, duas informantes de dois micro-territórios diferentes, a Bia e a Telma, com quem estabeleci desde logo uma relação empática, que em parte se deveu certamente à nossa proximidade etária. Expliquei-lhes o objectivo da investigação e logo se mostraram disponíveis para participar. Ao mesmo tempo comecei a ter contactos com uma associação de moradores de outro micro-território que percebi estar envolvida em dinâmicas de vizinhança que incluíam famílias cabo-verdianas. Dois dos seus sócios, o Fonseca e o Chico, são transmigrantes de cabo-verde e mostram-se também disponíveis para participar no meu trabalho e para me apresentar a outros vizinhos cabo-verdianos. Daqui, parti para uma selecção de informantes através da técnica de bola de neve, com raízes em três micro-territórios diferentes – os de cada uma das duas primeiras informantes e o da associação. Assim, apesar de inicialmente o meu papel estar associado ao de técnica de projectos, por ter sido apresentada por técnicas

das ONG, o percurso natural da estratégia de bola de neve fez com que esta associação se dissolvesse. Gradualmente, os informantes que me foram apresentados introduziram-me noutras núcleos de socialização de vizinhança e familiares. No total, trabalhei proximamente com 14 sujeitos e nalguns casos com as suas famílias: através da Bia conheci a sua tia Margarida e as suas vizinhas Cândida e Ema residentes no Bairro da Cruz Vermelha; através do Chico conheci a Amália e a Lurdes, suas vizinhas residentes na zona dos Cavalos; através do Fonseca fui apresentada aos seus pais, à Dona Alice e à Dona Maria Júlia. A Dona Maria Júlia apresentou-me à Jenifer, dona de um estabelecimento comercial no bairro. A Telma não me apresentou a mais ninguém, Titia no bairro há pouco tempo e a sua rede de relações circunscrevia-se aos familiares angolanos do seu namorado. As relações que criei a partir daqui foram trabalhadas em diferentes intensidades. Nesta estratégia de escolha de amostras foi usado “a small group of informants who are asked to put the researcher in touch with their friends who are subsequently interviewed, then asking them about their friends and interviewing them until a chain of informants has been selected” (Burguess, 1984). Mas o ambicionado acesso aos espaços domésticos para a realização da minha investigação teve intensidades diferentes, consoante os grupos familiares e a percepção dos vários papéis com que fui identificada ao longo do terreno. “Research roles are constantly negotiated and renegotiated with different informants throughout a research project (...) In addition to issues of gender and personal experience, a number of other overt characteristics of the interviewer are involved in these situations—age, social status, race and ethnicity (...). Such characteristics create an immediate impression of the interviewer and will, in part, place limits on the roles that an interviewer may adopt.(...) In short, researchers who conduct interviews in field research need to consider the extent to which their personal characteristics will influence the practice of interviewing” (idem). Consequentemente, não consegui aceder a alguns espaços domésticos nomeadamente a casa da Telma, do Chico, da Jenifer, do Jaime, do Fábio e do Joaquim. Além das percepções dos meus papéis no terreno, outros factores contribuíram para essa restrição: o facto destes serem espaços de conflito para os sujeitos (A Telma co-habitava com uma cunhada com quem vivia em situação de conflito e o Fábio só utilizava a casa para pernoitar devido a conflitos conjugais) ou por os sujeitos utilizarem outros espaços de socialização,

nomeadamente, quando o interlocutor era um homem, o espaço eleito para a realização das entrevistas era na maioria das vezes o café. Tenho de referir que inicialmente tive muita dificuldade em aceder a discursos masculinos. A estratégia de bola de neve fazia-me depender dos critérios dos meus informantes sobre quem seria “um bom sujeito” para me ajudar. Num primeiro nível, tenho consciência de que fui automaticamente afastada de sujeitos com comportamentos considerados desviantes, como os associados ao tráfico de droga, actividade recorrente na Alta de Lisboa, sobretudo no núcleo do Bairro da Cruz Vermelha. Num segundo nível, por ser mulher, inicialmente fui direccionada para entrevistar apenas mulheres, em suas casas, com a excepção do Chico, mas este foi entrevistado na associação de moradores. Só passados cerca de seis meses após a aproximação ao terreno, quando comecei a envolver-me na associação de moradores com trabalho voluntário de apoio escolar às crianças beneficiárias da associação, é que o meu papel começou gradualmente a ser associado ao de “vizinha” e comecei a aceder a espaços de socialização masculinos. Foi através da Titi, uma são-tomense bastante activa no Espaço Mundo e com fortes relações comunitárias que conheci o Joaquim que depois descobri ser cunhado do Chico. Conheci-o após visitar com a Titi cafés que ela considerara “tipicamente de cabo-verdianos”, no sentido em que era aqui que homens de Cabo-Verde (mas não só) se reuniam para “jogar as biscoas”, ver as notícias, tocar música, beber ponche, grogue, ou vinho. Num destes cafés conheci ainda o Jaime e o Fábio. Nestes espaços realizei algumas entrevistas semi-directivas e conversas informais.

Estas diferentes intensidades de aproximação a cada sujeito não são indissociáveis, nalguns casos, da criação de relações sociais profundas e subjectivas e mesmo a criação de laços de amizade. Contactos mais superficiais contrastam com o aprofundamento, ao longo do terreno, da minha relação com a família da Bia. Foi-me permitida a entrada gradual nas suas dinâmicas familiares mais íntimas, aceder a discursos subjectivos além dos construídos na base dos ideais e politicamente correctos. Tentei estar sempre ciente dos meus posicionamentos no terreno, por vezes ambíguos, simultaneamente insider e outsider. Um dia depois de um encontro em casa da Bia com mais familiares ela acompanha-me à saída do bairro para me falar sobre a sua depressão e como pensa que esta estaria relacionada com questões familiares, profissionais, indentityárias, e expectativas diferenciadas ora enquanto portuguesa, ora

enquanto mulher cabo-verdiana. Neste momento situava-me na zona cinzenta de alguém que conhece de uma perspectiva interna as complexas relações familiares e trajectórias da Bia, ao mesmo tempo que estava numa posição exterior de não familiar. Os papéis variaram, ao longo do terreno, consoante os grupos familiares e as diferentes intensidades. Fui amiga, entrevistadora, professora, voluntária, vizinha, sócia da associação. Chegou a correr o boato no Bairro da Cruz Vermelha que eu era uma investigadora da polícia ou uma técnica da Gebalis – boatos dissolvidos veementemente pela Margarida que justificava a minha seriedade com a minha presença cada vez mais regular em eventos da sua família também fora do bairro, falando de mim como uma amiga. Os dados e narrativas despoletadas ao longo da minha investigação, a sua intensidade e veracidade, foram mediados por estes diferentes papéis e tiveram certamente grande influência nas tipologias de análise expostas na terceira parte deste trabalho.

## **6. O tempo do terreno**

O trabalho de campo decorreu entre Março de 2011 e Janeiro de 2012. Para a definição deste período de tempo contribuiu o início do meu envolvimento no projecto *As Relações Familiares dos Imigrantes em Disputa*<sup>26</sup>, enquanto bolsista, para o qual iria utilizar o mesmo terreno para abordar as práticas e reconfigurações das relações familiares entre famílias migrantes cabo-verdianas com prática transnacional, sendo o envio de objectos em análise neste trabalho parte integrante dessas dinâmicas. O carácter da minha investigação necessitou de um tempo longo. Esta diacronia permitiu observar períodos com intensidades específicas de envio e recepção de bens materiais, tais como as férias do Verão com a circulação de visitas de familiares e vizinhos, viagens à origem pela parte dos sujeitos ou dos seus vizinhos, viagens a outros nódulos migratórios, os aniversários, o Natal. O início do terreno, não obstante os meus contactos prévios que me facilitaram o acesso, foi pautado por dificuldades nomeadamente adiamentos, desmarcações e desistências de encontros com

---

<sup>26</sup> “As relações familiares dos imigrantes em disputa: agencialidades “internas”, debates mediáticos e práticas políticas” projecto coordenado pela Prof. Dr<sup>a</sup> Susana Trovão. Enquanto bolsista deste projecto uma das minhas tarefas foi a de realizar uma etnografia com famílias cabo-verdianas transnacionais para sistematizar e analisar as suas práticas e estratégias de manutenção e/ ou reconfiguração das dinâmicas familiares à distância. Parte dos dados deste trabalho foram obtidos no âmbito das minhas actividades do projecto.

interlocutores devida a natureza do trabalho depender, naturalmente, da sua disponibilidade, do relacionamento empático desenvolvido e da morosidade no acesso ao universo doméstico. Cada adiamento e recusa não deixaram de ter sido tomados em conta como dados etnográficos a enquadrar o carácter transnacional destas famílias: a Dona Indira, senhora reformada que vive sozinha no Bairro da Cruz Vermelha a ser proibida pelo filho em França, via telefone, de me receber em casa, depois do nosso primeiro encontro; o Sr. Alberto, a adiar constantemente encontros após o primeiro devido às visitas constantes de familiares; a Amália que em Agosto foi de férias para a Suíça ter com o marido com quem mantém uma relação conjugal à distância, levando consigo os filhos e acabou por não regressar, estabelecendo-se lá definitivamente, levando-me a interromper o desenvolvimento da pesquisa com esta família. Muitos outros contactos foram iniciados e nunca chegaram a ser desenvolvidos. Perante estes avanços e recuos inerentes às características do terreno, esforcei-me por estar recorrentemente na Alta de Lisboa, balançando as entrevistas e outras tarefas relacionadas com o projecto em que fui bolsista, com as estratégias deste trabalho, intercaladas por visitas pontuais. Procurei aceder a rotinas diárias, e também envolver-me em encontros específicos como picnics e reuniões familiares, festas comunitárias e associativas. Algumas relações entre vizinhos significavam que o ir a uma casa implicasse necessariamente bater à porta da sua vizinha para dizer um olá. Tive de gerir as expectativas das pessoas com quem me envolvi no terreno, nomeadamente mulheres mais velhas reformadas para quem as minhas visitas eram um preenchimento do seu quotidiano, por vezes cobrando visitas mais frequentes e comparando as vezes que as visitava com as vezes que visitava as suas vizinhas, isto no contexto do Bairro da Cruz Vermelha cuja morfologia espacial permite um controlo das pessoas que se movimentam por lá. Nestas circunstâncias, fui muitas vezes convidada para ficar a ver a telenovela, as notícias, para lanchar ou beber café. Estes encontros espontâneos, às vezes espaçados por um mês – dividir-me entre as 14 famílias implicou este espaçamento – resultaram em reaproximações que permitiam perguntar sobre as práticas de remessas que aconteceram durante a minha ausência e aceder a discursos que as perspectivavam ao longo do tempo. E sempre que me deslocuei ao bairro reservei ainda um período de tempo para permanecer num dos três cafés referidos. Um deles, o Papagaio, tornou-se ponto de encontro com os homens que

conheci numa fase avançada do terreno e local para a realização de entrevistas. O dono do café foi muitas vezes intermediário na marcação destes encontros, a sua mulher indicou-me outros sujeitos e apresentou-me a clientes cabo-verdianos que considerava terem “uma boa história” e, ao contrário deste casal de cabo-verdianos que trabalhava das 6h da manhã às 23h seis dias por semana, terem “tempo para essas coisas”. Assim fui direccionada para entrevistar o Jaime, reformado, e o Fábio, trabalhador com horários flexíveis. Contactos prévios realizados com o Neves, por exemplo, não implicaram a continuação do meu trabalho com ele devida a sua pouca disponibilidade, com horários laborais alargados e local de trabalho na Figueira da Foz, pernoitando na Alta de Lisboa apenas ao fim-de-semana.

## **7. Técnicas de recolha de dados**

As visitas ao terreno foram sempre sucedidas da escrita ou gravação de impressões de campo que incluíram descrições dos espaços e objectos envolventes, nomes dos sujeitos que encontrava e tentativas de sistematização das suas redes familiares transnacionais e árvore genealógica, ideias para futuras interacções, contactos e tópicos a desenvolver na pesquisa teórica. Esforcei-me por realizar pelo menos uma entrevista semi-directiva com cada um dos sujeitos participantes, para aceder aos discursos, a componente subjectiva da análise das coisas indicada no capítulo anterior. Estas entrevistas foram também orientadas na obtenção de dados que caracterizassem a história de vida dos sujeitos, incidindo sobre as suas trajectórias migratórias (trajectórias de pessoas e coisas), inserindo-as nas suas redes familiares transnacionais. Foram também antecedidas de encontros prévios que me permitiram ter um conhecimento detalhado de forma a estar preparada para a sua realização “this style of interview cannot be started without detailed knowledge and preparation (...) it is essential to observe people before a detailed conversation can occur (...) detailed knowledge is essential before questions can be framed and before individuals are prepared to give detailed information on their way of life. On this basis (...) it is possible to obtain a series of deep insights into the people’s way of life. (Burguess, 1984). Procurei estar ciente das minhas posições no terreno e pacientemente esperei por momentos certos em que sentisse que se criava um espaço de confiança essencial à realização das entrevistas. O meu envolvimento enquanto voluntária na associação

de moradores fez com que muitas vezes fosse apresentada como “ela é uma amiga, está a ajudar-nos muito lá na associação, tens de a ajudar no trabalho dela também”. Esta minha participação serviu, no prisma dos associados, como uma contraprestação à disponibilidade de muitos dos entrevistados.

Além dos constrangimentos já referidos ao longo deste capítulo, análogos ao trabalho etnográfico, tenho consciência que a maior lacuna para a recolha de dados no terreno é o meu não domínio da língua crioula. Por um lado resultou em brincadeiras em que mulheres mais velhas me tentavam ensinar crioulo, incluindo jargão e inúmeras formas de nomear os órgãos genitais e actos sexuais, expressões para praguejar ou jogos de palavras de cariz ambíguo – sobretudo em reuniões familiares ou comunitárias festivas, de forma a que o distanciamento das nossas relações se esbatesse, num jogo que servia para quebrar o gelo. Também serviu de forma de retomar conversa com outros vizinhos, que vendo-me no café várias vezes iniciavam a conversa comigo “então, já falas crioulo?” ou começavam a falar entre si crioulo a ver se eu compreendia. Com o tempo familiarizei-me com a língua e cheguei a um ponto em que se percebesse qual o contexto da conversa a conseguia seguir, embora respondendo em português. O meu esforço visível, no entanto, foi interpretado como demonstração do meu (real) interesse e respeito pela cultura cabo-verdiana e esta performance ajudou-me a fomentar relações mais empáticas. Grande parte das relações entre cabo-verdianos, no contexto do bairro e familiar, eram mantidas nesta língua mas friso que isto não acontecia em todas as famílias. Nalgumas era estratégico falar português, perante uma percepção de que o crioulo poderia interferir no sucesso escolar dos mais novos.

Outra lacuna de que me apercebi ao cruzar dados do terreno e artigos sobre migrações cabo-verdianas é o facto do contexto da minha investigação, embora contenha transmigrantes com diferentes percursos migratórios e diversas relações transnacionais, não acompanha as novas tendências migratórias cabo-verdianas, nomeadamente a migração de jovens que vêm estudar em Portugal – de quem ouvi no entanto referências: algumas famílias com quem trabalhei receberam em suas casas nos períodos de férias lectivas (nomeadamente nas férias de Verão, Páscoa e Natal) familiares migrados para estudar em Portugal, como é o caso dos sobrinhos da Lurdes, e da Cândida – e uma migração feminina independente. Isto está relacionado com os

tempos dos processos de ocupação dos terrenos da alta de Lisboa e subsequentes etapas de regeneração urbana, como descrito no capítulo II.2.

A investigação teve outras limitações relativamente à empresa ambiciosa de articular trajectórias de pessoas e objectos, de seguir os trajectos das coisas que viajam entre os migrantes transnacionais. Desde logo, o facto de não seguir efectivamente as coisas que viajam. As descrições e discursos sobre as coisas enviadas, a sua selecção para envio e a sua recepção e uso (ou desuso, rejeição) e discursos quando aqui recebidas referem-se apenas a um lado de uma actividade de trocas a que está implicada necessariamente uma reciprocidade. As minhas observações são enviesadas, sempre do ponto de vista do posicionamento dos sujeitos aqui, enquanto receptores ou emissores de remessas de coisas. No final do trabalho desenvolvo tópicos e propostas para alargar os campos desta pesquisa e suprir as suas limitações.

## **2.8. Questões orientadoras do terreno e estratégia de sistematização de dados**

“My problem in seeking research grants is that invariably my only real hypothesis is that I really have very little idea about what I am actually going to find when I go out conduct fieldwork. This hypothesis has always proved correct. In going to live within another community I assume that the most important findings are going to be about things one didn’t even suspect existed before going to live there” (Miller, 2010)

Os dados retirados desta investigação provêm de uma etnografia em que utilizo o trabalho de campo e observação participante para realizar uma descrição densa da componente material das relações transnacionais mantidas entre migrantes cabo-verdianos a residir na Alta de Lisboa, e para um acesso e descrição aos espaços de socialização, domésticos e outros. A estratégia de utilizar métodos qualitativos permitiu-me um contacto próximo com os dados de terreno para uma abordagem fenomenológica que as questões de partida implicam, isto é, uma abordagem que me permita incidir sobre os significados particulares dos sujeitos envolvidos em trocas transnacionais de coisas e sobre a relação dialéctica entre sujeitos e objectos. Parte destes significados estão expressas nas práticas mas a sua componente discursiva também é pertinente. Dados provêm também de entrevistas semi-directivas com

atenção a narrativas sobre as suas histórias de vida, trajectórias migratórias e localização dos seus familiares além-fronteiras, e a discursos sobre objectos enviados e recebidos, suas características, expectativas, imaginações e apropriações. Muitas vezes acedi a material fotográfico para documentar características materiais dos objectos em análise. O objecto fotográfico foi muitas vezes utilizado pelos sujeitos para sustentarem as suas memórias, “apresentarem-me” familiares, mostrarem casas antigas. Esta acumulação de dados e de discursos permitiu-me uma contextualização densa do objecto em análise.

Num primeiro nível preocupei-me em contextualizar os **sujeitos**, objectiva (género, idade, nível de escolaridade, posicionamento(s) de classe percurso migratório) e subjectivamente (aspirações e motivações para migrar, o seu papel no agregado familiar) e quem são os outros protagonistas da circulação e troca de objectos transnacionais, com que frequência os trocam e com que finalidade. Enquadrando-o no seu **agregado e/ou grupos familiares**, descrevendo a sua composição, localização e percursos migratórios, com atenção às suas redes de parentesco mas também de vizinhança e afinidade. No ponto III.1 estão apresentados estes dados. Relativamente aos objectos enviados e recebidos, tive em atenção as suas componentes **materiais** e **subjectivas**, elaborando para cada objecto em circulação uma descrição do remetente e destinatário, do canal de envio, dos discursos sobre o objecto. Sempre que possível inventariei os objectos enviados e recebidos via recolha fotográfica. Após a transcrição das primeiras entrevistas e revisão dos diários de campo elaborei um levantamento dos objectos enviados e recebidos por cada sujeito e família em análise, tendo em conta o emissor, o receptor, a coisa enviada e o canal, tentando fazer um apanhado sobre as suas descrições referentes a motivações, frequências de envio, constrangimentos, julgamentos e posições valorativas.<sup>27</sup>

Numa segunda fase, seguindo um método circular de análise com retroacções recorrentes entre o contexto de descoberta e o contexto de obtenção de resultados, novos tópicos de análise começaram a surgir, perante os dados sistematizados no primeiro nível de análise. Comecei a aperceber-me de recorrências e a ensaiar tipologias, construindo as categorias que orientam a análise no próximo capítulo e definição dos eixos problemáticos a partir da informação recolhida, em casamento

---

<sup>27</sup> Ver sistematização de objectos enviados por famílias em Anexo.

com um aprofundamento da revisão bibliográfica. Voltei ao terreno, desta vez orientando a minha recolha de dados com uma grelha de análise mais sofisticada.

Desta forma procurei sustentar uma teoria engajada em perspectivas provenientes do trabalho etnográfico e sistematização da informação interrelacionada. Esta estratégia permitiu-me compreender **sob que critérios** se baseia a *selecção* de objectos que circulam em espaços transnacionais, enviados para ou recebidos do país de origem ou outros nódulos diaspóricos por imigrantes cabo-verdianos em Portugal com relações familiares transnacionais; **Que consequências** simbólicas e estatutárias resultam da circulação destes *objectos transnacionais*, na perspectiva dos sujeitos; **Que objectos** circulam, por que canais, entre quem, com que motivações, debates, redefinições e constrangimentos; Quais as potencialidades da cultura material enquanto ferramenta heurística como contributo estratégico para descobrir dimensões pouco visíveis das migrações contemporâneas.

### III. Trajectórias de Pessoas e Coisas

#### 1. As trajectórias das pessoas da Etnografia

Seguindo os métodos referidos no capítulo anterior, num primeiro nível da minha estratégia de investigação procurei enquadrar os sujeitos no seu espaço familiar transnacional, tendo em conta o processo diacrónico das trajectórias migratórias e o mapeamento sincrónico das localizações dos membros familiares durante a etnografia. A contextualização das famílias que se segue, no quadro dos seus percursos migratórios, é a rede por onde os objectos considerados no ponto seguinte circulam, criam e recriam significados.

##### i) Trajectórias da Bia<sup>28</sup>

A avó paterna de Bia, a dona Augusta, nasceu na Ilha da Brava. Foi o primeiro elo da cadeia migratória desta família para Portugal. “Não gosta de falar de si mas se falasse teria muita coisa para contar [Bia]”. Teve o primeiro filho e a primeira filha, a Margarida, de diferentes *pais di fidju*. Ambos a abandonaram. Logo após o terceiro homem da sua vida, de quem teve ainda três filhos, a “trocar para se casar com outra rapariga” decide aproveitar a oportunidade de vir para Portugal. Acompanha o regresso a Lisboa, enquadrado pela guerra colonial, da família portuguesa para quem trabalhava como mulher-a-dias em Cabo-Verde. Os seus filhos ficaram na ilha, a cuidado da mãe de Augusta. A pressão social gerada em seu redor – “ficou mal vista, naquela altura, por ser mãe solteira [Bia]”, e as múltiplas desilusões amorosas de Augusta foram factores impulsionadores para a decisão de migrar. Além disso, os seus patrões sempre a tinham tratado “como se fosse família [Augusta]” e na altura em que emigrou já tinha uma rede de relações em Lisboa: duas vizinhas da aldeia, irmãs entre si, que a apoiaram na chegada e que são actualmente aparentadas por via de apadrinhamentos – Margarida, filha de Augusta, é madrinha do neto da Olga, que actualmente reside no Reino Unido, jogador do Manchester United. A Bia trata-as como tias, e à mãe de ambas, que entretanto também migrou para Portugal, como “Vóvó”. “Eu chamo a todas de tias e tios, para mim também fazem parte da minha família [Bia]”. Uma dessas amigas, a Fatinha, tinha chegado a Portugal em 1966, acompanhando a família portuguesa para quem trabalhava desde menina e com quem ainda está relacionada – uma das suas sobrinhas, *prima* da Bia, foi adoptada pela filha da senhora, actualmente anda em “boas escolas e tem a mania que não é cabo-verdiana, ela é mestiça e pensa que as pessoas não notam que tem origem africana apesar de nós parecermos mais mestiças que ela [Bia]”. Em 1969 Olga, junta-se a Fatinha. As três – Augusta, Fatinha e Olga – viveram juntas, em Famões, Odivelas, nos primeiros tempos migratórios de Augusta, até esta ter outro filho em 1975, o seu *codé*, Walter, hoje com 36 anos, e se juntar com o último *pai di fidju*. Actualmente são vizinhas e os seus quotidianos cruzam-se, nomeadamente nas reuniões familiares de fim-de-semana que acontecem numa cave comum ampla da casa de Augusta. É nesta cave que organizam almoços de aniversário, de Natal, de Páscoa e as festas de Ano Novo e Carnaval.

Entretanto, nos finais da década de 70, Margarida, ainda em Cabo-Verde, viajou com um tio paterno

<sup>28</sup> Tal como referido no capítulo metodológico, as aproximações a cada família tiveram diferentes intensidades e conseqüentemente os dados contextualizantes recolhidos variam em quantidade e qualidade. Esta família, a primeira que conheci no terreno, foi a que tive oportunidade de conhecer mais intimamente e de interagir com mais elementos, bem como de aceder a diferentes espaços domésticos (casa da Bia, casa da Augusta, casa da Olga). A descrição destas trajectórias procura enquadrar as redes familiares dos sujeitos com quem interagi, evidenciando as relações entre si. Os dados provêm de entrevistas a Bia e Margarida realizadas e das descrições recolhidas no diário de campo, nomeadamente as que descrevem interacções ao longo do terreno com outros elementos como o Tico, a Olga, a Fatinha, a dona Augusta, a Eveline e a Manela.

para o Senegal com o objectivo de emigrar para casar na América, onde o seu pai estava emigrado: “a família dela também começou a emigrar mas para os Estados Unidos e então iam de Cabo-verde para o Senegal, depois do Senegal para os Estados Unidos [Bia]”. Mas chegada ao Senegal “arranjou filho [Bia]” após reencontrar um amor antigo. Tinha 21 anos. Desta relação nasceram uma menina e em 1984 um menino. Com dois filhos a família paterna proibiu-a de seguir para os EUA “o meu tio disse “não vai para a América. Agora com dois como é que tu vais para a América? (...) o meu pai disse assim “foste arranjar o filho para não vir para a América? Não sei o quê, não sei quê... Agora fica lá! [Margarida]”. Veio então para Portugal, ao encontro da mãe “que é mais que tudo [Margarida]”. Trouxe o filho. A filha mais velha deixou a cuidado de uma tia paterna “muito rica” que a educou. Ela, a Manela, vive actualmente na Parede. Chama “mãe” à Tia e “Margarida” à mãe. Tem uma filha, neta de Margarida “a minha neta, que é a coisa mais linda que eu tenho na minha vida [Margarida]”. Encontram-se pontualmente, mas a Manela não quer que a sua filha passe temporadas em casa da Margarida, “a brincar na praceta com os meninos do bairro [Manela]”.

Chegada a Portugal, Margarida viveu com a sua mãe, o seu padrasto e o seu irmão mais novo. Margarida envolveu-se com o irmão do companheiro da sua mãe, o Luís. “a avó repudiou-a tanto nessa altura, vê que atrevida a Margarida, já viste o que é tu sobrinha do teu cunhado? [Bia]”. “Pronto, depois vivi com ele muito tempo, era muito meu amigo [Margarida]”. Foi com ele, e com o seu filho, que se juntou no Bairro da Cruz Vermelha na Alta de Lisboa, na casa onde reside ainda hoje. Aqui teve mais um filho, com o Luís. Trabalhou na copa de um restaurante, num hotel e como doméstica. Em 1996 os seus dois filhos morreram num grave acidente de viação, o mesmo que incapacitou Margarida para o resto da vida: ficou dependente de cuidados devido a graves fracturas cranianas, uma depressão crónica e ferimentos no braço. Reformou-se por invalidez. Para ajudar a superar a depressão e apoiar nos trabalhos domésticos, pediu ao seu irmão que lhe enviasse uma sobrinha. “E então como ela estava muito dependente ela pediu ao meu pai se eu podia vir viver com ela. E então eu vim, estive primeiro na minha avó depois vim para cá, desde 98 que vivo cá [Bia]”. Margarida criou Bia “como uma filha [Margarida]”.

Bia veio a primeira vez a Portugal em 1996 para ser operada a uma perna. Vivia com a sua mãe e o seu irmão, a sua irmã Evelina, na Ilha da Praia, onde nasceu. Mas foi o seu pai, Tico, filho de Augusta, que a acompanhou. Durante o seu tratamento e recuperação estabeleceram-se em casa de Augusta. A Bia voltou para Cabo-Verde quando recuperou da operação. Tico ficou e, com a ajuda de atestados médicos passados por um médico a quem hoje ainda presta muito respeito, conseguiu voltar a trazê-la com viagens de graça em 1998. É aqui que começa a migração dos outros tios da Bia e mais tarde dos seus irmãos – “a família veio um de cada vez [Tico]”. A Bia estava então no 7º ano em Cabo-Verde mas reingressou no 5º ano em Portugal. Prosseguiu os estudos, com o apoio da tia, com quem vive desde então. Evelina migrou para Portugal em 2006 e juntou-se à irmã. Até então tinha crescido “com a outra parte, não é, com a parte da família da minha mãe [Bia]”. Em 2007 a Margarida enviuvou e não se juntou com mais nenhum homem “olha já andou pessoa atrás de mim que eu já sei. Mas agora eu não quero, porque em cima daquele homem aí não vou por ninguém [Margarida]”. Bia estudou até ao primeiro ano da universidade até desistir por dificuldades em conciliar o trabalho e os estudos. No início do terreno trabalhava como mediadora na escola Pintor Almada Negreiros, em Lisboa. Entretanto foi dispensada e tem feito estágios profissionais relacionados com trabalho social. É líder de uma associação juvenil muito activa na vida comunitária da alta de Lisboa. Sonha viajar muito e conhecer o mundo a fazer trabalho de voluntariado. Gostava de se ter licenciado em Psicologia Social. Sente-se diminuída por não ter a nacionalidade portuguesa e consequentemente não conseguir aceder a bolsas de estudo ou de voluntariado na Europa. Sente-se simultaneamente portuguesa e cabo-verdiana. “quando por exemplo passo o fim-de-semana inteiro a falar crioulo, às vezes custa-me um bocado a pensar em português e às vezes eu tinha aquela crise, não é, de “afinal donde é que eu sou?”... quer dizer, afinal estive mais tempo por cá... estou mais habituada a estar aqui... (...) eu não consigo dizer “olá, sou a Bia, sou cabo-verdiana”. Porque ainda acho que eu não tenho assim uma identidade, não pertença a um sítio específico. Nasci em Cabo-Verde, os meus documentos dizem isso. E vivo agora em Portugal. Mas não me sinto a pertencer mais lá do que aqui. Tenho essa divisão [Bia]”. Além da Evelina e do seu irmão de 23 anos, Bia tem mais “irmãos e irmãs da parte do pai, irmãos da parte da mãe... estão lá em Cabo-verde ainda mas é estranho porque com eles já não tenho assim tanto contacto porque também já em Cabo-verde não tinha [Bia]”. Actualmente a mãe de Bia também está em Portugal, vive em Oeiras. Bia encontra-se com ela de duas em duas semanas e telefonam-se “para aí dia sim, dia não. Mas com a família da minha mãe a relação sinto que é um bocado mais distante, não é? Tenho tios também no Cacém, ali em Oeiras e que já são um bocadinho mais distantes do que estes

que são irmãos do meu pai [Bia]”. Tanto Margarida como Bia consideram que “família mesmo chegada, chegada, está tudo aqui em Portugal [Margarida]” em Famões, em Oeiras e no Cacém. Margarida tem em Portugal a sua mãe, filha, neta, algumas sobrinhas e dois irmãos, um deles o Tico. Em Cabo-Verde está o pai da Margarida e um tio, que constroem lá uma casa mas estão a maior parte do tempo nos EUA. Tem lá “sobrinhos, mas pronto. A minha cunhada já arranhou outro homem mas pronto, é minha família porque é os meus sobrinhos, não é? [Margarida]”. Dois irmãos maternos de Margarida, vivem com as suas mulheres e filhos na Suíça; a sua irmã materna Cláudia vive com o namorado e a filha em França. Têm ainda familiares no Luxemburgo e na República Checa. Nos Estados Unidos Margarida tem um irmão materno, o primeiro *pai di fidju* e quase toda a família paterna: 12 irmãs, 2 irmãos e os seus filhos. Comunica espaçalanente também com um primo que reside na Nigéria.

## ii) Trajectórias da Telma<sup>29</sup>

Telma nasceu em 1984 na Ribeira da Prata do Município do Tarrafal, na Ilha da Praia. Até a sua mãe migrar para Portugal viveu sempre com ela e com o seu irmão materno, cinco anos mais novo. “Sempre os 3, sempre, sempre, sempre”. A partir do momento que esta unidade é dividida a história da migração da família de Telma é por si encarada como traumática e a justificação da sua adolescência marcada por uma certa rebeldia e desaproveitamento escolar. A mãe de Telma envolveu-se com um cabo-verdiano emigrado em Portugal quando este visitava a ilha de férias “vieram para cá e acabaram por se casar. Eu não sei se... às vezes tenho assim um bocado... se aquilo era simplesmente amor ou então porque ele precisava também de alguém que cuidasse dos filhos, visto que a mulher tinha falecido. E a minha mãe precisava também de alguém que cuidasse dos filhos dela, ela era mãe solteira, lá em Cabo-Verde as coisas são complicadas, não há muito trabalho”. Além disso, a migração da sua mãe pode ter sido uma estratégia para proporcionar educação a Telma e ao seu irmão, assim que os conseguisse trazer também para Portugal. Outro factor que pode ter influenciado a sua decisão estratégica de migrar é o facto de a avó materna de Telma já se encontrar à altura emigrada em Portugal. Reside em Vialonga há 40 anos. Numa primeira fase, Telma e o irmão continuaram em Cabo-Verde “mas em casas separadas. Ele ficou em casa dos avós paternos dele, eu fiquei em casa dos meus avós paternos, com o meu pai. E chumbei. Começou logo ali a desgraça. Afastar-me da minha mãe foi logo a minha desgraça”. A reunificação, há 15 anos, foi também bastante problemática. “Cheguei a 15 de Novembro de 96, tinha 11 anos, faltava um mês para fazer os 12, é a idade do armário. Muito complicado, não estava a conseguir mesmo lidar. Desmaiava quase todos os dias, com o stress, depois a minha mãe não sabia como lidar com a situação, fui para a escola. Entretanto foi muito complicado a escola (...) já era mais velha do que os meus colegas da escola o que me deixava muito frustrada também, não tinha os meus amigos, não conseguia fazer amizade nenhuma, revoltava-me com toda a gente, chateava-me com toda a gente, não gostava que ninguém se aproximasse de mim. Até que a minha mãe resolveu que o melhor era pôr-me num psicólogo. O que eu não achei boa ideia mas talvez foi a melhor coisa que ela fez”. Telma voltou a viver com a sua mãe e com o seu irmão mas também com o seu padrasto e seus 3 filhos, em Massamá. Tinha “ciúmes, de estar a dividir a minha mãe com eles”. Mudaram-se mais tarde para o Cacém onde mais uma vez “a adaptação foi um pouco complicada porque eu comecei a ter problemas com a minha saúde, comecei a ter excesso de peso, devido ao facto de não estar a gostar do sítio, não ter amigos, os meus amigos ficaram todos lá [em Massamá]”. A sua migração para Portugal tinha também implicado o afastamento do seu pai que continuou em Cabo-Verde. “Ele era a peça essencial que faltava, apesar de eu nunca ter vivido com ele, mas [em Cabo-Verde] vivíamos num sítio em que eu o via todos os dias”. Da parte do pai, Telma é filha única: “tenho as atenções todas para mim, sou um pouco mimada, acabo por gostar dessa parte”. Até que o seu pai emigra, primeiro para a

<sup>29</sup> Citações extraídas das entrevistas realizadas à Tomásia. As entrevistas foram realizadas em espaços públicos, nomeadamente em dois cafés da Alta de Lisboa. Não tive acesso ao seu espaço doméstico. Tomásia sente-se desconfortável em receber visitas devido à relação conflituosa que mantém com a cunhada com quem co-habita. Também não tive oportunidade de conhecer mais ninguém da sua família. Ao contrário do relato anterior, que foi construindo conjugando várias vozes e dados provenientes da minha observação participante, a história da migração de Tomásia é relatada *sob o seu ponto de vista*. No entanto igualmente pertinente para o mapeamento das redes familiares e para a contextualização das trocas de objectos apresentadas no capítulo seguinte.

Holanda, depois para Portugal. “E... comecei a estar com ele, apesar dele morar um bocado longe de mim, mas via sempre ao fim-de-semana, ia passear seja lá fazer o que for”. Actualmente, após ter recuperado de um cancro no pulmão, o pai de Telma “está lá em Cabo-Verde e está a ser sustentado pela minha avó”. Desde 2006 que Telma já não vive com a mãe. Vive com o namorado, angolano, de quem tem um filho de 4 anos. Vive também com a sua cunhada com quem tem relações conflituosas “Porque eles [a família do namorado] não gostam de mim. Porque eles acham que a ex-namorada do meu namorado é que era o ideal para ele. Porque o meu namorado teve uma filha portuguesa... e eles acham que... de uma certa forma, aos olhos deles devo ter sido eu que estraguei a relação deles”. Telma tem uma família extensa espalhada “a minha família é enorme. Eu tenho família... Holanda então eu perdi a conta da quantidade de pessoas que eu tenho lá. Aqui em Portugal tenho muita gente, tem famílias cá em Portugal que eu não vejo se quer, porque quando vivia com o a minha mãe tinha ligação com todos, depois a partir do momento que eu saí, desliguei-me um bocado das pessoas, também. Pá, não sei, como já tinha vida própria, já tinha mais responsabilidades, tipo... deixei de entrar em contacto com as pessoas, não ligava tantas vezes, já não ia visitar.” Mas com quem mantém relações, presenciais ou à distância, além do seu filho e namorado é com a sua mãe, actualmente emigrada em Espanha. “A minha mãe liga-me todos os dias, aquilo é um massacre, sempre foi. Eu saía e ia passear e lá estava ela a ligar “a que horas vens, a que horas chegas”; com o seu irmão, que migrou para Inglaterra e lá mora com a sua namorada e uma filha de 4 meses; com a sua avó materna, que só conhece desde que está em Portugal mas com quem fala todos os dias e se encontra regularmente para almoçar, nomeadamente aos fins-de-semana, altura em que se desloca, sempre que pode, à sua casa de Vialonga; e com o seu pai, que vive em Cabo-Verde com a avó paterna de Telma “com ela falo uma vez por mês, cada vez que eu falo ela chora, cada vez que eu ligo ela pergunta, as conversas são sempre as mesmas “quando é que eu vou, quando é que eu não vou, quero conhecer o bisneto, quero isto, quero aquilo, para mandar fotografias”, e com tios paternos. Tem ainda um tio que vive na Holanda “eu desabafo com ele, digamos... ele é assim um porto de abrigo às vezes quando eu tenho assim algumas coisas com a minha mãe, ele está ali intermédio, ele sabe ver as coisas. Como eu já disse, eu e a minha mãe picamo-nos muito, ele consegue ali acalmar as coisas, eu falo muito com o meu tio”. Tem ainda outro tio materno que vê regularmente. Ele vive em Espanha, perto da mãe. Desloca-se muitas vezes de carro até Lisboa, por vezes traz a mãe de Telma consigo ou encomendas que ela envia.

### iii) Trajectórias do Chico<sup>30</sup>

Chico nasceu na Ilha da Brava em 1962. Vivia com a mãe, solteira, uma irmã e dois irmãos de diferentes *pais di fidju*. “Da minha mãe somos quatro”. “Só um pormenor. Eu nasci no dia em que o meu pai casou com a outra mulher”. A sua mãe, originária da Ilha do Fogo, migrou para a Brava muito nova. “Ela não se sente do Fogo”. Chico completou o ciclo preparatório “numa escola de padres, graças aos padres” com práticas de maçonaria e tipografia. Valoriza muito a sua educação, em casa e na escola – “está a ver, a regra é aprender” – e considera que foi essencial para o desenvolvimento do seu percurso migratório. “Aprendi tudo, a minha mãe me ensinou tudo. Passar a ferro, cozinhar, lavar, tudo. Tudo, de criança”. Parto uma perna de um banco e não tenho problema em consertar. Aprendi na altura. (...) Quando emigrei, isso me ajudou muito”. A primeira pessoa a emigrar da sua família “a nível de irmandade de mãe” foi a sua irmã “que fez com que todo o mundo depois viesse fora”. Ela foi para Itália. “Tinha uma conhecida lá que arranjou trabalho, foi trabalhar numa senhora, como doméstica e depois dali mandava dinheiro (...) e ela é que ajudou a família toda”. Apoiou um dos irmãos a emigrar também para Itália e “mandou dinheiro para o meu irmão mais velho vir para Portugal e eu fui para o Senegal”. Assim, em Maio de 1977, com 15 anos, Chico iniciou o seu percurso migratório. Foi com

<sup>30</sup> Os dados recolhidos provêm das entrevistas realizadas ao Chico na Associação Espaço Mundo, na Alta de Lisboa. São também baseados em descrições retiradas do diário de campo, nomeadamente relativos a outras interações no terreno com o Chico, durante festas comunitárias ou no quotidiano da associação, aos fugazes encontros com a sua mulher e sua filha mais nova, quando estas visitavam a Associação. Não tive acesso ao espaço doméstico de Chico. Ao longo do período do trabalho de campo teve intenções de me apresentar a sua mãe e de me levar a casa dela (não, à sua a sua mulher “é muito tímida”) mas tal nunca aconteceu, ora por esquecimento, ora pelos horários laborais imprevisíveis característicos da sua profissão de condutor na Carris.

irmão para o Senegal, com o duplo objectivo de arranjar trabalho e de evitar o serviço militar obrigatório em Cabo-Verde. Alojou-se em casa de uma “tia” lá emigrada que já tinha acolhido primos seus e outros grupos familiares<sup>31</sup>. “ Eu cheguei lá e nisso não tive problema. Cheguei lá, tinha onde tomar banho, comia, pequeno-almoço, almoço, lanche, jantar”; “estávamos lá cerca de vinte, eu acho.” “...mas é tudo familiar! É familiar, se não é familiar, passa a ser familiar lá. (...) ...também quando estávamos a trabalhar no mar, a gente ajudava, todos nós, toda a gente ajudava. Ela não pedia nem nada, nós chegávamos “ó Tia, isso... Tia Vitória, Tia Vitória”... é assim, todo o mundo ajudava. Isso compensava aqueles que não estão a trabalhar. Porque nem todos estão a trabalhar em simultâneo”. Em 1978 Chico conseguiu emprego como cozinheiro num barco de peixe e iniciou a sua “vida marítima”. Percorreu o mundo a trabalhar para barcos gregos e holandeses. Navegou no mediterrâneo, conheceu os portos holandeses e passou temporadas no Canadá, no México e na Costa Rica. Foi tendo namoradas, “Vida marítima é perigosa. (...) quando a pessoa está lá longe, olha, tem que se fazer pela vida. No Canadá tive uma miúda, mas não é assim... assim para... não é definitivo, não é? Assim essa do México por acaso não... era uma estudante e trabalhava ao mesmo tempo. Tivemos uma relação muito gira. Muito gira. Mas pronto, é a vida. Mas é assim... só se tivermos assim como no Senegal (...). Ali sim, tinha uma miúda ali. Mas depois, a partir daí, quando se vai não dá tempo para ter um relacionamento efectivo. (...) Família, um marítimo não”. Até que em 1982 se estabeleceu em Portugal. “Eu vim para casa da minha mãe” que já cá estava. Com todos os filhos emigrados, a mãe de Chico também saiu de Cabo-Verde. “A minha mãe veio para casa do meu irmão que morava em Sesimbra”. “Depois como também podíamos vir nós, então ela construiu a casa dela”. Construiu uma casa na Quinta Grande, onde proliferavam na altura construções de génese ilegal. Teve o apoio de outros emigrados conhecidos da Ilha da Brava que já residiam no local. “As pessoas a conheciam. Aqui todo o mundo a conhece. Ela é dada, é dada às pessoas.”. Naquela altura, com a cooperação dos vizinhos “construía-se a casa em dois dias”, estrategicamente ao fim-de-semana para evitar a fiscalização. Quando chega a Portugal, Chico foi morar para essa casa. Nessa altura a sua mãe “tinha já a barraca dela com tijolo”. Chico trabalhou na construção civil, voltou a trabalhar como embarcadiço, e retornou à construção como servente e montador de andaimes. Ainda trabalhou numa transportadora e desde 1994 que é condutor da Carris. Há 16 anos juntou-se com a sua mulher. Começaram por viver em casa da sua mãe, mais tarde arranjaram uma casa própria onde viviam os dois mais o filho dela que “desde os 4 anos que está comigo, portanto para mim é meu filho”. Para cortar despesas mudam-se para casa do sogro de Chico, ficando assim a viver com a mulher, o enteado, o filho que tiveram entretanto, o sogro, a sogra e um sobrinho da mulher, o Alan<sup>32</sup> (“e foi uma bênção para aquele rapaz nós irmos lá porque eu me encargo da educação dele”). “Quando fui morar na casa do meu sogro pedi automaticamente à câmara no realojamento para dar à minha família uma casa própria. (...) depois a minha mulher engravidou e até a miúda nascer já éramos um agregado de cinco pessoas, uma família completa”. Com o realojamento da Antiga Quinta Grande o Chico, a sua mulher, o seu enteado e os seus filhos mudam-se para a casa onde vivem actualmente, na zona dos Cavalos na Alta de Lisboa. Entretanto a sogra de Chico faleceu e o sogro de Chico está a viver num lar na Costa da Caparica “É... as condições do homem... não há alternativa. Ele precisa mesmo, não tem movimento no lado direito, nem braço nem perna, tem só o lado esquerdo, não fala bem. Precisa ter alguém que o ajude, ele não tem movimento. (...) era impossível a minha mulher tomar conta dele. Nem na casa, condições nenhuma. (...) Ela telefona no dia de semana. Quando o pai fala com ela às vezes é imperceptível alguma coisa mas ela fica feliz logo”. As suas filhas estão com 11 e 14 anos e o seu enteado com 20. A irmã de Chico que esteve emigrada em Itália está agora estabelecida no Cacém com o seu marido e filho, o outro irmão de Chico continua em Sesimbra e o mais velho permaneceu em Itália. Tem uma irmã paterna em Cabo-Verde “a gente falamos, às vezes por Internet. Há dias estávamos a falar mesmo com webcam. Pela primeira vez as minhas filhas conheceram-na. A Internet deles tinha uma certa dificuldade, em Cabo-Verde. Ela é funcionária do Estado”. A sua mãe também foi realojada e vive na Alta de Lisboa. Tem primos em França e na Costa Rica, irmãos de pai nos Estados Unidos e aqui também outro primo. O Alan, sobrinho da sua mulher que Chico educou, está actualmente na Suíça.

<sup>31</sup> Incluindo a Margarida da Família 1. Ela e Chico conhecem-se desde a Brava. Embora não mantenham relações quotidianas exaltam muito a sua amizade. Bia também conhece o Chico, é voluntária na Associação Espaço Mundo onde Chico participa de forma muito activa.

<sup>32</sup> Numa fase mais avançada do terreno conheci o pai do Adam, o Joaquim, na altura sem o saber relacionado com Chico. A sua história migratória é apresentada na xiv) Família.

#### iv) Trajectórias do Fonseca Filho<sup>33</sup>

Fonseca Pai nasceu na ilha de Santo Antão. Em 1952 emigrou para São Tomé para trabalhar na Roça de Santa Margarida “Vida má, em S. Tomé! Lidar com escravidão. 4 anos! E depois fui para Angola [Fonseca Pai]”. Era pedreiro. Nas horas livres tocava viola e violino, ainda toca e tem os instrumentos ao cimo do móvel da sala de estar. A mãe de Fonseca Filho, Graça, nasceu em São Vicente 1955 mas foi criada na Ilha da Brava. Quando tinha 3 anos a sua mãe emigrou para o Príncipe “pronto, eu sabia que a minha mãe estava fora, não é, mas não tinha uma fotografia... ela escrevia, mandava encomenda, mandava dinheiro e tudo, mas uma criança não quer aquilo, uma criança quer é presença, não é verdade? E ao fim de 6 anos ela regressou a Cabo-Verde [Graça]”. Embora para Graça sejam “todos importantes [Graça]” sente-se muito mais próxima da família paterna. “Eu tenho a minha mãe ali na Almada, está com 80 anos (...). Damo-nos muito bem. Mas (...) não tenho assim aquele... como é que hei-de explicar... aquela amizade que eu tinha ao meu pai [Graça]”. O seu pai “não teve só um casamento [Graça]”. Graça tem um irmão mais velho nos EUA que não chegou a conhecer e outros irmãos paternos mais novos “a gente estava sempre junto, que eu ao fim-de-semana ia sempre a casa do meu pai [Graça]”. O meu pai (...) era comerciante e fazia negócio assim de umas ilhas para as outras”. Ele participou activamente na educação de Graça “via os cadernos todos, guardava os nossos cadernos todos, todos. Depois, aquelas lapiseiras com que a gente escrevia com tinta “a pena está partida”, “mostra-me lá... toma lá outra” [Graça]”. Até que em 1966 Graça emigrou com a mãe, o padrasto e os irmãos maternos para Nova Lisboa, Angola. Deixou a 3ª classe por completar. E “em Angola escrevia sempre ao meu pai e o meu pai me escrevia. Depois houve um tempo que ele mudou, saiu da Brava e foi para São Vicente (...) e ali perdemos contacto [Graça]”. Viveu cinco anos em Nova Lisboa, apoiou a mãe e o padrasto na agricultura. Conheceu o seu marido. Mudaram-se para Benguela, já com um filho e logo de seguida para Luanda, o marido “ tinha lá família [Graça]”. “E nunca mais vi a mãe. Era só pela carta, a gente se escrevia. Nem a minha mãe, nem os meus irmãos, pronto, é carta, carta não é como telefone [Graça]”. Com o início da guerra em Luanda Graça escreve “uma carta a dizer “mãe, eu vou para Cabo-Verde. Vou para Cabo-Verde porque é muita confusão, muitos mortes e vou para Cabo-Verde, estou à espera de ter criança e com os miúdos pequenos não estou a gostar muito disso [Graça]”. Graça, com o seu marido, 4 filhos e grávida do quinto segue para “Cabo-Verde, com quatro maletas [Graça]”. O resto – mobília, “coisas de cama, de mesa, de casa-de-banho, roupa para nós, para os miúdos e não sei quê [Graça]” – despachou de Luanda. Mas não recebeu nada em Cabo-Verde, recomeçaram a vida do zero. “Quando cheguei a Cabo-Verde o meu marido é que andou lá a procurar [Graça]”. Poucos dias depois de chegarem, Fonseca Pai exclama para Graça “olha, já descobri a tua tia, alguns dos teus primos, já sei onde é que está o teu pai [Graça]”. Viveram temporariamente em casa da tia de Graça “ficámos ali naquela casa à espera, a família deu mesa, deu cadeiras, cama emprestada, porque vêm as nossas coisas, o fogão e não sei o quê. Olha... até para hoje, não chegou nada. Nada! Só o que levámos na mão [Graça]”. Até que conseguiram começar a construir casa própria. Reencontrou o seu pai e enquanto ali esteve “fazia sempre questão de passar a casa do meu pai, de vez em quando passava em casa da minha tia [Graça]”. Os filhos de Fonseca e Graça foram colocados num colégio Salesiano e enquanto estiveram em Cabo-Verde “deu para aprender e para fazer montes de coisas [Fonseca Filho]”. Em 1976 Fonseca Pai, perante dificuldade em arranjar emprego no seu país, emigrou para Portugal. Graça ficou em São Vicente com os filhos, na altura 6. Graça e os seus filhos tiveram que “ajudar na construção, na construção das casas, ou seja tinham que andar a apanhar o dito cascalho. Tinha que andar com uma lata à cabeça a apanhar cascalho, juntar o cascalho e depois ir vender [Fonseca Filho]”. Entretanto Fonseca Filho e os irmãos liam as cartas que recebiam do pai “lembro de ele escrever cartas a dizer que aqui ele estava... não tinha a casa dele, vivia em casa de uma madrinha minha, de uma madrinha minha que estava cá e quando iam para obras longe tinham que dormir em barracas enrolados em sacos de cimento para não apanharem frio (...). Mas as coisas foram melhorando e consegui portanto fazer com que nós viéssemos para cá [Fonseca Filho]”. Em 1979 Fonseca Pai conseguiu fazer uma troca com um amigo que tinha uma casa na Avenida Padre Cruz em Lisboa e precisava de alugar uma em São Vicente para a família. “Portanto, nem nós

<sup>33</sup> Informações retiradas de entrevistas realizadas a Graça e ao Fonseca Filho, nas casas de cada um, de conversas informais com Fonseca Pai em sua casa e de dados retirados do diário de campo após visitas a casa de Graça, de Fonseca e após algumas interações com Fonseca no Espaço Mundo.

pagávamos renda aqui nem eles pagavam lá, foi uma troca directa, digamos assim, não é? E viemos todos.”. “ Nós devemos muito, mesmo muito aos nossos pais. Não é por acaso que o meu pai é o meu ídolo, não é? [Fonseca Filho]”. Aqui, Graça conseguiu emprego numa fábrica e como doméstica. Actualmente é reformada, ama em casa e vendedora da Ives Rocher. Fonseca Pai continuou a trabalhar nas obras e hoje está reformado. Conseguiram legalizar toda a família. Construíram uma casa na Quinta Grande. A parte da família materna de Graça também veio para Portugal, directamente de Angola, durante a década de 1980. Hoje “a minha mãe mora com a minha irmã, só as duas é que vivem cá, o meu irmão está em casa dele com os filhos, a minha irmã tem uma filha que também já tem a vida dela [Graça]”. Um irmão e uma irmã continuaram em Angola. E o seu pai e irmãos paternos migraram para os EUA “mas eu já fui visitar o meu pai várias vezes, mas depois do falecimento já não fui mais. Já fez 7 anos, agora em Março. (...). E olha, família lá, os irmãos do lado do meu pai, estão todos em Estados Unidos. (...) Eu não sou capaz de passar uma semana sem ligar para eles [Graça]”. Os filhos de Fonseca e Graça continuaram a estudar em Portugal. Aos 17 anos, Fonseca filho começou a trabalhar “eu achei, sendo o mais velho, que era demasiado esforço o que ele fazia para nos dar mais qualquer coisa [Fonseca Filho]”. Depois do serviço militar obrigatório, Fonseca Filho migrou para a Holanda onde foi acolhido por uma Tia e trabalhou durante um ano num navio Holandês. Quando estava de férias em Portugal, há 21 anos, conheceu a sua esposa. Não voltou para a Holanda. Em Portugal trabalhou durante 16 anos como soldador. Antes de se casarem, viveram juntos numa casa que compraram na Quinta Grande com apoio dos pais de ambos. Lá nasceu a filha mais velha. A mais nova já nasceu depois do realojamento, na Alta de Lisboa, onde vivem hoje. No mesmo andar do seu apartamento vivem os pais e irmã da sua mulher. Alguns andares acima vivem os pais de Fonseca. “Está toda a gente junta [Fonseca Filho]”. Fonseca tem uma irmã em Luxemburgo e um irmão e 3 irmãs em França, uma delas “abriu o caminho para todos os outros irem para lá, inclusive eu também lá estive, a trabalhar em Paris [Fonseca Filho]”. Aqui viveu em casa dos irmãos mas não conseguiu suportar as saudades das filhas. Regressou e hoje trabalha por conta própria “a minha firma dá-me o trabalho e eu executo” e também está “no ramo da remodelação”, “ já remodelei o apartamento do meu patrão. Agora acabei o das filhas do meu patrão, portanto é um relacionamento muito bom [Fonseca Filho]”. Está também neste momento a “montar uma mercearia [Fonseca Filho]” com a mulher, em Camarate. Os momentos festivos e de férias são passados em família “E muitas das vezes falta sempre alguém, é sempre quem está mais longe, não é? Portanto, sempre que podemos estamos juntos, sempre que podemos estamos juntos. É uma alegria imensa. É engraçado é quando estamos juntos, então começamos a contar as histórias de tudo o que nós passamos [Fonseca Filho]” Esta família tem ainda membros em Espanha, um tio de Graça, no Canadá, uma sua irmã materna, e primos no Senegal. Mantém contacto por telefone, Internet e visitas. A sala de estar e o quarto da dona Graça estão repletos de molduras com fotografias dos seus 7 filhos, 14 netos e dos seus irmãos e irmãs nos Estados Unidos.

#### v) Trajectórias da Cândida<sup>34</sup>

Cândida nasceu na Ilha da Praia. Vivia “com os meus pais, as minhas irmãs e os meus irmãos”. Não chegou a estudar em Cabo-Verde. Casou-se e em 1975 e em 1976 migrou para Portugal. O seu pai, um irmão e uma irmã estavam aqui imigrados, mas justifica a sua migração com “meu marido estava cá e depois ele manda-me buscar e eu vim para cá”. Depois de se reformar o pai de Cândida voltou para Cabo-Verde. Cândida e o marido viveram um ano em Póvoa de Santo Adrião, alguns meses em Benfica e depois mudaram-se para o Bairro da Cruz Vermelha, na altura em que os prédios em construção começaram a ser ocupados. “Esse bairro quando chegou aqui era a maior parte um lixo. E a casa não era em condição, o prédio não era acabado. Então toda a gente que mora aqui, não tinha água, a casa não tinha água, não tinha casa de banho, não tinha luz. Não tinha nada”. Foram remodelando a casa que ainda hoje habita. Em 1980 o seu marido faleceu, deixando 3 filhos, uma delas morreu pouco

<sup>34</sup> Informações retiradas de uma entrevista realizadas à Cândida e de notas do diário de campo após visitas a sua casa, conversas informais com a sua filha Helga, com a sua afilhada Neuza e com o seu marido Zé, e o um picnic na Quinta das Conchas onde Cândida também esteve presente.

depois. “Eu só estive casada 5 anos, quem me dera ter estado 50”. O seu marido era o amor da sua vida. Ainda hoje tem dificuldade em visitar a família dele com quem sempre se relacionou mesmo depois da sua morte “são todos muito parecidos, parecem ele”. “E depois viveu uns anos eu mais os meus filhos, depois arranjei outro companheiro”. Estão juntos há quase 30 anos e tiveram dois filhos. “Já tive muitos problemas. Mas graças a deus, isso dos problemas da doença e morte é uma coisa que é certa, não é? Mas também é uma coisa que passa. Já aconteceu, já passou”. Agora “Quero ver as minhas netas crescer, quero ver os meus filhos feliz”. Tem 5 netas, todas meninas. Duas filhas e uma neta vivem consigo, os filhos vivem um em Loures e outro nos Olivais. Gostaria muito de voltar a viver em Cabo-Verde mas questiona-se “estão cá os meus filhos, as minhas netas. Eu posso viver lá uns tempos, mas como é que eu vou viver lá, se eu ainda estou a trabalhar? A reforma agora é só aos 67 anos. Quando? Eu não posso viver lá porque lá não tem trabalho. Tem casa mas não tem trabalho. E cá, tem os meus filhos e as minhas netas. E a minha casa, também”. Quando vai de férias a Cabo-Verde trabalha na manutenção da casa que construiu lá “é assim uma casa, com três, quatro assoalhadas. Casa de banho, cozinha”. “Eu fui lá de férias, depois eu fiz a casa (...) minhas irmãs e meus irmãos também fizeram o trabalho”. Tem muita nostalgia do seu país. “De Cabo-Verde eu lembro tudo. Eu lembro tudo, tudo. Os meus pais, as minhas irmãs, os meus irmãos, a minha casa está lá mas às vezes, de vez em quando eu vejo mesmo a minha casa, lá no sítio que eu vivo, família sempre. Antes de morrer a minha mãe e o meu pai. O meu pai morreu primeiro, depois morreu a minha mãe. Mas quando morreu a minha mãe eu fui lá visitar. Daí a dois meses ela faleceu”. Tem ainda lá “irmãs, irmãos, sobrinhas, sobrinhos” e uma Tia materna. Outra tia materna com quem mantém contacto vive em França, tal como uma sobrinha do seu marido. Contacta ainda com uma sua comadre que vive na Holanda. O seu companheiro também tem família em Cabo-Verde, uma irmã, uma sobrinha e um sobrinho. Todos os domingos, Cândida liga para a sua irmã em Cabo-Verde. Mas se precisa de desabafar de algum problema ou doença conta em primeiro lugar com Helga, a sua filha mais velha “que está mais próxima de mim. Minhas irmãs estão lá, mas ela está cá”. Por vezes liga também para França “falo com a minha tia, irmã da minha mãe, e a sobrinha do meu marido e a minha comadre” na Holanda.

Sempre foi doméstica em Portugal. Actualmente acumula dois trabalhos, faz as limpezas de um escritório de manhã e à tarde trabalha numa casa particular. Não chegou a nacionalizar-se portuguesa. O seu marido trabalha nas obras. Cândida acha que os portugueses são muito racistas, não gosta de dar muita conversa a brancos. Os seus relacionamentos quotidianos são sobretudo com cabo-verdianos e entre amigos, vizinhos e familiares fala crioulo. Hoje vive com o seu companheiro, Zé, a sua filha Helga, a Neta, um filho e com a Neuza, afilhada de 14 anos que veio há poucos anos de Cabo-Verde para estudar em Portugal, a seu cuidado. Neuza chama Cândida de “mãe”.

#### vi) Trajectórias da Lurdes<sup>35</sup>

Lurdes nasceu em 1956 na zona de São Domingos da Ilha de Santiago. Provém de uma família de “Classe média, confortável”. Vivia com os pais e com os irmãos. É a penúltima filha de sete. Completou a instrução primária em Cabo-Verde e em 1972 a sua prima, emigrada em Lisboa, propôs que se juntasse a ela no colégio de Freiras Bom Sucesso onde vivia, estudava e trabalhava. Foi a única dos irmãos que emigrou. “Sempre desde criança tinha aquela ambição, gostava de conhecer outros países”. Aqui estudou até ao 9º ano e tirou o curso profissional de dactilógrafa. Continuou a comunicar com os pais semanalmente por carta e por vezes por telefone. “Mandava aos meus pais assim qualquer prenda, qualquer coisa, mas pronto, eles foram tendo lá a vida deles assim razoável, não tinha necessidade para estar assim a mandar. Tinham lá terrenos, tinham lá a vida deles”. No colégio, Lurdes “trabalhava e estudava à noite”. “Passado uns tempos, comecei a namorar”. Conheceu o pai do seu primeiro filho “numa festa em Almada”. Também era da ilha da Praia. “E depois tive o meu filho”. Saiu do colégio e foi viver para o Saldanha em casa de uma amiga, com o filho, durante 5 anos. Mas o seu namorado “não era fiel, eu acabei com ele, não é? Era nova, trabalhava, não me faltava nada”. Mas “já

<sup>35</sup> Dados retirados das entrevistas realizadas a Lurdes em 19.05.2011 e 02.06.2011 e de notas do diário de campo após encontros em sua casa e na Associação Espaço Mundo.

não tinha possibilidade para trabalhar, para estudar. Tinha uma responsabilidade, era o filho, era o estudo, o trabalho, e não tinha aqui muitas famílias que me dessem apoio”. Então visitou os pais em Cabo-Verde, para lhes apresentar o seu filho. Deixou-o ao seu cuidado durante 4 anos. Ao filho, a mãe de Lurdes “Fazia-lhe as vontades, não é, e... pronto, as vontades da avó, gostava muito do miúdo (...) O meu filho quando foi para lá, aquilo foi uma alegria grande, não é? Tanto para a minha mãe como para o meu pai”. “Só que um dia fui e tive de o trazer. Porque ele tinha de estudar”. “E pronto, estive a fazer a minha vida, depois a partir dali, naquela altura fiz uma barraca ali na Quinta da Paleipa”. Juntou-se com o companheiro actual. “Acabei por ter 4 filhos, o mais velho hoje tem 34 anos, a seguir tem 28, faz 29, e o terceiro tem 23, faz agora em Setembro 24 e a mais nova tem 15 anos”. Os mais novos vivem ainda consigo. Lurdes trabalhou num *snack bar* na Ajuda, num escritório de turismo e numa cooperativa no Saldanha, fez alguns biscates em restaurantes no Centro Comercial Amoreiras. Com o realojamento passou a viver num prédio de habitação social na Alta de Lisboa embora possua um apartamento em nome dos filhos que está alugado. “E depois adoeci. Tive um problema, apareceu-me um tumor na perna, tinha eu 38 anos. Fui operada e depois estive de baixa uns tempos”. Reformou-se por invalidez. Na altura da recuperação contou com o apoio de familiares que ainda estavam em Portugal. A sua filha mais nova nos “tempos que eu ia fazer à quimioterapia ela ficava com o pai, às vezes. (...) a minha prima morava no Bairro da Cruz Vermelha, ficava com ela e com o outro que agora tem 24 anos”. O seu marido “tem sido sempre bom, foi uma pessoa muito simpática e muito carinhoso”. “Só espero que agora a gente não separe, já somos velhos (risos). “Participou um pouco” na educação dos filhos mas “como andava sempre para fora a trabalhar, fui eu sozinha, praticamente que criei os filhos. Ele trabalhava para não deixar faltar nada, mas nem isso é suficiente, não é, porque os filhos precisam de educação, precisam de ser seguidos, e é uma responsabilidade muito grande. Só que uma coisa é que eu muitas vezes digo, quando a pessoa é jovem consegue tudo, nunca pensa no mal, foi o que me aconteceu, não é? Eu tive filhos, eu era nova, muitas vezes pergunto assim mesmo para mim “mas como é que eu tinha tanta força nessa altura?”, não tinha aqui os pais para dizer “fica-me aqui com os filhos”, não tinha os avós, os meus sogros, para dizer “fica-me aqui com os filhos”. Era eu sempre ali a batalhar. (...). Só que quando uma pessoa é nova, tudo passa, uma pessoa nem pensa no pior que pode vir amanhã, é assim, trabalhava e organizava a vida, sempre organizei a vida que é para não nos faltar nada, que é para ter cuidado em casa com as coisas”. O seu marido trabalha na construção, por vezes fora de Lisboa e de Portugal. Actualmente passa também o tempo livre a trabalhar na horta de um compadre em Loures, de onde traz couves para a cachupa.

Em Cabo-Verde ainda estão os irmãos de Lurdes com alguns dos seus sobrinhos. O irmão mais novo reside com a família numa casa que construiu ao lado da dos seus pais. Esta “continua com a porta aberta (...) e todos os netos que vão para lá dormem e os outros filhos quando vão entram, e depois temos terrenos assim grande em volta da casa e então estão todos lá”. Desde que emigrou, Lurdes visitou Cabo-Verde cinco vezes.

O filho mais velho de Lurdes teve uma filha que nasceu em França no início de 2011, depois de namorar com uma rapariga lá residente, enquanto esta estava de férias em Portugal. Lurdes e o filho acompanharam uma gravidez de risco à distância, o filho com visitas pontuais. “Foi um susto, não é, a gente telefonava sempre para França, a saber, e também ele estava cá, porque conheceu a rapariga, veio de férias, namoram, ela foi para lá, ficou grávida, ele estava cá a acabar de fazer o curso e ia lá, de vez em quando ia, fins-de-semana ia ver, vinha, ia, sempre assim, telefonava todos os dias. Estavam sempre... qualquer momento pode acontecer qualquer coisa, vivemos sempre assim nesta aflição, podia acontecer qualquer coisa à menina, mas felizmente cresceu bem, estive aqui a semana passada”. Lurdes “rezava, muitas vezes pedia, rezava”, “mas felizmente ficamos muito contente porque não aconteceu nada”. Depois de terminar o curso, o filho não encontrou emprego em Portugal. Assim foi para França. Nos primeiros tempos estive com o seu avô paterno e pai. “acabaram por relacionar, mas tiveram muitos anos separados, aí uns 15, 16 anos. (...) eles foram para lá, depois nós mudámos para aqui, perdemos o contacto, não é? E depois veio aqui um primo ou qualquer familiar à procura dele, que o pai estava à procura dele e relacionaram bem”. Actualmente vive com a namorada e a filha. Lurdes fala com o filho e com a nora por telemóvel. “Dia sim, dia não... a maior parte das vezes falo com ele aos fins-de-semana. Gasta-se menos, para lá”. A outra filha mais velha encontra-se com Lurdes aos fins-de-semana, deixa-lhe o neto durante o seu horário de trabalho “sábado de manhã até à noite. Janta e depois ela leva. Já estou a ficar com a família grande”. “Chega o Natal, juntamos todos, tenho cá sobrinhas ainda também que vêm, algumas que estão no Porto, em Coimbra, há umas que vivem em Lisboa também, vêm todos, juntamos todos, é prendas, é comida, fazemos vários pratos”. “São as minhas sobrinhas que estão a estudar, as que estão cá em Lisboa a trabalhar, que tem 3 em Lisboa,

essas que estão em Lisboa são filha da minha irmã. As que estão no Porto e Coimbra são filhas de um irmão meu, vieram de Cabo-Verde todas para fazer o curso. Porto e Coimbra. Um acabou e outras ainda... a que está em medicina está a estagiar. Uma acabou, é psicóloga, não foi para Cabo-Verde, ficou em Coimbra. As duas acabaram economia foram, está cá mais um rapaz em economia, ainda está no Porto". Lurdes apoiou os seus sobrinhos e sobrinhas nos primeiros tempos de estadia em Portugal quando estes chegaram para estudar. E sobre os seus irmãos em Cabo-Verde: "Ainda somos muito ligados, muito amigos, comunicamos todos. Às vezes se não telefono para um, ligo para outro, moram todos perto, pergunto "como é que está a minha irmã, este, como é que está aquele". Depois está tudo bem. Depois ligo para o outro e é assim, pergunto, tem sido assim.

### vii) Trajectórias da Amália<sup>36</sup>

Amália nasceu em 1969 na Ilha de Santiago. Titia com a sua mãe e com 3 irmãos, fora da cidade. Tem mais quatro irmãos. Em Cabo-Verde estudou até completar a 4ª classe. Quando tinha 24 anos, em 1993, namorou com o seu actual marido, então emigrado na Suíça, enquanto este visitava Cabo-Verde. "Depois ele me mandou ir para a Suíça". "Já vinha grávida da minha filha que agora vai fazer 18 anos". "Mas quando cheguei não gostei assim tanto. Acho que mais por causa da família. Estava lá em Cabo-Verde com as minhas famílias e quando cheguei lá estava sozinha". Esteve lá 5 meses, depois veio para Portugal, o seu marido já tinha cá casa "e além disso (...) estava cá o meu pai e eu só queria vir para cá. Cá já tinha as minhas primas, as minhas amigas" e três dos seus irmãos também residiam em Portugal. Da família do marido estavam cá cinco irmãos. Os outros dois estavam em Cabo-Verde, tal como a sogra de Amália, com quem mantinha, enquanto vivia na Alta de Lisboa, uma relação muito próxima, através de telefonemas semanais. Amália e o marido fizeram a viagem entre Suíça e Portugal de carro "porque não tinha documentos para vir de avião. O meu visto já tinha caducado. Grávida de sete meses!". O pai de Amália vivia em Vialonga. Amália instalou-se numa casa na Charneca que o marido tinha adquirido, onde habitava o seu cunhado, "lá já parecia que eu estava em Cabo-Verde. Éramos vizinhos, sentávamos na rua a conversar, dávamos bem". O seu marido teve de voltar para a Suíça e regressou a Lisboa passado dois meses, 20 dias depois da sua filha nascer. "Aí senti-me perdida". Enquanto o marido estava na Suíça sentiu-se longe dos familiares "Porque naquela altura nem havia assim telefone. Agora a gente fala mais através do telefone, mas naquela altura era carta e a minha mãe não sabia ler, eram os meus irmãos que liam a carta. Assim apoio, para dizer que tenho apoio cá da minha mãe, não tinha. Tinha do meu pai. O meu pai ia lá sempre, foi ele que me levou ao hospital, à maternidade". "Achei que vinha cá e era outra coisa, lá em Cabo-Verde a gente ouve falar Portugal, Portugal e eu achava que era tudo uma maravilha, que era só chegar cá e uma pessoa já fica rica, que não tem que trabalhar... havia muita chatice. No princípio foi um bocadinho complicado, até porque o meu marido ficou lá na Suíça, ele veio comigo, deixou-me cá e foi lá continuar a trabalhar. Ele esteve três anos a trabalhar lá e eu estava cá a morar sozinha com a minha filha bebé". 8 anos depois tiveram mais um filho. Entretanto a mãe de Amália também migrou para Portugal e juntou-se ao seu marido em Vialonga. O pai de Amália faleceu há cerca de 12 anos. Fim-de-semana sim, fim-de-semana não visita a sua mãe, com os seus filhos, irmã e sobrinho. "É falar todos os dias e semana sim, semana não eu vou lá (...) essa é a maneira de a gente conviver. E quando vamos lá a minha mãe fica toda contente". E "a minha filha leva o portátil que é para ligar que é para falar com o meu irmão que está na África do Sul. Para ver, é um barulho!". Hoje em dia Amália tem dois irmãos em França, um na África do Sul, dois irmãos e uma irmã vivem em Portugal, ele com a mãe em Vialonga, ela em Almada, e o outro em Cabo-Verde. "Telefona sempre, mesmo o da África do Sul, de Cabo-Verde... estamos sempre a falar. Pela Internet".

Com o realojamento mudou-se para um apartamento na Alta de Lisboa. Há 4 anos o seu marido voltou a emigrar para a Suíça. "Agora cá está mau...". Enquanto Amália ainda estava em Portugal falavam todos os dias ao telefone "sete e meia ou por aí, é a hora que costumamos estar a namorar pelo telefone". E sempre que podia o marido vinha a Portugal. Visitou Amália no Natal, na Páscoa e no Verão "assim mais ou menos 3 meses, 2 meses e tal, ou ele vem ou eu também costume ir". Sempre

<sup>36</sup> Dados recolhidos de uma entrevista realizada em casa da Amália. A migração de Amália para a Suíça impediu que continuasse o trabalho de terreno com ela.

que precisava de ajuda “qualquer coisa aqui com televisão, com puxar uma coisa, com essas coisas” contava sempre com o vizinho da frente, filho da sua melhor amiga que também vive na Suíça. Nunca se sentiu sozinha nem desprotegida sem o marido, “se acontecer alguma coisa pode vir o meu irmão, o irmão dele (...) os meus primos... tenho sempre cá alguém para apoiar”.

Hoje um dos seus cunhados vive também na Suíça, um em França, uma em Luxemburgo, uma em Cabo-Verde e dois, um e uma, em Portugal. Pensa muito em Cabo-Verde e nas pessoas mais velhas que preenchem as memórias da sua infância. Sobretudo quando os seus irmãos e tios a informam de mortes “é nessa altura a gente fica a imaginar. Ontem passei o dia todo a pensar, a ver aquele cemitério que eu conheço, aquela gente assim... fica tudo na imagem (...) parece que eu estou lá. Como já costuma haver o funeral das pessoas, fico assim a ver todo aquele acontecimento...”.

E desde que a sua família migrou “a gente já dá assim com angolanos... às vezes é a sobrinha que está a namorar com um angolano, ou que é casado, ou uma coisa assim. A madrinha da minha sobrinha, o marido dela é são-tomense, tenho mais uma sobrinha que o marido é angolano, estamos misturados. O meu irmão é casado com uma portuguesa, o meu irmão que está na África do Sul, eles conheceram cá, casaram e depois foram para lá. Têm quatro filhos”.

Durante o Verão de 2011 Amália trabalhava a dias, tinha duas patroas. Falava vagamente sobre migrar para a Suíça para perto do marido, admitia que os filhos “não vão ficar assim contentes para ir, mas se é para ir, eles vão”. Em Agosto foram passar férias para a Suíça e não regressaram, estabelecendo-se lá definitivamente, ao pé do seu marido.

#### viii) Trajectórias da Ema<sup>37</sup>

Os avós maternos de Ema emigraram com a sua mãe de Cabo-Verde para São Tomé nos anos de 1960 “à procura de uma vida melhor”. A mãe de Ema tinha 4 ou 5 anos. Mais tarde, “a minha mãe conheceu o meu pai em São Tomé, namoraram e a minha mãe veio grávida para Portugal. Chegaram aqui no dia 18 de Abril de 1974”, a mãe de Ema, então com 16 anos, e os avós maternos. Ema nasceu em Portugal em 1975 e durante dois anos viveu em Sacavém com a sua mãe e avós. “O meu pai sempre viveu em São Tomé, vinha esporadicamente a Portugal e vinha visitar-me”. Ema tem em Portugal tios paternos com quem costuma manter contacto mas “não convivo com muitas pessoas de São Tomé. Porque antes era só o meu pai, depois é que vieram duas irmãs que ele tem, vieram viver em Portugal. Tenho primas, mas é mais com a tradição cabo-verdiana”. Em 1977 mudou-se com os avós para o Bairro da Cruz Vermelha, onde reside desde então. “Sempre vivi com os meus avós, fui criada por eles”. “Tenho dois irmãos que eu adoro. E... dois, quer dizer, da parte da minha mãe, maternos (...) da parte do meu pai tenho vinte e tal irmãos mas só conheço 12. Mantenho contacto com cerca de cinco”. “O meu irmão segundo, o do meio, foi a minha avó também que o criou, ele depois mais tarde é que foi viver com a minha mãe”. Mas por vezes ainda passa temporadas na casa de Ema. “Eu cresci a falar crioulo. Os meus avós não falavam português comigo, eu só comecei a falar português quando fui para a escola. Em relação à comida também. Claro que comia coisas daqui também, de Portugal. Mas muitas das... muito da minha alimentação era de Cabo-Verde, não é? Tudo. As pessoas com quem convivia eram maioritariamente de África, o bairro também, as pessoas que habitam aqui são em grande parte de África, pessoas africanas. E a minha cultura é praticamente africana. Só depois de crescer é que fui para a escola, aí pronto, comecei a lidar também com os portugueses”. “Agora sinto que sou portuguesa, e cabo-verdiana e são-tomense. Pronto, uma mistura. Tenho a cultura dos dois países”. “A minha mãe sempre esteve connosco, não é, vinha visitar-me, inicialmente morava também no Lumiar, depois foi viver para Vialonga, mas sempre acompanhou a minha educação, o meu percurso escolar,

<sup>37</sup> Informações retiradas de uma entrevista a Ema realizada em sua casa no Bairro da Cruz Vermelha. Pouco depois da entrevista Ema voltou a arranjar um segundo emprego o que impossibilitou novos encontros entre nós. Ema tinha muita vontade em colaborar comigo nesta investigação e telefonou-me várias vezes após adiar alguns encontros, sobretudo para justificar a sua incapacidade de arranjar tempo livre para se encontrar comigo. Por sua iniciativa tornámo-nos amigas no Facebook o que me permitiu um olhar sobre as suas relações nas redes sociais, muitas com familiares à distância, que incluem a partilha de fotografias e comentários de outras. Mas não nos voltámos a ver depois desta entrevista pelo que não consegui realizar mais trabalho de terreno presencial com ela e com a sua rede familiar.

tudo”. O seu avô morreu há 14 anos e a sua avó há 4. Continua a manter uma relação muito próxima com a sua mãe “Todos os Domingos vou a casa dela visitá-la”. Ema tirou o curso de psicologia na Lusófona. Aos 28 anos casou e teve um filho, Kevin, de 7 anos. Desde que acabou o curso, em 2002, que está empregada numa empresa de telecomunicações. Sempre que pode, complementa o seu ordenado com trabalhos em part-time ocupando os Sábados “agora assim só com um trabalho e ainda estou a pagar o carro... e com o carro, pronto, leva-me quase metade do ordenado, não é?”. Actualmente vive sozinha com o Kevin “ele sai de casa comigo de manhã para ir para a escola, deixo-o na escola, vou trabalhar, depois ele termina as aulas às três e um quarto, depois tem actividades extra-curriculares, frequenta o CAF, saio do trabalho por volta das seis, vou buscá-lo e depois vimos os dois para casa, é essa a nossa rotina”. Está há cinco anos com outro namorado mas “ainda não vivemos juntos”. Gosta de viver no Bairro da Cruz Vermelha “dou-me bem com os vizinhos, porque há uma menina que é da turma do Kevin que tem a idade dele, está sempre aqui, o Kevin está sempre na casa dela e pronto, temos uma boa relação. Eu em geral tenho uma boa relação com o bairro todo” mas sente que “aqui toda a gente sabe a vida de toda a gente. Mesmo que queiras preservar, é impossível, é um bairro. Se acontece uma coisa, toda a gente sabe”. Gostava de mudar de casa e de viver perto, no Lumiar, mas fora do bairro. Dá-se muito bem com os seus irmãos “somos muito unidos”. Há cinco anos visitou Cabo-Verde. A sua avó tinha lá uma casa mas vendeu-a antes de falecer “é assim, eu nunca tencionei viver lá. Mas agora fazia falta, porque queríamos ir de férias e não temos casa. Temos, dos familiares, mas se fosse uma casa dela era melhor. Para o ano por exemplo estamos a pensar ir a família quase toda de férias”. Quando visitou Cabo-Verde da última vez, conheceu familiares “ainda mantemos relações, não é, telefonamos, contactamos pela net, facebook, com alguns. São Tomé também há dois anos fui conhecer, fui com o Kevin, porque o meu pai nos convidou. Fui conhecer também os familiares que tinha lá. E gostei muito, também mantenho relações, não é, com o meu pai, em São Tomé é só com o meu pai”.

#### ix) Trajectórias da Alice<sup>38</sup>

Alice nasceu a 11 de Outubro de 1953 em Santa Luzia, Santa Catarina, na Ilha do Fogo, filha de “Deniz Gomes, 41 anos, casado, trabalhador, Santa Catarina e de Josefa Fonseca Gomes, 39 anos, casada, trabalhadora”<sup>39</sup>. O seu avô paterno “tinha aquela coisa de ter pai na América”. Vivia com a sua mãe, com o seu pai, com o irmão mais velho até este ir para a tropa em Angola, com o irmão segundo até ir para a marinha em Moçambique, com a irmã até se casar e com a irmã mais nova, quem ficou a tomar conta da casa até se casar. Da parte da sua mãe “só tinha um tio e ele estava na Angola. Foi por conhecimento deste tio que eu conheci o meu marido. Ele trabalhava com o meu tio em Angola”. Foi a mulher deste tio Moisés que insistiu “ “porque é que não arranja um casamento, casa com uma sobrinha de Moisés (...) e não fica assim na vida de solteiro?”.” Por pressão destes tios maternos Alice casou-se por procuração no dia 29 de Julho de 1972 com “Diogo Alberto Lázaro, 26 anos, pedreiro, Ilha de São Nicolau”<sup>40</sup> na Igreja de Santo Agostinho. O tio representou o marido, o pai levou-a ao altar. “E fui para Angola. E deixei os meus pais em Cabo-Verde. Eu casei com o meu marido e não o conhecia, casei por procuração sem conhecer o meu marido. (...) Por acaso não estou mal. Estou bem, dou-me bem com o meu marido, até esta data não tem razão de queixa. Hoje, eu faz o meu pensamento que se fossem as minhas filhas, nunca assinava esta autorização”. Saiu pela primeira vez de Cabo-Verde “não tenho vergonha de dizer, sem saber ler nem escrever” e engravidou após se juntar com o seu marido que “trabalhava fora da cidade (...) num aviário das galinhas”. Trabalhou com ele “o meu marido era encarregado, trabalhava com o pessoal. Eu era encarregada dos ovos”. Em Março de 1975 nasceu o seu primeiro filho. “Não tinha mãe, não tinha as irmãs, não tinha as pessoas de família, não tinha ninguém. Passado, nem passou o quê... dois meses ou três, fiquei grávida outra vez” de uma menina que nasceu

<sup>38</sup> Dados retirados das entrevistas à Alina realizadas em sua casa e de relatos do diário de campo relativos a outras visitas em sua casa e a conversas informais com Alina e o Diogo, seu marido.

<sup>39</sup> Segundo a certidão de nascimento que faz questão de me mostrar numa das visitas que lhe fiz em sua casa.

<sup>40</sup> Idem.

em Julho de 1975. “Depois deu esta guerra de 74 para 75 em Angola”. “Eu vim refugiada. A única coisa que eu trouxe de Angola foi uma malinha de roupa e dez contos em dinheiro. Desses dez contos em dinheiro cheguei aqui no aeroporto da portela em Lisboa, comprei um cacho de uva para dar ao meu filho. Em 75, um cacho de uva. O dinheiro não tinha valor”. Fugiram para Portugal e daqui voltaram para Cabo-Verde, para a Ilha do Fogo onde Alice, o marido e os dois filhos se juntaram aos pais dela. Aqui o seu marido não encontrou trabalho e não se sentia bem “a viver ao custo dos meus pais”, “a gente não tinha nada, não tinha cama, não tinha nada, absolutamente nada. O meu marido foi para São Vicente, para outra ilha, para fazer assim uns negócios”. “Fazer as compras assim de alimentação, feijão, milho (...) depois comprava as coisas enlatado, levava para o Fogo”. Viveram aqui 9 meses, até que decidiram migrar juntos para São Vicente “que não era a terra dele mas era a terra da família” e “porque era uma terra que tinha mais concorrência, tinha mais vida, que a nossa terra era um bocado assim mais atrasado”. Aqui a Alice, o marido e os então já três filhos viveram com a sogra de Alice, a sua cunhada com dois filhos e marido e uma sobrinha da sogra. A casa era de um filho da sogra que estava emigrado em Portugal. Mas as crianças não se davam bem entre si e apesar da casa ter “ muito espaço, muitos quartos”, a sogra de Alice estava sempre a dizer que “a casa do filho que não era para estragar, porque não sei quê e não sei o quê. Já sabe como é que as pessoas de idade são, não gosta que estraguem nada”. Então em 1977 Diogo alugou uma casa “30 escudos, na altura ganhava 100 escudos por mês”. Mas mesmo assim, o meu marido sozinho a ganhar. Eu não tinha trabalho, com 3 crianças. Pronto, ele disse “temos que regressar outra vez para Portugal, vamos para Portugal”. “ Mas a gente já tinha lá começado uma casinha, já tinha os quartos”. Chegaram ao aeroporto da Portela “com 3 crianças, sem dinheiro, sem mobília, sem casa, sem nada. Fomos para casa de um compadre conhecido em Coimbra”. Era Inverno e Alice ainda se lembra do frio “pouco cobertor, não tinha nada. A gente estava aí, parece uma pombinha fechada numa gaiola”. O seu marido arranjou trabalho e mudaram-se para Lisboa, para o Bairro das Calvanas, onde ficaram durante 3 meses em casa de um casal amigo. Um cunhado do marido emprestou-lhes cinco mil escudos com os quais Diogo “comprou madeira, prego, fomos fazer uma barraca na Charneca, no Lumiar. Fizemos aquela barraquinha”. Começou só com um quarto ao qual foram acrescentando divisões ao longo do tempo. Alice também procurou trabalho, deixando os filhos com uma vizinha. “Eu trabalhei de madrugada, saía de minha casa às cinco da manhã. Os meus filhos iam para a escola e não sabia como é que eles iam, porque eu não estava em casa para arranjá-los. Eu não sabia como é que eles chegavam a casa, chegava a casa às nove da noite. Saía do serviço às nove da noite, chegava a casa, já estavam a dormir. Tinha que levantar para ir para o trabalho. Por isso assim, os meus filhos criaram praticamente com falta de mãe, com falta de carinho”. Com o passar do tempo “já tinha a casa à vontade”. “A barraquinha, fomos continuar a aumentar, já fizemos o meu quarto, já fizemos uma sala, já fizemos quarto para o pequeno...”. Nesta casa, Alice acolheu outros migrantes cabo-verdianos, familiares, vizinhos ou conhecidos que estiveram temporariamente em situações vulneráveis, “cada qual com o seu quatinho pequenino”. Como uma “rapariga” que “ trabalhava na casa de uma senhora interna e ela depois conheceu um rapaz lá, namorou com este rapaz e ela ficou grávida. Como não tinha casa, nem ele nem ela tinha casa, então foram lá morar”. “Depois já acolheu outro rapaz (...) ele trabalhava com o meu marido então a gente arranjou-lhe um quarto para ele, pronto, para ele dormir, para estar lá conosco até ele fazer a barraquinha dele também lá ao pé”. Acolheram também dois casais e o irmão do marido que antes de viver em sua casa durante 4 anos, pernoitava no estaleiro das obras onde trabalhava. Ainda receberam um sobrinho de Cabo-Verde que esteve com eles dois anos e outro sobrinho que veio com a filha doente para fazer tratamento em Lisboa “Primeiro veio a mulher com a miúda, depois então mandou chamar, a miúda ia fazer uma operação de risco, tinha que ter o pai” Na altura do realojamento Alice e a família deixaram uma casa com 13 quartos. “Tudo feito em tijolo, rebocado. Cozinha, duas casas de banho, um terraço grande, tinha parte que era oficina do meu filho, que era quarto, que eram outros quartos a seguir. Tinha um casareu. Por isso que eu acolhia estas pessoas que precisavam”.

O senhor Diogo “faz de pedreiro, faz pintura, fazia tudo”. Hoje está reformado, de vez em quando faz uns “biscates”. Enquanto moravam na Quinta Grande “ele bebia muito. Eu sozinha, a lutar com os meus filhos. Meu marido até ainda não sabe quanto é que custa um caderno, quanto é que custa um lápis, quanto é que é a despesa da escola, quanto é que é a despesa disto... esta é uma parte que ele não interessou”. Assim Alice criou os seus 4 filhos. Em 1999 o mais velho faleceu num acidente de viação, com 25 anos. Dois meses antes, Diogo tinha deixado de beber, para sempre.

Com o falecimento do filho, Alice ficou responsável pelos cuidados da sua neta Isa, então com 1 ano, que sofre de paralisia cerebral. “Mãe abandonou a pequena, chamaram-me no hospital de Estefânia, se eu tinha possibilidade de recolher a minha neta. Eu pensei duas vezes. Mas depois eu disse assim, se

deus acha que eu posso... se o meu filho teve um acidente e também ficava numa cadeira de roda, eu tinha que tomar conta dele. Neste momento não tive coragem de dizer que não. Se eu podia ficar com a minha neta, se não ela ia para o centro de acolhimento. Porque, se o meu filho deixou dois carros, se ele tinha deixado milhares de dinheiro, era para a mãe. Se deixou esta filha, porque é que eu não posso acolher? E acolhi”. Ao contrário do que fez com os filhos, Diogo é muito presente na educação e cuidados de Isa “Vê a televisão e eles estão ali os dois, eu vou trabalhar, deixo ele com a Isa e ele cuida da Isa, está sempre a dar à Isa comida, está sempre a cuidar da Isa”. Alice trabalha a prestar cuidados a uma senhora de 83 anos. Precisa de continuar a descontar para a segurança social para garantir os cuidados médicos da neta.

Com o realojamento mudaram-se para a Alta de Lisboa para uma “casinha deficiente, muito pequenina (...) Mas mesmo assim, dou graças a deus, gosto da minha casinha”. Aqui vivem Alice, Diogo e Isa.

Os pais de Alice já faleceram, em Cabo-Verde. Hoje em dia tem lá o seu irmão e irmã mais velhos, a irmã mais nova e muitos sobrinhos “agora não sei quantos são rapazes nem quantas meninas, tenho que contar mas é quando estiver mesmo com muita calma, porque se não consigo lembrar”. E a casa de São Vicente. O seu irmão segundo vive em Portugal, no Barreiro. Alice visitou o seu país três vezes antes do filho falecer. Entretanto não voltou lá porque a sua neta “não pode ficar sozinha. Mas Diogo continua a visitar Cabo-Verde. “Costuma ir, sempre na altura do verão” para continuar a construção da casa em São Vicente e receber a renda de um quarto que tem alugado. Não é fiel à mulher e Alice não se importa “porque eu estou ali com o jantar e à hora da refeição está sempre em casa”. É aliás ele que lhe conta tudo sobre as suas infidelidades e muitas vezes riram-se ambos dessa situação à minha frente, com sorrisos cúmplices. Têm uma filha de 36 anos, casada. Quando tinha 13 anos “foi para o Algarve, para uma senhora, servir”. Deu à Alice duas netas, uma de 16 anos, do primeiro casamento, e outra de 3, do segundo. Têm outra filha, com 34 anos, que mora no Cacém. Trabalha como cozinheira, está casada e não tem filhos. E outra filha, de 29 anos, solteira e também sem filhos. Encontram-se semanalmente. As filhas “praticamente não conhecem Cabo-Verde... conhecem Cabo-Verde mas assim... eram bebés”. Têm familiares na Holanda e no Reino Unido de quem têm notícias esporádicas. Com os familiares de Cabo-Verde Alice está “sempre a falar ao telefone”.

#### **x) Trajectórias da Maria Júlia<sup>41</sup>**

Maria Júlia nasceu na Ilha da Brava, “filha de pais muito pobres”. Perdeu o pai quando tinha 2 anos e sua mãe ficou sozinha com 5 filhos e uma neta “era ela sozinha a trabalhar na agricultura e fomos criados mesmo muito mal”. “Eu andava de porta em porta das pessoas, a trabalhar, praticamente, a ajudar com as crianças, a ajudar a fazer as tarefas, recados e essas coisas”. Maria Júlia era a filha mais nova. Quando tinha oito anos perdeu também a sua mãe e ficou a cuidado das duas irmãs que já tinham filhos a seu cargo. A mais velha ficou em Cabo-Verde e Maria Júlia acompanhou a migração da sua irmã e do seu cunhado para Angola. Nesta altura tinha 9 anos. A outra irmã juntou-se-lhes mais tarde. “Fomos para um colonato em Nova Lisboa, para um sítio chamado Benfica”. Aqui Maria Júlia viveu com a irmã, o cunhado e os filhos de ambos. “Já não me deixaram estudar, começaram a ter filhos e eu é que cuidava deles”. Aos “12, 13 anos o meu cunhado tentou-me violar, houve essa parte de violação que não foi concretizada, mas ele tentou várias vezes”. O seu cunhado foi preso e Maria Júlia foi para casa da outra irmã mas “ela não me recebeu lá muito bem. Fui se calhar um estorvo para ela”. Foi então acolhida por outro casal, os pais da Dona Maria, mãe da mulher de Fonseca Filho (família iv). Dona Maria e Maria Júlia são ainda “como irmãs”. Aos 13 anos Maria Júlia conheceu o seu marido, também cabo-verdiano. “Um rapaz mais velho que eu quase 11 anos”. “Eu acho que comecei a namorar com ele, mas era um namoro assim de criança (...) era só de vista, só olhar e cartas”. Este namoro durou dois anos até que os pais de Dona Maria migraram para Benguela. Maria Júlia acompanhou-os. O futuro marido de Maria Júlia procurou-a e “com a ajuda de uma senhora muito idosa que depois veio a ser a madrinha do meu primeiro filho” fugiu de casa com ele. Maria Júlia tinha 15 anos “de repente vejo-me numa casa com um homem. Não me preparei, ninguém me preparava,

<sup>41</sup> Informações provenientes de entrevistas realizadas à Maria Júlia em sua casa e de dados do diário de campo escritos após curtas interações com Maria Júlia em encontros espontâneos nas ruas da Alta de Lisboa ou no café Papagaio onde vai lanchar de vez em quando.

ninguém me preparou...”. Tiveram o primeiro filho e viveram os três em Benguela. Foi “complicado. Porque o meu marido era um homem da noite. Eu não tinha a noção do que eu fui me meter. Era bom rapaz, mas gostava de andar na noite, gostava de tocar viola, gostava de muitas mulheres”. “Ele trabalhava, mas era um homem muito complicado. Lá fomos vivendo, vivendo, vivendo, até que engravidei novamente”. Voltaram para Nova Lisboa e construíram uma casa. “Estávamos a começar a ter uma vida melhor, já tínhamos uma casinha que era nossa, pronto, já estava a mudar. Rebentou a guerra, tivemos que deixar tudo para trás”. Nesta altura Maria Júlia tinha 25 anos, três filhos e estava grávida do quarto. Maria Júlia queria voltar a ver os irmãos. Ela, o seu marido, os seus filhos e as suas irmãs e famílias foram como refugiadas para a Ilha do Sal. Daqui foram para a Ilha da Brava, para casa da sogra de Maria Júlia onde viveram ela, o marido, os quatro filhos, a sogra e outros seus filhos. O irmão mais velho de Maria Júlia já tinha emigrado para Portugal, outro tinha terminado os estudos e era então guarda-fiscal na Ilha do Fogo onde morava com a sua família. “Quando ele ficou a saber que nós tínhamos ido para a Ilha da Brava, imediatamente foi para lá, foi ter connosco”. Apoiou Maria Júlia enviando-lhe “coisas, comida, porque tinha pouca família e nós não tínhamos nada”. Entretanto trouxe-os para a Ilha do Fogo e conseguiu enviar o marido de Maria Júlia para Portugal, com o apoio do outro irmão. “Estivemos lá 11 meses e ele cá”. Nesta altura Maria Júlia viveu com os seus quatro filhos, o seu irmão, a sua cunhada e os quatro filhos de ambos. Depois, com ajuda do irmão da Ilha do Fogo que comprou os bilhetes para si e para os filhos, juntou-se ao seu marido em Portugal. Inicialmente ficou em casa do outro seu irmão, que também tinha quatro filhos, em Algés, durante 7 meses. “Ele bebia muito, este bebia dum lado, ele bebia doutro lado, uma confusão doida”. Desgastada, Maria Júlia tentou arranjar uma casa só para si, para o seu marido e seus filhos. O seu marido descobriu com um colega de trabalho que se estavam a construir barracas na Quinta Grande. Esse colega comprou os materiais para a barraca. Com a ajuda dos vizinhos “ali fazia-se barraca da noite para o dia. Toda a noite a fazer”. Vizinhos ajudaram ainda com “os cobertores, com painéis, com tudo”. Ao ver a situação da família de Maria Júlia a Caritas apoiou-a com vinte contos “deu para nós metermos as portas, as chapas, deu para madeiras, para tudo. Portas, janelas e ainda sobrou. Comprámos as camas para os miúdos, colchões. Tudo”.

O filho mais velho de Maria Júlia faleceu aos 38 anos vítima do vírus da SIDA, tal como a sua namorada. Maria Júlia apoiou-os muito durante a fase terminal da doença. As duas filhas de ambos e um filho da namorada ficaram a cargo de Maria Júlia que os apadrinhou. O rapaz faleceu de cancro aos 16 anos em 2010, nos Estados Unidos, onde mais tarde se deslocou para perto do pai para tratamento. Maria Júlia conseguiu ir visitá-lo e levar as suas netas para passarem uma última temporada com o irmão. Hoje as duas meninas de 11 e 12 anos vivem consigo. O segundo filho de Maria Júlia vive actualmente em Angola. Este tem uma filha de 16 anos de um primeiro relacionamento, uma filha de 4 anos do primeiro casamento em Évora e agora espera outro filho da segunda mulher com quem vive. A filha segunda está há seis anos emigrada na Irlanda. Foi mãe aos 37 anos de uma menina. O filho mais novo também vive na Irlanda, emigração apoiada pela sua irmã. Tem um casal de filhos.

Com o realojamento, Maria Júlia mudou-se para a Alta de Lisboa. Vive com o seu marido, com as duas netas órfãs, com a filha mais nova e os seus dois filhos. Os gastos da casa são repartidos entre a reforma do marido, o ordenado da filha mais nova, o apoio mensal da filha que está na Irlanda e o esporádico do filho de Angola. Este verão perderam o apoio do banco alimentar e o abono das netas diminuiu.

Sobre o seu marido Maria Júlia considera que “ele foi um bom pai, ele é um bom marido”. “Mas muito ausente. (...) Se for preciso passa o dia todo na rua”. Continua a ter problemas com o álcool “ele ultimamente tem estado agressivo quando bebe”. O namorado da filha mais nova por vezes pernoita em casa de Maria Júlia. Tem uma relação conflituosa com o sogro mas é muitas vezes solicitado para ficar lá durante estes períodos “mais complicados” para proteger os netos, a filha e a própria Maria Júlia, do marido. “Mas ele nunca me bateu”. Por vezes durante as férias de verão, o Natal ou a Páscoa os filhos visitam Maria Júlia e juntam-se todos em casa. Ela descreve estes momentos com grande alegria.

O irmão de Maria Júlia que estava antes no Fogo pagou bilhetes de avião para Maria Júlia ir visitando Cabo-Verde. “Quando eu vim para aqui eu chorei muito porque eu disse “agora vou-me separar de vocês, como é que eu vou fazer? E com as saudades que eu vou sentir, porque eu não queria separar-me mais de vocês” e ele disse “vais, mas eu vou-te ajudar a vir ver as tuas irmãs e vir-me ver também””. Ele veio a falecer nos Estados Unidos para onde migrou mais tarde. Com a ajuda da cunhada e sobrinhos conseguiu ir ao seu funeral. A irmã mais velha está em Cabo-Verde. Outra morreu lá há 3 anos, pouco tempo depois de Maria Júlia as ter visitado da última vez, com a ajuda de um

empréstimo bancário. Com a mais velha conversa todas as semanas por telefone. Tem sobrinhos. Uns vivem em Algés “só que os meus sobrinhos cresceram, estão na vida deles, vemo-nos de vez em quando”. Outros em Cabo-Verde e os que vê mais regularmente estão em Londres. Maria Júlia é catequista, muito activa na comunidade religiosa do bairro. “Temos que agarrar a alguma coisa e eu agarrei-me a isto. À fé, à igreja, à comunidade e à minha família”.

#### xi) Trajectórias Jenifer<sup>42</sup>

Jenifer nasceu na Ilha da Praia em 1968. Quando tinha 7 anos o seu pai emigrou para Portugal onde esteve 3 anos durante os quais “mandava sempre dinheiro e mandava carta”. A sua mãe já então tinha uma *taberna* – que em Cabo-Verde é o equivalente a uma mercearia. Antes tinha sido “*rebidante* da rua”. E durante os 3 anos de ausência do pai “criou a gente, a gente de madrugada saía a 5 km da minha casa (...) a gente vinha com carga na cabeça, bananas, ovos, galinha, trazia tudo para a beira da estrada com a minha mãe a apanhava o carro para ir vender para a Cidade da Praia”. Jenifer tem seis irmãos. A mais velha foi a primeira a emigrar para Portugal e ainda hoje reside no país. Outro irmão migrou para os Estados Unidos onde vive actualmente. Os outros 4 irmãos estão em Cabo-Verde, tal como a mãe de Jenifer. O seu pai faleceu lá há 10 anos.

Jenifer acabou a 4ª classe “o meu pai dizia sempre “as meninas fazem a 4ª classe, nem precisa de escola, porque para escrever a carta para o namorado já chega””. Aos 22 anos emigrou para Portugal na sequência de uma operação, “tinha um quisto. Depois não podia trabalhar, o trabalho lá é duro, é enxada, buscar a água à cabeça e essas coisas assim”. A sua irmã “diz que é para vir, que o trabalho é para ser trabalho mais leve”. Além disso o “marido mandou buscar”: o seu namorado da altura e actual marido, com quem mantinha há um ano uma relação à distância “por carta, só”, já estava migrado em Lisboa e vivia, tal como a irmã de Jenifer, na Quinta Grande. Durante os primeiros 3 meses Jenifer viveu com a irmã até se juntar com o seu actual marido, que estava a melhorar a casa que tinha comprado. Este processo de melhoramento foi continuado gradualmente pelo casal. “Tinha uma grande casa, uma grande casa. Foi feito por ele e pelos amigos que nos ajudaram a fazer. Comprámos o material e os amigos ajudaram a fazer”. Casaram 11 anos depois de viverem juntos, já com filhos.

“Cheguei aqui, juntei com o meu marido e pronto, trabalhar só”. “Trabalhei na casa de senhora, trabalhei no restaurante, trabalhei... vendi peixe na rua, fugi da polícia, foi uma vida muito dura”.

Sempre manteve relações à distância com os seus irmãos e pais. “A respeito às minhas famílias em Cabo-Verde, a gente escrevia carta sempre uma para a outra, sem dúvida que naquela altura não havia telefone” Hoje em dia telefona para a sua mãe a “qualquer hora que eu quero”. Quando consegue juntar dinheiro e tempo visita os familiares em Cabo-Verde “fui para Cabo-Verde em Abril do ano passado e este ano também queria ir reunir os irmãos todos, somos sete irmãos, a minha mãe fez anos, 85 anos”. A sua mãe e irmãos “têm uma vida mais ou menos, o meu irmão tem carro, tem campos grandes, trabalha em casa da minha mãe, estão lá todos juntos”. O irmão da América “manda *bidón*” para a mãe de Jenifer com “roupa de cama, lençóis, toalhas” e Jenifer envia-lhe de Portugal produtos para ela revender na sua taberna como “cominho, colorau, remédios”. “A minha mãe tem e vende tudo e entretanto a gente compra e manda para ela”.

Em Portugal Jenifer tem “pouca família”. Tem 3 filhos, duas meninas e um rapaz. A mais velha está casada há três anos, vive em Odivelas com o marido e tem uma filha, a única neta de Jenifer, com 4 anos. O irmão de Jenifer emigrado nos Estados Unidos foi padrinho de casamento desta filha. Nesta ocasião deslocou-se a Portugal e Jenifer viu-o pela primeira vez em 14 anos “a gente não tinha visto um ao outro, mas quando falamos, falamos sempre, sempre, sempre”. Tem outra filha de 25 anos que também “tem a casa dela”. O filho mais novo, de 19 anos, vive ainda com Jenifer. E Jenifer tem a sua irmã mais velha a viver em Massamá. Esta tem uma filha em Lisboa e os outros sobrinhos de Jenifer estão em Espanha, Irlanda, Luxemburgo e Bélgica. A irmã de Jenifer desloca-se por entre as suas casas “por exemplo um fim-de-semana que tem um feriado e não sei o quê (...) eles pagam a passagem da minha irmã para a minha irmã ir. E então junta tudo na casa de um para fazer a convivência”. Jenifer nunca teve tempo para visitar os sobrinhos. Mas a sua casa é local de reunião familiar. “É uma alegria

<sup>42</sup> Dados retirados de duas entrevistas realizadas a Jenifer e de apontamentos do do diário de campo que relatam interações consigo e com o seu marido no seu mini-mercado.

muito grande para mim porque na casa dos meus pais também era sempre uma casa cheia e eu também aqui foi sempre assim, casa cheia ao fim-de-semana, casa cheia”. Regularmente, aos fins-de-semana, recebe os filhos e a neta. A neta “vem, dorme connosco sábado para domingo e vai à tarde, a mãe e o pai almoçam connosco todos os domingos”. No Verão recebe sobrinhos emigrados de visita, nomeadamente os filhos da irmã. Os seus sogros também a visitaram algumas vezes “eles vieram fazer visitas, vieram passar umas férias e estive aqui um ano e tal connosco” e anos mais tarde, depois do seu sogro falecer, a sua sogra adoeceu e veio viver com Jenifer, até falecer também. Jenifer acolheu ainda em sua casa “uma sobrinha que veio estudar” filha de um dos irmãos de Cabo-Verde. Viveu consigo 5 anos “mas também já tem a vida dela, está na casa dela (...) acabou a escola, também o marido dela acabou a escola e então juntaram, já tem uma filha e agora está a viver a vida dela”. Ela e a filha também são visitas regulares de fim-de-semana. Os irmãos do marido de Jenifer, emigrados em França também “vêm sempre visitar a gente”.

Hoje, tem uma mercearia na Alta de Lisboa com o marido. Moram no bairro desde o realojamento. Folgam Domingo à tarde. Todos os dias “às cinco para as sete sai lá de casa, venho abrir a loja, agora o meu marido já foi, vamos juntos, chegamos, faz o almoço, a gente almoça, acaba, às três horas já estou aqui, à noite chego lá, entro, é aí nove horas mais ou menos que entro dentro de casa, fazer o jantar e fazer a minha vida e pronto”.

Sente-se feliz em Portugal, está cá há 29 anos, “já tenho mais anos daqui que da minha terra” mas tanto Jenifer como o marido planeiam voltar a Cabo-Verde “se tenho dinheiro para abrir lá um negócio conforme está aqui, pronto, metia lá um empregado, de vez em quando vinha ou ia. Depois os meus filhos também assim iam mais vezes”. Separar-se dos seus filhos e neta seria o mais difícil mas “os fios já estão tecidos. Eu saí de ao pé da minha mãe e do meu pai tinha 22 anos. E eu vim para aqui e vim fazer pela vida, vim com ele pronto, batalhámos a vida, que é mesmo assim”. É importante para si que os seus filhos e netas se relacionem com a família de Cabo-Verde e esta pode ser uma forma de o concretizar porque “os tios também estão lá e pronto, para criar mais ambiente, mais amizade entre a família, mais que aquilo que está eu queria que crescesse mais. Um dia, quando eu morrer, quero para ficar a família mais unida, já eles, os primos, com os primos, para saber “nós somos primos, a minha mãe e o meu pai, a minha mãe e o meu pai eram muito unidos, nós também temos que ser unidos” para não acabar a família, o nome da família”.

## **xii) Trajectórias do Jaime<sup>43</sup>**

Jaime nasceu na Ilha do Fogo em 1967. Pouco antes de fazer 17 anos, em 1973, emigrou. Foi dos primeiros da sua geração a migrar. “Naquela altura, quando foi tratar de documento para embarcar todos os vizinhos “como vão mandar uma criança para a Europa?””. A maior parte dos seus irmãos migrou para os Estados Unidos, para onde os seus pais o aconselharam a migrar também. Mas na altura de decidir um destino, Jaime ponderou “Estados Unidos é um país... é longe, sete horas de avião ou 8 horas ou mais”. Escolheu antes Portugal porque “qualquer coisa um gajo volta”. Os pais contactaram então com um tio que estava emigrado em Luxemburgo. Teve notícias que a migração estava aberta para esse país e tinha intenções de partir para lá quando chegasse a Portugal. No entanto este projecto foi interrompido mal encontrou trabalho nas obras em Lisboa. Acredita no entanto que “aqueles que foram para lá tiveram mais sorte.” E agora pensa que “a Europa é uma ilusão”. Jaime migrou sozinho, “fez tudo sozinho, era novo, não tinha assim muito conhecimento”. Considera que as dificuldades que passou estão relacionadas com a sua educação que não o preparou para ser independente. Em Cabo-Verde, por ser homem não podia entrar na cozinha. Mas com a migração “o gajo tem que fazer com a própria mão, um gajo não sabia nada e essas coisas todas. O resto... já lavei roupa com a minha mão, já passei com a minha mão”. Coisas que em Cabo-Verde não fazia. “Contudo passei mal, eu aqui sozinho e a família lá, sabe aquelas coisas da juventude como é que é. Todo o dia andava sempre pensando na família”. Na altura enviava uma carta para Cabo-Verde de dois em dois meses. E com o tempo criou laços de amizade em Portugal “frequentámos as festas que fazia de cabo-

<sup>43</sup> Dados provenientes de uma entrevista realizada ao Jaime no café Papagaio e de uma série de conversas informais estabelecidas consigo ao longo do trabalho de campo, neste e noutro café da Alta de Lisboa.

verdiano com música, dança, essas coisas, já se faz animado”. Começou a namorar com uma rapariga da sua ilha. Ela tinha chegado a Portugal pouco depois dele e já cá tinha o irmão e a mãe. “Encontramos, começamos aí na atrevidela e...Casámos. Namorámos menos que um ano e depois casámos”. Jaime tentou manter as tradições da Ilha do Fogo para a formalização do seu pedido de casamento. “na Ilha do Fogo, se quero casar contigo a minha família tem que conhecer a tua família toda, a tua família tem que conhecer a minha, se é de boa família, o passado, qualquer coisa manchado não admite”. “Foi complicado”. Mas a mãe da sua namorada conhecia a sua mãe. “Comuniquei com as minhas famílias em Cabo-Verde que eu vou casar tal dia com fulana de tal filha de fulano de tal”. “A minha mãe “você já é um homenzinho, tu que sabe o que é que vai fazer, se quer casar, case”. Assim foi.” Passados alguns anos, já com uma filha, “a vida aqui não estava a dar muito dinheiro mudei para a Suíça, trabalhei na Suíça.”. A sua mulher e a filha ficaram em Portugal, numa casa no Campo Grande donde depois foram despejadas. “É assim a vida”. “Eu telefonava toda a semana. Não todo o dia porque não dava, toda a semana.”. Jaime visitava Portugal quando podia. A sua mulher ficou grávida do segundo filho, um rapaz que nasceu há 26 anos, com o Jaime ainda na Suíça. “Não foi fácil.”. Regressou a Portugal. Entretanto a sua mulher tinha comprado uma barraca na Quinta Grande. “Quando vim da Suíça para vir para casa teve que procurar onde é que é.”. Voltou a emigrar. “Há anos atrás fui para Londres, sempre com dificuldade.”. Lá teve um acidente e ficou reformado por invalidez por problemas no tendão da mão direita e no ombro. Para continuar a receber a reforma manteve lá a sua residência oficial. “Se o médico chama, vou.”. Oficialmente só pode vir a Portugal por 3 meses “mas sabe que a gente é esperta (...) Então um gajo vem passar 3 meses. E fica mais”. Sempre que é chamado, um amigo lá informa que Jaime “partiu ontem” e telefona-lhe para a casa de Portugal a avisar. Dão-lhe uma ou duas semanas para voltar e num instante ele compra um “voo electrónico que é barato”. E assim consegue passar a maioria do seu tempo perto da família. A sua mulher, que Jaime considera uma “boa dona de casa” e uma “grande mãe, puxa!”, trabalha há 36 anos como doméstica, sempre com a mesma senhora, “a doutora, que é como se fosse família”.

O pai de Jaime faleceu há muitos anos e a sua mãe faleceu no ano passado, com 95 anos, em Cabo-Verde. Jaime nunca voltou ao seu país. Por isso, há 42 anos que não vê o irmão mais novo que lá ficou. Só por fotografia. Mas Jaime deseja voltar à terra. Mandou construir lá uma casa. “Um casarão de 3 andares”. Enviou o projecto de Londres ao irmão que mediu todos os procedimentos, supervisionando a obra. Pelo telefone diz-lhe como estão as coisas. Jaime manda-lhe dinheiro regularmente. Tem lá também outra irmã e irmãos da parte do pai. Comunica com todos por telefone. Tem ainda outro irmão e outra irmã nos Estados Unidos com quem também contacta por telefone. Já os visitou e conheceu os seus sobrinhos. O seu filho também foi visitar os tios. Jaime tinha planeado que ele ficasse lá a estudar mas o seu filho quando voltou para Portugal disse-lhe “pai, aquilo é podre”. Jaime compreendeu a posição do filho e ao comparar a vida em Portugal com a que conheceu nos Estados Unidos considera que “a questão nem é o racismo. É complicado São os gangs, uma pessoa vai como daqui ao Lumiar e pode ser morta com um tiro”. Além dos Estados Unidos Jaime conhece muitos países europeus. E considera que o país de que mais gosta para viver é Portugal. “Aqui há um pouco de delinquência de vez em quando, no bairro. Droga. Mas não há tiros”. A sua filha é formada em Ciência Política. Actualmente vive em França com o marido, com quem casou depois de terem migrado juntos para a Austrália onde viveram dois anos. “Tem um emprego bom”. É a sua filha que liga ao Jaime “sempre”, para casa, por ter chamadas gratuitas. Nas férias de verão e do Natal ela visita os pais em Portugal. Desta filha, Jaime tem uma neta de dois anos. “Ser avô é giro”. O seu filho também lhe deu um neto, com um ano e vive com ele e com a namorada em Almada. Em Lisboa, Jaime vive actualmente com a sua mulher e com um sobrinho, filho do irmão de está em Cabo-Verde. Ele tem 26 anos e está a estudar na Universidade Católica. Jaime dá-lhe a alimentação e a casa. O resto está por conta dele, porque “ele é adulto”.

Jaime sai de casa todos os dias pelas 10h para ir para o café onde acaba por petiscar ao almoço. Durante a tarde joga biscoitos com um grupo de amigos noutra café e sem falta às 19h volta para casa. A esta hora assiste sempre ao programa *Nha terra, nha kretcheu* na RTP África onde se informa sobre as notícias de Cabo-Verde. “Eu gosto de Portugal para viver. Cabo-Verde é o meu país, onde eu nasci, Portugal é onde é que eu Titi o resto da minha vida”.

### xiii) Trajectórias do Fábio<sup>44</sup>

Fábio nasceu em 1957 na Assomada, em Santiago. É o irmão mais velho de sete irmãos, com ele 3 rapazes e quatro raparigas. Aos dois anos foi dado a criar à sua avó paterna, decisão do seu pai perante a viuvez precoce da avó. Fábio continuava no entanto próximo da casa dos seus pais.

Em 1972, com 15 anos, emigra para Portugal. O seu pai já tinha emigrado, primeiro para Portugal, onde trabalhou na Lisnave, e depois para os Estados Unidos, onde trabalhou 18 anos. Aos 15 anos, Fábio “não queria estar ao pé dos pais, (...) queria ser independente e vim para aqui”. Trabalhou como pedreiro. A sua experiência migratória revelou-se “praticamente uma desilusão”. No entanto nunca decidiu regressar, “o que é que eu vou fazer lá se não tenho nada?”. Na década de 80 o seu pai ofereceu-lhe “umas coisas, umas regalias”. E aconselhou-o a estudar disponibilizando-se para pagar os estudos. Mas Fábio “naquela altura já estava habituado a ganhar alguma coisa, “não, não, estudar não””. Emigrou para a Suíça onde fez amigos e arranjou “um trabalho certo”. Mas quando visitou Portugal de Férias teve um acidente que o impediu de voltar e de trabalhar como pedreiro. Há dez anos que trabalha na portaria de um hotel “um trabalho até bom, o ordenado nem é muito, mas é certo”.

Mais tarde o seu pai voltou a emigrar, desta vez para Luxemburgo. Fábio considera ter tido uma relação muito próxima com o pai, mantida à distância e pontuada por visitas anuais. “Éramos muito amigos, o meu pai, eu via ele todos os anos, ele vinha de Luxemburgo, parava comigo aqui uma semana e depois ia para Cabo-Verde. Vinha, parava aqui mais uma semana e depois ia para Luxemburgo”. Reformou-se e subsistiu com a reforma deste país. Há cinco anos o pai faleceu em Cabo-Verde. Fábio conseguiu ir assistir ao seu funeral e às missas de um, dois e três anos.

Um dos irmãos está em Cabo-Verde. Construiu uma casa ao lado da dos seus pais “mas é como morasse com a minha mãe”. Lá tem também “os meus amigos, tenho lá os meus filhos, tenho lá os meus vizinhos”. E uma casa “onde moravam os meus filhos, mas como a mãe dos meus filhos é filha única, os pais, está em casa dos pais”. Assim a casa de Fábio está alugada.

Os outros irmãos e irmãs de Fábio moram em Portugal em Benfica, Carnaxide, Belém e na Amadora. A sua mãe, agora com 78 anos, passa temporadas em Portugal onde vem fazer exames rotineiros de saúde. Actualmente está alojada em casa de uma das irmãs de Fábio onde uma vez chegou a permanecer dois anos. Mas prefere sempre voltar a Cabo-Verde “porque ela diz que isto aqui é muito parado, está sempre fechada em casa e lá está habituada a cuidar dos animais, da agricultura”. Fábio admira o gosto que a sua mãe tem pelo trabalho, apesar de não ter necessidade já que recebe, enquanto viúva, a reforma de Luxemburgo do seu falecido marido e “os filhos sempre mandam alguma coisa”.

Fábio teve filhos “com uma mulher e tenho com outra mulher”. Em Portugal estão dos filhos da primeira mulher com quem se juntou “há 30 e tal anos”. Um tem 33 anos, uma 32, uma 30, um 28 e um 21. O mais velho tem uma filha com 11 anos.

Antes de morar na Alta de Lisboa Fábio morou num apartamento no Campo Grande com a primeira mulher. Perante ameaças de evacuação total do prédio pela parte da autarquia, comprou uma barraca na Quinta Grande. Enquanto não se mudou para lá, disponibilizou-a à sua irmã. Gradualmente “e quando tive oportunidade fiz maior”. Numa altura em que estava a visitar Cabo-Verde a sua mulher de então mudou a casa da Quinta Grande para seu nome. No período de atribuição de casas na Alta de Lisboa para realojar a população da Quinta Grande, Fábio recebeu uma casa em conjunto com esta mulher “mas estávamos separados!”. Neste momento Fábio está a tentar esclarecer esta situação judicialmente, mas no entretanto co-habita com a antiga mulher, com o filho mais velho e sua filha, e com a filha mais nova. “Mas eu e a mãe dos meus filhos não tratamos, não tratamos. Ela é muito complicada. Nessa idade que eu tenho também já não me quero chatear”. Fábio deixou de investir emocional e materialmente na sua casa de Portugal. “As coisas que eu tinha, por exemplo frigorífico, máquina de lavar, os computadores, mesas... ela quando tiver oportunidade de arranjar uma, eu saio e quando chego não encontro. Não sei se ela dá a gente, à família, não sei”. A sua ex-mulher expressa a sua relação de conflito expropriando o marido de uma série de objectos. Fábio descreve-me incrédulo alguns episódios “arrumou as malas que eu tinha com a roupa, papéis e meteu fogo. Meteu fogo nas minhas coisas.(...) a bolsa onde tinha os papéis do banco e tudo, ela meteu lá uma camisas, umas

<sup>44</sup> Dados provenientes de uma entrevista com Fábio realizada no Café Papagaio e de outras conversas informais relatadas no diário de campo.

gravatas, boxers... (...) ela pegou em fotografias do meu pai, mais não sei o quê, ela pegou e foi meter no lixo (...) e depois venho para casa, eu chego em casa, ela... olha, até os sapatos! Eu tinha lá uns sapatos, apanhou-me dois pares de sapatos pretos que eu tinha e depois faltou um pé. Depois passado três quatro dias o outro pé. Ela apanha e manda para as famílias dela”. Fábio encara estas atitudes como uma provocação através da qual, estrategicamente para poder apresentar queixa futura e ficar com a casa, a mulher tenta que ele se irrite ao ponto de lhe bater. Mas Fábio assume peremptoriamente que nunca vai bater na mulher, que tem fé, que a justiça vai ser feita de outra maneira.

Esta relação de conflito resulta com que o seu quotidiano seja vivido sobretudo fora de casa, “só vou para casa deitar-me. Levantei, já vim para aqui [ao café Papagaio] tomar o pequeno-almoço e depois almoço e depois vou para o trabalho. Vou para o trabalho, saio de noite e depois vou para casa”. Vai também para outros bairros que não a Alta de Lisboa, como o Bairro da Tourela onde “ jogam as biscoas que é um jogo tradicional de Cabo-Verde... eu vou lá... ainda ontem estive lá até à meia-noite”.

Aos fins-de-semana é-lhe difícil encontrar-se com a sua mãe e irmãos devido aos seus horários irregulares. Mas reúnem-se no Natal.

Em Cabo-Verde tem a outra família: a mulher, que considera sua companheira, e os filhos, um rapaz e uma rapariga, que “vivem com a mãe mas à minha responsabilidade”. Ambos já terminaram o 12º ano, e estão a tentar entrar para a faculdade, a mais velha a fazer exames de melhoria. Têm os dois a nacionalidade portuguesa e Fábio tem perspectivas que venham estudar para Portugal. Participa na educação deles através do envio de dinheiro e de coisas que lhe pedem os filhos “mandei roupas, mandei... mando dinheiro todos os meses enquanto dá e à mãe, mando tudo. Eu propriamente, se não tivesse de mandar para os meus filhos, eu não ia trabalhar, até”. E telefona duas vezes por semana para casa da mulher. Quando vai a Cabo-Verde leva chocolates e presentes para a mulher e artigos como mp4 e telemóveis que os filhos pedem “mas quando vamos só temos direito a 30 quilos, então é difícil mandar”. Fábio excede sempre este limite, “mesmo a pagar”.

#### **xiv) Família do Joaquim<sup>45</sup>**

Os pais de Joaquim migraram para São Tomé pouco depois de terem a sua primeira filha em Cabo-Verde. Em São Tomé este casal teve mais uma menina, seguida do Joaquim, em 1959, e mais cinco meninos. A filha mais velha veio a falecer. Quando Joaquim tinha cerca de 4 anos, ele, a sua mãe e os seus irmãos reuniram-se ao seu pai que tinha migrado de São Tomé para Angola. 7 anos depois regressam a Cabo-Verde e aqui nasceu a irmã mais nova de Joaquim. A infância que Joaquim recorda foi passada em Santo Antão, onde viveu com os seus pais e sete irmãos, numa casa próxima da dos avós maternos. Joaquim “era curioso de mais. Eu ia sempre para a cozinha (...). E o meu pai não gostava. O meu pai dizia assim “os rapazes não podem estar na cozinha, a cozinha é das mulheres”. E eu dizia, “tu é que estás a falar mal, eu tenho que aprender qualquer coisa que nunca se sabe um dia se eu viver sozinho””. Hoje em dia considera-se independente porque é solteiro mas cozinha para si. Passados poucos anos, o pai de Joaquim migrou para Portugal, deixando em Cabo-Verde a mulher a cuidar de oito filhos. Teve de voltar para Cabo-Verde “eu escrevi uma carta a ele a dizer que a minha mãe estava muito doente e eu sozinho com a minha irmã não conseguíamos tomar conta dela, éramos muito jovens, então o meu pai voltou para lá e assim a minha mãe ficou curada depois de ter vindo, porque ela não conseguia aguentar o trabalho lá que era muito pesado”. Em 1976 Joaquim migra para Portugal com o seu pai, com a ajuda de dinheiro enviado pelo seu padrinho então emigrado na Suíça. “o pai não conseguia fazer isso porque não tinha meios de ajudar-me a sair de Cabo-Verde. Então o meu padrinho que é irmão da minha mãe fez questão de me ajudar e dar-me oferta a mim”. Joaquim esteve dois meses em Portugal e seguiu para a Suíça. Aqui o seu padrinho arranhou-lhe trabalho como embarcação num barco Holandês e Joaquim migra para a Holanda. Fez 17 anos no barco. “Desde o princípio dos 17 anos eu trouxe de Cabo-Verde 7 pessoas. Com o meu dinheiro paguei tudo.” Exceptuando o seu pai, que já estava em Portugal e a sua irmã segunda (a mais velha depois do falecimento da irmã em São Tomé) que tinha migrado para a Suíça com ajuda do padrinho de Joaquim,

<sup>45</sup> Dados retirados de uma entrevista realizada ao Joaquim num café da Alta de Lisboa e de conversas informais consigo, no mesmo café, e com o Chico na Associação Espaço Mundo.

Joaquim trouxe para Portugal a sua mãe e os seus 4 irmãos e duas irmãs. Para receber a família, o Pai de Joaquim comprou uma casa na Quinta Grande, com a ajuda de Joaquim “eram sete contos e quinhentos naquela altura e eu ajudei para comprar. E fui fazendo, fui fazendo e já estava maior. Água, luz, tudo feito por mim, canalizar, tudo”. Enquanto vivia na Holanda “na altura que eu vinha de férias, ia e vinha, ir e vir. Arranjava a casa, a parte de trás, cresci a casa para uma família muito grande, essas coisas”. Da Holanda Joaquim foi depois para Inglaterra onde casou com uma inglesa de quem teve uma menina, agora com 24 anos, e um menino agora com 25, o Alan. Quando o Alan fez um ano veio para Portugal para ser criado pelos pais de Joaquim. “Eu e a mãe dele já não estava bem, coisas complicadas até hoje, foi muito complicado (...) e ela deixou o filho ficar aqui. Com a minha mãe”. Joaquim descobriu mais tarde que a sua mulher tinha problemas relacionados com toxicod dependência. A filha, que tinha ficado com a mãe em Inglaterra, ficou mais tarde a cuidado de assistentes sociais.

Joaquim juntou-se com uma mulher cabo-verdiana em Portugal. Viveram primeiro nas Galinheiras e depois arranjaram uma casa em Mira Sintra. Tiveram juntos duas filhas, hoje com 14 e 5 anos. Há 12 anos a mãe de Joaquim faleceu. “Não aguento falar nela, dói muito, dói muito. Ia para a cama dela e chorava de uma maneira”. Depois do falecimento da mãe de Joaquim, o seu pai visitou a América “umas quatro ou cinco vezes”. A segunda irmã de Joaquim tinha migrado para os Estados Unidos para se reunir ao marido que já lá estava. Tinham tido juntos cinco filhos em Portugal mas ao chegar à América ela descobriu que “já o marido tinha filhos com outra mulher”. Sozinha com os cinco filhos “ela coitadinha conseguiu alcançar tudo o que desejava, já tem uma casa, uma vivenda grande”. Hoje em dia esta irmã envia dinheiro ao pai do Joaquim para a visitar. O Joaquim nunca visitou os Estados Unidos “ainda não tive aquela oportunidade assim, intenções de ir”.

Joaquim separou-se da sua segunda mulher e ela migrou com as filhas para Luxemburgo onde residem actualmente. O Alan mora na Suíça com a sua namorada e um filho. A sua namorada veio ter o bebé a Portugal “como ela não está a trabalhar ainda lá, então veio cá ter o bebé e foi logo para lá.”. Joaquim foi vê-los à maternidade. Ao pé dos netos, Joaquim sente-se “um felizardo”. Tem mais duas netas em Luxemburgo, da primeira filha, que entretanto também migrou para lá. Falam por telefone e nos Natais e por vezes no verão a filha oferece os bilhetes de avião para Joaquim as visitar “E eu me sinto bem assim, ver elas, brincar com elas, fazê-las sentir que eu sou um cabo-verdiano, sou uma nação diferente aos ingleses mas sei adaptar isso.” As suas netas não falam português nem crioulo mas dizem-lhe ao telefone ou ao ouvido quando estão juntos “eu te amo, avô”.

Actualmente Joaquim é solteiro. Tem uma namorada mas por enquanto não a relaciona com a sua família. Joaquim está a viver na Alta de Lisboa com um irmão que se divorciou. “Cada um vai à sua vida, cada um sabe o que faz e o que deixa de fazer”. Estão perto da irmã, Tina, que é mulher de Chico<sup>46</sup>. Juntam-se em casa dela aos fins-de-semana e vão juntos visitar o pai que está num lar. Quando está em casa da irmã, Joaquim aproveita para telefonar aos seus irmãos, sobrinhos e afilhada a residir nos Estados Unidos, ao seu filho e neto na Suíça, às suas filhas e netas que moram em Luxemburgo e aos primos e tios que tem em Cabo-Verde. Joaquim tem “saudades de Cabo-Verde mas não tem ideias de ir para lá”.

### **1.1. Transnacionalismo from below e migrações como factos familiares**

Os percursos migratórios retratados demonstram como as migrações destes sujeitos estão relacionadas e foram impulsionados e condicionados pelas as oportunidades e constrangimentos históricos referidos no capítulo II.1.1 (a escassez de recursos em Cabo-Verde, a procura de mão de obra em Portugal, a abertura das fronteiras em Luxemburgo, a facilidade de entrar nos Estados Unidos por via de familiares, a Guerra Civil em Angola). Perante estas oportunidades e condicionamentos as diferentes motivações e os diferentes recursos económicos e sociais destes

---

<sup>46</sup> Retratado na família iii.

migrantes influenciaram as suas decisões e trajetórias. Observamos motivações heterogêneas e diferentes tipos de migração. Migrações despoletadas por projectos pessoais (Jaime, Lurdes) para fugir de conflitos (Graça, Alice e Maria Júlia), para procurar trabalho (Fábio, Chico) para evitar o serviço militar obrigatório (Chico), para a reunião de casais (Jenifer, Amália) por motivos de saúde (Jenifer, Bia), para estudar (Telma, Bia) ou para se reunir aos pais (Telma). Vistas de uma perspectiva diacrónica, estas histórias permitem-nos ainda observar a formação e manutenção de redes de base familiar que fomentam e/ ou sustentam as migrações com base em práticas de transnacionalismo *from below*. Em todas as histórias a componente familiar é central à circulação de pessoas e por isso estas migrações são *factos familiares*. Estes enquadramentos diacrónicos permitem-nos ainda compreender a localização actual das redes de cada uma destas famílias, entendê-las como resultado dos processos migratórios descritos e situa-las e aos seus membros nos vários países por onde circularam, ou não, as coisas da etnografia.

## 2. A Casa também é um objecto transnacional

“Houses are the elephants of stuff” (Miller, 2010)

Ao longo da etnografia procurei em primeiro lugar aceder aos discursos sobre as trajetórias das pessoas de forma a enquadrar o envio e recepção de objectos transnacionais no contexto familiar. É com as histórias descritas acima que as coisas da etnografia se relacionam e é neste enquadramento que são apropriadas.

Em segundo lugar defini como estratégia metodológica a observação das apropriações de objectos transnacionais através da presença etnográfica no espaço doméstico das famílias com que trabalhei<sup>47</sup>. Esta escolha segue o pressuposto

---

<sup>47</sup> Como adiantei no capítulo metodológico, não entrei nas casas de todos os meus entrevistados. Pelas diferentes intensidades das relações estabelecidas no terreno, eventualmente condicionadas por questões de género, mas também pelas formas de viver o espaço doméstico pelos sujeitos em análise. Não entrei nas casas do Jaime nem do João, quem entrevistei no café; não entrei em casa da Tomásia, para quem a casa é um lugar de conflito com a cunhada; nem em casa do Fernando, para quem a casa é também um lugar de conflito, neste caso com a ex-mulher; nem em casa do Chico, que utilizava a Associação Espaço Mundo como lugar de socialização; nem em casa da Geny que passa a maior parte do seu tempo no seu mini-mercado, folgando apenas aos Domingos à tarde. Não deixei no entanto de considerar pertinentes os seus discursos para análise neste trabalho.

defendido por vários autores de que a casa é uma arena pertinente para observar e discutir as relações entre pessoas e coisas (Silverstone, Hirsch e Morley, 1994; Miller, 2010; Rosales, 2010) ao mesmo tempo que constitui um local expressivo e significativo para analisar as complexidades dos processos migratórios (Burrell, 2008; Rosales, 2010; Miller, 2010). A casa é ao mesmo tempo uma arena onde as práticas quotidianas acontecem mas também uma entidade social que as influencia e é transformada pelas mesmas.

Ao longo do trabalho de campo emergiram muitas referências valorativas relativas às **várias casas** da vida dos sujeitos (ecoando a relação dialéctica entre histórias de vida e objectos enfatizada por Burrell 2008). Para a compreensão dos espaços domésticos que visitei considero que estas casas têm uma natureza processual influenciada pela fluidez intrínseca à natureza dinâmica destas unidades familiares, em particular influenciada por uma cultura familiar assente em padrões de mobilidade. “Like the families, homes too moved from one original location to several others, had to adjust to different social, economical, political and spatial structures, lost some of its inhabitants and gained others, were visited by old and new friends, testified the maintenance of ancient habits and routines and the introduction of new ones and gained new things while keeping and losing others” (Rosales, 2010).

Os percursos migratórios descritos acima aconteceram através de vários espaços domésticos. Casas do passado e do presente, casas em Portugal, em Cabo Verde e noutros países. Relembro que o contexto de trabalho é um local de realojamento social<sup>48</sup>. Isto implica que além da experiência migratória, a que é já inerente um afastamento de espaços domésticos e materialidades do país de origem e/ou de outros países cruzados pelos migrantes, os sujeitos entrevistados investiram também, noutras fases das suas vidas, noutras casas<sup>49</sup>, nomeadamente na Quinta Grande, na Quinta da Paleipa, no Campo Grande, que tiveram de abandonar posteriormente. E a memória das casas anteriores e das casas visitadas é parte constituinte da forma como a casa de hoje é experienciada. Assim, tal como falar de um objecto implica falar das suas trajectórias (Appadurai, 1986) e da sua relação

---

<sup>48</sup> Ver capítulo sobre a Alta de Lisboa: II.2.

<sup>49</sup> Com excepção para os moradores do Bairro da Cruz Vermelha. Neste micro-território os prédios sofreram um programa de requalificação e não de realojamento o que implicou que os habitantes permanecessem nas mesmas casas.

sistémica com os objectos que o rodeiam (Baudrillard, 1988; Douglas e Isherwood, 1979; Bourdieu, 1979), falar das casas que são habitadas hoje implica uma referência directa à casa da infância e/ ou outras casas dos seus trajectos. Estas referências nalguns casos são complementadas com uma outra casa, a casa construída ou ainda em construção, em Cabo-Verde. “Home-making is, then, about merging present and past while equating the future” (Rosales, 2010)

## 2.1. Casas do passado

### *“Era uma casa grande, a família era grande”*

“é uma alegria muito grande para mim porque na casa dos meus pais também era sempre **uma casa cheia** e eu também aqui foi sempre assim, casa cheia ao fim-de-semana, casa cheia. Agora é que estamos menos, mas mesmo assim aos fins-de-semana estamos menos porque os irmãos do meu marido também estão na França e assim aos fins-de-semana eles vinham cá ou nós íamos lá e foi um relacionamento de família muito bonito. E continua a ser, quando eles vieram, vêm de lá para cá, vêm sempre visitar a gente”

Jenifer

“Está o meu irmão mais novo, mas a nossa casa onde fomos criados todos, portanto, o meu irmão construiu uma casa ao lado da casa dos meus pais, então **na casa dos nossos pais continua com a porta aberta**, não é? E todos os netos que vão para lá dormem e os outros filhos quando vão entram, e depois temos terrenos assim grande em volta da casa e então estão todos lá. E o meu irmão continua lá, tem sempre aquela saudade, aquela sensação que chega lá e encontra os nossos pais, mas não, é aquela sensação que a pessoa tem que encontra, mas não está lá, não é? Já morreram há muitos anos. (...). Há zonas que uma pessoa vai e fica triste. Porque chegas lá e já não encontras aquela gente. Está a ver? Aquela amizade, aquele carinho que antes sentia... **chega lá, encontra tudo vazio**”

Lurdes

“Onde agente morava era um sítio fora da cidade e agora não está lá ninguém a morar, as pessoas que moravam lá já foram todas para a cidade. Eu quando fui passar férias parece que nem estava em Cabo-Verde. (...) Fui, mas já estava cheia de palhas, **o sítio abandonado**. Eu me lembro de entrar no meu quarto e encontrei com ratos, eu sair a correr e disse “oh, isso era o meu quarto” [risos]. Já não está lá ninguém a morar. Já tiraram as telhas...”

Amália

“Com os meus pais, as minhas irmãs e os meus irmãos. **Era uma casa grande, a família era grande**, era uma casa grande”

Cândida.

Quando as casas da infância são evocadas, tanto as que ainda estão habitadas como as que já não têm ninguém, têm-lhes sempre associada uma noção de família que pode estar presente ou ausente. A ideia de uma infância com uma família grande numa casa cheia é transversal nos discursos sobre as casas do resto do percurso

migratório. Estas dicotomias família grande/ pequena, casa vazia/ cheia orientaram parte dos discursos sobre os espaços domésticos onde **casa, família e “convivência”** apareceram associadas.

Ao longo dos percursos migratórios outras casas continuaram a estar *cheias de família* e estas são também evocadas com nostalgia. A ideia de uma convivência *sã* entre co-habitantes não relacionados por laços de sangue é realçada, no caso de uma casa de acolhimento no Senegal. Mas também no caso das casas na Quinta Grande e na Quinta da Paleipa. Aqui, o tamanho e qualidade das casas são evidenciados (estas foram construídas, literalmente, pelos sujeitos) e também é exaltado o seu enquadramento no espaço envolvente. Na morfologia espacial destes bairros quintais entrecruzavam-se e janelas estavam dispostas frente-a-frente, proporcionando a convivência com familiares e vizinhos e permitindo que as crianças brincassem em conjunto.

#### **“Era um convívio sadio, ã?”**

“A casa da minha tia, só que a minha tia é daquelas pessoas, como sofreu, sofreu quando era nova e ela dizia que não punha ninguém na rua. Chegámos a estar aí numa casa, deixa ver, tínhamos dois quartos. Um é sala e quarto, ao mesmo tempo. E tinha um outro, o outro tinha um cortinado, tinha uma cama, lá tinha quatro pessoas ou quê, depois do outro lado, de mulheres, tinha três e mais uma com duas, tinha duas camas de quatro homens de um lado, depois... mas é tudo familiar! É familiar, se não é familiar, passa a ser familiar lá. Vive... depois outro na sala, tinha mais uma cama que tinha uma mãe com três filhos. Era a comadre, não tinha, porque puseram na rua... e a minha tia... mas numa outra anterior, tinha uma outra casa que lá só tinha duas famílias, estávamos lá cerca de vinte, eu acho. Mas ela nunca... também quando estávamos a trabalhar no mar, a gente ajudava, todos nós, toda a gente ajudava. Ela não pedia nem nada, nós chegávamos “ó Tia, isso... Tia Vitória, Tia Vitória”... é assim, todo o mundo ajudava. Isso compensava aqueles que não estão a trabalhar. Porque nem todos estão a trabalhar em simultâneo. Mas como um ajudava o outro, não havia problema. Estávamos aí, eu tenho dinheiro, vamos a um cinema, vamos ao baile, não há problema, pago eu. Não tem problema. Ou dou dinheiro e ele paga dele. **Era um convívio sadio, ã?** Sadio mesmo”.

Chico, sobre a casa que o acolheu no início do seu percurso migratório, no Senegal

“e tínhamos os nossos vizinhos e era... tanto parecido com Cabo-verde, porque continuávamos a brincar na rua até às tantas e depois só ouvíamos cada uma das mães ou das tias ou as avós a começar a chamar um a um e depois de jantar continuávamos a brincar... era... e também tinha muito o costume de ao fim-de-semana se fazer uma comida de Cabo-verde, por exemplo, uma das coisas era o Cous-cous que só as pessoas mais velhas sabiam fazer, não é, as da, digamos, da primeira geração e era... e **partilhávamos mais as coisas** e éramos mais íntimos”.

Bia, sobre o Bairro da Cruz Vermelha no final dos anos 90, quando chegou a Portugal.

“Na Quinta Grande era diferente porque eles tinham a rua, **brincavam à porta de casa**, brincavam no quintal, era diferente. **Hoje em dia não há quintal, não há nada, é uma gaiola**, eu costumo dizer que estamos metidos numa gaiola”.

Maria Júlia

**“A nossa casa era cheia de gente (...).** Toda a família e quem não era família também ia na mesma. É uma casa cheia de gente. (...). Até pessoas que dormiam também. Nas sextas-feiras a nossa casa até Domingo era cheia. **Festa, mas festa comum.** De amizade, mesmo. Festa, festa de Cabo-Verde. Faziam festa. Uma alegria. A minha mãe chorava depois quando saiam de casa. Dizia assim “ah, a festa estava tão boa, vocês já vão”.

Joaquim

**“as crianças estava tudo junto,** quando as mães chamavam saltavam um quintal, saltavam o muro para ir responder à mãe, eu chamava os meus, os meus saltavam o quintal para responder...”

Alice

“Gostava muito de lá viver, tínhamos uma casa grande também na Paleipa, tinha uma vivenda, tinha um quintal grande, **fazíamos lá churrasco, fazíamos lá tudo,** tínhamos lá plantas, algumas árvores de frutos (...). Tínhamos capoeira no quintal. Era bom, mas pronto, depois viemos viver para aqui. Também gosto de estar aqui a viver. É um prédio sossegado, apesar que alguns vizinhos não se entender ali, mas também gosto de viver aqui nesta zona”.

Lurdes

“Morávamos assim, a casa era mesmo junto, da janela **podíamos passar as coisas para a janela deles.** [Agora] é melhor, não é? Mas no princípio chorámos”.

Amália

A evocação nostálgica de outras casas também constitui a representação actual da casa de hoje. Nalguns trajectos as casas foram deixadas para trás depois de investidas, na sua materialidade, com recursos financeiros e emocionais. Estas são por vezes evocadas com tristeza e nostalgia.

### **“Já tínhamos uma casinha que era nossa”**

“Nessas andanças todas, regresssei para Nova Lisboa, construímos uma casinha, a câmara lá deu-nos um terreno, comprámos um bocado de terreno, e lá construímos aquela casa. Estávamos a começar a ter uma vida melhor, já tínhamos uma casinha que era nossa, pronto, já estava a mudar. Rebentou a guerra, tivemos que deixar tudo para trás. / **Fechei a porta da minha casa com tudo, só tirei algumas roupas**”.

Maria Júlia

“A única coisa que eu trouxe de Angola foi uma malinha de roupa e dez contos em dinheiro”. “Chegámos aqui em Portugal, no aeroporto da Portela, com 3 crianças, **sem dinheiro, sem mobília, sem casa, sem nada**”. Voltaram como refugiados para Cabo-Verde e foram acolhidos pelos pais da Alice. “O meu marido, claro, acha que aquilo não convencia, estava na casa dos meus pais, a gente não tinha nada, não tinha cama, não tinha nada, absolutamente nada.”; “O meu marido comprou madeira, prego, fomos fazer uma barraca na Charneca, no Lumiar. Fizemos aquela barraquinha. Só tinha um quarto. A gente dormia aqui, cozinhava aqui, lavava aqui. Fazia a casa de banho aqui, porque não havia mais nada. Com 3 crianças./ A barraquinha, fomos continuar a aumentar, já fizemos o meu quarto, já fizemos uma sala, já fizemos quarto para o pequeno. E lá vou trabalhar, quando foi a primeira vez que recebi um subsídio de férias era 370 escudos, naquela altura era em escudos, fui comprar a chapa na drogaria que era para fazer um telhado para secar a roupa, porque a roupa era lavada ao tanque”. “Eu tinha uma casa enorme lá em cima, tinha uma casa que era... pronto, não vou dizer que era um palácio, mas era no princípio, começa... **comprei meio quilo de prego e umas dúzias de tábuas. Umhas duas chapas de zinco. Mas eu quando saí da minha casa tinha 13 quartos. Tudo feito em tijolo, rebocado.** Cozinha, duas casas de banho, um terraço grande, tinha parte que era oficina do meu filho, que era

quarto, que eram outros quartos a seguir. Tinha um casaréu. Por isso que eu acolhia estas pessoas que precisavam”. “Cada dia fazemos um bocadinho, cada dia fazia um bocadinho, quando tiver 100 escudos comprava uma madeira, quando tiver mais 100 escudos, depois aparecia as betoneiras de massa que ia assim, trabalhava nas obras, à tarde e à noite o resto que sobrava então ia lá despejar, porque a gente morava aí, era um bairro que não tinha casa, era assim espécie de uma quinta. Então a betoneira ia pôr aquelas massas para o lixo e a gente chamava a betoneira, ia lá pôr à porta e a gente aproveitava. O meu marido fazia muro, fazia barraca, fazia isto, fazia aquilo”;

Alice, **a ver fotografias que ainda guarda da casa antiga**: “Este é o quarto das minhas filhas quando a gente morava lá em cima, esta é a minha sala. Para ver que é verdade, estão aqui os móveis. O chão era tijoleira, o meu marido é pedreiro”; “Este é tudo lá naquela casa antiga. Por acaso era tudo em tijolo”; “Esta já é uma parte da cortina da outra casa. Na janela”; “Este é o quarto das minhas filhas lá em cima, cor-de-rosa. Cada quarto tinha a sua cor”; “Esta cortina é uma janela que eu tinha virada assim para a estrada, mas este tecido comprei numa loja em Moscavide que ia fechar para obras. Então comprei este tecido, acho que foi 3 escudos os metro, **fui eu mesmo que fiz**”.

Alice

“**Ainda gastei dinheiro naquela barraca, pá!** Gastei mil e setecentos contos naquela barraca. Mal empregados!”

Jaime

“Tenho esta [casa] que não é minha. Enquanto pago é minha, se não pagar, põem-me na rua, mas se deus quiser não vou chegar a esse ponto, mas pronto. Graças a deus, ainda bem que eu tenho isso. Ainda bem que o estado me deu isso. Também **foi com muito sacrifício que nós fizemos a barraca**”. “Deram-me a morada das Caritas, lá nas Caritas vieram ver a nossa situação, na altura deram-me um cheque de vinte contos. Naquela altura! Que foi... porque em 79, 80, vinte contos naquela altura era muito dinheiro. **Deu para nós metermos as portas, as chapas, deu para madeiras, para tudo. Portas, janelas** e ainda sobrou. Comprámos as camas para os miúdos, colchões. Tudo”.

Maria Júlia

“Arranjámos a vida que ele só tinha a casa, não tinha ainda... naquela altura não tinha ainda casa-de-banho como deve ser, depois fez a casa-de-banho como deve ser e... pronto e depois a gente juntámos. Tinha uma grande casa, uma grande casa. Foi feito por ele e pelos amigos que nos ajudaram a fazer. **Comprámos o material e os amigos ajudaram a fazer. Não se compara nada com a casa que nós temos hoje, não se compara nada.** Porque pronto, é casa com sótão já com seguimento que era para primeiro andar”.

Jenifer

“nessa altura nunca tínhamos ideia que iam tirar aquilo, não é? Gastámos muito dinheiro a construir aquela casa. Tinha terraço... era tipo uma vivenda mesmo, era uma casa muito bem feita lá. Depois de muitos anos é que tiraram aquilo mesmo, nunca tinha ideia que iam tirar aquilo”.

Lurdes

Nos casos específicos de Graça, Alice e Maria Júlia, parte do trajecto migratório foi constringido pelo início da guerra civil de Angola. Tal como outros cabo-verdianos que lá residiam em colonatos antes de 1975, elas e as suas famílias abandonaram o país como refugiadas e regressaram a Cabo-Verde despojadas das suas casas e da maioria das suas coisas. Os outros testemunhos referem-se ao abandono forçado das casas devido ao realojamento imposto, já em Portugal. De uma forma ou de outra,

estas casas expropriadas são referências para a apropriação das casas de hoje, accionadas de forma relacional.

## 2.2 Casas do presente

“you don’t get very far by asking people, you have to examine the logic of the stuff itself, the form and underlying order of the built environment.”; “we need to cross the thresholds and enter inside, to look beyond the façades to the process of interior decoration” (Miller, 2010).

### Casa da Dona Augusta, Avó da Bia

“Chegámos a casa da avó da Bia depois de passarmos ao longo de uma marquise comum com um corredor de vasos com plantas, flores e cactos. Daqui vê-se o terraço onde estavam toalhas estampadas de vários padrões estendidas. O terraço é amplo, o pai da Bia disse-me mais tarde que **no verão deixam lá mesas e cadeiras para comer**. Este terraço está voltado para a estrada que segue para Olival de basto e daqui vêm-se ao longe terrenos baldios cheios de vegetação. A marquise termina e à direita está a entrada da casa. Quando entrámos a dona Augusta convidou-nos para a cozinha, que fica logo na entrada, à esquerda. A cozinha tem uma janela orientada para o terraço e é luminosa. Ao centro tem uma mesa desdobrável fechada, coberta por naprons e com um arranjo de flores artificiais coloridas ao centro. Nas janelas estão pendurados dois pares de cortinados rendados – um preso directamente nas vidraças, outro pendurado de um varão, cada um amarrado pelo centro às laterais da janela, a desenhar uma moldura. O frigorífico está coberto por outro napron, a mesa de apoio da entrada por o outro ainda e a bancada da cozinha está rodeada de utensílios pendurados do móvel de parede. (...) O pai da Bia, Tico, veio ter connosco e levou-me até à sala, depois do corredor, à direita. A sala tem **um conjunto de sofás em frente à televisão**. Esta está num móvel preparado também para suportar o leitor de DVDs e com prateleiras laterais recheadas de filmes das colecções das revistas e jornais portugueses. **Tem muitas fotografias emolduradas organizadas em exposição**. Numa das paredes está em destaque uma que retrata a Margarida e a Bia num baptizado (em casa da Bia está pendurada uma fotografia igual, também na parede da sala.). E estão penduradas também fotografias de outros familiares. **Dos filhos, sobrinhos e netos, os de França, os da Suíça, algumas fotografias antigas de Cabo-Verde coexistem com fotografias de baptizados, fotografias tipo-passe aparecem por cima de outras mais antigas**. Do outro lado do da sala, perto da janela também orientada para o pátio, está **uma mesa de madeira escura redonda com seis cadeiras grandes à sua volta**. Tem um napron a cobri-la e no centro um jarro com flores artificiais coloridas – rosas vermelhas, rosas rosas, rosas amarelas e flores brancas.”<sup>50</sup>

### Casa da Ema

“O Kevin foi buscar-me à praceta do Bairro da Cruz Vermelha e juntos saltámos para a varanda de sua casa. É a forma mais rápida para entrar, a alternativa seria dar a volta a todo o quarteirão. A Ema estava lá à nossa espera. A casa é num rés-do-chão. Quando entrei estava muito escura, apesar de ser de dia as luzes artificiais estavam ligadas. Tem uns cortinados coloridos e muito compridos a tapar todas as janelas. À entrada há **uma mesa de mármore grande e à volta oito cadeiras brancas**. A Ema convidou-me a sentar-me com ela no sofá, do outro lado da sala. Aqui tem um conjunto de sofás de pele castanha, um de dois lugares e duas poltronas, todos voltados para a **televisão** em L e com uma mesa de apoio no centro. E Ema disse-me que é nesta zona da casa que ela e o Kevin fazem a vida quotidiana deles. Que é aqui que jantam e vêm televisão. **O outro lado ela só utiliza quando tem**

<sup>50</sup> Nesta caixa de texto, quando não indicado em contrário, as descrições das casas são retiradas das minhas notas do diário de campo. Quando referidos nomes, são retiradas das entrevistas realizadas.

**“assim visitas grandes”**. Costuma ter pendurada na parede uma estátua que comprou em São Tomé quando visitou o pai “é uma senhora, mas o meu irmão deixou cair, partiu-se, tenho de comprar cola, está ali para colar”. E uma que é “o pensador” que trouxe de Cabo-Verde. “eu só fiquei com essas coisas. O resto ofereci”.

#### Casa da Dona Maria, Sogra do Fonseca Filho

“A Dona Maria, mãe da mulher do Fonseca, mora no mesmo andar que o Fonseca. Quando o Fonseca ma foi apresentar ela disse-me sobre a decoração da casa que é “muito moderna mas o que interessa é estar limpo”. Levou-me até à sala. Aqui destaca-se um tapete vermelho brilhante e um sofá de napa com almofadas prateadas. Tive a sensação que esta decoração contrastava com simplicidade da Dona Maria, que tinha vestida uma saia estampada com um tecido africano, um lenço na cabeça e um avental. À saída mostrou-me a cozinha. Tinha um conjunto de armários amarelos, de design moderno, que formavam uma cozinha completa, com todos os electrodomésticos incrustados. Era do IKEA.”

#### Casa da Lurdes

“A Lurdes foi-me buscar à entrada do prédio para subirmos juntas. O hall do patamar da sua porta, que partilha com a Titi, sua vizinha da frente, tem plantas, um tapete imitação de persa, andorinhas do Bordalo na parede e na ombreira da porta um postal ilustrado com uma imagem de Maria. Entrámos em casa. No hall de entrada tem um aparador e um espelho e na parede estão penduradas 3 carapaças de tartaruga, os únicos objectos que tem para recordar Cabo-Verde, além de um cesto de bambu e de um **álbum de fotografias** que me mostrou no fim da entrevista. Realizámos a entrevista na sala, sentadas à **mesa de jantar com 8 cadeiras à volta**. Numa das paredes tem pendurado um placard de cortiça cheio de medalhas da filha desportista. **Tem fotografias emolduradas nas prateleiras do armário da televisão e numa mesa redonda** com uma toalha, ao lado da mesa de jantar.”

#### Casa da Bia e da Margarida

“Durante a entrevista Margarida **utilizou as fotografias de familiares expostas na sala como referência**. Também me mostrou um objecto interessante em cima da **mesa da sala de jantar**, dentro de uma taça com mais coisas miúdas e papéis: um caderno escolar de capa preta pautado, com as folhas muito gastas do uso diário. Nas páginas estavam **números de telefone transcritos com letra caligráfica e algarismos grandes**. Para uma leitura fácil, a Margarida não vê bem ao perto. Mostrou-me uma página inteira dedicada aos números de telefone dos familiares da América. Margarida tirou da mesma taça um **cartão telefónico pré-pago**, ainda com créditos. É com ele que telefona para os irmãos e tios emigrados nos EUA do telefone que está no móvel da sala, ao lado da **televisão**.

#### Casa da Dona Indira

“Entrei em casa da dona Indira pela primeira vez. É uma senhora idosa. Disse-me que “é casa de velha sozinha”. Tem um conjunto de móveis completos de madeira escura, flores de plástico nos jarros, sofás à volta da **televisão**, uma **mesa de jantar grande de madeira maciça com 10 grandes cadeiras à volta**. Tem **fotografias emolduradas na parede e nos móveis**. Apresentou-me os 2 filhos e duas filhas a apontar para uma fotografia de cada vez, ao mesmo tempo que dizia onde é estavam a viver agora. Em relevo, numa parede ao centro da sala estava uma fotografia de tamanho A4 emoldurada. Quando perguntei quem era respondeu-me que era o irmão mais novo que faleceu há cinco meses. Começou a chorar. Vive sozinha mas disse-me que **recebe telefonemas de manhã, à tarde e à noite**. Dos filhos e dos netos. Assisti a um, **pontualmente às cinco da tarde**, seis horas em França, como ela acrescentou. Era a filha mais nova que liga todos os dias quando volta do trabalho”.

“A Dona Indira mudou de ideias e já não quer ser entrevistada por mim. Desmarcou a entrevista através da Margarida. Encontrei-a à janela de sua casa e questionei-a sobre o assunto. Disse-me que

**falou de mim ao filho que está em França quando ele telefonou.** Ele é que a aconselhou (ou proibiu?) a não falar comigo porque “fala muito mal português e só vai dizer asneiras” [sic].

Excertos do Diário de Campo

### 2.2.1 Objectos na casa

À medida que me embrenhei cada vez mais rotineiramente nas casas dos sujeitos alguns objectos “invisíveis” pela sua trivialidade começaram emergir.

- a) O **telefone** e as **agendas telefónicas** ou **papelinhos com contactos**, o **computador** e a **televisão**;
- b) As **fotografias**;
- c) As **mesas de jantar** com oito a dez cadeiras à volta.

#### a) Telefone, Computador e Televisão

As tecnologias da informação e da comunicação são constituintes da casa contemporânea (Silverstone, Hirsch e Morley, 1994). A comunicação entre familiares transnacionais permite trocar informações num sentido lato e é um veículo para o envolvimento nas vidas quotidianas dos familiares que estão longe. Ao mesmo tempo, confirma a relação social ao recriar activamente laços familiares, no sentido de fazer família (Lobo, 2007) enquanto se relativizam distâncias (Bryceson e Vuorela, 2002). A manutenção destas comunicações depende de factores emocionais e materiais, os últimos intimamente ligados às tecnologias da comunicação. O percurso migratório das pessoas que entrevistei foi atravessado por evoluções tecnológicas ao longo do tempo. Estas novas tecnologias foram modificando a forma como os sujeitos se relacionam com os seus familiares distantes. As linhas telefónicas alargaram-se durante os anos 70 e 80 em Cabo-Verde e nos países da diáspora. Mas só a partir dos anos 90 é que o preço das chamadas internacionais começou a decrescer tornando o acesso às comunicações telefónicas mais democratizado (Carling, 2012).

Até aos anos 90 os migrantes enviavam cartas “A respeito às minhas famílias em Cabo-Verde, a gente escrevia carta sempre uma para a outra, sem dúvida que naquela altura não havia telefone para telefonar assim como agora, agora não, agora qualquer hora que eu quero telefonar para a minha mãe [Jenifer]”; “Quando quer

comunicar com a família na altura não há telefone, é pela correspondência, de dois em dois meses, de três em três meses uma carta [Jaime]”. Enquanto objectos transnacionais, as cartas permitiam, pela sua fisicalidade, uma co-presença prolongada no tempo, promovendo uma forma de relação muito diferente da experiência telefónica partilhada, a qual se encontra limitada temporalmente. (Baldassar, 2008). Hoje em dia é possível fazer chamadas de longa distância a preços quase gratuitos. Vertovec considera que o telefone é em muitos casos “a cola” das relações transnacionais contemporâneas (Vertovec, 2004). Não obstante é necessário realçar que, apesar do alargamento das infraestruturas telefónicas, enquanto materialidades disponíveis, e da diminuição do custo dos telefonemas, continuam a existir assimetrias nestes acessos (Carling 2008). Em relações de reciprocidade continuam a existir expectativas sobre quem terá mais condições (económicas, disponibilidade horária) para iniciar as conversações telefónicas.

Além de permitirem um maior contacto entre familiares transnacionais, as novas tecnologias entraram no espaço doméstico e transformaram-no. Familiares espalhados pelo mundo entram quotidianamente pelas casas que visitei durante o trabalho de campo.

### Telefone Fixo

“Enquanto estava em a casa da Graça ligou-lhe o filho de França. Ela ouve os netos a falar ao longe e comenta isso comigo. Quando do lado de lá lhe perguntaram por novidades, disse que “nada de especial” e de seguida começa a contar detalhadamente “um grande trambolhão” que o Fonseca Pai deu na festa comunitária. Descreveu o tratamento hospitalar e disse no final que já estava tudo bem. **Perguntou pelo tempo, contou que já foi à praia, perguntou pelas férias dos netos, pela creche.** Demonstrou-se preocupada porque aqui as primárias já estão de férias e falou das netas que estão cá. Perguntaram-lhe de lá pelo Fonseca Filho e ela disse que não sabia dele, que hoje não o tinha visto. Nesta altura o Fonseca Pai aproximou-se do telefone e disse que hoje já esteve com Fonseca Filho e que por aqui está tudo bem e que não chove. A Graça despediu-se “Beijinhos aos meus netos, no outro dia falo com a Ângela, vou passar ao pai”. Ouvi o Fonseca Pai a dar conselhos “**mas agarra esse trabalho que está difícil**” e não consegui ouvir o final da conversa porque a Graça voltou para ao pé de mim e continuou a conversa comigo e a mostrar-me fotografias dos filhos”.

Excerto do Diário de Campo.

“Com a minha tia falo **praticamente todos os dias** pelo telefone. Eu quero falar para a França para a minha irmã, eu telefono. Eu **vou telefonar porque a miúda dela fez anos**”.

Margarida

“Ó pá, ligo de vez em quando. Também falo com o meu irmão por email e no facebook, portanto já sei das novidades todas, não é. Agora é aquela coisa. **Ligo menos.** Até a minha mãe me diz “é pá, tens de ligar mais vezes, estou com saudades.” (...) Se não ligar, ligam-me. Perguntam o que é que se passa. Preocupam-se. A minha mãe preocupa-se muito. **Sabes como são as mães, sempre a perguntar tudo**”.

Nuno.

Para fazer telefonemas de longa distância **Joaquim desloca-se a casa da irmã**: “Falo. De dois em dois meses, de três em três meses, de semana a semana se for preciso eu vou a casa da minha irmã porque elas têm o contacto rapidamente; com o telefone mesmo. Quando eu telefono fixo não gasto, a minha irmã não gasta”; “Ainda há poucos dias falei com a minha mais pequenina, a minha neta “olha, vovô, como é que estás?” ela, em inglês. “Estou bem e tu, também estás bem?”, “Olha, tenho saudades do vovô”. “Eu também tenho, quando é que eu vou te ver?”. “Ah, estou com vontade de ver mesmo, tem que vir rápido””.

Joaquim.

“Ainda foi ontem estive a falar com a minha filha”. Fábio liga para casa da mãe dos filhos, em Cabo-Verde **“duas vezes por semana.”**

Fábio

“Ela ficou cá, eu telefonava toda a semana. Não todo o dia porque não dava, toda a semana. Telefonava, mais tarde ficou grávida do nosso segundo filho. Nasceu, eu estava na Suíça. Não foi fácil. Agora outra vez resolveu emigrar há anos atrás fui para Londres, sempre com dificuldade. Até essa data, agora estou aqui com a família, graças a deus está tudo bem. Contactam comigo, até porque estão espalhado por todo o lado. Irmão, irmã estão nos Estados Unidos e também contactamos por telefone e essas coisas. Eles também de lá telefonam. **Ainda ontem falei** como meu irmão que está em Cabo-Verde, está tudo bem também graças a deus.”

Jaime.

“a 2 de Março morreu o meu pai [em Cabo-Verde]. E eu fui trabalhar, naquela altura trabalhava no restaurante em Moscovide, quando cheguei já tinham telefonado para aqui mas não sabia de nada, não me disseram nada. Quando cheguei depois é que a minha cunhada disse que **o meu irmão telefonou da América para mim** porque estavam fartos de telefonar para minha casa e ninguém conseguia. E entretanto a minha filha mais velha atendeu o telefone mas o meu irmão disse a ela “vai lá chamar alguém mais velho que eu preciso falar”. E então a minha filha sabia o telefone do trabalho e mandou ao meu irmão. E então aí a minha cunhada falou com o meu irmão, irmã do meu marido e entretanto quando cheguei do trabalho ela me disse que o meu pai tinha falecido.”; “Tudo pelo telefone, tudo pelo telefone. Eles vêm, quando vêm, vêm cá a minha casa, vêm cá sempre me ver. E quando vão para lá, estão lá, telefonam-me, telefona à mãe, às vezes, percebe, hoje por exemplo a minha irmã vem cá. E ela chega aqui e então eu pergunto “então, os meus meninos?”, porque eu digo-lhe “os meus meninos”. Telefonaram? **“Sim, telefonaram, está tudo bem.”**; “Eu telefonei com ela a semana passada, telefono com ela, todas as semanas telefono. Na sexta-feira falei com o meu irmão e perguntei pela minha mãe, a minha mãe pronto, como o meu irmão vai para a Cidade da Praia, quando eu falo com o meu irmão, a minha mãe não está ao pé. Só quando o meu irmão está ao pé dela às vezes dá-me um toque e eu telefono para ela. (...) Ou telemóvel ou telefone, desde que é para falar com a família eu não me importo, não me importo. (...) telefono o que for preciso, para a família do meu marido também. **O meu marido foi sempre assim uma pessoa mais desleixada** para falar com a família e não sei quê, mas pronto, eu telefono eu, falo eu. **Depois telefono, falo eu e ponho ele a falar.”**

Jenifer

“**Não falam com o pai**, mas a preocupação é saber sempre como está o pai. Só que ele quase não fala com eles porque **ele não pára em casa**. E não tem telemóvel, ele perde os telemóveis todos. Quando tinha, falava. Agora não tem, portanto não fala. Se está em casa, fala, se vier em condições, também, às vezes liga, ou eles ligam a ele, como o que está agora em Angola.”; “Então hoje de manhã tinha tempo e estava ali **a dar-lhe as minhas palavras de mãe**. (...) quando ele me liga também falo. Falo com ele mas não há tempo, porque **o cartão esgota-se num instante, não dá tempo de falar**. Hoje então como acordei com essa vontade de falar com ele... durante a noite nos meus sonhos, nos meus acordares, penso sempre “não falei com ele, com o Eduardinho, não falei com o Jaime, não falei com a Misé...” e fico sempre com esta ideia. E então **conforme a minha cabeça pede ou a vontade**, assim vou escrevendo. [mensagens por telemóvel] Mais tarde é para a Misé. Porque o Jaime ligou-me ontem. (...) A minha irmã, acabei de falar com ela (...) Ela está muito melhor. Falei com ela há 3 dias e ela estava muito mal. Com muitas dores, muita falta de ar, **faltam medicamentos mas já mandei, já chegou”**

“isso então mais a passar o tempo é o telefone, mesmo, podes crer”. “Liguei, liguei no Domingo, liguei na terça dia 18, liguei para Cabo-Verde e hoje vou ligar outra vez. (...) Porque eu estou com uma sobrinha que está na Ilha da Praia que está com um problema no útero, já foi operada, correu tudo bem, já foi para o Fogo, só que quando fez um mês da operação era para voltar por causa dos exames para ver se está bem. E ela então está na Ilha da Praia e está à espera do exame, hoje ia fazer a análise, segunda-feira. Depois **logo à noite eu ligo para saber como é que correu**”. “Em Cabo-Verde falo mais para a minha irmã. Esta mais nova, porque tem telefone fixo e o meu irmão não, o meu irmão eu ligo mas é para o telemóvel do filho e às vezes eu ligo e o filho não está em casa, está no trabalho, está a passear, já é um rapaz, não é, e então dá mais depressa eu falar para a minha irmã que está sempre em casa do que para o meu irmão. E lá tem uma distância muito, muito longo, para eles falarem, tem de ser mesmo com telefone.” “uma semana, **de duas em duas semanas chama para um**, porque não pode ser tudo ao mesmo tempo. E então assim tem que... ela agora está muito contente, porque vai uma filha no dia 31.”

Alice

“Foi um susto, não é, a gente telefonava sempre para França, a saber e também ele estava cá, porque conheceu a rapariga, veio de férias, namoram, ela foi para lá, ficou grávida, ele estava cá a acabar de fazer o curso e ia lá, de vez em quando ia, fins-de-semana ia ver, vinha, ia, sempre assim, **telefonava todos os dias**. Estavam sempre... qualquer momento pode acontecer qualquer coisa, vivemos sempre assim nesta aflição, podia acontecer qualquer coisa à menina, mas felizmente cresceu bem, esteve aqui a semana passada”. “Não telefono todos os dias. Dia sim, dia não... a maior parte das vezes falo com ele aos fins-de-semana. Gasta-se menos, para lá. Falo com ele e falo com a minha nora também, a neta ainda não sabe falar, não é, só faz barulho (risos)”; “Estão todos, ainda somos muito ligados, muito amigos, comunicamos todos. **Às vezes se não telefono para um, ligo para outro, moram todos perto**, pergunto “como é que está a minha irmã, este, como é que está aquele”. Depois está tudo bem. Depois ligo para o outro e é assim, pergunto, tem sido assim. (...) Também, as pessoas mais velhas que é assim da idade dos meus pais... quando morre um comunicam sempre a dizer “olha, morreu nossa vizinha” ou “tal familiar, aconteceu alguma coisa”, dão sempre notícias. (...) **No meu caso o apoiar é telefonar**, saber como é que a pessoa está e assim”; “Ao meu irmão, que é o terceiro irmão, telefona sempre. E a minha irmã também. É a única irmã. Telefonam. A perguntar como é que estava e pronto, falar. Depois perguntamos pelo resto da família, também, como é que está. Como é muita família, não é, não vou telefonar para todos. De vez em quando falo com um, depois volto a falar com outro e pergunto e é assim, é muita gente, a minha família.”; “[No meu aniversário] tive muitos telefonemas de fora, de cá... de manhã à noite./ Foi o meu filho de fora, foram os meus primos, a minha prima, esta aqui que está em França, telefonou outra da Bélgica, telefonaram de Cabo-Verde, muitos telefonemas, de fora como de cá. Muita gente me telefonou. Mas os meus anos não gosto de telefonar. Gosto assim de sair, fazer compras para mim, as coisas que eu gosto. Quer dizer, gosto de fazer festa para os outros. Eu gosto muito de cozinhar. Assim, de tudo faço um pouco. Agora, estar ali a fazer festas para mim, não.”

Lurdes

“Às vezes costuma ligar para a França, só para a França e Cabo-Verde, que eu ligo. (...) Na França falo com a minha tia, irmã da minha mãe, e a sobrinha do meu marido e a minha comadre. Em Cabo-Verde é minhas irmãs. (...) **Às vezes passa um mês, mais ou menos**. Eu liga e falo mais com a minha filha em França e com a sobrinha do meu marido. (...) **Ligamos para falar, para saber como é que anda, se está tudo bem, as crianças, se está tudo bem**. (...) Olha, Holanda já há muito tempo, a minha comadre já há muito tempo que eu não falo com ela, já há muito tempo.”

Cândida

“A minha mãe liga constantemente, a minha mãe é a notícia. Sabe tudo. Ela liga para mim. Muitas das notícias que eu sei [de Cabo-Verde] é através da minha mãe (...) ela fala com mais frequência com eles, eu posso ligar uma vez por mês, ela é capaz de ligar-lhe duas, três vezes por mês. (...) A minha mãe liga-me todos os dias, aquilo é um massacre, sempre foi. Eu saía e ia passear e lá estava ela a ligar “a que horas vens, a que horas chegas”

Telma

Estes dados do terreno são reveladores das práticas transnacionais quotidianas que ocorrem no espaço doméstico. Revelam a existência de interacções à distância “dia-sim-dia-não”, aos fins-de-semana ou “quando bate aquela saudade”. Constrangimentos relacionados com os preços das chamadas são contornados através da utilização de pacotes de telecomunicações que privilegiam preços baixos para chamadas a longa distância, pela utilização de cartões pré pagos, e pela divisão dos telefonemas consoante os tarifários nos países, os rendimentos de quem telefona e a repartição da sua regularidade entre, por exemplo, irmãos.

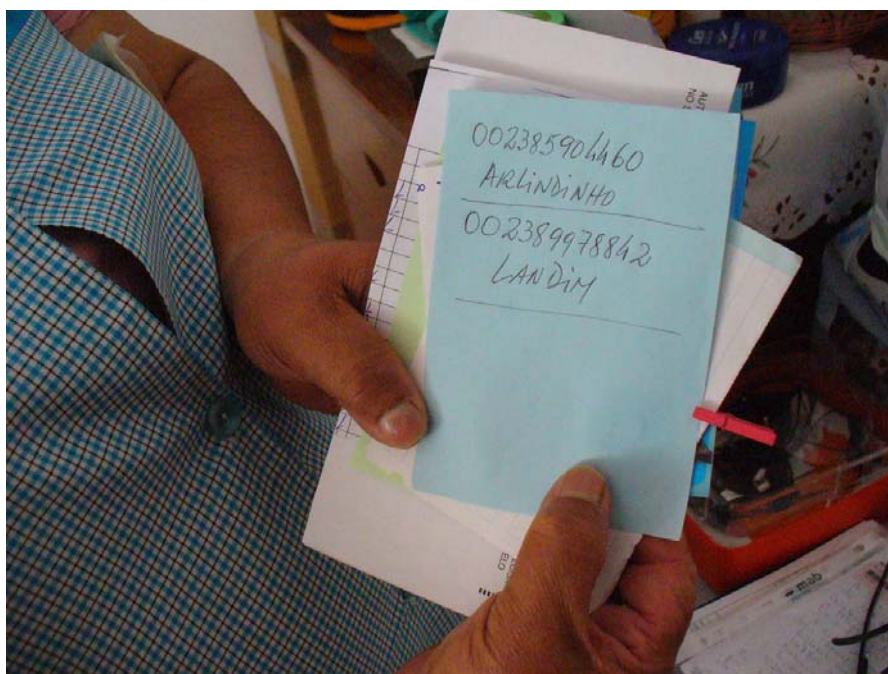


Fig. 2. Papéis que Alice guarda perto do telefone com o contacto de familiares a residir no estrangeiro.

A facilidade destes contactos mantém permanentemente activos relacionamentos além fronteiras entre avós e netos, mães e filho/as, pai e filho/as, irmãos e irmãs, tias e sobrinhas, padrinhos e afilhadas. Os conteúdos dos telefonemas variam entre o trivial (o tempo, o dia-a-dia), os conselhos paternais e maternais (o caso do Fonseca Pai, o caso da mãe de Telma) e actividades relacionadas com os cuidados à distância “no meu caso apoiar é telefonar”. As datas especiais como os aniversários também são marcadas por telefonemas e no caso de falecimentos é também o telefone que é utilizado para passar esta mensagem com máxima urgência. Ao analisar

esta compilação de relatos do terreno é também visível a forma como as mensagens são espalhadas em rede: uma filha em Portugal pode saber notícias da avó de Cabo-Verde através do telefonema da mãe que está em Espanha. E o telefone no espaço doméstico pode servir de mecanismo de controlo maternal (como também reflecte o caso de Telma). O exemplo de Joaquim aponta-nos para o facto de nem todas as casas terem estes canais. Quando quer falar com os seus familiares no estrangeiro, Joaquim visita a sua irmã cuja casa está equipada com esta tecnologia. Por outro lado, o marido de Maria Júlia “que não pára em casa”, por estar distanciado do telefone fixo não mantém relações tão activas com os seus filhos no estrangeiro. Aqui a **relação entre casa e transnacionalismo** é evidente. As mulheres, culturalmente mais associadas ao espaço doméstico e à produção e reprodução da família enquanto entidade coesa, podem ser os sujeitos mais activos na manutenção destas **práticas transnacionais que dependem da casa**. Realço no entanto como contraponto a esta tendência os exemplos masculinos do Chico, do Jaime e do Fábio.

### Internet em casa

Quando perguntei como é que se põe a par de notícias de Cabo-Verde Chico disse-me que acede na Internet ao site *Brava News* para saber de “notícias da terra”.

Excerto do Diário de Campo

“os meus primos que estão em Londres e os outros na Suíça também [contacto] pelo facebook. Pergunto como é que eles estão.”

Bia

“O meu primo falo com ele pelo msn e vou vendo as fotos. (...). Falei com primos pelo facebook.”

Telma

“Também falo com o meu irmão por email e no facebook, portanto já sei das novidades todas.”

Nuno

“É assim, ainda anteontem ele chamou para ir falar, ele tem Internet, temos Internet, mas não temos computador, está avariado, então fui falar com ele aqui em cima à minha vizinha”.

Maria Júlia [para falar com o filho em Angola]

Os computadores que apareceram na etnografia são computadores portáteis dos mais novos (da Bia, das filhas de Fonseca, do filho de Amália, do filho de Lurdes).

Em casa, os computadores não têm um lugar fixo para a sua utilização – quando a Bia utiliza o seu está, ou na mesa de jantar ou na mesa de apoio em frente ao sofá. Às vezes utiliza-o no quarto, ao colo, na cama. Quando não está a ser utilizado

está arrumado, fechado, em cima do móvel da sala; os das filhas de Fonseca Filho estão nos seus quartos ou na mesa de apoio em frente ao sofá, utilizados em cima dela ou ao colo quando sentadas num cadeirão da sala. Em casa de Lurdes não vi computadores, imagino que estariam com os seus filhos nos respectivos quartos.

O Fonseca Filho, o Chico, o Jaime, a Telma e a Ema também me relatam utilização de computadores. Fonseca recebe **fotografias** de familiares, sobretudo dos seus irmãos e sobrinhos que vivem em França. Recebe-as por e-mail ou em **CDs que circulam com as visitas de familiares**. Estas fotografias estão organizadas por pastas no computador e Fonseca dedica algum tempo a revê-las. Mais abaixo teço mais reflexões sobre estes **objectos transnacionais**. O Chico utiliza o computador para ver **notícias de Cabo-Verde** e para fazer chamadas em **vídeo-conferência**. Foi assim que “apresentou” uma das suas irmãs a residir em Cabo-Verde às suas filhas mais novas. O Jaime compra bilhetes online de sua casa quando precisa de viajar para Londres, onde tem a sua morada fiscal, quando lhe exigem que trate de assuntos relacionados com a sua reforma presencialmente e com urgência. A Telma procura (e é encontrada por) primos no facebook, aumentando a sua rede familiar. Acompanha fóruns de primos a residir noutros países, **vê como as primas se vestem em Cabo-Verde** e **comenta fotografias de casamentos para os quais foi convidada e não pôde participar**. Vê no youtube **imagens da sua terra e**, ocasionalmente, da sua casa antiga.

Não vi o computador da Ema em sua casa, no entanto acompanho a sua actividade diária no Facebook. Dos 375 amigos, 10 são apresentados como familiares. Destes, todos são primos, uma prima e um primo localizados em Portugal, 4 primas na Ilha da Praia, Cabo-Verde, uma em Birmingham e 3 primos e uma prima sem localização definida. Comenta fotografias de amigos e familiares, em Português e em crioulo “Ema: *Bu sta stiloso!* na foto de Primo 1”. Deixa frases de amizade e amor em cartões partilhados pela Internet, partilha música rap criada por um primo no Lumiar, fotografias de festivais de verão e de saídas à noite. Partilha mensagens públicas nos murais de primas de Cabo-Verde e **comenta as suas fotografias à distância**, tal como as suas fotografias são comentadas por pessoas espalhadas por vários países.

Ema: *Prima Né, nunca me esqueço de ti, apesar de não falarmos com muita frequência. Adoro-te, Bjs com muitas saudades!* no Mural de Prima 1, Cabo-Verde.

Sexta-feira às 11:29

Prima 1: *Eu também te admiro muito.Bjs*

Sexta-feira às 20:43

Ema Maria Pinheiro: *Que lindas!* na foto de Prima 2, Cabo-Verde

Sexta-feira às 10:03

Prima 2: *bgd*

Sexta-feira às 23:39

Dados observados no mural de Ema no Facebook

Bia também participa nesta rede social. Trocou o Msn pelo Facebook a meio do terreno. Antes utilizava o Msn para falar com primos e primas de Cabo-Verde e amigos de Portugal. Quando aderiu ao Facebook teve mais facilidade em encontrar os primos com quem cresceu em Cabo-Verde, actualmente a residir lá, no Reino Unido ou na Holanda. Agora consegue ver as suas fotografias. Partilha links para fóruns de reflexão e debates sobre “africaneidade”, “luso-descendência” e actividades realizadas pelas associações da Alta de Lisboa. Partilha também cartazes com frases feministas, optimistas, links para vídeos no youtube da M.I.A, a sua artista de música preferida. Modela, com certa ironia, o campo “Numa relação com...” onde por vezes adiciona amigas. Isto gera discussões online acesas sobre a homossexualidade entre os membros masculinos da sua família de quem é amiga na rede. Estas discussões **continuam por vezes durante os encontros de família**, como os em que participei em Famões. “online and offline worlds penetrate each other deeply and in complex ways, whether people are using the internet to realize older concepts of identity or to pursue new modes of sociality” (Miller and Slater, 2000). As fotografias e frases partilhadas também são comentadas nestes encontros presenciais entre os seus tios mais jovens e primos. Partilha ainda na rede fotografias destas festas de família em Famões, nas quais aparece ao lado de familiares, nomeadamente dos primos, do tio e do pai. Numa fotografia com o pai está a legenda “Das poucas certezas da vida...”, **comentada à distância pela sua irmã Evelina**, a residir em Colónia, Alemanha, desde Dezembro de 2011. Também partilha mensagens públicas, em português e em crioulo, e músicas no mural da irmã.

Os computadores, tal como as pessoas, são **objectos que circulam entre casas**. A sua portabilidade permite que acompanhem as **visitas de fim-de-semana** a casas de familiares que não possuem estas tecnologias. É o caso da Amália que leva o

computador da sua filha quando visita a casa da sua mãe. Assim a mãe pode falar com outros filhos na diáspora através de vídeo-conferência ou chamadas de voz. Computadores **acompanham também as visitas que chegam de outros países**. Dentro deles chegam fotografias de familiares que estão a residir noutros países, e que são partilhadas com as famílias nas casas que os albergam durante a estadia em Lisboa.

Estes exemplos ilustram como as relações mediadas pela Internet (tal como pelo telefone) são relações reais. A oposição (com construções valorativas associadas) entre relações “reais” e relações “virtuais” (Miller e Slater, 2000) não faz sentido sobretudo num terreno de relações transnacionais familiares mantidas à distância. Estas tecnologias permitem que pessoas à distância participem no quotidiano dos seus familiares, entrando nas suas vidas e nas suas casas. Estes media foram vistos ao longo da etnografia como “widely accepted as a means for enhancing and developing relationships, not for replacing them” (idem). Enquanto o telefone e o telemóvel permitem a manutenção à distância de relações familiares que existiam antes presencialmente, a Internet permite ainda expandir as famílias enquanto unidade social (Miller e Slater, 2000), como nos casos da Telma e da Bia que conhecem primos e primas através do Facebook e iniciam, a partir daqui, relações estáveis.

Ao contrário de outros contextos diaspóricos (como o referido de Miller e Slater) aqui o uso do telefone é preferido e dominante para mediar interações transnacionais. Isto prende-se com o facto de as pessoas mais velhas desta etnografia terem baixos níveis de escolaridade, o que as inibe da utilização de tecnologias informáticas. Quando as utilizam, são ajudadas por pessoas mais jovens e/ou com mais escolaridade, utilizando programas que, tal como o telefone, possibilitam a comunicação através da conversação. Ao contrário, muitas vezes os mais jovens preferem utilizar programas de *chat* onde o silêncio lhes permite manter as suas conversas privadas perante os outros familiares no espaço doméstico.

A Internet é utilizada sobretudo entre familiares a residir noutros locais que não Cabo-Verde. É realçado nos discursos do terreno que muitas vezes quem está em Cabo-Verde não domina esta tecnologia, não tem equipamentos ou não tem cobertura de rede que permita uma comunicação tão instantânea como a telefónica.

O acesso às tecnologias demonstra que a posição de classe pré-migratória das famílias tem implicações no decorrer da experiência migratória (Bryceson and Vuorela,

2002). Abordando as tecnologias da comunicação torna-se claro que as posições de classe têm, aliás, um papel central na capacidade de manutenção de laços familiares à distância. Os exemplos citados revelam como factores económicos, de literacia e de educação podem condicionar ou proporcionar acesso a tecnologias específicas. (Sassen, 2008, Carling, 2012 p. 201). Tem-se vindo a notar, no entanto, uma democratização do acesso aos meios de comunicação, ao mesmo tempo que se desenvolvem estratégias para contornar estes condicionamentos. **Computadores** (e telemóveis) são uns dos **objectos enviados** para a origem, com o objectivo de permitir uma melhor (e mais barata) comunicação entre familiares.

### Televisão

“Fui ter com a Evelina a casa da Margarida. Não estava ninguém e bati à porta de casa da Cândida. Estava lá ela, a Margarida, Luana, a Helga e mais tarde a Neuza quando esta regressa da escola. **Todas sentadas nos sofás à volta da televisão a ver a telenovela da Globo na SIC.** Esperei aqui pela Evelina. Lanchámos e bebemos um chá que a Cândida preparou na kitchnet **ao mesmo tempo que espreitava para a televisão.** (...) Cândida falou sobre o amor enquanto comentou a telenovela. Estes momentos são sempre muito interessantes, os comentários são sempre valorativos. A Margarida, a Helga e a Cândida julgaram personagens, exclamaram pena por outras, disseram o que fariam no lugar deste ou daquele. Sempre **em crioulo.** Quando na televisão um casal da novela estava a comemorar 50 anos de casamento a Cândida disse “eu só estive casada 5 anos, quem me dera ter estado 50”. O seu marido era o amor da sua vida”.

“Para marcar um encontro com o Jaime no café tem de ser antes das 19h. Porque às 19h sai a correr para casa, **não quer perder o noticiário “Todos” na RTP África.** Vê sempre. Soube por aqui que agora também **está mau tempo na Brava. Telefonou logo para lá.** A família dele está no Mosteiro e morreu um professor lá perto, a 17 km, estava de mota e foi arrastado pelas chuvas.– disse-me isto ao mesmo tempo que, no café, estava atento à SIC notícias que passava imagens do mau tempo em Lisboa e no Porto”.

“Em casa da Alice a televisão estava ligada na RTP África. Foi também **na RTP África que assistiu às celebrações do 5 de Julho, dia da Independência de Cabo-Verde.**”

“Enquanto estava a conversar com a Graça o Fonseca Pai estava sentado na poltrona em frente à televisão ligada na **RTP África.**”

“(…) a Margarida começou a ver a telenovela “Ti-ti-ti” que tinha deixado a gravar na **power box .**”

“Cheguei a casa da Bia às 11h45, bati à porta e ela abriu. A Bia tinha acabado de preparar café e pediu à Margarida que me servisse uma caneca enquanto ela acaba de se arranjar. A Margarida estava a ver a missa na TVI, disse que não podia interromper. Estava sentada na cadeira perto da cozinha, lenço vermelho na cabeça e avental, **a murmurar as rezas em uníssono com o padre** “tomai todos e comei, tomai todos e bebei”. Olhou para mim e repetiu “o corpo de Cristo”. Disse-me que gosta muito de **ver a missa na televisão,** que não vai mas que acompanha todos os Domingos assim. Acompanhou o coro “ossana, ossana”, com os olhos brilhantes e muito séria. A Bia começou a rir “ó tia!”, “não te irrita, Daniela, isso da igreja? A minha tia...””

“As filhas do Fonseca Filho estavam em casa, a mais velha ia para o Judo e a mais nova estava sentada no sofá com o computador ao colo e a ver ao mesmo tempo o **Disney Chanel no plasma aplicado na**

parede, foco central da sala de estar.”

“Tinha entrevista marcada com a Dona Maria Júlia. Recebeu-me em sua casa às 10h da manhã. Sentámo-nos nos sofás da sala que tinha uma luz vermelha filtrada pelos cortinados. Vi fotografias emolduradas nas paredes. A sala tinha uma mesa de madeira com 8 lugares e um sofá duplo e dois individuais voltados para **LCD grande na parede.**”

Excertos do Diários de Campo

“Todo o dia, **“Nha Terra, nha Kretcheu”**./ **“Meu país, meu amor”**. (...) Às sete e meia na RTP África.- **“Cabo-Verde, meu amor”**. Música e essas coisas. Dá boas música, eu gosto daquele programa de lá. (...) Porque **quando é sete e meia estou sempre em casa, vou ver o telejornal, música de África...** gosto de ver essas coisas.”

Jaime

“Não, nem telejornal, não dá. **Às vezes ao domingo eu costumo de ver música de RTP África** que dão aqueles tops e não sei o quê. Mas é pouco tempo também que se eu vejo um, o corpo está tão cansado, o cérebro está tão cansado”

Jenifer

“Não, nós **começámos a ligar uns aos outros a saber se eles estavam bem lá**. Eu não liguei para lá, eu liguei só para famílias cá. Liguei para a minha amiga, por exemplo, a que mora ali, depois falámos pessoalmente ali ao pé da Pintor. Liguei para os meus compadres também que têm lá filhos mas eles não tiveram problemas [reações de Maria Júlia perante **as notícias que viu pela RTP sobre os riots de Londres** no verão de 2011]”; “na sic acompanho tudo o que acontece, gosto de ouvir notícias. (...) **Eu gosto mais da SIC. Eu vejo na 1 porque ele gosta mais da 1**, ontem por exemplo, eu tinha a televisão fechada, não estava a ouvir porque nem sempre posso, então fui para o quarto. Como vê, eu tenho a televisão aberta. Fui, quando eu entrei no quarto estava a dar **o falecimento do nosso presidente em Cabo-Verde**. (...) **qualquer notícia que eu veja na televisão de Cabo-Verde também mexe comigo. Porque também tenho lá os meus familiares**, em Cabo-Verde. A minha irmã, por exemplo, o meu cunhado. E este caso também deixou-me... porque eles eram... também gostavam muito desse presidente. Gostavam muito dele. E ele faleceu, toda a gente fica triste. **E imediatamente liguei para a minha sobrinha**”; “Por isso eu sigo muito as notícias, gosto muito de ouvir o noticiário, quando são boas notícias, fico contente, quando são más notícias fico triste, quando é altura, há casos que me faz chorar. Choro.”; “[Sobre Cabo-Verde] Quando há problemas estou sempre atenta... mas de resto estou mais ligada cá”; “Eu penso que é real. Eu acho que tudo o que mostram penso que é real. Porque por exemplo, **eu identifico-me com as coisas que eu vejo assim pessoalmente**”; “Falando da Noruega, dos Estados Unidos, daquele atentado... tudo, tudo tenho acompanhado tudo. O 11 de Setembro, ainda ontem passámos ali na Avenida de Roma, a Tânia, fomos à loja do Cidadão, e a Tânia disse **“ó mãe, é aqui que está aquela estátua do 11 de Setembro.”**”; “Se eu tiver um bocadinho, se me levantar cedo, por exemplo, não tenho assim muita coisa a fazer, ponho-me aqui sentada a ver a SIC Notícias. Mas de resto é mais Sic. Fim-de-semana há aquelas horas que não há noticiário, que é só bonecos e isso não tenho tempo, então não vejo.”

Maria Júlia

“Estava a dar na televisão uns problemas de fora que estavam na altura na guerra, fui buscar um saco de arroz, o meu filho a rir à gargalhada, a ver aquilo na televisão. **E eu começo a chorar, porque eu sou muito sensível. Qualquer coisa que eu vejo triste, fico logo a chorar**”;

[de Cabo-Verde, além das fotografias que familiares lhe trazem] **“só vejo assim imagens na RTP África, apresenta tudo. Zonas próximas da minha ilha eles vão ver**. Mesmo nas outras ilhas, vou sempre ver as coisas. 10 anos, 11 anos **até hoje desenvolveu muito**, mesmo”

Alice

“Tempos livres? Eu senta para ver televisão. Para descansar. Eu vou trabalhar, vem para casa, depois não vou a lado nenhum.”

Cândida

Em todas as casas que visitei **os equipamentos televisivos têm um lugar central**. Encontram-se sobre um aparador ou presos à parede nas salas de estar, rodeados de sofás, cadeirões e poltronas. Nas casas de Cândida e Margarida, cujas salas têm uma Kitchnet, a televisão está estrategicamente colocada num ângulo que permita espreitá-la desde o local onde se preparam e consomem as refeições. Vi televisões de alta definição ou televisões mais antigas mas todas grandes. Às vezes equipamentos mais pequenos aparecem também nos quartos e nas cozinhas.

Ao contrário dos meios anteriores, a televisão não é um canal para relações entre familiares à distância. Mas **as imagens transnacionais recebidas despoletam relações também transnacionais com familiares** a residir nos locais retratados. Permitem a **partilha de paisagens globais**. Notícias de catástrofes são sucedidas de contactos telefónicos com familiares para se informarem sobre a sua segurança; notícias relacionadas com celebrações históricas de Cabo-Verde são consumidas pela televisão e depois partilhadas em telefonemas transnacionais; Através deste veículo podem ser observadas imagens que reflectem mudanças da terra que não é visitada há muitos anos. Ao mesmo tempo, através de canais por cabo, nomeadamente a RTP África, são consumidas culturas expressivas de Cabo-Verde como a música, acompanhando os tops do país e garantindo temas de conversa com outros cabo-verdianos em Portugal, em Cabo-Verde ou noutros países. A televisão permite ainda outros usos relacionados com o lazer. O consumo de telenovelas (preferencialmente brasileiras mas também portuguesas) dos canais públicos da televisão pode ser feito de forma solitária, em família ou entre vizinhas (como é o caso de Cândida e Margarida). Os consumos televisivos variam consoante o grupo etário, o género e consoante as relações mantidas e graus de identificação com Cabo-Verde. Variam ainda de acordo com a fase produtiva da vida em que os sujeitos de inserem – pessoas com horários de trabalho muito preenchidos, ao contrário de quem está reformado, não têm tempo para ver tanta televisão.

## **b) As fotografias**

### **Fotografias em casa**

“ Não, e as fotografias perderam-se. Daí fiquei um bocadinho sem falar com os meus pais. Então

perderam as fotografias! Que **é uma prova para mostrar à gente quem é que ela era...**"

Joaquim a lamentar o facto dos seus pais terem perdido as fotografias de uma irmã dele que faleceu muito pequena em São Tomé.

"A minha mãe emigrou para fora de Cabo-Verde tinha eu 3 anos. Eu durante 6 anos não sabia... pronto, eu sabia que a minha mãe estava fora, não é, mas não tinha uma fotografia... ela escrevia, mandava encomenda, mandava dinheiro e tudo, mas uma criança não quer aquilo, uma criança quer é presença, não é verdade?"

Graça

"À parte, no quarto onde toma conta dos miúdos, a Graça mostra-me **fotografias dos 14 netos, penduradas nas paredes.** "

Excerto do diário de campo

"No final da entrevista a Bia mostrou-me uns **álbuns de fotografias que estão guardados numa das prateleiras do móvel da sala.** Disse-me que as fotografias não estão numa ordem específica, que os álbuns **são organizados e reorganizados pela Margarida "quando lhe dá na cabeça"**. Mostrou-me fotografias de familiares dos EUA, do irmão da Tia em Itália, de Cabo-Verde, de festas em Portugal, que se sucediam sem ordem aparente. Comentou os vestidos que as mulheres envergam nas fotografias antigas. **Algumas fotografias foram enviadas de Itália e de França.** Outras **acompanharam as trajetórias migratórias da Margarida**, nomeadamente algumas fotografias tipo-passe que a retratam a ela e uma que retrata o pai dos seus primeiros filhos, tiradas no Senegal. Depois de vermos os álbuns mostrou-me as fotografias que foram tiradas na Festa da Páscoa, no fim-de-semana passado. Estas eram fotografias digitais que tirou com a sua máquina, **organizadas no seu computador.** E assim apresenta-me os seus tios, tias, primos, primas e vizinhos da avó."

Excerto do Diário de Campo

"Bati à porta de casa da Cândida. Abriu a Helga com a Luana ao colo, a adormecê-la. Entrei na sala e lá estava a Cândida sentada no sofá com montes de fotografias da família nas mãos, outras ao colo e outras no chão. **Estava a organizar um conjunto de molduras de madeira numa espécie de hierarquia "em primeiro lugar vou pôr os meus filhos e os meus netos, depois os meus pais e os meus tios"**. Quando entrei estava neste à procura de uma fotografia da sua mãe que não conseguia encontrar. Quando tudo estiver pronto, vai pendurar a moldura na parede da sala."

Excerto do diário de campo

"Enquanto esperávamos que a Bia acabasse de arranjar os pés ao Aleixo e que a Olga preparasse o almoço, a filha de Olga levou-me para a sala de jantar. Sobre o sofá fotografias penduradas na parede. Outras numa mesa ao lado do sofá, em molduras. **A filha de Olga mostra-me os seus filhos e os seus netos lá representados.** (...) Depois do almoço voltámos à sala e o Aleixo mostrou-me a mim e à Bia **um álbum de fotografias.** Eram **fotografias de Cabo-Verde** que trouxe da última viagem que fez, em 2011, com a Olga. **A Bia reconheceu alguns sítios da sua infância** e o Aleixo pareceu muito **comovido ao descrever-me pormenorizadamente cada uma das árvores de fruto** que estavam nas imagens"

Excerto do diário de campo

"[Na sala de estar de Lurdes estão fotografias] Dos familiares. **Esta é a minha filha. Esta é uma prima minha também que é da infância, está em França. Este é o meu tio mais novo. / esse é o meu tio mais novo, esse é o meu filho que está em França. Este também é ele. Este sou eu e o meu marido, está ali. Esse aqui é o meu neto.** Faz cinco anos dia 3."; No final da entrevista a Lurdes mostrou-me um **álbum de fotografias.** Apresentou-mo como "um álbum de fotografias dos meus tios de Cabo-Verde". Lá dentro estavam fotografias fotocopiadas, umas a preto e branco e outras a cores, fotografias reveladas, fotografias de fotógrafos de casamento, de baptizados e de fotógrafos antigos. Fotografias de festas, de viagens, de Cabo-Verde e de Portugal, da escola dos filhos, das marchas populares, das suas comunhões e do crisma. As fotografias não estavam por ordem cronológica e estavam até num aparente caos. É um conjunto de fotografias que Lurdes "tinha para ali", que encontrou e que guardou para que não se perdessem. Mas tinha uma página onde estavam dispostas fotografias da Lurdes tipo-passe, da mais antiga, aos 16 anos, para a mais recente de há poucos meses, a ilustrar várias fases da

sua vida. E outras páginas estavam organizadas numa composição interna: uma delas tinha **uma fotografia sua no centro, com os quatro filhos à volta. As fotografias dos filhos tinham sido cortadas à tesoura, em formas redondas e aparecia uma colada em casa canto da página.** O álbum tinha outra página semelhante a esta mas desta vez no centro estavam representados a Lurdes e o seu marido. Outra página que mostrava um cuidado na sua apresentação era uma dedicada aos seus pais: uma fotocópia a preto e branco de duas fotografias colocadas lado a lado.”

Lurdes/ Excerto do Diário de Campo

“O que é que ela fez? Arrumou as malas que eu tinha com a roupa, papéis e meteu fogo. Meteu fogo nas minhas coisas. Só que quando ela viu aquilo, a bolsa onde tinha os papéis do banco e tudo, ela meteu lá uma camisas, umas gravatas, boxers... só que ela foi tentar apagar e até queimou as mãos. Mas aquilo... **ela pegou em fotografias do meu pai, mais não sei o quê, ela pegou e foi meter no lixo./ Não encontrei, nem umas ficaram, tenho que pedir à minha irmã para fazer cópia.**”

Fábio

“deve ter mais de setecentas fotografias na minha casa. **Toda a família, toda a festa, todas as pessoas. / Em álbum, tento passar para DVD... no computador... a maior parte está numas caixas/ De vez em quando abre. Quando dá saudade,** para ver como é que eu era mais novo, como é que eu era (...) **As fotografias que eu trouxe de Cabo-Verde não sei onde foi parar. De vez em quando encontra uma foto pequenino,** de documento.”

Jaime

[Gravação, durante a entrevista à Alice, das descrições que faz ao quando está a desfolhar um álbum de fotografias] Olha, essa é **a minha neta** mais velha. Este é **o quarto das minhas filhas** quando a gente morava lá em cima, esta é **a minha sala**. Para ver que é verdade, estão aqui os móveis. O chão era tijoleira, o meu marido é pedreiro. Este é em **Cabo-Verde**./ Esta é a minha sogra. Em Cabo-Verde [fotografia de uma mulher muito magra e serena, com um vestido azul turquesa, sentada nas escadas da entrada de uma casa térrea]./ - A sogra é de São Nicolau, mas esta foto foi tirada em **São Vicente**. Este é **o meu marido com os netinhos**, este é ele. **Este é tudo lá naquela casa antiga**. Por acaso era tudo em tijolo. Olha, esta é em Cabo-Verde. Este é o meu marido e a mãe que está em Cabo-Verde. Esta já é uma parte da cortina da outra casa. Na janela. Esta é em Cabo-Verde, esta é também em Cabo-Verde. Esta é em **Cabo-Verde em casa da minha sogra**. Este é **o quarto das minhas filhas lá em cima, cor-de-rosa**. Cada quarto tinha a sua cor (...) aqui foi **um afilhado que foi baptizar** na Póvoa de Santa Iria no domingo de Páscoa de 86 ou 87 (...) **Esta é da irmã, esta sou eu, esta é a minha sobrinha em Cabo-Verde, esta é a minha irmã mais nova** que ficou viúva. Esta é **a tal criança** que é neta da minha irmã mais nova que ficou internado no IPO, mas tem ali fotografia também (...) este é Cabo-Verde, estes são **os meus dois genros**, este é **o baptizado da minha neta mais velha**. Esta **filha que mora no Cacém**, na minha casa lá em cima. **Esta cortina é uma janela que eu tinha virada assim para a estrada**, mas **este tecido** comprei numa loja em Moscovide que ia fechar para obras. Então comprei este tecido, acho que foi 3 escudos os metro, fui eu mesmo que fiz./ Isto é **dia de baptizado** da minha neta, ela era madrinha, esta é a minha filha mais velha que era mãe da pequena, **esta é a mesa que a gente fez**. Fez sempre tudo lá em casa, não ia a restaurante nem a lado nenhum (...) Lembro da minha terra, lembro dos meus irmãos, lembro... este é o baptizado da minha neta, como já viu no princípio. Tenho saudades dos meus tempos para trás. **Aqui era outra pessoa. Mesmo com a idade, era mais nova**, mas... parece... já com...(...) Queria mostrar-lhe uma parte. **Esta foi na altura, quando me deram a Isa, no hospital da Estefânia**. Quando me deram a Isa que, pronto, ela esteve internada no hospital. Este é o Natal que ela passou no hospital da Estefânia. No dia de Natal fomos lá, as tias, esta sou eu, o meu marido e uma filha e outra filha e a minha neta pequenina (...) Este é o meu irmão e a minha cunhada, esse que mora no Barreiro. É na outra casa lá em cima, na minha barraca lá em cima. Ela era só festa. Isto é tudo lá em cima, tiraram fotografia... (...) Eu tenho muita afilhada. **Esta é da parte do meu irmão. Esta é minha sobrinha filha do meu irmão. Está em Londres. Este é de Tunísia**, tenho ali pessoas amigas em Tunísia.

Alice

A importância dada ao retrato fotográfico e às relações entre este objecto e os sujeitos é, desde logo, evidenciada pelos exemplos do Joaquim e de Graça, em que o primeiro gostaria de ter um meio para conhecer uma irmã que morreu quando era muito nova e a segunda lamenta ter sido educada afastada da mãe, sem sequer ter tido acesso a uma fotografia que poderia compensar esse afastamento. O caso do Fábio, que demonstra intenções de adquirir novas cópias das fotografias do seu pai, das quais foi expropriado, também salienta a importância destes objectos. Ao longo do terreno, aliás, foi constante a utilização de fotografias pelos sujeitos para se apresentarem familiares. Estas encontravam-se expostas nas casas, guardadas em álbuns ou em formatos digitais em computadores. As fotografias sobretudo familiares mas também casas, eventos festivos como aniversários, baptizados e festas de natal, mesas com comida nestes festejos, férias em Cabo-Verde e noutros destinos. São usadas para recordar Cabo-Verde (Margarida, Alice, Aleixo, Bia), casas antigas (Alice) e, sobretudo, membros da família a residir noutros países. Tal como as TIC, as fotografias enchem a Casa de familiares distantes, permitindo a sua evocação. Ao estudar migrantes ucranianos em Itália, Fedyuk observa que as fotografias que circulam entre os dois países não são meras imagens ou objectos trocados. Com as trocas ganham significado e tornam-se **parte das relações transnacionais em si**. Lembram os migrantes das suas obrigações e responsabilidades familiares, ao mesmo tempo que reconstróem a família idealizada, a qual está temporariamente suspensa através da migração.

As casas do terreno estão cheias de fotografias. As fotografias transformam uma casa vazia de gente numa casa que evoca familiares distantes. Entre outros exemplos destaco as fotografias dos 14 netos de Graça que enchem uma parede num quarto vazio da sua casa. E a casa vazia de Indira preenchida por fotografias dos seus filhos.

A gravação de Alice a folhear o seu álbum de fotografias mostra uma unidade fragmentada onde cada imagem evoca memórias de lugares diferentes, contextos temporais dispersos e familiares. Tal como os álbuns de Lurdes e de Margarida, ou as caixas de Jaime, o álbum de Alice revela, num primeiro nível, uma tendência para aglutinar imagens num receptáculo para que não se percam. Lurdes e Margarida investem “quando lhes dá na cabeça” neste caos. Organizam-no e reorganizam-no.

Lurdes transformou algumas imagens fotográficas específicas e deu-lhes novos sentidos. As páginas do seu álbum com representações da sua unidade familiar demonstram uma projecção de uma realidade que tem internalizada, num objecto que posteriormente apropria. Esta forma de uso de objectos específicos, destas imagens dispostas em associação, traduzem hierarquias actualizadas pelos sujeitos, como tão bem exemplifica Cândida: “em primeiro lugar vou pôr os meus filhos e os meus netos, depois os meus pais e os meus tios”. A Família transforma-se constantemente e estas transformações são actualizadas no mundo material dos objectos. Tal como Lurdes, Cândida criou, através das fotografias disponíveis, uma associação de imagens que reflecte a sua realidade familiar contextual. Selecionou, por entre uma série de fotografias de familiares da família alargada, fotografias de pessoas específicas. Relembro que a mobilidade de familiares e a plasticidade de papéis que necessitam de constante actualização são características específicas das dinâmicas familiares cabo-verdianas. A manipulação destes objectos transnacionais é uma forma de inscrever as actualizações da família no mundo material.

Atitudes semelhantes foram observadas na própria **transformação da casa**. A mesma lógica de reorganização de fotografias é transposta para os aparadores, móveis de sala e paredes dos espaços domésticos (ver figuras 3, 4 e 5).

Mais uma vez **o transnacionalismo familiar é inscrito na casa**, ao mesmo tempo que a casa o perpetua na vida quotidiana. A materialidade dos espaços domésticos é manipulada para acentuar as vivências familiares transnacionais. Nesta manipulação, o papel do **objecto fotográfico é central**, por vezes conjugado com **outros objectos transnacionais** como bibelôs de recordação ou presentes de familiares. Na fig. 6 as molduras que expõem os filhos, netos, sobrinhos e irmão de Olga estão conjugadas com uma taça, presente do seu neto, trazida de Manchester, um Búzio trazido por Olga de Cabo-Verde e um quadro que comprou em Portugal por lhe fazer lembrar “da terra”.

Esta forma de investimento no espaço doméstico através de fotografias é no entanto marcadamente geracional. Fonseca Filho e Bia, por exemplo, associam esta forma de expor as fotografias a “pessoas mais velhas”. As suas fotografias estão sobretudo organizadas nos seus computadores.



Fig. 3 e 4. Plasticidade e construção activa da família: O marido da Margarida representado com os filhos da Margarida, incluindo uma que não é sua/ A Margarida representada com os filhos do seu marido, incluindo um que não é seu. Estas montagens fotográficas estão na sala de Margarida e foram mandadas fazer por si quando Titia com o Luís e os dois filhos de ambos.



Fig. 5. Grupo de fotografias no móvel da sala de Alice com as quais me apresentou alguns familiares.



Fig. 6. Cómida na sala de casa da Olga. O neto, uma taça, fotografias de outros netos e sobrinhos, um quadro que remete a Cabo-Verde e um búzio, no centro, que trouxe de lá em Agosto. Estas composições são reconfiguradas ao longo do tempo.

## Fotografias que viajam

“Vi **uma fotografia que o filho me mostrou em casa**. Estava a pensar de uma maneira “o meu irmão é assim, é forte, é alto... é elegante”. Mas não é alto, é baixo. Eu estava a pensar que era da minha cor... afinal é da tua cor ou mais clarinho. E o cabelo como é que é? O cabelo é fino também. Cabelo liso. Estava a pensar que era de uma maneira e era de outra. A minha irmã estava a pensar que é assim também mulatinha, é ruça, é loura. Pronto... o resto que está nos Estados Unidos já vi sempre.”

Jaime, que não vê o seu irmão e irmã há 40 anos reviu-os numa fotografia que o seu filho trouxe de Cabo-Verde.

“Mostrou-me [a casa onde o seu filho vive em Angola]. Mas está em construções, em construção.”

Maria Júlia conheceu a casa que o filho constrói em Angola através de uma fotografia que o seu filho lhe mostrou através do telemóvel quando a visitou em Lisboa.

“Também **levo fotografias, para mostrar**. É assim. **Ando sempre com fotografias na carteira**. (...) Pequeninhas, tenho fotografias dos meus familiares. **Do meu marido, dos meus filhos, dos meus netos**. E tenho sempre essas fotografias lá e **tenho um álbum** assim com fotografias também mais recente e vou mostrando (...) mostro sempre o meu neto, o mais velho, o mais novo, os meus filhos, é assim.”

Quando Lurdes visita Cabo-Verde algumas fotografias viajam consigo.

A componente transnacional dos objectos fotográficos analisados prende-se com múltiplas instâncias: a fotografia a evocar familiares e locais além fronteiras, por um lado e, sobretudo, a fotografia em si, enquanto objecto que atravessou fronteiras. Já foi referido que algumas das fotografias que estão nos álbuns e nas paredes das casas foram trazidas ou enviadas por familiares, outras percorreram as trajectórias migratórias dos sujeitos. Das fotografias digitais, muitas foram enviadas por email e outras estão disponíveis online para visionamento através do facebook. E muitas imagens transnacionais chegam com as visitas de familiares do estrangeiro ao espaço doméstico. Fotografias (e outros objectos, tal como o exemplo de Fatinha ilustra – ver caixa abaixo) viajam com os sujeitos nos seus pequenos mundos transnacionais, nomeadamente carteiras e telemóveis.

### Na Carteira de Fatinha: micro mundos que viajam com os migrantes



Fig. 7, 8 e 9, respectivamente: Família de Fatinha em Cabo-Verde; Um cartão de eleitor antigo, um cartão de Sócia e por cima uma fotografia actual da sua sobrinha; Fotografia de Fatinha no dia do casamento da patroa com quem veio para Portugal



Fig. 10 e 11, respectivamente: Cartões comemorativos de baptizados, primeira comunhão e crisma dos seus sobrinhos e sobrinhos-netos, onde Fatinha nem sempre esteve presente. Celebrações realizadas em Portugal, Cabo-Verde e EUA; Ícones religiosos que traz como recordação das excursões religiosas em que participa que já incluíram Israel, França e Itália.

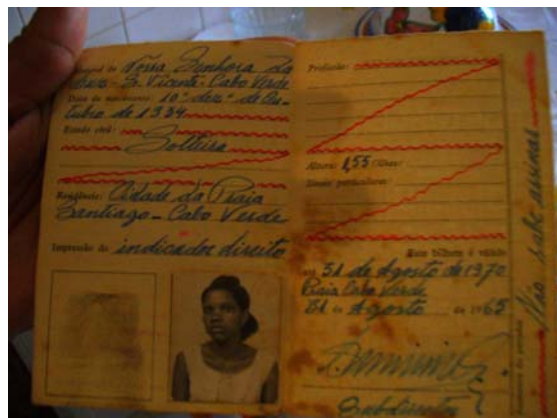


Fig. 12. O seu antigo cartão de identificação, na sua carteira desde Cabo-Verde.



Fig. 13. Um cartão de visita oferecido por sobrinhos seus. Na fotografia aparecem eles a nadar na Ilha do Sal.

### c) As mesas de jantar com cadeiras à volta

Como introduzido no capítulo II.1.2 as dinâmicas familiares cabo-verdianas no contexto pré-migratório e transnacional são caracterizadas por uma mobilidade permanente entre casas. Nestas famílias os laços familiares são contínua e estrategicamente actualizados e o relacionamento entre parentes é validado processualmente por actos quotidianos de **co-habitar, consumir em conjunto, conviver no mesmo espaço, trocar coisas entre si**. Como é que este quotidiano é transposto para o espaço transnacional? Para a oscilação entre casas cheias e casas vazias, a materialidade do espaço doméstico está preparada para receber afluxos de familiares. A omnipresença de grandes mesas de jantar com várias cadeiras prevê a possibilidade que estas sejam preenchidas por potenciais visitantes da casa. Este mobiliário implica que a casa, na sua materialidade, esteja disposta e preparada para receber familiares em visita. Quando está cheia de visitas a casa reconfigura-se ainda com a introdução de uma segunda mesa na sala de jantar (Maria Júlia) com a partilha de espaços para pernoitar (Maria Júlia, Lurdes) com a abertura de mesas articuladas prontas para serem usadas e a utilização de bancos provisórios (Olga). Tal como as molduras com fotografias espalhadas pelos aparadores, móveis e paredes, e como os álbuns de fotografia que são manipulados para actualizar relações familiares, as mesas de jantar prontas para albergar de oito a dez pessoas permitem a transformação do espaço doméstico tornando a casa tão plástica quanto a plasticidade familiar.

### 2.2.2 Visitas: Família, Mobilidade e a Casa Plástica

#### *Junta tudo na casa de um para fazer a convivência.*

“um primo meu, um primo afastado morreu, não é e então fui lá à missa do 7º dia onde estava também grande parte da família da minha mãe. Irmãos, tias, primos, as minha primas lá desse sítio do Engenho, estão cá duas... e pronto, nós da parte da minha mãe é mesmo assim. Mas é que é mesmo assim, **nós só encontramos quando é para visitar alguém doente, para alguma festa ou para algum funeral. Da parte da minha mãe. Cá ou lá.**”; “E para ver a família toda, os que também estão na Suíça, França, Holanda e também em Inglaterra é Verão. No verão ou no Natal. (...) Já fui eu, já foi a minha irmã [visitar a Cláudia a França] e tirando isso também gosto muito de ver os meus tios e os meus primos que cresceram comigo, não é, e agora estão na Suíça.”; “na minha avó há sempre um almoço no Domingo de Páscoa com a família toda como costuma ser também no Natal. Mas este ano foi diferente porque fomos a uma festa de anos de uma senhora que é como se fosse a minha bisavó, que é muito amiga da família, que fez 94 anos e então estávamos lá todos.”

Bia

“Fui visitar a Margarida e ela disse-me que tive muita sorte em encontrá-la. Disse-me que **no verão não pára em casa**. Que ainda ontem tinha estado, do meio-dia à meia-noite em casa da mãe da Ema em Vialonga. Disse que em Agosto quando o centro fechar não vai querer ficar em casa e que por isso vai passar **uns dias a casa da Olga, vai a casa da mãe, e vai a casa da mãe da Vânia**. Além disso está a planear ir passar o fim-de-semana a casa da Filha para ver a neta. Diz que a sua mãe também é uma vadia e que esteve também uns dias em casa de não sei quem. Parece que mesmo quem não pode ir passar férias circula de casa em casa”;

“Voltei a visitar a Margarida. **Ontem tinha recebido visitas** do Miguel, seu irmão, acompanhado pela sua mulher, Manuela, **da Suíça**, mais o primo Cláudio e Jenifer.”

Excertos do Diário de Campo

“**os fins-de-semana são na avó, ou são na mãe, ou são na prima** que é como se fosse a minha irmã mais velha. **As férias são na tia, são na avó, são nos amigos.**”

Telma

“Quando cheguei a casa da Cândida estava lá o seu filho, a sua nora e uma das netas que ainda não conhecia. A Cândida estava a dar muitos beijinhos de despedida à neta e constantemente a dizer à nora **“obrigadinha pela visita, obrigadinha pela visita”**. Era uma visita de fim-de-semana à avó.”;

“Às vezes ao fim-de-semana (...) É aqui mesmo. (...) Fazemos comida, comemos, bebemos, assim, **eu fico feliz porque tenho as minha netas ao pé de mim**, brinco com elas, que eu gosto.”; - Ah, no Natal juntamos famílias. (...) **Comemos, bebemos, famílias todas unidas.**”

Excerto do Diário de Campo/ Cândida

“Estive lá, fui fazer lá [em casa de uma prima que vive na Bélgica] **umas consultas** [por causa do tumor que teve na perna], estive na minha prima, tenho lá afilhados (...). **Acabei e estive lá um mês e meio e vim para cá.**”;

“Mas quando tem assim as festas, um baptizado, ou um casamento, ou uma festa de aniversário... agora não há assim tanto aquele convite, tanta festa dantes, com esta coisa da crise as pessoas entraram, alguns estão desempregados, há outros que não têm possibilidade de fazer isso, então não faz. Mas sempre de vez em quando, quando um faz, reúnem todos. Encontramos todos, sempre assim. **Depois começam assim “ai, há tanto tempo que eu não vejo, ai, não sei quê”. Depois é uma alegria muito grande**”;

“O Natal é muito lindo. **Chega o Natal, juntamos todos, tenho cá sobrinhas ainda também que vêm, algumas que estão no Porto, em Coimbra, há umas que vivem em Lisboa** também, vêm todos, juntamos todos, é prendas, é comida, fazemos vários pratos. Eu como gosto muito de cozinhar, o prato que eles mais gostam é um bacalhau, eu faço bacalhau com natas. (...) Faço isso, faço doces, faço vários doces. E faço assim alguns comeres de Cabo-Verde, também, que eles gostam também. Faço. E reunimos todos. Bebidas, comidas, é prendas, aquilo é muito bonito. **E depois chega a hora de dormir, os que têm carro, vão para casa, aqueles que não têm, dormimos aí, é no sofá, é no chão, é na cama. Porque é muita gente, não tem quartos para todos.**”

“porque todos eles [os sobrinhos que vieram de Cabo-Verde para Estudar em Portugal] **quando chegaram cá vieram para mim**. Ainda não estava a viver aqui, estava na Quinta da Paleipa na Charneca, alguns foram para lá. Depois às vezes aqui despachavam na embaixada de Cabo-Verde e depois acompanhava eles para o Porto ou para Coimbra e foram para lá, alugaram a casa que alugam os estudantes. E viveram lá. **Mas nas férias vêm sempre**. Agora já vêm menos, porque a que está em Coimbra já tem um marido. Aliás, a outra que está em medicina também já tem. Portanto agora já vem menos.”

Lurdes

“mas primeiro de Cabo-Verde **veio este para tratamento**, depois a mãe ficou em Cabo-Verde, depois este veio com o pai (...) Esteve muito tempo na minha casa. (...) As pessoas de Cabo-Verde são de uma terra muito pobre, mas é uma terra muito... somos muito unidos. Para ajudar. (...) **já acolhi um casal amigo que são pais deste moço** [aponta para uma fotografia na sala]. (...) **Já acolhi outro sobrinho** que veio de Cabo-Verde, uma filha tinha o coração fora da caixa e veio internar no IPO, foi bastante grave. Esta sobrinha esteve um ano e tal. (...)

“Vêm todos, **nessa altura vou ter cá todos os filhos. Da Irlanda, este de Angola** e provavelmente vem a minha neta, a minha nora que também está separada também vai estar com a filhinha, **costumamos ficar aqui todos em casa.** (...) Vêm todos, **porque eles têm a vida deles mas aqui é a casa dos pais**, não sei porquê, eles gostam de estar connosco. E eu com eles. Sempre quando podem estar... a Misé tem que vir para aqui porque ela não tem outro sítio para ir, é a casa dela, pronto. O Eduardinho agora também já não tem a família, a casa ficou com a mulher. (...) O quarto das meninas que era da Misé. **Quando a Misé vem, dormem todos no chão, as miúdas dormem no chão e a Misé fica no quarto.**”;  
 “Eu cozinho, faço de tudo, faço panela de comida, dá para toda a gente, amigos deles, porque eles têm amigos também, **juntamos todos aqui, é uma alegria, a casa fica movimentada, a mesa cheia**, às vezes na cozinha, fica na cozinha, os miúdos para aqui, às vezes **trago a mesa da cozinha para aqui, ficamos com as duas mesas**, conforme calha.”

“**Foi muito triste, a despedida é sempre triste** (...) Mas ele veio cá, antes de ir veio cá a casa e neste dia as miúdas iam para os escuteiros também, **a casa ficou muito vazia.** (...) Depois no dia seguinte foi o Eduardinho, depois no dia seguinte foi a Misé, portanto foram todos seguidos.”

Maria Júlia

“Mas mais que a gente junta para almoçar é ao domingo, **todos os domingos e ao sábado às vezes também eles almoçam na minha casa** (...) Todos os fins-de-semana vem cá, o marido não está cá, o marido está a fazer um trabalho em Cabo-Verde e entretanto o fim-de-semana ela vem cá deixar a menina, a menina fica connosco e ela vai trabalhar”;

“Faz assim, como eles combinam, por exemplo **um fim-de-semana que tem um feriado** e não sei o quê, **a minha irmã vai ou eles pagam a passagem da minha irmã** para a minha irmã ir. E **então junta tudo na casa de um para fazer a convivência.** Em Julho, não... **Abril, ela foi lá passar a Páscoa** com eles. Foi a filha do genro que está aqui, foram para lá com os dois filhos. E entretanto juntaram lá todos, **a minha irmã foi de avião** e a minha sobrinha foi de carro mais o marido, **à vinda a minha irmã vieram com eles.** E então juntaram tudo na casa do mais novo e ficaram lá todos.”

“em Cabo-Verde só **tenho aqui uma sobrinha que veio estudar.** Mas também já tem a vida dela, está na casa dela. **Esteve connosco 5 anos.** Depois acabou a escola, também o marido dela acabou a escola e então juntaram, já tem uma filha e agora está a viver a vida dela”

Jenifer

“O meu filho Titia em casa mas arranjou a casa dele porque se não, não vai ser nada. Está a viver com a mulher dele lá. Mas **vem cá sempre.** Gosto muito do meu netinho, é muito querido. É giro”

Jaime

“Já fui de férias e **pagaram a passagem**, ela [a filha de Joaquim que vive no Reino Unido] pagou-me (...) duas passagens, foi em Setembro e em Dezembro. Seguido.”; “ela pediu-me a direcção, ela **se calhar vai-me pagar uma passagem para ir no Natal.** O Natal e o ano novo.”

Joaquim

O quadro anterior sintetiza a mobilidade entre casas, constantemente observada durante a etnografia, onde inúmeras visitas a familiares para “fazer convivência” foram realizadas. Exemplifica também os quatro tipos de visitas sistematizados por Baldassar (2008): Visitas de crise, Visitas rituais ou de obrigação, Visitas de rotina, Visitas especiais como as visitas pontuais de ou a familiares do estrangeiro. Foi recorrente ainda a descrição de casos em que estas últimas visitas se foram prolongando em co-habitação permanente. Sob o eixo da **hospitalidade**, as

casas albergaram familiares no início do seu percurso migratório (para trabalhar ou para estudar) ou em situações de emergência para resolução de casos de saúde, como no caso dos sobrinhos da Alice e no caso da Lurdes, quando esta passou um mês em casa da sua prima em Bruxelas. Esta forma de convivência e de “fazer família” tem percepções diferentes, consoante a geração. Por exemplo, a Bia e a Evelina continuam a participar nas reuniões familiares semanais mas não em todos os fins-de-semana. Conjugam estes eventos com outras actividades sociais que partilham fora de casa com amigos e colegas de trabalho. Alice também me referiu que os seus filhos, apesar de continuarem a aparecer em sua casa aos fins-de-semana sobretudo para ajudar nos cuidados da sua neta Isa, são mais “parecidos com os portugueses”, não gostam tanto de se juntar em família e “se puderem fugir até fogem”.

Estas reuniões de família que acontecem em espaços domésticos permitem a concretização do transnacionalismo e simultaneamente, como descrito acima, o carácter transnacional destas casas está expresso na sua materialidade através das TIC, de objectos como bibelôs mas sobretudo fotografias de familiares, e do mobiliário que prevê ser preenchido por visitantes transnacionais. Estes objectos relembram aos habitantes da casa o seu transnacionalismo familiar quotidiano, através de uma lógica dicotómica que opõe a casa cheia (quando os seus familiares estão presentes) à casa vazia (quando a sua ausência é evocada), ao mesmo tempo que expressam a extensão das redes familiares. Observar os objectos que viajam nos mundos migrantes e estudar a experiência migratória do ponto de vista das suas dimensões materiais deve partir, necessariamente, por olhar para **a casa também como um objecto transnacional em si.**

### **2.2.3. Casa: arena das trocas transnacionais**

Além de a casa ser em si um objecto transnacional, a **circulação de pessoas entre espaços domésticos** torna-a também numa arena onde a maioria das trocas transnacionais entre familiares tem lugar. As trocas de pessoas, de informações e de coisas são formas de actualizar a “proximidade à distância” essencial à manutenção da família cabo-verdiana. Através da circulação de pessoas em visita, do envio de objectos e da comunicação através do telefone e Internet. Como referido acima, **nas casas alguns objectos estão expostos numa ordem que evoca as relações transnacionais.**

**Mas é também em casas que são repartidos objectos recebidos, é à casa que chegam visitas que redistribuem novos objectos e é para casas específicas que se enviam outros.** Estas visitas são o principal canal de envio e recepção de objectos que atravessam fronteiras. Como já vimos, em muitos casos os objectos viajam literalmente com as pessoas.

### 2.3. Casas do Futuro

A casa, objecto transnacional, é também uma das **coisas** que viaja por entre os espaços migratórios.

“... pronto, porque a gente quando tem quatro ou cinco ou seis irmãos, mas tem um que é mais do que o outro, não é? E ele [o Tico, pai da Bia] então é daqueles assim mais pobre, mas agora estou contente, porque ao menos o que pessoa pode ter é uma casa, está a perceber? Já tem uma casa. **E vai daqui de Portugal de vez em quando para Cabo-Verde, disse que está a fazer a casa para a minha Mãe, para mim, para toda a gente,** não sei.”

“o meu tio também (...) também já **comprou casa lá em Cabo-Verde,** em S. Vicente, uma casa grande, **aquela casa que a Daniela estava a ver fotografia.**”

Margarida

“... oh! Aquela casa tem uma história (...) ele lá conseguiu arranjar as coisas, conseguiu pôr as pedras e nós ajudávamos, os vizinhos ajudavam... (...) o meu pai vai lá frequentemente porque ainda está a construir, a acabar de construir, a nossa casa lá.”; **“Ele tem ido lá... foi agora... ele veio em Janeiro... sim... foi no Verão do ano passado,** depois foi outra vez em Janeiro (...) **cada vez que vai, vai fazendo mais um bocado,** não é? Porque eu acho que é também um bocado para ele... acho que aquela casa... ele diz **“é a casa para vocês terem, para vocês terem alguma coisa no futuro, para vocês poderem, estão aqui a trabalhar, mas se quiserem ir lá passar férias terem um canto”.** Sim, mas isso também temos lá dos nossos familiares, não é? **Eu acho que é um bocado para ele pensar “tive alguma coisa”.** Acho que é um bocado isso... (...) para ele não sentir que não fez nada, **é um bocado também o orgulho do emigrante** “estou aqui a trabalhar mas fiz alguma coisa no meu país” que é um bocado o que todos pensam, porque toda a gente que eu conheço tem lá uma casa, daqui toda a gente tem lá uma casa. (...) **normalmente é uma casa com dois andares, tipo vivenda,** não é, **com um quintal,** com esse espaço e... não sei como é que eles conseguem, não sei como é que conseguem ter lá casa, porque acho que há uns anos atrás seria mais fácil, porque os emigrantes todos trabalhavam nas obras e nas obras ganhava-se muito melhor do que se ganha hoje em dia, mas é uma proeza, não é? **Construir assim uma casa de raiz e normalmente eles é que pedem o desenho de como é que quer...** vêm lá os pormenores todos, mas acho que é mesmo assim, **é ter lá o que gostariam de ter cá.**

Bia

“Eu vou lá visitar as famílias, irmãs, irmãos, sobrinhas, sobrinhos. Também eu gosto de lá ir. É minha terra, eu gosto. Tenho lá a minha casa. (...) É assim uma casa, com três, quatro assoalhadas. Casa de banho, cozinha. (...) **eu fui lá de férias, depois em fiz a casa.** (...) Só nas férias, depois também minhas irmãs e meus irmãos também fizeram o trabalho. Fiz trabalho com... eu vou na fêria, eu aproveita e eu faço trabalho. Depois eles também fazem trabalho. Ajudam.

Cândida

“... eu tenho lá uma casinha, em São Vicente (...) O meu marido vai... a gente antes de vir para Portugal já tinha feito lá um bocadinho do trabalho. Fizemos dois quartos, depois o meu marido, depois de estar cá, **foi lá acabar o resto.** (...) Costuma ir, sempre na altura do verão, ele vai. Ele está previsto para ir em Setembro”;

**“já mandei bidão** mas foi para São Vicente, que eu tenho lá uma casinha. E então **o meu marido**

costuma levar as coisas dali, o material eléctrico e tudo”

Alice

“Nunca fui lá mais. Tem as minhas coisas, tenho vontade de voltar para viver lá. Tenho a minha casa.”.

“Jaime, que não visitou Cabo-Verde desde que emigrou, **enviou de Inglaterra o projecto para a construção da sua casa. Esta construção foi acompanhada à distância, com supervisão presencial do seu irmão a quem enviou o dinheiro e todos os materiais necessários**”.

Jaime/ Excerto do Diário de Campo

Ao longo do terreno recolhi exemplos do envio de vários objectos com o objectivo de construir (e investir) (n)uma casa em Cabo-Verde. O projecto da casa, materiais e ferramentas para a sua construção. Mas também mão-de-obra, quando foram os sujeitos a construir a casa, muitas vezes aproveitando as férias para o empreendimento. Circula ainda dinheiro remetido para quem supervisiona a construção da casa presencialmente (irmãos, tios, sobrinhos). E por fim objectos de decoração para investimento na casa. Como uma placa de matrícula que Tico encomendou na oficina onde trabalha em Lisboa. Nessa placa mandou escrever “TICO ÉVORA”. E segundo ele é uma peça muito original “não se encontra igual lá em Cabo-Verde” e “fica mesmo bem lá”. Desde o projecto até à decoração final, a casa em Cabo-Verde é construída transnacionalmente.

### **3. Os outros objectos Transnacionais**

Além dos objectos já referidos ao longo desta apresentação, há outros cuja presença é também recorrente neste terreno.

Para uma primeira análise dos objectos que circularam, procurei sistematizar estas práticas por família, anotando emissor e receptor, eventual reciprocidade e motivações<sup>51</sup>. Além dos objectos já referidos (fotografias, computadores, telemóveis, cartões de baptizado, materiais de construção e decoração da casa na origem) realço outros objectos pela sua regularidade de envio e recepção. Objectos relacionados com a alimentação e objectos relacionados com o investimento no corpo.

#### **3.1. Alimentação e materialidade**

##### **3.1.1. Onde acaba o comer acaba o saber**

---

<sup>51</sup> Ver Anexo 1.

“Em casa da Margarida ela deu-me a provar um pouco do **doce de leite que a mãe fez. Estava num tuperware dentro do frigorífico, tinha sobrado da festa do último fim-de-semana.**”

“No picnic encontramos-nos à porta da Quinta das Conchas. (...) Depois de escolhermos as mesas cada um retira dos sacos o que trouxe de casa ou acabou de comprar no supermercado. Todos trazem **tuperwares com comida**. Cous-cous cabo-verdiano, batatas fritas, frango, cenoura com especiarias, rissóis, salada de fruta, fruta preparada, bolos, cerveja, vinho, sumos. Distribuímos tudo pelas duas mesas. (...). No final do picnic **a comida que sobrou foi redistribuída nos tuperwares** e cada um levou um pouco de cada coisa”.

“Não saímos de casa da Olga sem ela distribuir tuperwares. Encheu um com caril que **deu à Bia para dar à Augusta**. E quando saímos de casa da Augusta ela encheu **um tuperware peixe assado para a Bia levar para si e para a Margarida** e pôs também uma manga num saco de plástico.”

“Depois do debate Afro-descendentes fui com a Bia até ao metro do Marquês de Pombal. Lá estava a sua mãe com um sobrinho e uma vizinha à sua espera. Para ver a Bia. A mãe de Bia tinha consigo um saco reutilizável do pingo doce com **fritos que tinha preparado para o fim-de-semana**. Rissóis e croquetes. A mãe da Bia tinha estado à sua espera cerca de meia hora ao frio, na boca do metro. E o encontro durou apenas de cinco minutos. Foi para dois beijinhos e para **entregar esse saco de comida**. A Bia e a mãe despediram-se com um “até para a semana” mas a Bia acha que só vai ter tempo para voltar a ver a mãe daqui a 15 dias.”

Excertos do Diário de Campo

“Por exemplo milho, feijão, a minha mãe mata um porco e divide para os filhos todos, ãh? Mata dois porcos, um é para ficar para casa, os outros, o outro porco é para dividir um bocado para um vizinho, um bocado para o outro e o resto tira para os meus irmãos e tira para os vizinhos dar também, quando mata também dá a ela, é assim, **troca de carne**, está a ver? E entretanto eu digo, melhor que isto... **é uma convivência boa** e eu não posso dizer assim “há desavença um dentro do outro”;

“E tenho tio da minha sobrinha, que é irmão da minha cunhada, que está cá, veio passar férias, é médico em Cabo-Verde e entretanto vai agora quinta-feira e eu também vou fazer compras. Por exemplo, bacalhau é muito caro lá, eu vou comprar e vou mandar para a minha cunhada e para a minha mãe. **Mando para a minha cunhada, por exemplo, comprei uns cinco ou seis quilos de bacalhau. Eu ponho dentro do saco e mando**. Depois quando chega lá a minha cunhada já sabe que é para todos. **E a minha cunhada vai na minha mãe, não tira! Vai na minha mãe, a minha mãe é mais velha, pronto, entrega à minha mãe e a minha mãe divide pelos filhos todos.**

Jenifer

Os primeiros exemplos do quadro anterior ilustram como a mobilidade quotidiana de pessoas por entre as casas está também directamente associada a uma circulação de comida. **Os tuperwares são objectos móveis** que circulam em situações de comensalidade conjunta (aos fins-de-semana, nos aniversários, nos picnics). Observar estas trocas demonstra como estas estratégias são práticas de manutenção de família. Quando alguém não está presente numa partilha de comida, é-lhe enviada comida por um intermediário (Augusta deu à Bia para levar à Margarida; Mãe de Bia faz-lhe chegar os rissóis). E o envio de uma caixinha de plástico implica a sua devolução posterior, garantindo uma próxima visita na lógica da reciprocidade.

A citação da entrevista de Jenifer demonstra, por um lado, como esta troca de comida (“troca de carne”) é prática nas casas da origem e, por outro, como **a mesma lógica de redistribuição é transposta para as arenas transnacionais** “eu ponho dentro de um saco e mando tudo/ entrega à minha mãe e a minha mãe divide pelos filhos todos”. Jenifer elucida-me, aliás, que “foi a criação que a minha mãe me deu com o meu pai que foi o que dei aos meus filhos, **onde acaba o comer, acaba o saber**”. A comensalidade conjunta é uma forma de delimitar as relações familiares plásticas cabo-verdianas. A manutenção de uma família à distância tem de implicar a troca de comida.

### 3.1.2. Trocas de comida à distância.

Através das visitas de/a familiares do estrangeiro chegam às casas das famílias transnacionais itens de consumo culinário das várias partes do mundo que compõem a rede familiar. Dos objectos trocados destaca-se, por um lado o envio de recepção de **comida da terra** e, por outro, o envio e recepção de **outros sabores**.

#### Comida da Terra

“No final da entrevista a Amália abriu o frigorífico para me mostrar feijão Congo e vários tipos de feijão que lhe mandaram **da Suíça e de Cabo-Verde**.”

“surgiram presenças culinárias que revelaram uma certa nostalgia de Cabo-Verde. Olga deu-me a provar **tamarindo**. Comprou uma caixa de meio quilo por dois euros e meio numa feira. Disse-me muito entusiasmada que felizmente já não são tão caros. Que uma vez, há muitos anos, tinha encontrado os frutos à venda no Feira Nova. Mas que quando foi pesar eram demasiado caros. A Fatinha confessou que nessa altura uma vez saiu do supermercado com alguns tamarindos no bolso. E que muita gente dentro do supermercado os ia descascando e comendo enquanto fazia compras. A meio desta conversa a Olga levantou-se da mesa e abriu um dos armários para me dar a cheirar um pouco **de farinha de milho torrado que trouxe da última viagem que fez a Cabo-Verde**. Disse-me que desta vez em que lá esteve provou mousse feita com isto. E que agora usa essa farinha para o pequeno-almoço, misturada com leite. No final da refeição o Aleixo ofereceu-nos **grogue** que também trouxe de Cabo-Verde.”

Excertos do Diário de Campo

“Os meus irmãos quando vêm trazem as coisas de lá. Por exemplo, as coisas que não há cá, não é? (...) **há muitas coisas que agora vendem cá**. Trazem **aguardente** de lá, trazem de lá aquele **doce de coco**, que é feito lá. **Ponche**, que é feito por exemplo com ananás, leite condensado e aguardente, fazem lá. Coisas. Doces. Salgados, há lá uma **linguiça** que fazem lá e que não há cá, que é muito saborosa, também. Não tem nada a ver com a de cá. Trazem de lá essas coisas. (...) **Aguardente, ponche, milho, feijão, mandioca, banana**, essas coisas.”

Lurdes

“Olha, **a minha vizinha que mora ali vende milho**. Vende milho também ali no centro comercial, também vendem milho. **Fava, feijão, tudo**, chega ali no supermercado compra carne, compra enchidos

(...) **Agora de Cabo-Verde não é preciso mandar nada.** Não sei de onde é que vem, mas daqui não é, daqui de Portugal. Mas tem, tem tudo. Tem milho, tem feijão, tem mandioca, tem tudo, tudo, tudo, tudo. E é assim.”

Margarida

“**a bolacha é uma coisa muito procurada,** eu não tenho, agora já acabou, agora tenho que telefonar com o senhor que é para vir me trazer. Se ele tiver vem cá logo trazer, se não tem tenho que esperar vir de Cabo-Verde.”

Jenifer

## Outros sabores

Perguntei à Bia o que é que a Cláudia trouxe de França quando veio para o Natal. “Desta vez trouxe aquela coisa exótica do **fois gras**” para o baptizado e para o Natal. E também trouxe **champanhe** para o baptizado. Para lá, além de produtos Cabo-Verdianos que comprou numa loja do Martim Moniz, levou **chouriço e vinho do porto.**”

“Sobre a comida, a Olga disse-me que não tem saudades nenhuma da comida de Cabo-Verde. Porque arranja tudo o que quer cá. E também porque já saiu de lá há mais de 40. Quando visitou Cabo-Verde Agosto passado até morreu de saudades de comer costeletas. Nem com dinheiro conseguia arranjar. “E batatas fritas então!”. Foi a primeira coisa que cozinhou quando voltou a Portugal.”

Excertos do Diário de Campo

“A Cândida tinha em cima da bancada da kitchnet um pacote de **cominhos**. Foi **a sua comadre que lhe deu de França.** Na mesa tinha também um picante caseiro de malagueta feito pela Margarida”.

Excerto do Diário de Campo

“Ela traz coisas para casa, **comida que não tem cá.** Por exemplo, **salsichas.** Tem lá umas salsichas frescas pequeninas que nós gostamos. Ela traz de lá. Trouxe também salsichas, trouxe uma... é tipo maionese, que tem maionese, tem repolho, tem cenouras, tudo ralado, muito bom também que nós temos, que ela diz que também temos cá. Mas pronto, como gostamos ela também traz. Traz **rebuçados, chocolates**”

Maria Júlia

“Mandeí [para Cabo-Verde] uns **pacotinhos de chá** também porque ela gosta, comprado no mini preço, aqueles chás do mini preço que eles gostam, o meu padrinho, que é meu cunhado, diz que aquilo dá-lhe sono para dormir, tranquiliza, eles gostam do chá. Tem lá chá de ervas que eles semeia, plantam, mas esse eles gostam, quando vou para lá levo.”

[Os filhos de Maria Júlia] Levam [para Irlanda, Angola e Inglaterra] as coisas de Portugal que eles gostam. (...) Por exemplo chouriço, **chouriços, paio, salgados,** levam também... tudo o que eles gostam levam um bocadinho, chegam a levar **queijos.**

Maria Júlia

“Levámos bastante **bacalhau,** que é uma coisa que eles adoram.”

Ema

“Mangas e peixe. Peixe, eu adoro peixe, mas **peixe de Cabo-Verde é diferente.** Marisco eu sei que ele não pode trazer, acho que eles não deixam trazer, que a minha mãe já tentou trazer e não deu, mas vai trazer peixe, que ele disse que passa para Portugal.”

Telma

“Engraçado, **perguntam sempre o que é que eu quero.** Pedi umas **ervas** que eu gosto muito que há lá em França que é para temperar os alimentos, os Franceses não usam muitos temperos. Comem com pouco sal, pouca gordura e esta erva é uma erva que por exemplo no peixe dá muito sabor e no frango também. Em vez de estar a pôr outros temperos e utilizar muito alho e muita cebola, utilizam esta erva.

Alguns dos exemplos citados demonstram uma certa nostalgia de produtos da terra. A preparação e consumo de comidas específicas estão ligadas a emoções muito subjectivas no sentido em que são uma forma material de evocar memórias e relembrar familiares ausentes e lugares longínquos (Baldassar, 2008); Alguns exemplos demonstram também a existência de um mercado de produtos cabo-verdianos em Portugal que responde a uma procura generalizada dos migrantes e descendentes de migrantes cabo-verdianos a residir na AML (ver o trabalho de Marques et. Al, 2001 sobre rebidantes). Ao mesmo tempo, o exemplo de Amália mostra como à parte do comércio existente, redes de trocas de produtos entre familiares acontecem e por vezes estes produtos da terra não chegam directamente de Cabo-Verde. É interessante como os seus familiares na Suíça lhe enviam alimentos que alguém lhes fez primeiro chegar das Ilhas. Outros circulam com as visitas. Como foi dito mais acima, a troca de comida é uma das formas de se fazer família. O exemplo de Amália ilustra o acto de partilhar à distância a comida que não se pode consumir em conjunto. Lembra-nos a ideia de Gardner (1993) para quem o consumo de alimentos é um sinal de pertença e de sociabilidade e demonstra uma forma de passar este acto de partilha para a distância transnacional. Consumir comida de Cabo-Verde pode estar associado a pertenças familiares mas nalguns casos também a definições de pertença étnica. Como Jenifer me disse mais tarde sobre quem compra os produtos africanos que vende no seu mini-mercado, “nós é mais o milhos para fazer a cachupa e a mandioca e a batata-doce, abóbora para fazer nhome, para fazer a caldeirada, a nossa especialidade (...)”. Demarcou-se dos “outros africanos” que comem “Fubá de milho de Angola, Fubá dos Camarões e Fubá de milho branco, tudo vem da África. Óleo de palma, muamba, tudo é procurado, as pessoas que vende mais é são-tomense e moçambicanos e angolanos, eles é que come mais essas coisas”. Como adianta Oliveira, “os hábitos alimentares transferidos para o território de imigração apresentam-se e devem ser entendidos como importantes na definição das identidades cabo-verdianas. É nesse consumo que se estabelecem as fronteiras sociais e culturais que, cada vez mais, tendem a diluir-se.” (Oliveira, 2011). Mas Jenifer ainda acrescenta que comidas de Cabo-Verde “Eu

faço de vez em quando. Não faço sempre porque o meu marido não gosta. Cachupa ele gosta. Cachupa, feijoada, feijão Congo, isso ele gosta. Mas assim outras coisas não, por exemplo, a caldeirada não gosta, não gosta.”. Na verdade, “o contexto da modernidade alimentar torna complexa a definição de um perfil de um consumidor. A diversidade de cozinhas, de gastronomias, de produtos alimentares, impulsiona no sujeito uma multiplicidade de escolhas, uma heterogeneidade de cozinhas, paladares e culturas, não estando por isso estritas a um universo fechado. Nesse sentido, a alimentação tem de ser objectivada como um acto plural e cultural. A circulação de pessoas e bens permitiu o acesso a novos mercados, a “produtos estranhos”, “sabores distantes”, derrubando fronteiras sociais e culturais” (Oliveira, 2011). Os exemplos mostram que chegam às casas destas famílias produtos específicos de outras origens que não são de Cabo-Verde mas também “não se encontram cá”. Champagne, chocolates, salsichas. E para Cabo-Verde é enviado vinho do porto, chocolates, pacotinhos de chá.

Perante o leque de produtos alimentares da *ethnoscape* global a que estes migrantes transnacionais estão expostos, há sabores que são reconfigurados. A troca de produtos que os migrantes comem no seu quotidiano é uma forma de partilhar à distância as refeições familiares mais mundanas e triviais que são também as que se consomem em família.

Ao mesmo tempo, a reconfiguração dos sabores tem um papel central enquanto materialidade das migrações a ser inscrita nos corpos dos sujeitos (Basu e Coleman, 2008).

### Comida e Transformação dos Corpos

“há certas coisas que eu reparo que lá não tinha e que aqui comecei a ter, como **problemas de pele**, eu nunca tive problemas de pele, cheguei aqui, comecei a ter. Eu lá, independentemente, que nunca tive preocupação com a alimentação, comia o que me apetecia, nunca engordei. Também a alimentação lá é diferente daqui, **comidas naturais...** aqui, **eu cheguei aqui, mal uns meses, engordei logo.**”

Telma

“Na altura diferente é **a base de alimentação e essa coisa**, o gajo tem que fazer com a própria mão, um gajo não sabia nada e essas coisas todas (...) a minha mãe faleceu com 95 anos, já fez há um anos atrás. Espero bem que eu chego lá! Era complicado chegar lá... antigamente, aquelas pessoas de antigamente **só alimentavam com aquela comida...** agora hoje... (...) Piorou porque um gajo... piorou. O que é diferente é que em Cabo-Verde ia passear, brincar, chegava a casa, à hora que eu chegava tinha comida sempre. **Aqui não faz, não come.**”

Jaime

Estes discursos sobre a comida da terra têm-lhes associados julgamentos valorativos que caracterizam a comida de Cabo-Verde como *mais natural* e *mais saudável*, comparativamente aos alimentos que são consumidos em Portugal. Telma associa o seu afastamento dos produtos alimentares de Cabo-Verde aos seus problemas de saúde (da pele, da obesidade). É um caso que exemplifica como a migração pode transformar **os corpos dos migrantes**.

Jaime segue a mesma linha valorativa (realça que a sua mãe viveu muitos anos graças “àquela comida”). E mostra-nos ainda como o acto de migrar não só o afastou da possibilidade de “comer saudável” como a mãe mas também transformou as relações que Jaime tinha com a comida e com os espaços domésticos relacionados com sua a preparação. Em Cabo-Verde, relata-me, antigamente os homens “Não podiam ir à cozinha, era um pesadelo, o homem não pode entrar na cozinha, só a mulher que tem que cozinhar.”. Quando Jaime chegou a Portugal não teve outra hipótese se não cozinhar para ele. “Aqui não faz, não come”. O que inicialmente teve impactos na sua saúde acabou por o tornar capaz de “ser independente” e de actualmente “ajudar a mulher” a preparar as refeições. As migrações têm impacto nos corpos dos migrantes, e transformam-nos. Permitindo novas relações com novos espaços e coisas, o contacto com novos mundos materiais também transforma as relações domésticas entre os sujeitos migratórios. O exemplo de Jaime ilustra como a migração alterou papéis de género associados funções e espaços domésticos antes da migração.

### 3.2. O corpo e a materialidade – Roupas e produtos de beleza

#### Roupa e produtos de beleza

“[A filha que está na Irlanda] **trouxe roupas, traz sempre sapatos, roupas...** (...) Ela traz da loja dela porque ela trabalha como gerente de uma loja de roupa. Ela traz sempre da loja dela.”

“não posso mandar mais nada agora [para as irmãs em Cabo-Verde] além dos medicamentos ou **umas roupas assim das miúdas, que deixam de servir.**”

Maria Júlia

Segundo a Bia a sua tia Cláudia trouxe “demasiada roupa”. Por pensar que estava em Portugal tanto frio como estava em Paris (o que a fez trazer uma série de casacos que não usou) e porque tinha trazido quatro vestidos para o baptizado da filha. Em Lisboa fez compras para si e para a filha nas lojas

da Baixa e da Avenida da Liberdade. Foi à **Massimo Dutti** e à **Salsa** às escondidas do marido. Aproveitou para comprar roupa aqui porque comparando os seus preços com os de Paris **“as coisas aqui são ao preço da chuva”**.

Excerto do Diário de Campo

**“O que eles querem é mais da América.** Essas roupas largas aqui não há. Ou há pouco. (...) Lá é mais fácil, há muita coisa da América, **há muita roupa dos Estados Unidos. Muita, muita. Os emigrantes enviam roupas de lá. Bidões e bidões de roupa.** É uma tradição de muito tempo, é uma migração... **eles vendem roupas de lá para cá. Roupas daquele american style, os níger, aquelas roupas largas...** vem de Cabo-Verde para cá. Essas roupas largas. Eu não me identifico muito com aquilo. Mas é tipo rap, é uma nova geração.”

Nuno sobre os seus irmãos mais novos que estão em Cabo-Verde

A mulher do dono do café apresentou-me o Jaime. Disse-me, à sua frente, que “esse aí é bom para entrevistar porque gosta de fazer publicidade, é bazofa”. O Jaime **tinha vestido um casaco de pele, segundo ele do Alasca** “pele de urso, custou 6 mil euros, até parece de mulher mas é de homem, vê-se pelos botões”. **Tinha-o comprado em Londres.** (...) Contou-me que acha que **as coisas são mais calmas em Inglaterra** **“lá os meninos nas escolas vestem todos de igual, como em Cabo-Verde,** com camisa e gravatinha”. E que **“assim ninguém é gozado por ter este ou aquele par de ténis”.** **“Não é como aqui.”** No entanto disse que em Cabo-Verde as pessoas não querem que se lhes envie “qualquer coisa”. **“Preferem coisas da América, de roupa já estão bem servidos. Agora só querem coisas se for de marca.”**

Excerto do Diário de Campo

“Roupas, mandei roupas agora para os meus sobrinhos que é uns calções que agora usa também aqui e umas camisolas, **porque agora tudo o que é roupa de marca,** que é isso mesmo, não é.”

Jenifer

Por vezes o envio de roupa serve para repartir recursos entre familiares distantes. Como quando são enviadas roupas e sapatos de Irlanda para Portugal que, depois de usados, em segunda mão, são enviados para sobrinhos em Cabo-Verde (Maria Júlia).

Mas os exemplos compilados na caixa anterior também revelam pela parte de quem recebe coisas (em Cabo-Verde e nos outros nódulos da diáspora) a consciência de uma *scape* global, nomeadamente a exposição a marcas transnacionais aos quais os sujeitos acedem através das redes familiares e na origem. Após a mudança de regime político em Cabo-Verde que transitou para multipartidarismo em 1991 seguiram-se transformações económicas e sociais que Massart (2005) considera terem tido impactos na forma como se consome no país. Declarando-se liberal, o novo sistema político demarcou-se do anterior que se definia como socialista e rompeu com pretensões de igualdade social o que se traduziu na afirmação de opulência e riqueza através dos bens. O consumo passou a ser valorizado e utilizado como um instrumento de prestígio (Massart, 2005). Cabo-Verde já tinha acesso a bens estrangeiros através dos envios de coisas pelas pessoas na diáspora e pelos circuitos comerciais formais e

informais fundamentados nestas redes (Marques, Santos e Araújo, 2001) mas esta abertura, associada à difusão mais alargada de imagens globais através dos canais televisivos estrangeiros pode ter também influenciado o aumento do desejo por objectos específicos. Por vezes os objectos desejados são solicitados aos emigrantes. A chegada destes solicitados tem impacto nos contextos pré-migratórios já que, tal como as remessas de dinheiro, pode aumentar divisões de classe e fomentar distinções entre quem tem ou não acesso a coisas específicas (Levitt, 2001; Olwig, 2007). Com isto, as práticas de consumo e as expectativas de vida também mudam para os familiares que não migraram. Através das trocas transnacionais de imagens, informações e objectos, estes acedem a uma nova cultura de consumo, a novos arsenais de objectos e a uma nova materialidade. E mesmo quem não chega a possuir estes objectos transnacionais, não deixa de ser espectador de uma cultura de consumo global e de um cenário global de imaginações (Carling, 2008). Ao analisar o consumo, Narotzky<sup>52</sup> fala da existência de *enclosures* hegemónicas onde o acesso a determinados objectos é restringido (seja pelo preço, pela sua raridade, mas de uma forma ou de outra sobre a lógica das leis sumptuárias de distinção social pelos objectos). Afirma que alguns sujeitos participam no sistema económico global não através do consumo, mas através da sua força de trabalho, esta movida pelo desejo de consumir coisas a que não acedem. O próprio movimento de pessoas à escala global pode muitas vezes ser impulsionado pelo desejo de aquisição de certas coisas de determinados lugares. A migração pode também ser movida pela vontade de aceder a mais coisas. E quem não migrou também as deseja. Certas marcas de certos países são valorizadas. Pedem-se coisas específicas de determinados locais, seja para conseguir produtos a preços mais reduzidos (os champôs brasileiros que Bia envia para a tia em França, as havaianas que lhe enviam de Cabo-Verde ou os *all stars* que lhe chegam dos estados unidos, a roupa que Cláudia compra em Portugal “ao preço da chuva”) seja por uma associação a prestígio ou exclusividade (tal como a comida “que não há cá” referida no ponto anterior, as cuecas com evocações de Cabo-Verde são também um objecto comumente solicitado e

---

<sup>52</sup> Seguindo notas que fiz durante quando assisti à conferência na Livraria Pó dos Livros: *Consumption Seminar Series VI - "Rioting-meets-shopping" and "top-manta harassment": consumption on the margins, new enclosures and the search for a livelihood*, por Susana Narotzky, Professora Catedrática da Universidade de Barcelona. Organização Marta Rosales e Margarida Marques (CRIA) e Monica Truninger (ICS-UL).

usado pela Telma, pela Amália, pela Bia e pela Evelina; Os relatos mostram como as marcas americanas de roupa, sobretudo as associadas às culturas juvenis e aos movimentos *Niger* são preferidas. E as marcas de lingerie, roupa interior e produtos de beleza franceses também são conotados com mais prestígio).



Fig. 14 e 15: Trocas entre a Cláudia em Paris e a Bia e Evelina em Lisboa. De Paris para a Alta de Lisboa: Perfumes, loções corporais/ Da Alta de Lisboa para Paris: produtos brasileiros para o cabelo: desfrisantes, champôs e hidratantes.



Fig. 16 e 17: Objectos enviados pelo pai da Bia, para ela e para a Evelina. Dos Estados Unidos para a Alta de Lisboa/ Chinelos que o pai de Bia lhe mandou vir de Cabo-Verde.



Fig. 18 e 19: Lingerie que a Cláudia envia de Paris para a Bia/ De Cabo-Verde para a Alta de Lisboa, cuecas trazidas à Bia e à Evelyne. O marido de Amália ofereceu-lhe umas iguais quando voltou de uma visita às Ilhas.

Este fluxo específico entre países parece indiciar uma hierarquização imaginada dos países estrangeiros e esta hierarquização pode influenciar a escolha de destinos migratórios futuros. Mas as formas de consumir associadas a determinados países também sofrem de julgamentos valorativos, como mostram os comentários de Jaime que diz que considera positiva a normalização das fardas nos estabelecimentos escolares em Inglaterra e Cabo-Verde onde “os meninos nas escolas vestem todos de igual, como em Cabo-Verde, com camisa e gravatinha” o que diminui a possibilidade de serem julgados por ter ou não “este ou aquele par de ténis”.

A ideia de que “os jovens de hoje em dia querem tudo” foi transversal ao longo do terreno, referindo-se aos jovens em Portugal, em Cabo-Verde e noutros nódulos diaspóricos. Perante o que consideram consumidores exigentes, alguns sujeitos da etnografia já não enviam de Portugal roupa “que não seja de marca” (Jenifer), deixando este tipo de remessa a cargo de familiares que estejam a viver na América. Não quer isto dizer que do lado de lá os seus familiares não esperem por mais coisas. Numa investigação com migrantes cabo-verdianos na Holanda Carling (2008) descobriu que, muitas vezes, as famílias que ficaram em Cabo-Verde tinham informações muito limitadas sobre as vidas dos migrantes e desconheciam as dificuldades por que passavam. Assim mantinham expectativas em relação às remessas, que nem sempre eram cumpridas, o que por vezes criava tensões dentro destas famílias. No meu terreno não emergiram relatos semelhantes mas a ênfase posta nas marcas poderá indiciar a existência de expectativas semelhantes.

### 3.3. Medicamentos, Documentos e Cuidados

Além dos objectos transnacionais referidos até agora, objectos mais relacionados com cuidados pessoais e a supressão de necessidades específicas também são transferidos.

Emissor	Receptor	Objecto	Canal e Intermediário(s)
Bia, Portugal	Familiares, Cabo-Verde	Medicamentos	Por correio ou por alguém, se solicitados.

Mãe Telma, <b>Espanha</b>	Telma, <b>Portugal</b>	“Coisas de dietas”	Pelo correio ou pelo Tio quando vem de carro.
Mãe Telma, <b>Espanha</b>	Telma, <b>Portugal</b>	Cigarros electrónicos	Através de uma amiga da mãe que veio a Portugal.
Alice, <b>Portugal</b>	Pai e Mãe, Irmãs <b>Cabo-Verde</b>	Medicamentos	Antigamente, levava consigo quando os ia visitar a Cabo-Verde
Maria Júlia, <b>Portugal</b>	Irmã, <b>Cabo-Verde</b>	Medicamentos Pacotinhos de Chá	Correios, por carta registada, ou por alguém do bairro que vá visitar Cabo-Verde
Maria Júlia, <b>Portugal</b>	Sobrinhos e sobrinhos netos, <b>Cabo-Verde</b>	3 malas com roupas em segunda mão para crianças e roupa de grávida Pacotes de massa	Encomenda
Irmão de Jenifer, <b>EUA</b>	Mãe e irmãos, <b>Cabo-Verde</b>	Medicamentos	Bidón

Excerto do quadro de sistematização de objectos enviados, quadro completo em anexo.

Além da procura de outras oportunidades de trabalho e educação, a possibilidade de enviar objectos que estão em falta no local de origem é também um dos motivos para o movimento migratório quando este é encarado como um facto familiar. Assim, a existência ou não de bens materiais que possam garantir o bem-estar influencia as decisões relacionadas com a separação espacial da família, ao mesmo tempo que define a manutenção das relações entre familiares à distância (Bryceson & Vuorela, 2002, *the Transnational Family*). Neste quadro, foi recorrente o envio de medicamentos de Portugal para Cabo-Verde. Faltam medicamentos, e por isso medicamentos são enviados. Tal como a troca dos outros objectos trabalhados ao longo da etnografia servem para *fazer família* à distância, os cuidados também podem ser instrumentalizados para a manutenção de laços transnacionais (Whitehouse, 2009 sobre dados etnográficos do Mali e Congo). No quadro das lógicas da dádiva e das dinâmicas de género e geracionais que definem as unidades familiares, cada sujeito na família tem papéis específicos nestas relações. As trocas de cuidados estão dependentes de uma capacidade dialéctica de obrigação ditada culturalmente e de compromissos negociáveis como relações familiares, percursos migratórios e posições sincrónicas na rede familiar (Baldassar, 2007). Ao mesmo tempo, as relações transnacionais implicam uma distribuição de recursos entre os diferentes locais da rede (origem, destino e outro nódulos migratórios) e uma necessidade de balançar as expectativas dos diferentes familiares e os constrangimentos da vida quotidiana (Salih,

2001). Esta manutenção de cuidados à distância pode sofrer consequências quando existem crises nos países de destino que impeçam o envio de remessas e bens para o país de origem. (Carling, 2012), tornando claro que o envio de bens e a manutenção de relações familiares à distância estão também dependentes de factores macro. Neste quadro transnacional, também chegaram cuidados a Portugal. Como os enviados a Telma pela sua mãe que, apesar de viver em Espanha, é muito activa na manutenção do laço mãe-filha. As expectativas que actualmente recaem sobre os emigrados em Portugal não são tão altas como as que se projectam, por exemplo, para os familiares emigrados nos Estados Unidos. Sejam estas concepções reais ou imaginadas o que é certo é que alguns dos sujeitos com quem trabalhei consideram que não precisam de enviar coisas para Cabo-Verde porque os seus familiares já recebem “*bidóns e bidóns*” de coisas “lá da América” (Jenifer, Alice, Fábio, Joaquim). As transformações dos fluxos de coisas entre Portugal e Cabo-Verde foram também justificadas com o contexto da crise financeira. Perante uma elevada taxa de desemprego e cortes nos subsídios sociais que afectam muitos dos migrantes com quem trabalhei, o envio de coisas para Cabo-Verde diminuiu e, conseqüentemente, as expectativas perante quem está em Portugal também baixaram. As expectativas pela recepção de objectos em Cabo-Verde podem também variar consoante os tipos de migração. “**Eu que sou estudante estou noutro patamar** [Nuno]”. Comparando-se com outros migrantes, Nuno elucida-nos que, geralmente, os estudantes não sentem tanta pressão familiar para enviar coisas e dinheiro para Cabo-Verde.

O caso do envio de documentos da mãe de Telma de Portugal para Espanha, de documentos de Telma de Cabo-Verde para Portugal mostram ainda como as migrações são tocadas pelas legislações nacionais dos países de origem e dos vários países de destino. Esta troca atempada de documentos pode ser essencial para o tratamento de processos como os da nacionalização de Telma.

Emissor	Receptor	Objecto	Canal e Intermediário(s)
Telma, Portugal	Mãe Telma, Espanha	Correio, papéis do divórcio, cartas do tribunal.	Através de uma amiga da mãe quando regressou a Espanha.
Tio materno, CV	Telma, Portugal	Certidão de Nascimento de Telma	Consigo, na viagem, quando voltou de uma visita a CV.

Excerto do quadro de sistematização de objectos enviados, quadro completo em anexo.

#### 4. Os Canais de Envio. Constrangimentos e Estratégias.

Como já foi introduzido no tópico das visitas, a maioria dos objectos que circulam viajam com as pessoas. Só se não houver mesmo alternativa é que os canais de envio formais, como os correios, são utilizados.

##### Estratégias para enviar

“Normalmente eu peço coisas para mim, sei lá... ou cuecas ou mesmo comida ou... agora ultimamente, **fui ter com um rapaz que foi para Cabo-Verde e fui-lhe dar dinheiro para me trazer havainas.** Mas há algum tempo atrás era mesmo... telefonava e dizia “olha, preciso disso” e normalmente o meu pai mandava ou sabia de alguém e dizia “olha, tu estás mais perto, podes ir lá”... levar dinheiro para... assim.”

Bia

“E entretanto **como foi um senhor branco que foi passar lá férias,** duas semanas, eu perguntei a ele se podia me levar e ele diz que sim, ele levou-me, **levou-me sete camisolas e cinco calções** para os meus sobrinhos.”

Jenifer

“mando naquele envelope dos correios **e quando vai alguém também peço para levar assim na mão** e já não pago. Mas quando não tem ninguém tenho que mandar pelo correio, é muito dispendioso mas tenho que fazer”

Alice

O quadro acima ilustra estratégias para o envio de coisas através de pessoas. Estes são apenas alguns exemplos (práticas semelhantes foram também observadas com a Graça, a Cândida, a Telma e o Joaquim). Mas estas citações têm a particularidade de mostrar que o canal das trocas não é necessariamente familiar, embora o seja mais frequentemente. Apercebi-me que mesmo fora da rede de relações de parentesco é socialmente desvalorizada a pessoa que não transportar consigo um objecto, se solicitada para tal. Numa fase mais avançada do terreno percebi igualmente que existiam estratégias, não para recusar o transporte de objectos de outros, mas para evitar situações sociais que implicariam a solicitação para tal.

##### Estratégias de evitação

“A Margarida disse-me que na sua “raça a gente é muito má.” Que na minha “raça” as pessoas também não são boas, mas que as da “raça” dela são más. Disse-me que se for à América ou se for viajar – se lhe mandarem agora o dinheiro para comprar os bilhetes – já não diz a ninguém. Porque “já aprendeu”, ali no bairro, **se as pessoas viajam só dizem quando voltam. Mesmo se recebem alguém de outro país em casa também já não dizem.** Para que ninguém lhes pessa para enviar ou trazer alguma coisa. Além disso falou-me “olho grande”, da **inveja.** Se for viajar não diz a ninguém por causa do “deitar olho”.

Mas a mim não faz mal dizer, ali no bairro é que não quer espalhar.”

Excerto do Diário de Campo

“Agora assim quando as pessoas vão é **poucas pessoas que diz “olha, vou para Cabo-Verde”** porque tem medo que a gente vá pedir favor para levar a carga. Não pode, mas pronto, **sempre aparecia uma coisinha, é complicado. Temos boa vontade, às vezes não pode dizer que não.**”; “o meu marido vai para Cabo-Verde todos os anos, mas ele não leva nada, nada mesmo de ninguém. Porque às vezes ele deixa as coisas dele aqui para levar. (...) “porque se não **estou a pagar uma passagem tão cara para deixar as minhas bagagens para trás, para levar as dos outros**”. Mas às vezes gente faz esse favor, **principalmente medicamento, ou se for uma coisa muito necessário, a gente leva.**”

Alice

Existe uma estratégia de secretismo em torno das viagens que se fazem e das visitas que se recebem. Este secretismo prende-se com o condicionamento mais apontado ao longo da etnografia para o envio e recepção de objectos transnacionais. O volume e o peso das coisas, a sua materialidade. Quer viagem com outras pessoas em circulação, quer viagem com os sujeitos em causa, as coisas são, na maioria das vezes, transportadas nas suas malas. Quando as viagens são feitas de avião os limites são claros. 30 kg de bagagem por pessoa. Esta limitação implica que se façam escolhas sobre o que fica em terra e o que vai circular transnacionalmente. Desde o fazer a mala até ao check in no avião, o transporte de coisas é um processo carregado de ansiedade ao qual estão associadas estratégias e escolhas criteriosas.

### Critérios de Envio

“Comprei-lhe uns produtos para o cabelo mas **como são coisas pesadas**, frascos de litro, **ela teve de deixar cá**”

Bia, sobre a tia Cláudia.

“Enquanto estávamos juntas o pai da Bia telefonou-lhe duas vezes. Chegou dos EUA. Disse-lhe que estava muito chateado com a Margarida porque **teve de gastar muito dinheiro em bagagem extra** para trazer da América tudo o que ela deixou lá da última vez que lá foi.”

Excerto do Diário de Campo

“A Bia contou-me que antes de ir para o aeroporto **a Cláudia estava cheia de medo de não conseguir levar toda a bagagem**. Suspeitava que estava cheia de mais e se tivesse de pagar o peso extra seria um problema. Porque já tinha atingido os levantamentos de Multibanco permitidos, ia precisar que alguém guardasse as malas e as enviasse depois para França. Mas o Zé achava que não ia haver problema nenhum. Já telefonaram à Bia e correu tudo bem. Levaram muitas coisas daqui mas também deixaram cá outras tantas. O peso estava igual ao que trouxeram numa **reciprocidade aritmética no peso do que vem e do que vai.**”

Excerto do Diário de Campo

Ouvi dizer pela Bia que a Evelina é “**a rainha de fazer a mala**”. “Para os meus pais, para a minha família toda, **quando alguém quer fazer a mala chama-me. Pode ter peso a mais mas cabe um bocadinho de tudo**.”

Excerto do Diário de Campo

“A mala porque é assim, pois, é a mala porquê, **porque a gente quer levar tudo e mais alguma coisa**, como se pode dizer, **a família é grande e a gente quer chegar lá e agradar a todos e assim não dá para levar tudo porque o peso aqui é muito caro**. O normal que a gente faz, pronto, **eu quando vou compro knor, cominhos, essas coisas assim que é para a comida**. Agora, quer dizer, a minha família levava mais roupa. **Agora não, agora compro essas coisas que eu chego e é para a comida, que a roupa agora há lá muitos, 10 euros, mil escudos de Cabo-Verde, são dois contos cá. Dou, “vai lá comprar uma peça de roupa ou assim”** porque vale mais assim do que comprar umas coisas aqui para a gente levar. **Mas essas coisas que já sei que são caras, cominhos, colorau, essas coisas, eu isso é que ponho na mala, são coisas que pesam menos, eu levo.”**

Jenifer

“Não posso mandar porque eles não levam, só tem direito a levar no avião são 20 quilos, 20 a 30, o máximo é 25 quilos, 30, porque tens que levar 25 na maleta e 30 na bolsa de mão. Por isso, ela está a ir, **tem muitas irmãs, é as famílias... claro, onde é que vai levar, não pode ser**. Agora assim **dinheiro, assim não pesa**. Agora mesmo para dizer assim para mandar encomenda...”

Alice

Enviar mais peso implica gastar mais dinheiro. Para contornar esta equação, os critérios de escolha de objectos passam por seleccionar para envio coisas que sejam caras e leves. Caras no local onde vão ser consumidas, mas menos caras para quem as está a comprar. Isto pode ser uma forma de contribuir para as despesas da família em Cabo-Verde. Mais tarde, as famílias que recebem estas coisas podem revendê-las (como é o caso da mãe da Jenifer) ou podem simplesmente subtrair o seu custo das suas despesas domésticas quotidianas. Mas como “a família é grande” não se podem levar coisas para todos. Por vezes o dinheiro pode substituir os objectos, sendo uma opção muito utilizada. Porque “o dinheiro não pesa” e, ao contrário de antigamente, agora em Cabo-Verde “de roupas já há tudo” e lá já se encontram “coisas boas” para comprar.

Existem ainda mecanismos que servem para contornar o limite do peso autorizado nas viagens de avião. Deslocações podem ser feitas por carro (como a Amália e o marido, de Suíça para Portugal, a irmã de Jenifer de França para Portugal ou o tio e a mãe de Telma entre Portugal e Espanha). Ou coisas podem ser enviadas através de despacho. Existe um mercado instaurado de envio de encomendas por barco e, de acordo com os relatos do terreno, os preços têm vindo a baixar. A expressão utilizada para esta prática é a de “mandar *bidón*” ou “mandar barril”.

### ***Bidón***

“**para o excesso de peso as pessoas enviam um barril**. Um barril ou um bidão. Metem coisas lá dentro, metem roupa, metem whisky, metem artigos e tudo. (...) Vai de barco, vai de barco. É um mercado. Há empresas que exploram isso, envio de encomendas para Cabo-Verde. Tu quando viajas, eu por

exemplo levo cenas que depois vou precisar lá. Roupa, presentes também. (...) Presentes aos amigos, à família. Mais ou menos são roupas, ou telemóvel, ou um souvenir daqui, um sapatos...”

Nuno

“a minha sobrinha descobriu **um sítio que se manda baratinho**. (...) Bairro de Angola, tem o bairro de Angola e tem mais um, mais para lá que se chama Bobadela (...) É **uma companhia onde mandam as encomendas para fora**. E ali sabe quanto é que eu paguei pelas três bolsas? Eu nunca imaginei... 20 euros! (...) Tinha **75 quilos**, os três volumes, das roupas que me deram, roupas aqui das crianças que deixaram de servir, da Tânia, umas camisolas também que a minha sobrinha pediu, uma que está grávida pediu, e juntei uns pacotinhos de massa que eu vejo que não me faz falta cá em casa. Faz sempre falta, mas eu tenho que ver também, pronto... mandei. **E paguei 20 euros por aquilo tudo**. (...) Mandei em nome da minha sobrinha. Está na Ilha da Praia, ela vive na Ilha da Praia e é mais fácil ela tirar ali do que ir para a Brava, porque na Brava fica mais... leva mais tempo e a minha irmã, pronto, a minha sobrinha como trabalha, está a trabalhar, se calhar tem mais possibilidade para tirar, porque lá também paga-se qualquer coisa para tirar da alfândega.” Maria Júlia

Mandar barril pode implicar um planeamento prévio, por ser precedido por uma acumulação gradual das coisas a enviar. O barril pode ser enviado em conjunto com outro familiar, embora isso possa criar algum conflito.

### **Bidón: constrangimentos**

“às vezes a gente costumava juntar, mas às vezes é mais complicado, porque uma vez eu tive que mandar um bidón e o meu irmão, esse que está no Barreiro, queria mandar uma bicicleta, a bicicleta tinha que desmanchar e pôr no bidón, depois ele dá uma parte do dinheiro, eu dou outra, depois com a bicicleta ocupa muito espaço e o bidón já leva pouca coisa, pronto, é assim muito complicado.”

Alice

A forma como são organizados os objectos no interior do *bidón* também pode ser orientada pela ordem da sua repartição posterior. Alice exemplifica a estratégia que utilizou para que as coisas que enviava fossem repartidas de forma equitativa pelos seus irmãos e sobrinhos em Cabo-Verde sem que estes se zangassem entre si

“Mandava para o meu irmão mais velho. Mandava em três partes. Punha no fundo, do meu irmão ficava no fundo, por cima ficava o da minha irmã mais nova e no meio ficava da outra irmã. Pois então quando chegava ao meio do bidão já está tudo, então eles vão tirar e quando encontra o papel pára de tirar. (...) é para não misturar [risos], **porque se a gente não manda assim, que vai tudo junto para eles dividir, “porque um leva mais, porque outro leva mais, porque os filhos do outro chegam e apanham os melhores e não sei quê”**, até eles chegam a fazer barulho por causa disso e eu deixei de mandar.”

Alice

Esta forma de envio já foi regular, mas actualmente não é. Alguns dos factores apontados para a hesitação do envio por este canal são os condicionamentos alfandegários, por vezes pouco transparentes e imprevisíveis. “Tem problema lá na alfândega, depois tive que pagar, eles ficam com muito dinheiro, às vezes eles não têm para pagar e aquilo fica preso na alfândega (...) E então a gente deixou de mandar para não estar a dar este problema nem para nós nem para eles [Alice]”. Simultaneamente, a redefinição de expectativas derivada a factores macro como os descritos acima, faz com que o envio de *bidón* aconteça sobretudo de outros países que não Portugal.

O aumento do controle alfandegário referido também fez diminuir drasticamente a circulação de determinados produtos que chegavam a Portugal ainda no final dos anos 90 (segundo os relatos das memórias de Telma e Bia) como o marisco. Esta situação exemplifica também como o acesso a determinadas coisas pode estar vedado por factores externos aos sujeitos, pondo as práticas de envio de objectos em relação directa com legislações específicas de determinados Estados Nação.

Ao analisar os canais de envio de remessas evidenciamos condicionamentos específicos para a circulação de objectos: aspectos relacionados com a sua materialidade (tamanho, peso), mas também condicionamentos relativos à regulação de fronteiras alfandegárias específicas. Em relação a estes condicionamentos percebemos a activação de estratégias, como a selecção de objectos enviados com base em critérios como a relação do seu peso com o seu valor (sendo os preços mutáveis consoante o local de aquisição) e o surgimento de práticas de secretismo sobre a circulação de pessoas da rede familiar (para evitar a obrigação social de levarem consigo objectos *de outros* e *para outros*, o que as obrigaria a deixar as suas próprias coisas para trás). Esta estratégia de evitação de “levar coisas dos outros”, pode ter implicações na forma de se fazer família transnacionalmente. Relembro os relatos de idealização da família cabo-verdiana como era praticada na origem onde “tudo é família, se não é passa a ser”, que associam as trocas de pessoas, coisas e comida à manutenção de redes familiares e à possibilidade do seu alargamento, quando estendidas a relacionamentos de vizinhança. Ora, se esta prática transnacional de trocas veda a possibilidade de as mediar trocas de outros e para outros, ela pode simultaneamente proibir a realização deste alargamento das relações familiares.

Relatos do terreno, ao mesmo tempo que definem a família cabo-verdiana como grande, fazem a distinção entre “famílias” e “família”. E referem uma atomização das relações de vizinhança actuais, sobretudo em comparação com as “de antigamente”, podendo este antigamente estar relacionado com a época pré-realojamento ou com a época pré-migratória. A morfologia espacial dos bairros pré-realojamento e o seu impacto na manutenção de práticas de convivência com vizinhos no espaço doméstico já foram realçados quando analisei as *casas do passado*. No entanto questiono-me se as práticas de evitação de situações sociais que possam resultar na *solicitação por outros* para o envio de objectos quando pessoas circulam (quando são recebidas visitas, quando são planeadas viagens) pode também ter consequências nas práticas de concretização de família e transformar assim as “famílias” extensas cabo-verdianas num grupo familiar bem delimitado pelas trocas.

Simultaneamente aos constrangimentos que condicionam as trocas, às estratégias que os contornam e às suas consequências, a manutenção de relações familiares à distância também adquire novas práticas de alargamento, como as relacionadas com a utilização das redes sociais por parte dos sujeitos mais jovens que integram a etnografia, os quais integram na sua família primos a viver noutros locais. Percursos migratórios, relacionamentos familiares à distância e circulação de coisas fazem parte de processos dinâmicos em constante transformação. Esta transformação é influenciada por dimensões de escala micro da vida de todos os dias dos sujeito, em relação directa com factores de escala macro como legislações e regulamentos específicos e com as dimensões materiais das coisas, das suas trocas, das pessoas nelas envolvidas e dos canais utilizados para a sua circulação.

## **CONCLUSÃO**

### **Coisas dos quotidianos transnacionais – Circulação de objectos em redes migratórias cabo-verdianas**

Ao longo deste trabalho procurei analisar fenómenos transnacionais através de uma arena micro, à escala das coisas, centrando-me nos objectos que circulam nas redes migratórias de uma grupo específico de migrantes cabo-verdianos a residir em Lisboa. Encarando a circulação transnacional de objectos como um facto social total,

propus-me descrever etnograficamente esta instância das vidas dos sujeitos com quem trabalhei. Através de uma etnografia sobre a *vida de todos os dias* destes migrantes, descrevi redes e transacções que envolvem **pessoas, objectos e famílias** numa escala global, focando-me nas coisas.

## 1. | Sobre as arenas de circulação de objectos

Tal como os quotidianos locais, **os quotidianos transnacionais destas famílias acontecem maioritariamente no espaço doméstico**. Os objectos que circulam viajam essencialmente com as pessoas entre as casas. ***Casa, família e convivência*** são indissociáveis e a construção simbólica da casa contemporânea é feita com referências às casas, famílias e convivências do passado e do futuro e categorizada com base nas dicotomias ***família grande/ família pequena, casa cheia/ casa vazia***. As casas têm dispositivos que permitem que se “encham” de pessoas distantes, mesmo quando estão “vazias” e desta forma a convivência e a mobilidade entre casas na origem pode ser transposta para a arena transnacional. Estes dispositivos incluem:

a) **televisões** através das quais imagens transnacionais da “terra” e doutros locais são recebidas. Estas despoletam imaginações mas também relações transnacionais com familiares a residir nos locais retratados, permitindo o conhecimento de realidades distantes e a aquisição de conteúdos específicos (culturais, noticiosos) passíveis de serem comentados e partilhados nos contactos estabelecidos além fronteiras.

b) **telefones** rodeados de **agendas** e de **papelinhos com contactos**, utilizados para fazer chamadas de longa distância pontuais, regulares, triviais, urgentes ou de celebração, através das quais **a presença é recriada, cuidados são transferidos e a família é mantida trocando informações e afectos**.

c) os **computadores** para utilização de redes sociais da Internet e armazenamento de fotografias enviadas e recebidas dos vários pontos da rede familiar transnacional. A portabilidade destes computadores permite ainda que estes circulem entre casas com as pessoas, por vezes atravessando fronteiras. Dentro deles viajam fotografias tiradas noutros nódulos diaspóricos que são partilhadas nos espaços domésticos visitados. Enquanto o telefone e o telemóvel permitem a manutenção à

distância de relações familiares que existiam antes presencialmente, a Internet permite também **expandir as famílias enquanto unidade social**, conhecendo ou reencontrando familiares a residir noutros países. Mas os usos destas tecnologias são condicionados por factores económicos, de literacia e de educação, **e eventualmente de geração, que têm um papel central na capacidade de manutenção e na recriação de laços familiares à distância;**

d) instalações plásticas e criativas através da disposição decorativa de objectos transnacionais como bibelôs mas sobretudo **fotografias** de familiares, algumas que chegam pelo correio, pela Internet (subsequentemente reproduzidas fisicamente) ou como lembrança de um familiar em visita. Tal como as tecnologias de informação e comunicação incluem na casa meios para a encher de familiares distantes, as fotografias permitem a sua evocação. Estas imagens dispostas em associação **traduzem hierarquias que são constantemente actualizadas pelos sujeitos reflectindo a sua interpretação contextual de uma realidade familiar que é dinâmica, inscrevendo-a e cristalizando-a no mundo material** até ao próximo investimento.

e) **mobiliário**, que permite uma transformação potencial do espaço doméstico, tornando **a casa tão plástica quanto a plasticidade familiar.**

As casas **são veículos do transnacionalismo familiar do sujeito mas também uma concretização deste;** o transnacionalismo familiar é inscrito na casa, ao mesmo tempo que a casa o perpetua na vida quotidiana. As mulheres cabo-verdianas, culturalmente mais associadas ao espaço doméstico, podem ser os sujeitos mais activos na manutenção das **práticas transnacionais que dependem da casa.** Realço no entanto que ao longo do trabalho observei homens muito activos na manutenção de relações familiares à distância, independentemente da geração. Além disso não posso deixar de referir a existência de outros espaços de socialização, culturalmente mais masculinos, como os cafés, que também são cenários para actividades transnacionais, embora numa intensidade menor.

## 2. | Sobre os objectos que circulam

As **vivências transnacionais dos sujeitos em análise e a manutenção de uma “proximidade è distância” com o seu grupo familiar é conseguida através da transposição dos elementos do quotidiano para o espaço transnacional.** Sejam as fotografias dispostas na casa, seja a comida da origem ou a que se consome de lugares novos. Uma observação participante persistente permitiu-me confirmar que neste contexto (tal como noutros Carling, 2012; Lobo, 2007) os objectos em circulação entre casas têm um papel preponderante na manutenção e recriação das relações familiares. A partilha de coisas quotidianas através da sua transposição para a arena transnacional pode ser uma forma de sustentar *disposições de acção transnacionais* (na linha das disposições do *habitus* de Bourdieu, 1972) essenciais à produção e reprodução transnacional de cultura, num quadro migratório.

O envio transnacional de **alimentos, bebidas e condimentos** está relacionado com o facto da comensalidade conjunta ser uma forma de delimitar as relações familiares plásticas cabo-verdianas, na origem. A manutenção de uma família à distância tem de implicar a troca transnacional de comida, transpondo para esta arena determinadas lógicas locais de distribuição de alimentos. A troca de comida evocativa da nostalgia do passado (comida da terra) coexiste com a troca de sabores novos partilhados entre em rede. Ao mesmo tempo, o consumo de novos alimentos afecta os corpos dos migrantes onde a materialidade das migrações é inscrita e permite novas relações domésticas entre os sujeitos migratórios.

A circulação de **roupa de origens específicas** relaciona-se com a valorização de certas marcas quando estrategicamente se solicitam para envio ítems específicos com o objectivo de conseguir produtos desejados a preços mais reduzidos. A circulação destes objectos e das informações que permitem conhecer os ítems disponíveis nos mercados transnacionais demonstram que com os relacionamentos transnacionais quotidianos **os migrantes mantêm uma grelha de referência dual ou múltipla** (Glick Shiller, 1997) que lhes incute uma competência cultural específica. Estando as lógicas de valor contemporâneas em relação directa com regimes de valor definidos por políticas de larga escala, os consumos locais estão integrados em *ethnoscapes* de aspirações globais (Appadurai, 1996). Com o movimento, distribuem-se conhecimentos sobre coisas e acessos privilegiados a alguns objectos o que pode reconfigurar o seu valor e subverter eventuais leis sumptuárias de determinado

contexto. Simultaneamente, a valorização de produtos de sítios específicos parece indiciar uma hierarquização imaginada de países como os EUA e França.

O envio de medicamentos e de roupa em segunda mão é um exemplo de envio com o objectivo de **responder a necessidades de materiais específicos**. A existência ou não de bens que possam garantir o bem-estar influencia as decisões relacionadas com a separação espacial da família (é muitas vezes o motivo da migração) ao mesmo tempo que define a manutenção das relações entre familiares à distância através do envio de objectos da esfera dos cuidados. Percebi que as expectativas de receber recursos e as capacidades de os enviar são assimétricas e que tendencialmente recaem sobre os migrantes obrigações morais de enviar produtos em falta para o país de origem (Carling, 2012). No entanto, expectativas no que respeita a cuidados estão dependentes de uma relação dialéctica entre a obrigação ditada culturalmente e compromissos negociáveis como relações familiares, percursos migratórios e posições sincrónicas na rede familiar. Assim, as expectativas sobre o que o migrante deve ou não enviar variam consoante o género e o tipo de migração, onde tendencialmente (mas não exclusivamente) as mulheres são mais activas no envio de coisas e os estudantes não sentem uma pressão social tão intensa para o envio de remessas.

O envio de coisas “essenciais” demonstra ainda como as relações transnacionais implicam uma distribuição de recursos entre os diferentes locais da rede (origem, destino e outro locais migratórios) que reconfiguram assimetrias assentes em dicotomias origem/ destino. No quadro transnacional, as expectativas por recepção de objectos dependem directamente do país onde o migrante emissor está a viver e estas são influenciadas por mudanças macro-económicas. Estas reconfigurações implicam ainda que a circulação de objectos não é unidireccional. Foi evidente que, no contexto actual, remessas (de dinheiro e de coisas) chegam a Portugal para complementar recursos de agregados em carência. Esta repartição, consequência de mudanças macro-económicas, tem ainda repercussões nos imaginários transnacionais por onde as informações sobre os países diaspóricos circulam também através dos objectos.

**A circulação de documentos e de correspondência burocrática** entre familiares distantes evidenciam estratégias para beneficiar das regalias ou evitar os constrangimentos de se viver sob ou por entre legislações nacionais dos países de

origem e (dos vários) de destino. A manutenção destas estratégias está sustentada pela circulação de objectos e por uma rede de relações transnacionais. A componente material das dimensões legislativas (documentos formalizados entregues física e atempadamente em locais específicos) é mantida à distância graças a redes familiares ou de conhecimentos que permitem fazer chegar a sujeitos coisas num curto espaço de tempo.

### 3. | Sobre os canais, constrangimentos, estratégias e consequências da circulação transnacional de coisas

Os laços familiares das pessoas com quem trabalhei são contínua e estrategicamente actualizados e o relacionamento entre parentes é validado processualmente por actos quotidianos de co-habitar, consumir em conjunto, conviver no mesmo espaço, trocar coisas entre si. Este quotidiano é transposto para o espaço transnacional através da circulação de pessoas, coisas e informações. A circulação de pessoas acontece na forma de visitas e estas são o principal canal de envio e recepção de objectos que atravessam fronteiras. Observámos que em muitos casos os objectos viajam com as pessoas, embora existam outros canais para envio de objectos – correios, *bidóns*, os quais, devido à regulação de fronteiras alfandegárias específicas, limitam o envio de algumas coisas, tornam incerta a sua recepção e muitas vezes são dispendiosos. Assim a estratégia mais utilizada para o envio de objectos a familiares ou para se fazerem chegar a si passam muitas vezes pela solicitação a alguém que viaje para que leve ou traga consigo os objectos encomendados. E neste caso, o maior constrangimento para envio de objectos está relacionado com a materialidade das coisas em si. O seu volume e o seu peso versus os limites de espaço e peso por bagagem permitidos nos aviões. Quanto maior e mais pesado o objecto, mais cara se torna a sua circulação, e isto tem implicações directas nas escolhas sobre o que circula ou não transnacionalmente. Estas limitações podem implicar inclusivamente o não envio de coisas “para todos”. Como “o dinheiro não pesa” e como em Cabo-Verde já se encontram “coisas boas” para comprar, muitas vezes notas podem substituir os presentes.

Etnograficamente deparei-me com um factor crucial da circulação de objectos: mesmo fora das rede de relações de parentesco é socialmente desvalorizada a pessoa que não transportar consigo um objecto se solicitada para tal. Mas perante a escassez de espaço ou de recursos económicos que permitam transportar peso em excesso, são activadas estratégias de secretismo em torno das viagens que se fazem e da circulação de pessoas no contexto familiar. Estas práticas têm como objectivo evitar situações sociais em que o envio de objectos de outros e para outros possa ser solicitado. E isto pode ter consequências na forma de se fazer família transnacionalmente porque assim veda-se a possibilidade de mediar trocas e consequentemente de realizar a manutenção ou alargamento de relações familiares e de afinidade. Práticas de secretismo e de evitação podem fomentar a atomização das relações de vizinhança actuais, tanto na origem como noutros locais, por terem consequências nas práticas de concretização de família e transformar assim as “famílias” extensas cabo-verdianas num grupo familiar bem delimitado pelas trocas.

##### 5. | Sobre a lente da cultura material para o estudo das migrações contemporâneas

Parte da minha proposta de trabalho implicava perceber as potencialidades da cultura material enquanto ferramenta heurística para descobrir dimensões pouco visíveis das migrações contemporâneas. Mapeando tipologias de materialidade e enquadrando-as nas diferentes trajectórias migratórias demonstro, no exemplo etnográfico, algumas implicações que *o desejo por* ou *o acesso a* novas coisas incutem nos sujeitos e como a partilha transnacional de objectos transforma relações sociais e sujeitos. Como o consumo transnacional em geral, a circulação de objectos por entre famílias transnacionais em particular implica uma multiplicidade de articulações local-global que podem ser destrinchadas ao longo da observação dos mundos materiais dos migrantes transnacionais num dado local. As lentes da cultura material, em articulação com o método etnográfico, permitiram-me aceder a algumas dimensões destas vivências migratórias complexas, expressas nas vivências quotidianas. As migrações contemporâneas, enquanto observatório da contemporaneidade, foram aqui abordadas com enfoque nos aspectos materiais do quotidiano dos migrantes, através do qual conseguimos descortinar entendimentos sobre as condições nos países de

origem, percepções sobre outros destinos migratórios, gestão processual de expectativas, manutenção e recriação de laços familiares, tendo em atenção as suas alterações ao longo do tempo. E ilustrar como dicotomias de origem e destino são esbatidas e como relacionamentos familiares não são estanques. Uma antropologia do particular permite uma análise que relacione eventos locais com fenómenos globais. Nomeadamente, analisar exaustivamente as trocas entre parentes transnacionais permitiu-me retratar a complexidade do movimento e mudanças nas famílias transnacionais, cujas configurações não são estáticas mas dinâmicas, compostas por redes intrincadas de prestação de cuidados à distância e de práticas que sustentam a vida familiar quotidiana transnacional. As coisas são uma das instâncias que veiculam estas redes e por isso são **um prisma possível** para observar estas delimitações dinâmicas. Algumas dimensões invisíveis foram tornadas visíveis através dos objectos. Foi através deles e dos discursos que os descrevem e enquadram que analisei processos migratórios e familiares enquadrados e influenciados por dimensões de escala micro da vida de todos os dias dos sujeitos com vivências transnacionais. Mas não posso terminar o trabalho sem deixar de frisar que aqui não está contida toda a complexidade das vivências dos protagonistas desta etnografia. O prisma da cultura material é um dos possíveis para analisar dimensões das migrações contemporâneas. Perante esta limitação, esforcei-me por incluir no trabalho, o mais exaustivamente possível, descrições densas dos trajectos dos migrantes estudados e das suas vivências quotidianas.

## BIBLIOGRAFIA(S) / REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abranches, M. & Machado, F. L. 2005 “Caminhos limitados de integração social: Trajectórias socioprofissionais de cabo-verdianos e hindus em Portugal” in *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº. 48, 2005, pp. 69-91
- Åkesson, 2004, *Making a Life: Meanings of Migration in Cape Verde*, PhD thesis, University of Göteborg
- Åkesson, Carling & Drotbohm, 2012, “Mobility, Moralities and Motherhood: Navigating the Contingencies of Cape Verdean Lives” in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 38:2 pp. 237-260
- Albuquerque, L. et al, 1991, *História Geral de Cabo Verde, Vol. I*, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica e Tropical, Lisboa
- Andall, J. 1999, “Cape Verdean women on the move: 'immigration shopping' in Italy and Europe” in *Modern Italy* Vol.4, No.2
- Andrade, I. & Barroso, S. 2009, *Alta de Lisboa Análise da Situação de Partida – Aplicação de Inquéritos em Painel aos Agregados Familiares*, Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano, Lisboa.
- Appadurai, A. 2003 [1986], “Introduction: commodities and the politics of value”, in Arjun Appadurai (ed.), 2003, *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*, Cambridge University Press
- 1996, *Dimensões Culturais da Globalização*, Teorema, Lisboa
- Avery, 2007, “Furniture Design and Colonialism: Negotiating Relationships between Britain and Australia, 1880-1901” in *Home Cultures*, Volume 4:1, pp. 69-92
- Baganha, M., Ferrão, J. & Malheiros, J. 1999, “Os imigrantes e o mercado de trabalho: o caso português”, in *Análise Social*, XXXIV (150), pp. 147-173

- Baldassar, L. 2007a, 'Transnational families and the provision of moral and emotional support: the relationship between truth and distance', *Identities, Global Studies in Culture and Power*, 14:4, pp.385-409
- 2007b, 'Transnational Families and aged care: the mobility of care and the migrancy of ageing', *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 33:2, pp. 275-297
- 2008a, 'Debating culture across distance: Transnational Families and the obligation to care' in *The family in question – Immigrant and Ethnic Minorities in Multicultural Europe*, R. Grillo (ed), Amsterdam University Press, IMISCOE, Amsterdam.
- 2008b, 'Missing kin and longing to be together: Emotions and the construction of co-presence in transnational relationships', *Journal of Intercultural Studies*, vol. 29, no. 3, pp. 247-266.

Baldassar, L., 2008, "Debating Culture across Distance: Transnational Families and the Obligation to Care" in Grillo, R. (ed) 2008, *The Family in question: Immigrant and ethnic minorities in multicultural Europe*, Amsterdam University Press, pp. 269-292

Basch, L., Glick Schiller, N. & Blanc, C. 1995, "Transnationalism, Nation-States, and Culture" in *Current Anthropology*, Vol. 36, No. 4 Aug. - Oct., 1995, The University of Chicago Press on behalf of Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, pp. 683-686 Published by:

Basu & Coleman, 2008, "Introduction" in Basu & Coleman, 2008, *Migrant Worlds, Material Cultures*, Sussex University, Brighton

Batalha, L. 2004 "Contra a corrente dominante: Histórias de sucesso entre cabo-verdianos da segunda geração" in *Etnográfica*, Vol. VIII (2), 2004, pp. 297-333

— 2004 "A elite portuguesa-cabo-verdiana: ascensão e queda de um grupo colonial intermediário" in Carvalho, C., Cabral, J. ed., *A Persistência da História*, Imprensa das Ciências Sociais, Lisboa

- 2008, “Cabo-verdianos em Portugal: “Comunidade” e “identidade”” in Góis, P. (org.) 2008 *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As múltiplas faces da Imigração Cabo-verdiana*, ACIDI
- Batalha e Carling, 2008 “Transnational Archipelago – Perspectives on Cape Verdean Migration and Diáspora”, Amsterdam University Press
- Baudrillard, 1981, *A Sociedade de Consumo*, Edições 70, Lisboa
- 1988, *Le Systeme des Objects*, Gallimard, Paris
- Bourdieu, P, 2002 (1972) *Esboço de Uma Teoria da Prática, Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Celta Editora
- 1979, *La Distinction*, Minuit, Paris
- Burgess, 1984, *In the Field, An Introduction to Field Research*, Routedge, London and New York
- Burrell, K. 2008 “Managing, learning and sending: the material lives and journeys of Polish women in Britain”, *Journal of Material Culture*, 13 (1) pp: 63-83
- Cabral, P. & LIMA, A. P. 2005 “Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social” in *Etnográfica*, Vol. IX (2), 2005, pp. 355-388
- Canclini, 2004, *Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la interculturalidad*, Gedisa, Barcelona
- Cardoso, A. 1993, *A outra face da cidade – pobreza em bairros degradados de Lisboa*, Câmara Municipal de Lisboa.
- Cardoso, A. e Perista, H. 1994, “A cidade esquecida - pobreza em bairros degradados de Lisboa” in *Sociologia, Problemas e Práticas*, 15, pp. 99-111.
- Carling, J. 2001, *Aspiration and ability in international migration: Cape Verdean experiences of mobility and immobility*, Centre for Development and the Environment, University of Oslo, Disponível em <http://dragoeiro.com>

- 2002 *Cape Verde: Towards the End of Emigration?*, Disponível em <http://www.migrationinformation.org/Profiles/print.cfm?!ID=68>
- 2005 “Gender dimensions of international migrations” in *Global Migration Perspectives*, No. 35, Global Commission on International Migration
- Carling, J. & Akesson L. 2009 “Mobility at Heart of a Nation: Patterns and Meaning of Cape Verdean Migration”, in *International Migration* vol. 17 August.
- Carling, J., Menjívar, C & Schmalzbauer, L. 2012, “Central Themes in the Study of Transnational Parenthood” in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 38, No. 2, 01 Feb 2012, pp: 191-217
  
- Chamberlain, M. 1998, *Caribbean Migration: Globalized Identities*, Routledge, London and New York
  - 2009 “Identity and Kinship: Caribbean Transnational Narratives” in Cervantes-Rodriguez, Grsofoguel & Mielants, 2009, *Caribbean Migration to Western Europe and the United States*, USA Temple University
  
- Chimhowu, Piese, J. & Pinder, C, 2003 “The socio-economic impact of remittances on poverty reduction”, in *Report on the Development of a Framework for Assessing the Socio-economic Impact of Migrant Workers’ Remittances on Poverty Reduction*, commissioned by DFID to WISE Development, Ltd.
  
- Consiglieri, C., Ribeiro, F., Vargas, J. M., Abel, M. 1993, *Pelas Freguesias de Lisboa – Benfica, Carnide, Ameixoeira, Charneca, Lumiar*; Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Educação.
  
- Douglas, M. & Isherwood, 1996 (1979), *The World of Goods*, Routledge
  
- Évora, I. 2007 “«Minha gente, minha terra»: as atribuições sociais da emigrante em Cabo-Verde” in *Género de Migrações Cabo-Verdianas*, Estudos e Investigações 43, ICS

- Fonseca, M.; Moreno, L.; Esteves, A.; Mateus, J.; Abreu, A.; Martins, F. 2004, *Análise da Situação de Partida – Alta de Lisboa*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- Fedyuk, O. 2012, “Images of Transnational Motherhood: The Role of Photographs in Measuring Time and Maintaining Connections between Ukraine and Italy” in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 38, No. 2, 01 Feb 2012, pp: 279-300
- Gardner, K. 2002, *Age, Narrative and Migration: The Life Course and Life Histories of Bengali Elders in London*, Oxford, Berg
- Gaspar, J., Simões, J.M. 2006, *Geografia de Portugal, Planeamento e Ordenamento do Território – Expansão, Reabilitação e Renovação Urbana: Lições da Experiência. A urbanização do Alto do Lumiar*, Círculo de Leitores
- Geertz, 1989, “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” in Geertz (1989) *A Interpretação das Culturas*, Editora Guanabara, RJ, pp. 13-41
- Giddens, A. 2002 *Runaway World: how globalisation is reshaping our lives* Routledge, Nova Iorque
- Glick Schiller, Basch & Blanc-Szanton, 1992, *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered*, New York Academy of Sciences
- Glick Schiller, N., T., 1997, ‘The situation of transnationalism studies’, *Identities*, vol 4 (2), pp. 155-166
- 2008, “Beyond methodological ethnicity: local and transnational pathways of immigrant incorporation, Willy Brant Series of Working Papers, 2 (8): 1-37.

- Góis, P. 2006, *Emigração Cabo-Verdiana para (e na) Europa e a sua inserção em mercados de trabalho locais: Lisboa, Milão, Roterdão*, ACIDI
- 2008 “Entre *Janus* e *Hydra* de Lerna: As Múltiplas Faces dos Cabo-verdianos em Portugal” in Góis, P. (org.) 2008 *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As múltiplas faces da Imigração Cabo-verdiana*, ACIDI
- (org.) 2008 *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As múltiplas faces da Imigração Cabo-verdiana*, ACIDI;
- Góis, P & Marques, J. 2008 “Práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal” in Góis, P. (org.) 2008 *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As múltiplas faces da Imigração Cabo-verdiana*, ACIDI
- Grassi, M. 2007 “Cabo-verde pelo mundo: o género na diáspora cabo-verdiana” in Grassi, M. & Évora, I. 2007, *Género de Migrações Cabo-Verdianas*, Estudos e Investigações 43, ICS
- Grassi, M. & Évora, I. 2007, *Género de Migrações Cabo-Verdianas*, Estudos e Investigações 43, ICS
- Grupo Comunitário Alta de Lisboa, 2009, *Relatório de Monitorização do Plano de Urbanização do Alto do Lumiar de 1998 a 2008 – Versão Preliminar, Alteração ao PUAL*, Lisboa
- Hannerz, 1998, “Transnational Research” in Bernard, H. R., 1998, *Handbook of Methods in Cultural Anthropology*, Altamira Press, pp: 235-256
- Harris, J. 2002, *Depoliticizing development*, Anthem press, Londres
- Horta, A. P. B. & Malheiros, J. 2005, “Social capital and migrants’ political integration”, *paper à International Conference Cape Verdean Migration and Diaspora* CEAS-ISCTE, Lisboa

- Howes, David (ed.), 1996, *Cross Cultural Consumption: Global Markets, Local Realities*, Routledge
- Inda & Rosaldo, 2002 “Introduction: A World in Motion” in *The Anthropology of Globalization – a reader*, Blackwell Publishing, Oxford
- K-Cidade, 2010, *Diagnóstico Famílias na Comunidade, 2009-2010*, disponível em: <http://grupocomunitarioalta.files.wordpress.com/2010/03/relatorio-familias-e-comunidade.pdf>, K-Cidade, Lisboa
- Leifsen & Tymczuk, 2012, “*Care at a Distance: Ukrainian and Ecuadorian Transnational Parenthood from Spain*” in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 38, No. 2, 01 Feb 2012, pp: 219-236
- Levitt, P. 2001, *The Transnational Villagers*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles
- Levitt, P. e Jaworsky, N. 2007, ‘Transnational Migration Studies: Past Developments and Future Trends’, *Annual Review of Sociology*, 33, pp. 129–56.
- Lobo, 2007, *Tão longe, tão perto: organização familiar e emigração feminina na Ilha da Boa Vista Cabo Verde*, Tese de Doutoramento, Universidade de Brasília
- Löfgren, 1988, “My life as a consumer – narratives from de world of goods” in Charmberlain & Thompson (eds), *Narrative and Genre*, London, Routledge
- Malheiros, J. 1996, *Imigrantes na Região de Lisboa. Os anos da mudança*, Edições Colibri, Lisboa
- 2001, *Arquipélagos migratórios: transnacionalismo e inovação. Dissertação de Doutoramento*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

MaLúiswsky, B.2005 (1922), *Argonauts of the Western Pacific – An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea*, Taylor & Francis e-Library

Marques, M et al. 2001 “Ariadne”s Thread: Cape Verdean Women in Transnational Webs”, *Global Networks* , 1, 3 (2001), pp: 283-306

Marx, K.1974 [1867], *O Capital, Vol 1*. Centelha - Promoção do Livro, SARL, Coimbra

Massart, G. 2005 “Masculinities pour tous? Genre, Pouvoir et gouvernementalité au Cap-Vert : Le foyer dans la spirale de l’ouverture et du changement à Praia” *Lusotopie*, vol. XII, pp. 445-262

Mauss, M. 2001 (1925), *Ensaio sobre a Dádiva*, Edições 70, Lisboa

Meyer (ed.) 2008, *United Nations, People on the Move, Handbook of selected terms and concepts, version 1.0*, THP/UNESCO

Miller, D. 1987, *Material Culture and Mass Consumption*, Oxford, Blackwell.

— (ed.) 1998, *Material Cultures. Why some things matter*, Chicago, University of Chicago Press.

— (ed.), 2001, *Home Possessions: Material Culture behind Closed Doors*. Oxford, Berg.

— 2002, “Accommodating”, in Colin Painter (ed.), *Contemporary Art and the Home*. Oxford, Berg, 115-130.

— 2008, *The Comfort of Things*. London, Polity Press.

— 2010, *Stuff*. Cambridge, Polity Press.

Miller, Jackson, Thrift, Holbrook & Rowlands, 1998, *Shopping, place and identity*,  
Routledge

Miller & Slater, 2000, *The Internet: An Ethnographic Approach*, Berg, New York

Munn, N., 1986, *The Fame of Gawa: A Symbolic Study of Value Transformation in a  
Massim Society*, Cambridge University Press

OIM – Organização Internacional das Migrações, 2010, *Migração em Cabo Verde, Perfil  
Nacional* 2009, disponível em  
[http://www.iomdakar.org/profiles/sites/default/files/Cape%20Verde\\_MP.pdf](http://www.iomdakar.org/profiles/sites/default/files/Cape%20Verde_MP.pdf)

Olwig, K. 1998, “Contested homes: home-making and the making of anthropology”, in  
Nigel Rapport and Andrew Dawson (eds.), *Migrants of Identity: Perceptions of  
Home in a World of Movement*. Oxford, Berg, 225-236.

Portes, A. 1999, *Migrações Internacionais: Origens, Tipos e Modos de Incorporação*,  
Celta Editora, Oeiras.

— 2003, ‘Theoretical Convergencies and Empirical Evidence in the Study of Immigrant  
Transnationalism’, *International Migration Review - Transnational Migration:  
International Perspectives*, Vol. 37, No. 3, pp. 874-892.

Pires, E. 2009 “Remessas de emigrantes na crise económica global: o caso de Cabo  
Verde”, *Le Monde diplomatique*, edição portuguesa, Agosto 2009, p. 3.

Rodrigues, I. B. F 2007 “As mães e os seus filhos dentro da plasticidade parental:  
reconsiderando o patriarcado na teoria e na prática” in Grassi, M. & Évora, I.  
2007, *Género de Migrações Cabo-Verdianas*, Estudos e Investigações 43, ICS

SEF, 2009, *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo, 2008*, Departamento de Planeamento e formação, disponível em [http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2008.pdf](http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2008.pdf)

Rodrigues, S., 2008, *Do domínio simbólico ao domínio das dinâmicas: Redes de Parceria Local da Alta de Lisboa (Programa K'CIDADE)*, Tese de Mestrado disponível em: [http://grupocomunitarioalta.files.wordpress.com/2010/03/tese-sobre-gcal\\_sara-merlini.pdf](http://grupocomunitarioalta.files.wordpress.com/2010/03/tese-sobre-gcal_sara-merlini.pdf)

Rosales, M. 2010, The domestic work of consumption: materiality, migration and home-making, pp: 507-525

Rosales, M. & Marques, E. M. 2010, "Introduction: consumption and its works" in *Etnográfica* Vol. 14 (3) | 2010: Miscelânea e dossiê "Materialities, consumption practices and (life) narratives", pp: 489-496

SEF, 2010, *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo, 2009*, Departamento de Planeamento e formação, disponível em: [http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2009.pdf](http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2009.pdf)

Silverstone, R, Hirsch & Morley, D, 1994 "Information and communication technologies and the moral economy of the household", in Silverstone & Hirsch (eds.), 1994, *Consuming Technologies: Media and Information in Domestic Space*, Routledge, pp: 9-17

Tolentino, A., Richa & Tolentino, N. 2008, A importância e o Impacto das Remessas dos Imigrantes em Portugal no Desenvolvimento de Cabo Verde, Estudos OI 27, ACIDI, Lisboa

Vertovec, S. 1999, "Conceiving and researching transnationalism", *Ethnic and Racial Studies*, 22 (2) pp. 447-462.

- 2004, 'Migrant transnationalism and modes of transformation', *International Migration Review*, vol 38, nr 3, pp. 970-1001.
  - 2007a, "Super-diversity and its implications", in *Ethnic and Racial Studies*, 30 (6), pp: 1024-1054
  - 2007b, "Introduction: new directions in the anthropology of migration and multiculturalism", *Ethnic and Racial Studies*, 30 (6): 961-978.
  - 2009, *Transnationalism*, Routledge
- Vertovec, S., Cohen, R., 1999, 'Introduction,' in Vertovec, S., Cohen, R. (eds) 1999, *Migration and Transnationalism*, Edward Elgar, pp. xiii-xxviii
- Zontini, E. & Reynolds, T., 2007. 'Ethnicity, families and social capital: caring relationships across Italian and Caribbean transnational families', *International Review of Sociology*, vol. 17, 2, pp. 257-277.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1: Fotografia de Telegrama recebido quando a morte do pai de Alice.....	20
Fig. 2. Fotografia de Papéis que Alice guarda perto do telefone.....	72
Fig. 3 Moldura de fotografias de Margarida: composição com Marido e Filhos.....	83
Fig. 4. Moldura de fotografias de Margarida: composição com Margarida e Filhos.....	83
Fig. 5: Conjunto de fotografias no móvel da sala de Margarida.....	83
Fig. 6: Cómoda na sala de casa da Olga.....	83
Fig. 7: Ítems na Carteira de Fatinha a).....	84
Fig. 8: Ítems na Carteira de Fatinha b).....	84
Fig. 9: Ítems na Carteira de Fatinha c).....	84
Fig. 10: Ítems na Carteira de Fatinha d).....	85
Fig. 11: Ítems na Carteira de Fatinha e).....	85
Fig. 12: Ítems na Carteira de Fatinha f).....	85
Fig. 13: Ítems na Carteira de Fatinha g).....	85
Fig. 14: Trocas entre a Cláudia em Paris e a Bia e Evelina em Lisboa.....	89
Fig. 15: Trocas Da Alta de Lisboa para Paris.....	89
Fig. 16: Objectos enviados pelo pai da Bia, para ela e para a Evelina.....	89
Fig. 17: Chinelos que o pai de Bia lhe mandou vir de Cabo-Verde.....	89
Fig. 18: Lingerie que a Cláudia envia de Paris para a Bia.....	89
Fig. 19: De Cabo-Verde para a Alta de Lisboa, cuecas trazidas à Bia e à Evelina.....	89

## ANEXO 1

### Quadro de sistematização dos objectos transnacionais a circular por famílias

<b>FAMÍLIA 1. Bia e Margarida</b>			
<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal Intermediário(s)</b>
Pai de Margarida, <b>EUA</b>	Margarida, <b>Cabo-Verde</b>	Roupa	Encomenda, bidón.
Familiares, <b>Cabo-Verde</b>	Margarida, <b>Portugal</b>	Fotografias de Cabo-Verde	Consigo no avião.
Tico, <b>Cabo-Verde</b>	Margarida e resto dos familiares, <b>Portugal</b>	Vídeos filmados em Cabo-Verde	Consigo no avião.
Margarida, <b>EUA</b>	Margarida, <b>Portugal</b>	Cortinas e outras coisas de decoração para a casa	Consigo no avião
Augusta, <b>PT</b>	Netos dela, <b>EUA</b>	Brincos	Margarida, Consigo no avião
Augusta, <b>PT</b>	Nora dela, <b>EUA</b>	Fio	Margarida, Consigo no avião
Margarida, Bia e Evelina, <b>PT</b>	Cláudia, <b>França</b>	Martini, Rosé Duas garrafas de vinho do porto Doce de leite caseiro confeccionado pela mãe da Margarida Chouriço Fotografias	Com Evelina, consigo no avião
Irmão, <b>Suiça</b>	Margarida, <b>PT</b>	Chocolates	Consigo no avião, entregue na visita a casa de Margarida
Tico, <b>EUA</b>	Margarida, Bia, Evelina, <b>PT</b>	Carta que homenageia a avó de Margarida, com uma fotografia e o nome de todos os seus descendentes.	Consigo no avião, entregue num encontro na casa de Augusta
Tia de Bia, <b>EUA</b>	Bia e Evelina, <b>PT</b>	Brincos	Com Tico, Consigo no avião, entregue num encontro na casa de Augusta
Tico, <b>EUA</b>	Bia e Evelina, <b>PT</b>	Ténis All Star, 2 pares	Consigo no avião, entregue num encontro na casa de Augusta
Tia Ivete, <b>EUA</b>	Bia e Evelina, <b>PT</b>	T-shirts de várias cores	Com Tico, Consigo no avião, entregue num encontro na casa de Augusta
Outra Tia	Bia e Evelina,	Cuecas	Com Tico, Consigo no

<b>CV</b>	<b>PT</b>		avião, entregue num encontro na casa de Augusta
Avó Materna de Bia, <b>Portugal</b>	Bia, <b>CV</b>	Rebuçados	“lembro-me dela ter levado rebuçados dentro no sapato!”
Bia, <b>Portugal</b>	Tia Cláudia, <b>França</b>	Cremes e Champôs de marca brasileira	Encomenda postal
Bia, <b>Portugal</b>	Primos <b>Cabo-Verde</b>	“vou lá entregar alguma coisa para dar ao meu primo ou qualquer coisa assim.”	Com alguém que viaja
Amigos, <b>CV</b>	Bia, <b>Portugal</b>	Havaianas  Cuecas  Doces  Café	Amigo da Bia ou do seu pai que visite Cabo-Verde trazem consigo no avião.
Bia, <b>Portugal</b>	Familiares, <b>Cabo-Verde</b>	Medicamentos	Por correio ou por alguém, se solicitados.
Tico, <b>EUA</b>	Bia e Evelina <b>Portugal</b>	All Stars (mais dois pares)	Com Margarida, na bagagem do avião
Cláudia, <b>França</b>	Familiares, <b>Portugal</b>	Fois Gras Champagne	Consigo no avião.
Cláudia, <b>Portugal</b>	Cláudia, <b>França</b>	Chouriços Vinho do Porto	Consigo no avião.

<b>FAMÍLIA 2. Telma</b>			
<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal e Intermediário(s)</b>
Mãe Telma, <b>Espanha</b>	Telma, <b>Portugal</b>	“Coisas de dietas”	Pelo correio ou pelo Tio quando vem de carro.
Mãe Telma, <b>Espanha</b>	Telma, <b>Portugal</b>	Cigarros electrónicos	Através de uma amiga da mãe que veio a Portugal.
Telma, <b>Portugal</b>	Mãe Telma, <b>Espanha</b>	Correio, papéis do divórcio, cartas do tribunal.	Através de uma amiga da mãe quando regressou a Espanha.
Irmão de Telma, <b>Inglaterra</b>	Telma, <b>Portugal</b>	Fotografias da sobrinha da Telma.	Consigo quando visita Portugal.
Irmão de Telma, <b>Inglaterra</b>	Filho de Telma, <b>Portugal</b>	Presentes para o filho da Telma	Consigo quando visita Portugal.
Telma, <b>Portugal</b>	Pai, Cabo-Verde	Fotografias suas e do seu filho	Por alguém que visite CV (Tio ou amigos)
Telma,	Pai	“chocolates que é o	Por alguém que visite

<b>Portugal</b>		Boundi, uma caixa dos cafés, mesmo”. “coisinhas que ele pede. Cigarros não.”	CV (Tio ou amigos)
Mãe Telma, <b>Espanha</b>	Telma e Filho, <b>Portugal</b>	Roupas e produtos para Telma: camisolas ,umas calças, “umas sandálias que não me servem (...) voltou a levar novamente.” Tinta e desfrisante para o cabelo “Sobrou-lhe um bocado e assim trouxe-me a mim, assim escuso de gastar dinheiro”  e para o filho: ténis,calções, calções de banho, t-shirts, brinquedos, coisas do spider man;	Consigo, na viagem.
Telma, <b>Portugal</b>	Mãe Telma, <b>Espanha</b>	Correio, papéis do divórcio, cartas do tribunal.	Através de uma amiga da mãe quando regressou a Espanha.
Tio materno, <b>CV</b>	Telma, <b>Portugal</b>	Certidão de Nascimento de Telma  Manga  Peixe	Consigo, na viagem, quando voltou de uma visita a CV.
Telma, <b>Portugal</b>	Tio Materno, <b>Espanha</b>	Bolachas de Cabo-Verde	Pela mãe, quando regressa
Tio Materno, <b>Espanha</b>	Telma, <b>Portugal</b>	Dinheiro para comprar prenda ao filho	Pela mãe, quando visitou Telma
Mãe Telma, <b>CV</b>	Telma, <b>Portugal</b>	Manga  Peixe	A mãe, no avião.

### FAMÍLIA 3. Chico

<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal Intermediário(s)</b> e
Chico, <b>PT</b>	Pessoas que visitou nos EUA há 4 anos	X “Não, não levei. Não levei, não tinha noção do que é que é preciso. E às vezes nem... há pessoas que carregam coisas e tudo, mas nem vale a pena às vezes. Tem lá tudo. Tem lá	X

		tudo”	
Chico e Irmã, <b>PT</b>	Irmã de Pai, <b>CV</b>	Computador	Por alguém de visita

#### FAMÍLIA 4. Fonseca e Graça

<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal Intermediário(s)</b> e
Mãe de Graça, <b>São Tomé e Príncipe</b>	Graça, <b>Cabo-Verde</b>	Carta Encomendas Dinheiro Tecidos	Correios
Familiares, <b>América</b>	Graça, <b>Cabo-Verde</b>	Ganchinhos para o cabelo	Correios
Graça e Fonseca Pai, <b>Portugal</b>	Familiares, <b>Cabo-Verde</b>	Sacos grande de açúcar que traziam da fábrica onde trabalhava Graça	Bidón

#### FAMÍLIA 5. Cândida

<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal Intermediário(s)</b> e
Cândida, <b>Portugal</b>	Familiares, <b>Cabo-Verde</b>	“Coisas, comida, roupa.”  “Azeite, óleo, arroz, essas coisinhas”	Barril; Consigo no avião quando visita Cabo-Verde
Comadre, <b>França</b>	Cândida, <b>Portugal</b>	Pacote de Cominhos	Com a visita de um familiar
Cândida, <b>Portugal</b>		- <i>Coisas, comida, roupa.</i>  <i>Azeite, óleo, arroz, essas coisinhas</i>	Barril
Cândida, <b>Cabo-Verde</b>	Cândida, <b>Portugal</b>	“Aguardente, pontch, milho, feijão, mandioca, banana, essas coisas.”	Consigo no avião quando visita Cabo-Verde

#### FAMÍLIA 6. Lurdes

<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal Intermediário(s)</b> e
Lurdes, <b>Portugal</b>	Pais, Cabo-Verde	Roupa Gravadores Rádios	Encomenda Por alguém que viajava a Cabo-Verde Consigo na viagem
Lurdes, <b>Portugal</b>	Irmãos	Perfume Roupa Fotografias	Quando visita Cabo-Verde, consigo na viagem

Filho da Lurdes, <b>França</b>	Lurdes, <b>Portugal</b>	Ervas de tempero Malas Acessórios	Traz o filho quando a visita.
Irmãos de Lurdes, Cabo-Verde	Lurdes, <b>Portugal</b>	Aguardente Doce de coco Ponche de ananás Linguça Doces Salgados	Trazem os seus irmãos quando a visitam
Irmãos de Lurdes, CV	Filhos de Lurdes, <b>Portugal</b>	Ténis Roupas Dinheiro	Quando o seu irmão a visita, traz consigo na viagem
Lurdes, <b>Portugal</b>	Familiares, <b>Cabo-Verde</b>	Fotografias	“levo fotografias, para mostrar (...). Ando sempre com fotografias na carteira.”

<b>FAMÍLIA 7. Amália</b>			
<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal e Intermediário(s)</b>
Amália, <b>Portugal</b>	Marido, <b>Suíça</b>	Azeite Milhos Feijão pedra Chouriço	Consigo na viagem quando vai visitar o marido
Amália, <b>Portugal</b>	Cunhada, <b>Cabo-Verde</b>	Presentes de Natal: Calças Camisola Blusa Sapatos	Enviou pelo seu marido quando ele visitou Cabo-Verde
Amália, <b>Portugal</b>	Sogra, <b>Cabo-Verde</b>	Saia	Enviou pelo seu marido quando ele visitou Cabo-Verde
Amália, <b>Portugal</b>	Sobrinhos, <b>Cabo-Verde</b>	Perfume	Enviou pelo seu marido quando ele visitou Cabo-Verde
CV	Amália, <b>Portugal</b>	Feijão-verde Manteiga de vaca Doce de coco Bolo de mandioca	Trouxe o marido quando voltou de Cabo-Verde
Marido, <b>Cabo-Verde</b>	Amália, <b>Portugal</b>	Cuecas	Trouxe o marido quando voltou de Cabo-Verde
Marido, <b>Cabo-Verde</b>	Filha, e Filho, PT	Camisolas Colar souvenir de CV	Trouxe o marido quando voltou de Cabo-Verde
Irmãos do marido, <b>Suíça</b>	Amália, <b>Portugal</b>	Feijão Congo Cabo-Verdiano	Trouxe o marido quando a visitou em Portugal

<b>FAMÍLIA 8. Ema</b>			
<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal Intermediário(s)</b> e
Ema, Mãe, Avó, <b>Portugal</b>	Familiares, <b>Cabo-Verde</b>	Bacalhau Roupas	Consigo, em visita
Familiares, <b>Cabo-Verde</b>	Ema, mãe, avó, <b>Portugal</b>	Roupa Coisas Tradicionais Doces Milho (que não trouxeram para PT)	Trouxeram consigo de Cabo-Verde, receberam em mão
Ema, <b>São Tomé e Príncipe</b>	Ema, <b>Portugal</b>	Estátua de madeira que tem pendurada na sala	Trouxe consigo
Ema, <b>Cabo-Verde</b>	Ema, <b>Portugal</b>	Estátua de madeira que tem pendurada na sala	Trouxe consigo

<b>FAMÍLIA 9. Alice</b>			
<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal Intermediário(s)</b> e
Alice, <b>Portugal</b>	Familiares, <b>Cabo-Verde</b>	Saia Blusa Colcha Jogo de lençol Toalha de Mesa Dinheiro	Com o seu marido, quando ele visita Cabo-Verde
Marido de Alice, <b>Cabo-Verde</b>	Isa, <b>Portugal</b>	Búzio Pássaro de madeira	Consigo, quando voltou de Cabo-Verde
Sobrinha, filha do irmão, <b>Londres</b>	Alice, <b>Portugal</b>	Bibelot Souvenir que está exposto no móvel da sala	Quando a veio visitar.
Comadre, <b>Holanda</b>	Alice, <b>Portugal</b>	Fotografia do afilhado.	Trouxe a comadre quando visitou Alice em Portugal
Alice, <b>Portugal</b>	Irmãos, <b>Cabo-Verde</b>	Dinheiro	Envia pela sobrinha de Alice que vai visitar a sua irmã mais velha a Cabo-Verde
Alice, <b>Portugal</b>	Pai e Mãe, Irmãs <b>Cabo-Verde</b>	Pijama Lençóis Medicamentos	Antigamente, levava consigo quando os ia visitar a Cabo-Verde
Alice, <b>Portugal</b>	Irmãos e sobrinhos, <b>Cabo-Verde</b>	Roupa Presentes	Bidón
Alice, <b>Portugal</b>	Marido de Alice <b>Cabo-Verde</b>	Material de Construção Material Eléctrico	Bidón, envia na altura em que o seu marido

			está lá a trabalhar na casa
Cunhados do irmão de Alice, <b>EUA</b>	Irmão de Alice, <b>Cabo-Verde</b>	“muitas coisas”	Bidóns
Alice, <b>Cabo-Verde</b>	Marido de Alice, <b>Angola</b>	Tecido para fazer o seu vestido de casamento	Encomenda, quando se casaram por procuração

<b>FAMÍLIA 10. Maria Júlia</b>			
<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal e Intermediário(s)</b>
Filho e Filha, <b>Irlanda</b>	Maria Júlia, <b>Portugal</b>	Fotografias	Consigo na viagem quando visitam Portugal
Filha, <b>Irlanda</b>	Netas de Maria Júlia, <b>Portugal</b>	Roupa, calçado	Consigo na viagem quando visita Portugal
Filha, <b>Irlanda</b>	Maria Júlia, <b>Portugal</b>	Salsichas frescas Maionese Rebuçados Chocolates	Consigo na viagem quando visita Portugal
Filha, <b>Irlanda</b>	Maria Júlia, <b>Portugal</b>	Dinheiro	Transferência Bancária
Famíliares, <b>Cabo-Verde</b>	Maria Júlia, <b>Portugal</b>	Camoca	Consigo na viagem quando visitam Portugal
Filho, <b>Angola</b>	Ex-mulher do filho, <b>Portugal</b>	CD com filmagens suas com outra mulher	Trouxe consigo por engano no seu computador quando visitou Portugal
Filhos, <b>Portugal</b>	Filhos, <b>Irlanda, Angola</b>	Chouriço Paio Salgados Queijos	Consigo, quando regressam da visita a Portugal
Filhos, <b>Portugal</b>	Filhos, <b>Irlanda, Angola</b>	Fotografias	No telemóvel e no computador
Filhos, <b>Irlanda, Angola</b>	Filhos, <b>Portugal</b>	Fotografias	No telemóvel e no computador
Maria Júlia, <b>Portugal</b>	Irmã, <b>Cabo-Verde</b>	Medicamentos Pacotinhos de Chá	Correios, por carta registada, ou por alguém do bairro que vá visitar Cabo-Verde
Maria Júlia, <b>Portugal</b>	Sonbrinhos e sobrinhos netos, <b>Cabo-Verde</b>	3 malas com roupas em segunda mão para crianças e roupa de grávida Pacotes de massa	Encomenda

#### **FAMÍLIA 11. Jenifer**

<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal Intermediário(s)</b>
Jenifer, <b>Portugal</b>	Familiares, <b>Cabo-Verde</b>	Roupa Lençóis Toalhas Knor Colorau Cominhos	Na mala do marido quando este visitou Cabo-Verde
Jenifer, <b>Portugal</b>	Familiares, <b>Cabo-Verde</b>	Dinheiro	Com o marido quando este visitou Cabo-Verde
Irmão de Jenifer, <b>EUA</b>	Mãe e irmãos, <b>Cabo-Verde</b>	Ropa de cama Lençóis Toalhas Cominhos Colorau Medicamentos Fósforos	Bidón
Jenifer, <b>Portugal</b>	Sobrinhos, <b>Cabo-Verde</b>	7 camisolas 5 calções	Enviou por um conhecido do bairro que foi fazer turismo a Cabo-Verde
Jenifer, <b>Portugal</b>	Mãe, <b>Cabo-Verde</b>	Bacalhau	Enviou pelo tio da sobrinha que esteve de visita a Portugal e depois regressou a Cabo-Verde
Mãe, <b>Cabo-Verde</b>	Jenifer, <b>Portugal</b>	Milho Feijão Carnes da matança	Consigo quando regressa

#### **FAMÍLIA 12. Jaime**

<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal Intermediário(s)</b>
Filho de Jaime, <b>Cabo-Verde</b>	Jaime, <b>Portugal</b>	Fotografia do irmão que Jaime não vê há 40 anos	Telemóvel

#### **FAMÍLIA 13. Fábio**

<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal Intermediário(s)</b>
Fábio e irmãos, <b>Portugal e EUA</b>	Mãe, <b>Cabo-Verde</b>	Dinheiro Comida Roupas	Bidón
Fábio, <b>Portugal</b>	Filhos, <b>Cabo-Verde</b>	Dinheiro Roupas Telemóveis MP4	Transferência Bancária Bidón

Fábio, <b>Portugal</b>	Mulher, <b>Cabo-Verde</b>	Chocolates Comida Lençóis Roupa Sapatos	Na mala quando vai visitar Cabo-Verde
Pai, <b>Cabo-Verde</b>	Fábio, <b>Portugal</b>	Comida	Consigo, quando voltava

<b>FAMÍLIA 14. Joaquim</b>			
<b>Emissor</b>	<b>Receptor</b>	<b>Objecto</b>	<b>Canal Intermediário(s) e</b>
Joaquim, <b>Portugal</b>	Neta, <b>Inglaterra</b>	CDs com música cabo-verdiana, kizomba.	Consigo quando as visitou
Joaquim, <b>Portugal</b>	Afilhada, <b>EUA</b>	Mala feita com tecido português	Pela sua irmã quando o visitou em Portugal
Irmã, <b>EUA</b>	Joaquim, <b>Portugal</b>	Perfume	Trouxe a sua irmã quando o veio visitar a Portugal

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção  
do grau de Mestre em Migrações, Interetnicidades e Transnacionalismo realizada  
sob a orientação científica de Prof. Dr<sup>a</sup> Marta Rosales

*Donkey-boy*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em especial à Bruna, à Amarílis, à Evelyn, ao Tóni, à Antónia, à Ilda, à Fininha, à Tomásia, à Cecília, ao Carlos, ao Félix, à Graciete, ao Félix Pai, à Fátima, à Amélia, à Elsa, à Alina, ao Domingos, à Maria José, à Geny, ao Jaimo, ao Fernando, ao João e ao Nelson. Sem a sua disponibilidade, dedicação, paciência e hospitalidade a realização deste trabalho não teria sido possível. Obrigada por me terem contado as vossas histórias e por me abrirem a porta para entrar em vossas casas e participar nas vossas vidas. Graças a vocês o trabalho de campo foi um período gratificante e rico académica, profissional e emocionalmente e é dele que guardo as melhores recordações do longo processo de concretização desta tese de mestrado.

Quero agradecer ainda à Vivi. Por me teres aberto outras portas na Alta de Lisboa, incluindo a do Espaço Mundo onde tão rapidamente me fizeste sentir em casa. Ao Vico e à Antónia por me receberem no seu café Papagaio, sítio central para o estabelecimento de relações com algumas das pessoas cujas vidas estão retratadas neste trabalho.

Deixo também um agradecimento aos técnicos do ISU e do K-Cidade graças a quem fui apresentada aos primeiros interlocutores da minha investigação.

Agradeço o apoio da Professora Marta Rosales. Sobretudo as suas orientações académicas que definiram as direcções do meu estudo e a sua leitura atenta e crítica do resultado final da investigação. Agradeço ainda o apoio da Professora Susana Trovão. As suas indicações, no âmbito do projecto para o qual este mesmo trabalho de campo também contribui, influenciaram muito as estratégias de terreno desta etnografia.

À Sónia, à Teresa e à Umme que acompanharam de muito perto todo o processo de trabalho. Obrigada por terem ouvido pacientemente as minhas impressões a quente e relativizarem pequenos medos. O ano que passou e as aprendizagens que retiro dele têm marcas da vossa presença de uma ponta à outra. Esta tese também.

À Vanessa e ao Tiago por terem partilhado comigo os seus trabalhos anteriores e trocado outras impressões, referências bibliográficas e estratégias.

À Rita e ao Mito por partilharem comigo ideias, experiências, comida, música e literatura sobre a cultura, migrações e objectos cabo-verdianos.

# A ESCALA DAS COISAS – CIRCULAÇÃO DE OBJECTOS EM REDES MIGRATÓRIAS CABO-VERDIANAS

AUTORA

MARIA DANIELA FILIPE RODRIGUES

## RESUMO

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura Material, Transnacionalismo *from below*, Migrações Cabo-verdianas, Remessas, Coisas, Consumo Transcultural, *Vida de Todos os Dias*, *Habitus*, Transnacionalismo Familiar, Dádiva

Esta dissertação analisa aspectos materiais das migrações contemporâneas através de um estudo de caso. Debruça-se sobre os objectos que circulam nas redes transnacionais familiares de migrantes cabo-verdianos a viver na Alta de Lisboa. Segue um enquadramento teórico segundo o qual as vivências transnacionais podem ser abordadas localmente, utilizando a noção de *habitus*. Este conceito é operacionalizado através da análise da *apropriação* de coisas em contextos de consumo transcultural. Recorreu à recolha de narrativas e a trabalho etnográfico no espaço doméstico para estudar as trajectórias dos sujeitos, das famílias e das coisas; as arenas e canais destes fluxos; e os condicionamentos, motivações e estratégias envolvidos na sua circulação. A relação entre circulação de coisas e a manutenção de laços familiares à distância é exaltada e, no contexto da etnografia, a casa é a arena central destas práticas. A análise de televisões, telefones, computadores, fotografias e mesas de jantar, demonstra como a materialidade das casas transnacionais se altera, consoante reconstruções de laços de parentesco. Estes também são redefinidos pelas trocas, e estas podem transformar os sujeitos. Uma sistematização dos alimentos, roupa, medicamentos e documentos que circulam transnacionalmente, ilustra como práticas de fazer família são transpostas para a arena transnacional, e como estas estratégias também estão relacionadas com factores macro como quadros político-económicos de um ou mais Estados-Nação.

**THE ITINERARIES OF STUFF – OBJECTS FLOWING WITHIN CAPE-VERDEAN MIGRATION  
NETWORKS**

**AUTHOR**

**M<sup>a</sup> DANIELA FILIPE RODRIGUES**

**ABSTRACT**

**KEYWORDS:** Material Culture, Transnationalism from below, Cape Verdean Migration, Remittances, Stuff, Cross-Cultural Consumption, Everyday Life, *Habitus*, Transnational Family, *The Gift*

This dissertation analyzes material aspects of contemporary migration through a case study focusing on objects flowing within transnational networks of Cape Verdean migrants' families, living in Alta de Lisboa. It follows a theoretical framework whereby the transnational experiences can be addressed locally, using the notion of *habitus*. This particular concept is operationalized by examining the appropriation of stuff within cross-cultural contexts of consumption. Betaking the collection of narratives and ethnographic work, taking place in the domestic context, in order to study the trajectories of individuals, families and stuff; the arenas and channels of these streams; and the constraints, motivations and strategies involved in their movement. The relationship between movement of stuff and the maintenance of family ties afar is enhanced and, in the ethnographic context, homes become the central arenas of these practices. The analysis of televisions, telephones, computers, photographs and dining tables demonstrates how the materiality of these transnational homes changes based on reconstructions of kinship. These are, as well, redefined by the exchanges, which, by its side, might change the subjects. A systematization of food, clothing, medicines and documents circulating transnationally illustrates how the kinship is translated into the transnational arena, and how these strategies are related to macro aspects, such as economic and political frames within one or more nation-states.

## ÍNDICE

Introdução.....	1
<b>I. Migrações e Materialidade – Análise Micro de Processos Globais.....</b>	<b>8</b>
1. Migrações e multi-localidade: dinâmicas transnacionais <i>from below</i> e <i>on the move</i> .....	8
2. Como estudar o transnacionalismo migrante: <i>Habitus</i> operacionalizado via cultura material.....	9
3. Intersecção de itinerários de pessoas e coisas.....	11
3.1. Cultura material e migrações.....	11
3.2. Sujeito e objecto; Materialidade e Cultura.....	12
3.3. Consumo transcultural: trajectos e significados circunstanciais das coisas.....	14
4. Migrações e Materialidade – Análise Micro de Processos Globais.....	16
<b>II. Enquadramento Metodológico.....</b>	<b>17</b>
1. Universo de Estudo.....	17
1.1. Migrações Cabo-Verdianas.....	18
1.2. Dinâmicas familiares cabo-verdianas.....	21
1.3. Emigração, trocas e formas de fazer família em Cabo-Verde.....	24
2. O Terreno: a Alta de Lisboa como circunscrição estratégica.....	25
3. Objecto de Estudo: Coisas que circulam.....	27
4. Considerações metodológicas para o estudo das coisas em antropologia	
4.1 Mapeamentos contextualizantes de trajectórias de pessoas e coisas.....	30
4.2. Componente simbólica: atenção aos discursos e narrativas.....	31
5. Escolha dos Informantes e o meu papel no terreno.....	32
6. O tempo do terreno.....	35
7. Técnicas de recolha de dados.....	37
8. Questões orientadoras e estratégia de sistematização de dados.....	39

<b>III. Trajectórias de Pessoas e Coisas.....</b>	<b>41</b>
1. As trajectórias das pessoas da etnografia.....	41
1.1. Transnacionalismo from below e migrações como factos familiares....	60
2. A Casa também é um objecto transnacional.....	61
2.1 Casas do Passado.....	62
2.2. Casas do Presente.....	66
2.2.1 Os objectos na Casa.....	68
a) Telefone, Computador e Televisão.....	68
b) As Fotografias .....	79
c) As mesas de jantar com cadeiras à volta.....	85
2.2.2 Visitas: Família, Mobilidade e a Casa Plástica.....	86
2.2.3. Casa: arena das trocas transnacionais.....	89
2.3. Casas do Futuro.....	89
3. Os outros objectos Transnacionais.....	91
3.1. Alimentação e materialidade.....	91
3.1.1. <i>Onde acaba o comer acaba o saber</i> .....	91
3.1.2. Trocas de comida à distância. ....	92
3.2. O corpo e a materialidade – Roupas e produtos de beleza.....	96
3.3. Medicamentos, Documentos e Cuidados.....	100
4. Os Canais de Envio. Constrangimentos e Estratégias.....	102
<b>Conclusão.....</b>	<b>108</b>
Bibliografia.....	115
Índice de Figuras.....	125
Anexo 1: Quadro Síntese dos Objectos Enviados.....	126